

J. CAPISTRANO DE ABREU

# ENSAIOS E ESTUDOS

(CRITICA E HISTORIA)

3.<sup>a</sup> SÉRIE

EDIÇÃO  
DA  
SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU

1938

Je ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
**José Mindlin**

PUBLICAÇÕES  
DA  
SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU



Livraria Brasiliense  
Tel. 24-0571  
R. Barão de Itapetininga, 99 - S. Paulo

857



# ENSAIOS E ESTUDOS

(CRITICA E HISTORIA)

**3.ª SÉRIE**

PUBLICAÇÕES DA  
SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU

- Capítulos de Historia Colonial (1500-1800).** Typ. Leuzinger, 1928. Tiragem de 1.000 exemplares, in 8.º, inclusive 125 em papel bouffon, com o retrato do autor. (2.ª edição, esgotada)
- O Descobrimento do Brasil.** Typ. Anuario do Brasil, 1929. Tiragem de 2.000 exemplares, in 8.º, em papel bouffon e de 125 em papel Alpha, com o retrato do autor. (1.ª edição).
- Caminhos antigos e povoamento do Brasil.** Liv. Briguiet, 1930. Tiragem de 2.040 exemplares, in 8.º, em papel bouffon e de 135 em papel Alpha, com o retrato do autor. (1.ª edição).
- Ensaio e Estudos (Critica e Historia). 1.ª série.** Liv. Briguiet, 1931. Tiragem de 2.150 exemplares, in 8.º, em papel bouffon e de 30 em papel de luxo. (1.ª edição).
- Ensaio e Estudos (Critica e Historia). 2.ª série.** Liv. Briguiet, 1932. Tiragem de 2.150 exemplares, in 8.º, em papel bouffon e de 150 em papel de luxo. (1.ª edição).
- Capítulos de Historia Colonial (1500-1800).** Liv. Briguiet, 1934. Edição popular, formato in 18. Tiragem de 2.150 exemplares em papel commum. (3.ª edição).
- Primeira Visitação do Santo Officio ás Partes do Brasil, pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça (Confissões da Bahia, 1591-92),** com prefacio de J. Capistrano de Abreu. Liv. Briguiet, 1935. Tiragem de 1.000 exemplares, in 8.º, em papel commum e de 150 exemplares em papel especial. (2.ª edição).
- Ensaio e Estudos (Critica e Historia). 3.ª série.** Liv. Briguiet, 1938. Tiragem de 2.050 exemplares, in 8.º, em papel bouffon e de 150 em papel especial. (1.ª edição).

J. CAPISTRANO DE ABREU

ENSAIOS E ESTUDOS  
(CRÍTICA E HISTÓRIA)

3.ª SÉRIE

EDIÇÃO  
DA  
SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU  
LIVRARIA BRIGUIET  
1938

Edição de dois mil e cinquenta exemplares em papel commum, e de cento e cinquenta em papel especial, autenticados pela Secretaria e destinados aos membros da Sociedade Capistrano de Abreu.

# INDICE

	PAGS.
I HISTORIA .. .. .	9
João Cointa, Senhor de Bolés. ....	11
Clerigos e Leigos.... .	31
Ceará e Rio Grande. ....	47
Sobre a Colonia do Sacramento.....	55
Phases do Segundo Imperio.....	107
O Brasil no Seculo XIX.....	131
II NOTAS BIBLIOGRAPHICAS .. .. .	149
Historia Patria .....	151
Noticias Atrazadas ....	179
Livros Novos .....	189
Para a Historia... ..	199
III LINGUISTICA E FOLK-LORE.....	215
Os Bacaeris .....	217
Os Caxinauás .....	275
A Lingua dos Caxinauás.....	349



I

HISTORIA



JOÃO COINTA, SENHOR DE BOLÉS

Publicado no “Jornal do Commercio” de 25 de Outubro  
de 1903 sob titulo *Revistas Historicas*.

## JOÃO COINTA, SENHOR DE BOLÉS

Quando Men de Sá, depois de vencidos os inimigos indios e francezes confederados, transportou a cidade de S. Sebastião para o morro do Castello, mandou justificar solemnemente um antigo companheiro de Ville-gaignon. Era um calvinista pertinaz. Um jesuita logrou convence-lo de seus erros, chama-lo ao gremio da Igreja. Fez mais: como na execução o carrasco se mostrasse inepto, o Jesuita admoestou e industriou o carrasco, para andar mais depressa, receioso de que o converso de genio impetuoso, indomavel, num arranque de colera, revogando as convicções recentes, inutilizasse toda a obra tão laboriosamente acabada. O Jesuita, chamava-se José de Anchieta; o Francez, senhor de Bolés. E esta historia não foram os inimigos, foram os mais insuspeitos amigos da Companhia que propalaram.

José de Anchieta é muito conhecido, e mais de uma pagina de nossa historia inscreve seu nome benemerito. Bolés, ao contrario, até uns vinte e cinco annos não se sabia quem fosse.

Um livro da Bibliotheca Nacional deu o primeiro indicio: assinava-o João Cointa, senhor de Bolés, fidalgo francez, e o Dr. Ramiz Galvão em um artigo da *Revista Brasileira* de 1879, inqueriu se o João Cointa do livro já conhecido pela encantadora narrativa de Lery, não seria o Bolés das chronicas jesuitas. Ao mesmo tempo, Candido Mendes, de saudosa memoria, na *Revista Trimensal* do Instituto Historico, por con-

siderações de grande vigor logico e alta penetração psychologica, affirmou a identidade dos dois, assegurando mais que Bolés não soffrêra o supplicio, nem Anchieta representara o papel por seus panegyristas attribuido ao thaumaturgo do Novo Mundo. Emfim, em Portugal, em 1900, o erudito Souza Viterbo, nos *Annaes da Academia*, apurava que João Cointa, autor de dois livros publicados em Lisboa, era o Bolés de nossas chronicas, descobria o processo do calvinista da Inquisição daquela cidade e lançava os primeiros lineamentos do perfil deste notavel aventureiro. Eis, pois, o mesmo factio descoberto independentemente tres vezes por pessoas diversas, duas auxiliadas pelo acaso, Candido Mendes levado só pela força de sua intelligencia, por considerações intrinsecas e atirando logo a barra mais adiante que os dois.

Do processo de Bolés, existente na Torre do Tombo, a Bibliotheca Nacional acaba de receber cópia: o seguinte não passa de um apanhado ligeiro dos autos <sup>(1)</sup>

João Cointa nasceu em Bolés, jurisdicção de Troye, em Champagne, diocese de Saintes. Pertencia a familia nobre, viajou varias terras e, segundo parecer de J. de Lery, doutorou-se na Sorbonne.

---

(1) Publicado nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, vol. 25, pgs. 215-308.

Em carta ao Bispo da Bahia escreve :

“Dizem que V. S. põe gran diligencia em perscrutar se eu sei lettras, e se as que sei são sacras ou profanas. Para tirar V. S., deste trabalho, saiba que eu me prezei sempre de cavalheiro, e tenho por grande pulha chamar-me lettrado, pois ainda que minha meninice e mocidade gastei em lettras, passei minha juventude em armas, para as quaes nasci. Não aprendi lettras para ganhar algo com minha sciencia, mas estudei nas profanas por desenfado, e as sacras por descanço de minha consciencia. Sei dizer ainda a V. S. que andei por França, Hespanha e Italia, e nunca achei quem me levasse vantagem em grammatica, rhetorica, dialetica, logica, physica e philosophia, e nunca achei meu igual, nem quem me chegasse de uma legua em metaphysica, profundeza de escriptura sagrada, e na especulativa profana ou theologia pratica.”

Como veio dar a estas regiões alongadas homem de tão peregrinos dotes?

Elle proprio responde ao interrogatorio a que foi sujeito na Bahia, em 6 de Junho de 1561

“Estando em França, mandando-o chamar a Rainha velha de Escocia (mãe de Maria Stuart ?) para se servir d'elle e para cousas de seu serviço, elle se fôra despedir do Condestavel, Monsior de França, e sabendo o Almirante (G. de Coligny) que elle se queria ir de França para Escocia, mandara chamar um primo seu, por nome Monsieur de Saber (sic) e que lhe dissera que fizesse com que elle Joanano Cointa quizesse vir ao Rio de Janeiro. aonde estava por Capitão Monsior de Villegaignon com gente de França, para a pôr em ordem de governança, que haviam de ter na republica

entre si e para lhe fazer estatutos e leis, e que vivessem conforme ao tempo e á disposição da terra, por ser homem douto e ter boa opinião do que o poderia fazer e que o dito seu primo acabara com elle que não fosse á Escocia e que viesse ao Rio de Janeiro.”

Embarcou na expedição de tres navios, commandada por Bois le Comte, que aqui chegou a 7 de Março de 1557 Tomou passagem em navio diverso do em que vinham os Genebrinos, discipulos de Calvino. A bordo fazia-se chamar Monsieur Hector; só em terra revelou-se João Cointa, doutor de Sorbonna. J. de Lery não menciona o titulo do Senhor de Bolés, o unico pelo qual os Portuguezes o ficaram conhecendo.

Diz ter, de facto, promulgado algumas leis para a organização de colonos. Seu papel de legislador some-se, porém, ante o de theologo, que logo assume. O mais moderno e copioso dos biographos de Villegaignon, Heulhard, contesta que Villegaignon jámais houvesse divergido da mais severa orthodoxia, e suas opiniões foram propagadas e defendidas com muita convicção e talento por Zeferino Candido. Agora o testemunho de Bolés vem confirmar o de Lery; Villegaignon, de facto, se declarou calvinista, até chegar ao dogma da ceia, em que julgou saber mais que os apóstolos importados e Calvino seu mestre. Lery attribue grande influencia nesta reviravolta a João Cointa a quem trata com acrimonia. Diz este que os calvinistas pensavam até em mata-lo, o que não é impossivel, pois, conta Lery, o mesmo teriam feito a Villegaignon se os emissarios de Genebra estivessem por isso.

Segundo Lery, João Cointa casou com uma sobrinha de um normando, La Roquette, aqui fallecido, e assim ficou com um pequeno capital de anzoës, facas, espelhos, pentes, etc. Cointa nega implicitamente quando, no seu interrogatorio da Bahia contestando a pergunta sobre seu estado, se declarou solteiro. Teria enviuvado? não consideraria o casamento calvinista como sacramento? Em todo o caso affirma ter perdido no Rio de Janeiro mais de tres mil cruzadõs, somma cuja procedencia pode ser facilmente explicada pelo dote da mulher que esposou.

Sentindo-se em situação difficil nas lutas que dilaceravã a colônia, mudou-se para umas duas leguas da fortaleza, talvez para os lados da Gavea. Alli se conservou até saber que, por ordem de Villegaignon e acompanhados de alguns Francezes, os Indios iam tomar Bertioga e atacar S. Vicente. Protestou contra este acto perante o chefe, pois, reinava paz e alliança entre as corôas de França e Portugal; e depois de ter visto mallogrados seus esforços e desprezados seus argumentos, fingiu adoptar a empresa, quiz ir logo com os espias indios incumbidos de explorarem os terrenos, e, chegando ás vizinhanças de Santo Amaro, passou com alguns companheiros em canôas de cortiça para os colonos portuguezes, a quem avisou do que se tramava. A' sua intervenção attribue haverem-se salvado os Portuguezes, morrendo apenas uns vinte e tantos em uma terra de um Antonio Rodrigues, que não attenderam a seus conselhos. Devia ter sido isto em começos de 1558.

Em S. Vicente deram-lhe embarcações para a

Bahia, em 1559. Esteve em Porto Seguro em casa de Philippe Guillem, e em Pernambuco, onde tratou com D. Philippe de Moura. Na Bahia frequentou a casa de Men de Sá, Governador Geral.

O Governador recebeu ordem de preparar uma expedição para expulsar os Francezes do Rio de Janeiro, e quiz aproveitar os serviços do transfuga. Assegurou este que a proposta lhe causou repugnancia, mas Men de Sá mostrou cartas da Rainha e nellas viu que o rei de França garantia nada ter com a obra de Ville-gaignon, e deixava liberdade a Portugal para expulsa-lo quando quizesse. A' vista disto, consentiu em acompanhar Men de Sá na primeira expedição.

Diz Cointa que deu o ardil para a tomada da fortaleza, e Men de Sá de facto jurou que elle dera um ardil, sem entretanto manifestar-se quanto á sua importancia. Qual seria, não se pode saber ao certo, mas pode-se inferir até certo ponto. Diz Frei Vicente do Salvador, que na luta pela fortaleza, Manoel Coitinho, Affonso Martins Diabo e outros valentes soldados portuguezes, subindo por uma parte que parecia inacessivel, entraram no castello, apossaram-se da polvora, o que levou o desanimo aos sitiados, que abandonaram a fortaleza com todas as machinas de guerra, etc. Tal passo só podia ser aconselhado por quem conhecesse bem o interior da fortaleza; e quem mais, neste caso, que o senhor de Bolés ?

Men de Sá partiu do Rio para S. Vicente depois da expulsão dos Francezes, e João de Bolés o acompanhou. Do porto de Santos seguiu para o Reino, Estacio de Sá, no navio aqui tomado aos Francezes, a

dar noticias dos successos. João de Bolés tomou passagem a bordo e, muito satisfeito, certo de ver premiados em Portugal os serviços prestados e receber alviçaras. Por desgraça, o navio que devia seguir em direitura para além-mar, arribou á Bahia a 28 de Dezembro de 1560, e agora começam os trabalhos do antigo companheiro de Villegaignon.

O senhor de Bolés logo que chegou a Bertioga da primeira vez expendeu, aliás, com toda a reserva, algumas idéas que não eram positivamente orthodoxas. Disto lavrou-se um auto que se perdeu. Luis da Grã, provincial da Companhia de Jesus, talvez o agente do primeiro processo, ficou porém alerta, e quando Monsior de Bolés, appareceu novamente na Capitania, contra elle deu segunda queixa em sete artigos, perante Gonçalo Monteiro, vigario de Santos, e Ouvidor Ecclesiastico. Foram ouvidas nove testemunhas de 22 de Abril a 9 de Maio. Nobrega se refere a varias conversas que teve com o réo; Anchieta, que agora apparece pela primeira e ultima vez no litigio, jura ter apenas escripto, por ordem de Luis da Grã, o que ouvira a um Pero de la Cruz; este, como Eleodoro Eoban, Joseph Adorno e outros, reportam-se ao primeiro auto. Gonçalo Monteiro tinha passado trinta annos na colonia, seu zelo ecclesiastico arrefecêra no relaxamento geral, e não tinha disposição para fazer martyres. Sua sentença, proferida a 14 de Maio, despronunciou o hereje francez, porque o testemunho de Pero de la Cruz, em que geralmente se fundavam as testemunhas, era antes favoravel ao réo, e, como muito bem dissera Nobrega, as palavras de Bolés apenas provavam sua ignorancia.

Passava isto em segredo de justiça, sem que de nada o maior interessado tivesse aviso ou sequer suspeita. Póde-se, pois, imaginar sua surpresa quando a 28 de Dezembro se apresentou a bordo do navio em que estava embarcado Silvestre Lourenço, vigario geral da Bahia, e conego mestre-escola da Sé, acompanhado de escrivães e meirinhos, para prende-lo em nome do Bispo, D. Pedro Leitão. Se o mandava chamar o Sr. Bispo por boa amizade, iria ao outro dia, foi sua resposta; mas se o mandava prender, que não queria ir, que não conhecia bispo nem arcebispo, nem havia de ser julgado por clérigos, nem os conhecia. E como isto não demovesse o Vigario Geral, accrescentou que tinha feito muitos serviços a El-Rei, que ainda que elle quebrara a cabeça a Jesus Christo que lhe houvera guardar dois ou tres dias para que elle sahisse fóra.

Já isto era um bom começo; e no acto lavrado por essa occasião não foram nem podiam ser esquecidas taes palavras. No mesmo dia o herege foi desembarcado e entregue a Antonio Fernandes, aljubeiro.

Começou o interrogatorio das testemunhas a 3 de Janeiro de 1561; a 26 de Junho foi interrogado o réo. E' documento longo e interessante seu depoimento. Bolés declara que nasceu e se conserva catholico, mas, sempre que póde fazê-lo por conta alheia, dispara com toda a violencia. Na maneira de referir as heresias, parecia querer persuadi-las, — depoz Nobrega em S. Vicente, e esta observação é tão fina como exacta.

Para se formar uma idéa do systema de Bolés, daremos um só trecho desta peça :

“Perguntado se tem e crê que tudo aquillo que o Papa faz na terra usando de sua jurisdicção assim para atar como para condemnar e desatar e absolver as almas, se é feito e fica feito da mesma maneira nos céos para com Deus, e suas bulas que elle passa se têm força e vigor nos céos para com Deus ?

Disse que elle tinha para si e cria que tudo aquillo que o Papa fazia na terra, usando de sua jurisdicção justamente, assim para condemnar as almas como para absolver, que era feito nos céos para com Deus, se o Papa justamente o fazia; e que se o Papa fazia alguma cousa com paixão, ou zelo de vingança injustamente, não era feito no céu para com Deus, nem tinha força nem vigor para com Deus; e que se o Papa fazia algumas cousas quer para absolver as almas quer para lhes condemnar na terra, parecendo-lhe que o que fazia era justo e que nisso fazia justiça, se as cousas em si eram injustas não obrigavam no céu para com Deus, nem tinham forças nem vigor para cousa alguma; sómente que quando excommungava alguma pessoa, parecendo-lhe que a excommungava justamente, se a causa porque a excommungava era injusta, que era obrigado a se absolver o excommungado para evitar o escandalo do povo, e porém que a dita excommunhão não atava nem desatava.”

No segundo interrogatorio, a 3 de Agosto, recitou os mandamentos da lei de Deus, os peccados mortaes, o Padre Nosso, a Ave Maria, o Credo; da Salve Rainha não se lembrava. Depois de explicar certos actos e palavras que lhe attribuiam, terminou dizendo que não tinha necessidade de pedir misericordia nem perdão e que pedia justiça e com justiça o despachassem.

A 25 de Agosto o escrivão fez os autos conclusos ao Bispo, que sentenciou mandando o processo para o

Reino juntamente com o réo na náu *Santiago* que estava de partida, para serem entregues á Inquisição de Lisboa. Esta noticia foi causa de uma grande imprudencia do preso: escreveu ao Bispo uma carta em espanhol de que acima já ficou um extracto. E' um modelo de insolencia e chocarrice; nella existe o seguinte trecho:

“Passei minha mocidade em armas, para as quaes nasci, pois descendo de Jupiter de Creta em linha indirecta, por Hercules Thebano e os doze Ptolomeus do Egypto, e de uma gente tão marcial e paladia que ao nosso grande avô chamavam Filho do Dia e do Céu, porque era tão celeste em sua sciencia, tão luzido em sua vida e esforçado em suas guerras que os Creteneses eram espantados de ver os Titans vencidos e crescer cada dia em sabios feitos para a Republica e heroicos para a guerra. Hercules, porque era grão astrologo, sustentou em seus ombros o céu para ajudar a Atlas, como fingem os poetas; Ptolomeu Lagos conquistou a Índia; Philadelpho, seu filho, descobriu a Canaria e fez em grego trasladar a Biblia, fez uma biblioteca mui famosa em Alexandria. Emfim, mui poucos descenderam desta feliz casta, que não fossem esforçados em armas e consummados juntamente em lettras, como é manifesto isto em todas as historias sacras e profanas; e porque sou participante da influencia do benevolo astro, sendo menino me davam pão numa mão e açoite na outra, e agora, que sou mancebo, tenho sempre livro ou espada, não aprendi lettras para ganhar dinheiro.

Se outro dia, por não disputar ou sophisticar, disse que não era theologo, não neguei que não entendesse, mas quiz dizer que tinha em pouco as questões

litigiosas e sophisticas. Não deixo, todavia, de ter lido e ainda decorado quasi todos os commentarios dos doutores antigos hebraicos, gregos e latinos. V. S. me terá por parvo, porque demasiadamente me gabo; mas, afim de que possa rir á boca aberta, outra vez digo que muito mais me fica por dizer que não tenho escripto. Quiz rememorar minha grandeza (o que não determinava até que chegasse ao Reino), a qual sobre a herdar de meus avós, a tenho em minha pessoa, afim de que V. S. não se espante se tanto me queixo em minhas cartas da affronta que me fez, pois ainda que eu tivesse merecido algum castigo, não mereci ser injuriado.”

“Por fallar este escripto alguma cousa das que repugnam á santa fé catholica”, o Bispo mandou acostalo aos autos.”

A 17 de Março de 63, Monsieur de Bolés pediu para justificar certos itens em sua defesa. Entre as testemunhas que pediu fossem ouvidas, estava Men de Sá, Governador Geral, e Luis da Grã, Provincial da Companhia, que reputava inimigo mortal e causador de suas desgraças, por causa de uma diatribe que lhe dirigiu em latim. Eis um trecho da carta em resposta do Provincial ao juiz inquiridor, característica da legislação do tempo, quando os clérigos não respondiam perante juiz leigo, e em compensação o poder civil se encarregava da execução de hereges.

“Os juizes seculares não podem conhecer das cousas que tocam as pessoas ecclesiasticas, principalmente religiosas; por isso não tenho aqui mais que responder a Vossa Mercê, que pedir por caridade que

não mande perguntar por cousa que a mim toque, que, se me fôra licito responder em pé perante quem não é meu superior, eu dissera o que posso, que é mui diferente do que o supplicante diz. Nem me moveu a invectiva que aqui a tenho e bem se pode ver que não ha nella cousa porque a nem um homem deva de ter odio, como elle diz, e isso declaro assim, porque como christão devo tirar todo o aso para que algum fraco se escandalize, e não por prejudicar o privilegio ecclesiastico, respondendo perante o juiz secular”

Do depoimento de Men de Sá o trecho mais importante é o seguinte:

“Disse Sua Senhoria que na Capitania de S. Vicente se deu embarcação ao supplicante, para vir a esta cidade, e estando nella e ordenando Sua Senhoria de tomar o Rio de Janeiro, fallara ao supplicante fosse em sua companhia, o qual o fizera de boa vontade, e lá pelejara bem e mostrara bom ardil de tomar a fortaleza aos Francezes como se tomara.”

Uma carta do Jesuita Leonardo do Valle datada de 26 de Junho de 1562, contém mais algumas noticias do prisioneiro:

“O Monseor de Bolés deixa de ser queimado por estar remettido ao Cardeal. Pouco tempo ha que, fugindo por um descuido dous presos da cadeia, de dia, acudiu o Ouvidor Geral, e achando que o herege estivera tambem para isso, por andar sem ferros, lhe mandou deitar. O que elle não quiz consentir, e foi nisso tão remisso que duas ou tres vezes mandou a justiça apontar nelle com uma setta para o matar, e elle, todavia, por ver o perigo tão imminente, é tão sober-

bo que por não mostrar fraqueza disse que o deixassem fallar ao Sr. Ouvidor e disse-lhe que, não por medo, mas por amor de Sua Mercê os queria tomar, e assi escapou do que fora melhor por ventura, por não estar cada dia accrescentando tormentos para o inferno.”

De 26 de Agosto de 1561 a 8 de Maio de 1563 o herege continuou preso e o processo parado. Neste dia á vista de uma carta do Cardeal Infante, Inquisidor Geral (mais tarde El-Rei D. Henrique), datada de Lisboa, 9 de Janeiro, foi entregue a Gonçalo Dias da Ponte, mestre e senhorio da náu *Barrileira*, para leva-lo ao tribunal de Lisboa, que avocara o processo. A 28 de Outubro deu entrada no carcere do Santo Officio.

A 5 de Novembro obteve a primeira audiencia, e ás exhortações para confessar-se de tudo, oppoz que havia tres annos que estava preso pelo Sr. Bispo do Brazil; “que tinha cuidado em sua consciencia e a não achava encarregada em cousa que tivesse crido nem dito contra a fé nem contra a Santa Madre Igreja de Roma; que se algum escrupulo tivera nessas cousas já o lá dissera e confessara diante do Sr. Bispo nas perguntas que lhe fizera com o Ouvidor Braz Fragozo, e que a ellas se reportava, posto que lá não quiz pedir perdão ou antes confissão de culpa, nem que o Bispo o julgasse, se não que o remetteste cá”

A 11 de Novembro obteve nova audiencia, em que leu sua defesa, explicando algumas das accusações. “Tenho a memoria damnada dos inhumanos trabalhos que passei, e a ira pode turbar o juizo como acontece aos presos.” Termina fazendo uma confissão de fé a mais orthodoxa.

Na audiência de 16, procurou explicar como, sendo catholico, veiu a ser passageiramente lutherano:

“Depois de preso se poz a cuidar que este mal donde lhe viria, e assi tanta ingratição do povo, tendo elle feito tanto bem áquella terra, e veiu a concluir consigo que lhe não podia aquillo vir se não por secreto castigo de Deus, por ser em ajuda de botar os Francezes fóra da terra, e por não consentir que fossem com sua empreza avante, a qual empreza lutherana lhe pareceu dahi em diante ser boa e verdadeira. E isto trazendo á memoria alguns exemplos que tinha lido em um livro lutherano, que se chama *Dos Martyres*, de alguns que os perseguiram e houveram máo fim; e com este pensamento e imaginação que tinha, se veio a descobrir com um Francez que estava ahí preso, e que se chamava Cantim (Quentin) Fernandes, dizendo-lhe que o sobredito de sua prisão lhe não havia acontecido senão por causa do sobredito, etc. Com estes erros de que pede perdão e misericordia andou obra de tres a quatro mezes. Não confessou isso diante do Bispo estando no Brazil, por ter pejo do Bispo conhecer de sua causa, e lhe parecer que lhe era suspeito e que se lá o despachassem não o deixariam vir cá para o Reino, por dizerem alguns do povo que o não haviam de deixar sahir do Brazil, porque se fosse á França tornaria ao Brazil por saber das entradas e sahidas e poderia fazer muito mal.”

Novas audiencias obteve a 25 de Novembro, a 7 de Dezembro, a 4 de Janeiro de 1564. Nesta pediu a Suas Mercês que olhassem o muito tempo que havia que estava preso, e o despachassem e usassem com elle de misericordia, e houvessem respeito a ser elle homem

honrado e de qualidade, e lhe dessem aquella penitencia que por os autos lhes parecesse, e não tinha mais que dizer e que não tinha contradictas e nem uma das testemunhas da justiça. Foi então interrogado pela primeira vez, pois antes apenas o haviam exhortado a lembrar-se do que fizera e dissera e a confessa-lo sob juramento.

A 3 de Fevereiro o promotor fiscal do Santo Officio apresentou o libello, a que respondeu Monseor de Bolés a 10 do mesmo mez. Houve ainda novas audiencias, sempre reclamadas pelo preso, em 18 e 28 de Fevereiro, em 5 e 22 de Julho.

Para abreviar, a 12 de Agosto de 64 foi publicada a sentença do Santo Officio, que sahiu muito mais branda do que se poderia esperar :

“ .El lhe mandam que abjure seus Hereticos errores em fórma e em penitencia delles lhe assignam cárcer pelo tempo que lhe parecer aos Inquisidores sómente, o qual cárcer será naquella parte e lugar que lhe será assignado, e nelle será instructo nas cousas que cumprem para salvação de sua alma, como nos taes casos se requiere, e fará a dita abjuração na mesa diante os Inquisidores e seus officiaes, e ahi será absolto *in forma ecclesiae* da dita excommunhão, maior que encorreu.

“E se confessará ás trez paschoas do anno e nella receberá o setimo (talvez santíssimo) sacramento de conselho do seu confessor, que isso mesmo lhe será assignado; reserá os sete psalmos penitenciaes em todas as quartas e sextas feiras da semana, por tempo de um anno, com suas preces e ladainhas e mais orações, fazendo todos os mais autos de bom catholico e christão,

e se guardará muito da communição de pessoas suspeitas e que lhe possam causar damno á sua alma nas cousas da fé.

“E da mais pena e penitencia publica e ordinaria que pelo caso merecia relevam, havendo respeito á qualidade do dito caso, e de como passou e assi á qualidade da dita confissão e de sua pessoa e ser estrangeiro, e do lugar onde commetteu as ditas culpas, com outras considerações que nisso se houyeram: *E não sahirá do Reino sem licença dos Inquisidores.*”

A 22 de Agosto foi mandado recolher ao mosteiro de S. Domingos, onde lhe seria dado um confessor letrado com quem communicar, para acabar de fazer penitencia. A 29 pede que se lhe dê cópia da justificação de seus serviços feitos na Bahia, de que já fallámos.

A 16 de Setembro consegue licença para vir duas vezes por semana á cidade para seu refrigerio e recreação e tambem para entender de seus negocios, não podendo, porém, fallar com Suas Altezas.

Alguns dias depois Monsieur de Bolés requer que lhe seja levantada a prisão e dada a licença de ir para a sua terra, ou onde Sua Alteza houver por bem mandalo respeitando ser elle estrangeiro e não ter com que manter-se nesta terra. As informações todas favoraveis dos frades de S. Domingos influiram sobre os Inquisidores. A 15 de Novembro despachavam estes:

“Ha Sua Alteza por bem usar com elle de misericordia, e lhe alevanta a mais penitencia do carcer que ainda tinha por cumprir e manda que seja solto e possa sahir do Mosteiro de S. Domingos que lhe foi assignado

por carcer; e porém cumprirá as mais penitencias que na dita sentença lhe foram assignadas e que prometeu em sua abjuração e *não sahirá do Reino* sem licença do dito Senhor ”

Com este despacho acaba o processo que, contando da segunda denuncia de Luis da Grã, pouco menos durou de cinco annos, de 22 de Abril de 1560 a 15 de Novembro de 1564.

Apenas solto, Monsieur de Bolés parece que não julgou nada mais urgente que tratar de se fazer imprimir. Em seus interrogatorios refere-se a tres livros: dois que refutam as doutrinas de Calvino, e outro relativo a Judeus e Mahometanos: naquelles se assignava: *Topachus Bollorum*. Estes livros, ao que parece, foram sequestrados no processo; teve de fazer outros.

*Paradoxo ou sentença philosophica* contra a opinião do vulgo, que a natureza não faz o homem senão a industria, se intitula o primeiro. Foi visto e approved pelos deputados da Santa Inquisição, e dedicado a D. Sebastião sahiu a 1 de Janeiro de 1566.

O segundo chama-se *Catholica e religiosa amoes-tação* a sujeitar o homem sem entendimento á obediencia da fé com breve e clara e douta exposição dos symbolos. Foi dirigido á Sra. D. Maria, Princesa de Parma e de Plazencia, Regente de Flandres, e impresso a 10 de Março de 1566.

Pela historia contada por Paternina e Simão, a execução de Monsieur de Bolés, em que Anchieta representava tão singular papel, occorreu em 1567. um anno depois dessas publicações. E', porém, possível

que a Inquisição, que se reservara a licença para Bolés sahir do Reino, lhe permittisse tornar á colonia, que elle scandalizara com seus destemperos? E' pelo menos tão improvavel como, si consentisse que tornasse á França tão grande conhecedor deste paiz, cujas entradas e sahidas praticara, e que só podia fazer mal á nossa terra. Por isso nada se oppõe, antes tudo impõe a aceitação do testemunho do proprio Anchieta. Bolés foi mandado para a Inquisição de Lisboa; depois foi para a India e não mais appareceu.

CLERIGOS E LEIGOS

Dois artigos publicados n' "A Noticia" de 20-21 de Maio de 1903 e 15-16 de Dezembro de 1904, cedidos por Constancio Alves á Sociedade, sendo que o ultimo sob titulo *Noticias Atrazadas.* †

## CLERIGOS E LEIGOS

### I

O nome do abbade beneditino estrondosamente posto á evidencia pelos recentes successos, transporta o espirito muitos annos atrás, a um livro que teve sua hora de celebridade. As *Inspirações do claustro* contem uma poesia intitulada — *A profissão* —, que começa:

Eu tambem antevi dourados sonhos  
n'esse dia fatal,  
eu tambem como tu chorei contente  
uma ventura igual,

e termina externando desejos e esperanças muito mais partilhados hoje que quando animavam a alma dolorosa e solitaria de Junqueira Freire:

Que sobre nós os filhos da desgraça,  
levantes um trophéo,  
e que não aches como nós achamos  
inferno em vez do céo.

A poesia data de mais de meio seculo, de 24 de Outubro de 1852, e dirigia-se a frei João das Mercês Ramos.

Mais longe ainda levam-nos os successos pendentes: aos primeiros tempos do descobrimento do Brasil, aos codigos affonsino e manuelino.

O regime formulado nestes documentos mostra em mais de um ponto os efeitos decorrentes da resurreição do direito romano, da porfia secular dos leistas e regalistas, mas no conjunto predomina o espirito medieval. A igreja continúa dona de suas posições pela preponderancia exercida na familia, que sem ella se não póde constituir, e pela missão de ensinar, de definir o que é verdade e de condemnar o erro.

Dahi não advieram complicações durante os tempos coloniaes. Que á igreja competia casar e baptisar nunca padeceu duvidas em paiz exclusivamente catholico. Só depois de avultar a immigração heterodoxa modificou-se ligeiramente a legislação: registo civil figura quasi no testamento da monarchia, casamento civil é obra da Republica.

O privilegio de ensinar tão pouco foi disputado á igreja pelo Estado, que só a partir da administração pombalina abriu escolas. O ensino mesmo nas escolas regias estava de accôrdo com as doutrinas orthodoxas. Quando com a Independencia começou a instrucção publica a figurar entre os deveres da governança, poder civil e poder ecclesiastico evitaram tacitamente causas de conflicto.

Os conflictos foram muitos, entretanto, nos tempos coloniaes, e só por ainda estar tão atrazado o estudo da historia patria, é que geralmente são desconhecidas as proporções que assumiram.

Uma das causas dos attritos constantes consistia no privilegio de asylo de criminosos em edificios ecclesiasticos. A legislação reconhecia-o, mas ao passo que tendia a limita-lo, o clero procurava extende-lo.

Em 1704, Roberto Carr Ribeiro, juiz de fóra de Pernambuco, recebeu ordem de prender Francisco Berenguer de Andrade e manda-lo á Relação do Estado. O criminoso acolheu-se a uma das casas da irmandade da Misericórdia; ao toque de sinos começaram a reunir-se ecclesiasticos e irmãos; as portas foram fechadas. Quando o juiz compareceu, não podendo entrar, mandou pô-las a baixo; abriram-nas, mas fechando as janelas ficou tudo ás escuras, ao mesmo tempo que campainhas tocadas pelas ruas appellidavam mais gente. Soldados chamados para guardar o edificio conservaram-se a distancia de sessenta passos; Berenguer de Andrade evadiu-se, o juiz de fóra ficou excommungado e só por muito favor obteve da metropole ordem ao vigario geral, cabeça do motim, para sahir da capitania.

A intangibilidade e os privilegios ainda mais ciosamente se exigiam tratando-se de pessoas ecclesiasticas. Conta frei Vicente do Salvador que um pobre homem da Bahia, depois de bem açoitado por Sebastião da Ponte, foi ferrado em uma espadua com um ferro de marcar vacca. “Sentido o homem disto se embarcou e foi para Lisboa, onde esperando uma manhã a el-rei quando ia para a capella, deixou cahir a capa que só levava e lhe mostrou o ferrete, pedindo-lhe justiça com muitas lagrimas.”

“Informado el-rei do caso, — continúa Fr. Vicente — escreveu ao governador que mandasse preso e a bom recado ao reino o dito Sebastião da Ponte. Teve elle noticia disto, e acolheu-se a uma ermida de Nossa Senhora da Escada, que está junto a Pirajá, onde o réo então morava; demais disto chamou-se ás ordens, dizen-

do que tinha as menores, e andava com habito e tonsura porque não era casado, pelas quaes razões deprecou o Bispo ao Governador não o prendesse; mas não lhe valendo, começou logo a proceder a censuras, e finalmente chegou o negocio a tanto que houveram de vir ás armas, correndo com ellas o povo nescio e inconstante, já ao Bispo com o temor das censuras, já ao governador com o temor da pena capital que ao som da caixa se publicava, e o que mais era que, ainda de todos acostados ao governador, seus proprios filhos que estudavam para se ordenarem, com pedras nas mãos contra seus pais, se acostavam ao Bispo e a seus clérigos e familiares.”

Um viajante flamengo, que esteve em Portugal no reinado de D. João II, conta que ao realizar qualquer prisão o primeiro cuidado do meirinho era apalpar a cabeça do preso para ver se tinha tonsura. Ainda na chamada conjuração mineira, os ecclesiasticos implicados foram julgados secretamente e até hoje se ignora a que pena os condemnou a sentença.

A intangibilidade reclamada perante o poder civil não observavam, porém, os clérigos entre si. Lutas das congregações com os prelados, de congregações umas contra outras, de membros de congregações entre si, enchem paginas de chronistas e cadernos de documentos officiaes. Nem os Jesuitas, sempre disciplinados e obedientes, escaparam ao virus. Em 1663 o padre Hyacinto de Magistris mandado por visitador, não foi reconhecido neste character e teve de voltar para Portugal. Escusa dizer que o negocio não ficou só nisto: dois annos mais tarde, o Geral mandou uma commissão ex-

traordinaria que lembra a alçada de 1702, e tudo entrou nos eixos.

Si isto succedeu na ordem essencialmente obediente, pode-se imaginar o que iria pelas outras. O facto seguinte precedeu a farça lugubre conhecida em nossos annaes por guerra dos Mascates.

Da morte de uma mulher casada foi accusado o abbade dos Benedictinos de Olinda. Emquanto se livrava, outro beneditino chamado frei Luis partiu para Lisboa, e tornou com a patente de abbade passada pelo Geral, e mandou intima-lo desde logo aos frades de S. Bento.

“Responderam que não obedeciam a tal patente, por terem do mesmo Geral outra em contrario, informa o chronista destes successos. Replicou o dito frei Luis viessem com ella ao palacio para que vendo-as ambas homens doutos, que para isto se convocariam, se obedecesse á que fosse mais valiosa. Isto não quizeram elles, mas disseram se quizessem fazer esta deligencia, fossem ao convento fazê-la, pois era logar mais proprio para se discutirem semelhantes controversias. Porém frei Luis, receiando que, se lá o apanhassem, o prenderiam, não quiz ir, antes os mandou novamente notificar para que lho obedecessem como o seu abbade.”

Para encurtar razões: frei Luis recorreu ao governador Sebastião de Castro Caldas que, depois de muitas recusas, afinal cedeu, pondo soldados á disposição do pretendente.

“Foi o dito frei Luis com os soldados, — adeanta o chronista destes successos —, e fez o cerco do con-

vento com tanto aperto que. depois de lhe metter os soldados dentro, lhe prohibiu até agua de que bebiam os religiosos, que por esta causa se viram obrigados a desertar do convento, sahindo deste com cruz alçada e o Santissimo debaixo de pallio; mas parece que nem assim lhes valeu para escaparem alguns escravos, que junto ao sacerdote que levava a custodia iam, porque o tal frei Luis ordenou aos soldados os apanhassem e elles assim o fizeram.”

Por estes e outros casos, o governo portuguez tomou a resolução inabalavel de não permittir a fundação de novos conventos; principalmente nas capitancias auríferas de Minas Geraes, Goiaz, Matto Grosso, a prohibição foi mantida com intransigencia. A suppressão violenta dos jesuitas foi uma victoria estrepitosa para o poder civil.

O enfraquecimento do poder ecclesiastico, a calma quasi constante dos ultimos tempos devem-se, porém, a outras causas, ás causas que derramaram as idéas liberaes e o systema contitucional pelo mundo. Desde que os clerigos couberam dentro do Direito Commum, seus privilegios não os acobertavam nas posições arriscadas.

Além disto, o parlamento, a imprensa, o direito de reunião não tardaram a fazer barulho tão grande que nelle se sumiram as rugas dos clautros e os sussurros das sacristias.

## II

Entre o primeiro bispo e o segundo governador geral do Brasil houve duvidas e discordias, que dividiram em grupos inimigos a população da incipiente cidade do Salvador, e ainda hoje deixam suspensos os amigos da historia patria. Restam poucos documentos, e estes não foram ainda sujeitos a um estudo intensivo; mesmo a chronologia ainda está por fixar. A questão chronologica constitue o objecto das seguintes linhas.

De D. Pero Fernandes temos tres cartas: uma, ainda inedita, foi escripta de Cabo Verde a 11 de abril de 1551; outra, da Bahia a 11 de julho de 1552; outra, da Bahia a 11 de abril de 1554: estas duas foram impressas no tomo 49 da *Revista* do Instituto Historico, que tambem possui cópia da primeira.

A carta de Cabo Verde assegura que o bispo sahiu de Lisboa a 24 de março, juntamente com uma armada da India, em que ia a náu *Barrileira*. Era a armada commandada por Fernão Soares de Albergaria, como se vê em Diogo do Couto; mas esta sahiu em 1552. Tambem por um documento publicado na *Historia Genealogica* se vê que D. Pero estava ainda no Reino em outubro de 1551. Finalmente, por uma carta de Nobrega sabemos que o bispo chegou á Bahia, vespera da vespera de São João, 23 de junho de 1552. Todos estes motivos levam a corrigir em 11 de abril de 1552 a data da carta escrita de Cabo Verde.

A carta escrita da Bahia a 11 de abril de 1554 pertence realmente ao anno seguinte de 1555. Póde-se explicar esta differença entre a chronologia commum e a do bispo suppondo que este não contava o anno civil a partir de primeiro de janeiro; preferia o anno da encarnação, tanto tempo usado na christandade, que começava a 25 de março, segundo o systema florentino no 25 de março que precedia o Natal, segundo o systema pisano no 25 de março que lhe succedia. O bispo seguia o systema florentino, isto é, atrazava um anno. Comtudo esta explicação encontra uma difficuldade: a carta de 12 de julho de 1552 foi effectivamente escrita neste anno, e não em 1553, como se poderia suppor

Comecemos por esta.

Diz o bispo que encommendou o deiado a um padre virtuoso e letrado vindo do Reino em sua companhia; não o confirmou no cargo por ter sido frade; só o faria depois que se habilitasse e provesse de Roma. O frade chamado Gomes Ribeiro, no fim de 52 embarcou para as capitancias de baixo juntamente com Thomé de Sousa; em mais de uma deixou sinaes de sua passagem, como deião, e procurador do bispo e do cabido: dos documentos que isto provam existem cópias na Bibliotheca Nacional.

Na mesma carta o bispo fala de um Francisco de Vaccas, morador desde muitos annos no Espirito Santo, donde chegára poucos dias antes, grande musico, que estava disposto a se fazer clerigo si lhe dessem uma prebenda na Sé. O bispo lembra ao rei que poderia faze-lo arcediago.

Francisco de Vaccas morava effectivamente no Espirito Santo. A 26 de fevereiro de 1550 Cardoso de Barros nomeára-o provedor da fazenda e juiz da alfandega da Capitania; o logar parece não lhe ter agradado, pois o abandonou e partiu para a Bahia. Emquanto el-rei não respondia á proposta do bispo, este nomeava Francisco de Vaccas capellão da Sé a 22 de setembro do mesmo anno de 1552, e chantre a 23 de junho do anno seguinte: já então era clérigo da ordem do Evangelho, isto é, diacono.

Pouco durou sua fortuna. A 16 de março de 1554 era nomeado João Lopes, mestre de capella, para o chantrado, e a 18 Antonio Cardoso de Barros apresentava-o para o cargo, “si com direito o posso ou devo fazer por na dita dignidade ter já aposentado Francisco de Vaccas”, dizia o provedor-mór, como que para resalvar sua responsabilidade.

Não foi mais feliz frei Gomes Ribeiro. A 23 de fevereiro de 1554 o bispo encarregou do deiado ao conego Fernando Pires, e na confirmação deste leem-se coisas graves como as seguintes:

“Assim jurou que sabendo por qualquer maneira se fazia alguma conspiração contra nós, amotinação ou levantamento de no-lo descobrir, e por evitar outras amotinações e levantamentos como os que sccederam os dias passados entre alguns padres contra nós pelos querremos castigar por culpas que delles tinhamos; jurou em nossas mãos que “daqui por deante não ajuntará nem chamará a cabido sem primeiramente no-lo fazer saber para que com nosso parecer se faça o dito cabido.”

Estas datas, que constam de documentos officiaes, estão em contradicção com os assertos de D. Duarte da Costa. Segundo este, só depois de demittido Francisco de Vaccas, foi dispensado de deão Fr. Gomes Ribeiro. A divergencia não tem importancia para o caso e explica-se mais facilmente. A dispensa de Francisco Vaccas podia ter encontrado embaraço da parte de Antonio Cardoso de Barros; não succedia o mesmo a respeito de Gomes Ribeiro, apenas encommendado no cargo pelo bispo; por isso aquelle acto, embora em primeiro lugar resolvido, só ficou consummado depois deste.

Que houvera entre o bispo e os dois clerigos?

“Francisco de Vaccas, informa D. Duarte da Costa, fez uma petição ao cabido, em como o bispo não podia entrar na igreja, nem celebrar os officios divinos, por estar excommungado e irregular, por ferir dois homens por sua mão, dos quaes umesteve á morte, que lhe appareciam os miolos, e por o bispo cuidar que a dita petição foi feita por conselho do dito deão lhe tirou a dignidade de deão, dizendo que o não podia ser.”

Diz D. Duarte que o bispo, desejando ir a Pernambuco, não quiz deixar a diocese entregue a Gomes Ribeiro, apesar de terem vivido em boa harmonia mais de um anno depois da volta deste das capitancias do Sul, em companhia de Thomé de Sousa.

A viagem episcopal a Penambuco foi breve: a 26 de junho de 54 o bispo ainda se achava na cidade do Salvador, em fins de outubro já estava de volta. Naquelle tempo de navios de vela a monção do solsticio era a mais propria para navegar da Bahia para o Norte,

como a do equinocio de setembro era a mais commoda para a volta á Bahia.

Da visita episcopal a Pernambuco, apenas conhecemos dois factos, attestados ambos por D. Duarte: o bispo arrecadou oitocentos cruzados, isto é, muito mais que a congrua de um anno, e teve attritos com Vasco Fernandes Coutinho, o desgraçado donatario do Espirito Santo, tolhendo-lhe cadeira de espaldar na igreja, e apregoando-o “excommungado por beber fumo”. Desculpando-se perante D. Duarte, dizia mais tarde Vasco Fernandes que, sem fumo, não tinha vida.

Até a visita de Pernambuco, bispo e governador não se haviam incompatibilizado de todo.

“Por vezes avisei o governador em particular que olhasse por seu filho, e o apartasse de más conversações e remediasse tamanhos males com tempo”, escreve aquelle. Este escreve: “me foi necessario ir á sua casa com Luis da Grã, da Companhia de Jesus. e com outros homens honrados desta cidade. e o aconselhei que se emendasse das cousas de que o povo se escandalizava. ”

Apenas o bispo embarcou para o Norte, D. Duarte deu passagem a Gomes Ribeiro para o Reino, e D. Alvaro favoreceu a escapula de Francisco Vaccas, preso por ter dado uns pescoções num menino. O bispo, ao voltar, ficou com isto muito irritado e rompeu as hostilidades.

Elle proprio nos fornece a data: 1 de novembro de 1554.

“Préguei dia dos Santos, estranhando as coisas que succederam nesta cidade, desde que Thomé de Sousa se foi; allegando os grandes castigos que Deus manda aos povos pelo peccado de adulterio, e isto em geral, sem ter ninguem em particular”

Passados poucos dias, um Silvestre Rodrigues, chamou ao bispo bebedo, e foi espancado barbaramente.

“Chamou Fernão Peres ao Silvestre Rodrigues de sua casa, escreve o Governador, onde tinha o dito Pero Vaz (degradado) comsigo, e deram tanta pancada ao dito Silvestre Rodrigues que ficou como morto, lançando sangue pela bocca, e ao arruido acudio meu filho D. Alvaro com muita gente, e por verem o dito homem estar sem falla e o dito Fernão Pires se gabava e gloria-va do que tinha feito, dizendo que espancára o dito homem por que dizia mal do Bispo e por não ser aquelle tempo a justiça presente, o dito D. Alvaro, meu filho, com as outras pessoas o trouxeram perante mim, etc.”

Este Fernão Pires era o deão, nomeado em lugar de Gomes Ribeiro: D. Duarte define-o “um homem de muito máo viver e idiota, e que pouco tempo antes que o bispo viesse á esta terra matou um homem em Santa-rém, de que não é livre, segundo dizem, e sendo homem que suas orações são fallar em guerra e em homens que matou, em desafios em Italia, o fez deão da Sé desta cidade, e tirou o deiado a Gomes Ribeiro, homem de boa vida, letrado e prégador ”

Continuou depois a luta entre o poder civil e o poder ecclesiastico. Para descreve-la, faltam documen-

tos; é uma felicidade; pois, si o bispo avisa a El-rei que não dê attenção aos papeis remettidos pelo Governador, este faz recommendações indenticas a proposito de quaesquer autos episcopaes. Como decidiríamos ?

A chronologia seguida nesta nota é a que parece mais segura, fundada em documentos estranhos aos dois contendores; por isso, a certos respeitos differe das affirmações de ambos. Por ella vê-se que antes de romper com D. Duarte, já o bispo andára a braços com sua gente, dando espectaculos bem pouco edificantes.

O fim tragico de D. Pero, devorado pelos Caetés, tem inclinado a posteridade a uma prevenção a seu favor, talvez immerecida. O testemunho, de Nobrega, apesar de todas as reservas, é desfavoravel ao prelado. Desfavoravel igualmente foi a impressão deixada em Thomé de Sousa, durante o pouco tempo de convivencia. O chamado do bispo ao Reino mostra que no espirito real calaram as queixas de D. Duarte. As cartas deste revelam um homem de dignidade e brio; e pela anecdota narrada na *Historia* de Fr. Vicente do Salvador, vê-se que o governador deixou na Bahia uma vaga tradição de bondade e tolerancia.



CEARA' E RIO GRANDE

Publicado no "O Jornal" de 7 de Julho de 1920.

## CEARA' E RIO GRANDE

A questão de limites entre estes dois Estados não tardará a encerrar-se perante o poder judiciario. Nos autos deixaram vestígios brilhantes de sua passagem algumas de nossas maiores summidades. O relator mais uma vez revelou a pujança de seu talento e de seu saber. O Supremo Tribunal Federal receberá ou não os embargos oppostos ao luminoso "accordam", e estará dita a ultima palavra.

Neste longo debate de fundo historico, impressiona ao ignorante de leis e formulas processuaes a quasi indifferença a um facto bem digno de prender a attenção: um seculo quasi andou Ceará ligado ao Maranhão; entretanto, só incidentemente se allude a esta circumstancia.

Depois dos Francezes serem expulsos de S. Luis, tornou-se patente a impossibilidade de manter communicações regulares entre a nova e as antigas conquistas do Brasil. Em 1617, Gaspar de Sousa, ex-governador geral, figura maxima da jornada milagrosa, escrevia: "Convém acudir-lhe com brevidade, e com a mesma Vossa Majestade proveja o governo daquella conquista, deste reino, porque do Estado do Brasil, em nenhuma maneira póde ser." Uma carta régia de 20 de Junho do anno seguinte mandou separar do Brasil o Maranhão, que outra carta régia de 13 de junho de 1621, constituiu governo independente, incluindo nelle o Ceará.

Contra a inclusão representou Martim Soares Moreno, em papel mandado informar na Côrte em começo de 1626, quando F. Coelho de Carvalho, nomeado primeiro governador do novo Estado, ainda continuava em Pernambuco. Eis suas palavras: “do Maranhão para aquella Capitania é a costa innavegavel, por respeito das aguas e ventos correrem sempre em contrario; por terra ha a mesma impossibilidade, por respeito de haver infinitas nações de selvagens inimigas e se precisa cinco a seis mezes no caminho, o que não é da dita Capitania do Ceará para Pernambuco, porque se vae em quinze dias, assim por mar como por terra, por onde já ha caminho aberto.”

Assim se exprimindo, resumia apenas suas experiencias: uma vez sahindo da bahia de S. José, e outra da de Cumé, em demanda de Pernambuco, foi de ambas atirado á Venezuela e ao Haiti. Com os tremembés da costa travou relações pacificas na primeira ida á ilha occupada pelos Francezes, mas em breve inimizaram-se e tornaram-se um perigo tanto em terra como no mar

Os avisos do capitão do Ceará soaram no deserto: o Estado do Maranhão installou-se como fôra constituído e assim continuou até as guerras hollandezas.

Depois da assignatura da capitulação de Taborda, Alvaro de Azevedo Barreto foi mandado de Pernambuco, por mar com tropas, á fortaleza fundada por Martim Soares, onde havia Hollandezes, e della tomou posse a 20 de maio de 1654.

Apesar disto, o Ceará voltou á dependencia do Maranhão. No seu livro 1.º cap. 6 da “Chronica da Companhia”, concluida depois de 1693, escreve Betendorf: “Começa o Estado do Maranhão por cima do Ceará, não longe dos baixos de S. Roque. Dista setenta leguas de Pernambuco, em quatro grãos e cinco minutos a Sueste, onde tem seu primeiro marco, contando dali até o Ceará cento e setenta e cinco leguas, três grãos e trinta minutos para o Sul e vae correndo do Ceará até á cidade de S. Luis, cento e setenta leguas e (em ?) dois grãos. ”

Informação semelhante- fornece Teixeira de Moraes nos “Tumultos”, Sousa Ferreira na “America abreviada”, todos tres contemporaneos e editados pelo Instituto Historico. Veja-se tambem o “Noticiario maranhense”, tomo 81.

Foram enfraquecendo com o tempo os inconvenientes apontados por Moreno ? Não haveria paradoxo em affirmar que, ao contrario, pois não os indicou agora um soldado manco e illetrado, mas a arte fervida de Antonio Vieira. Em sua “Relação da missão de Ibiapaba” narra quão difficil era chegar a territorio cearense, quer por terra, quer por mar. Uma sumaca destinada ao Camocim não pôde, durante cincoenta dias, passar adeante do rio da Preguiça e, quando os viajantes desistiram da porfia e decidiram tornar ao ponto de partida, desandou em meio dia o caminho de mais de mez e meio. Na jornada por terra interpunham-se quatorze rios caudalosos e invadeaveis; para passa-los,

levava-se a mão uma canôa entre o rolo e a resaca das ondas. Às vezes tinha-se de puxa-la para terra e carrega-la ás costas. De modo que, remata o celebre jesuita, de modo que para trazer embarcação para passar os rios, se ha de a levar pelo mar, pela terra e pelo ar.

No outro extremo da capitania a situação melhorara, em consequencia da capitulação de Taborda. Ao saber da noticia da victoria dos pernambucanos, D. João IV baixou o alvará de 29 de abril de 1654, estatuinto entre outras coisas: “Hei por bem e me apraz que pelos ditos soldados se repartam as terras que de qualquer maneira me podem pertencer nas capitancias do Norte que occupavam os Hollandezes ao tempo em que “se começou aquella guerra” “Começou” é o que se lê em A. J. de Mello, “Biographias”, 1.º, 122, em lugar de “concluiu”, exigido pelo contexto.

Como vimos, o Ceará estava occupado pelos Hollandezes quando se concluiu a paz. Teria se extendido até lá a concessão de terras, autorizada pelo alvará de 29 de Abril? Graças aos tremembés póde-se dar resposta affirmativa.

Como estes apparecessem no Maranhão, com mercadorias de procedencia européa, o governador Ignacio Coelho da Silva procedeu a um inquerito e apurou que mais de uma vez os taes indios tinham, pela calada da noite, cortado as amarras dos navios fundeados deante do littoral, para garrarem e, encalhando poderem ser saqueados e mortos mais commodamente seus passageiros.

Qual seria o ultimo navio assim sacrificado ? Não o pude saber ao certo: em sua carta de 20 de abril de 1679, apenas informa Coelho da Silva “que em Maranhão chegara um patacho da ilha Terceira, que dissera que deste porto não havia noticia tivesse sahido navio para aquelle, e que só havia sahido daquellas ilhas uma fragata que tinha sido fretada por ordem de João Fernandes Vieira, com casaes para o Ceará” A data combina bem com a da carta régia de 23 de janeiro de 1677, publicada por Mello, (Biog. 2.º, 17) incitando João Fernandes Vieira a mandar vir casaes da ilha da Graciosa. Vieira encaminhou-os naturalmente para as suas sesmarias dos Touros, possuidas desde 1666.

O ultimo documento aqui conhecido relativo á ligação do Ceará com o Maranhão, é de 27 de janeiro de 1691.

Uma carta do governador Arthur de Sá de Menezes e uma consulta do Conselho Ultramarino patentearam que a necessidade de fortificar a costa cearense esbarrava na difficuldade de faze-lo por conta da fazenda real. A' vista disto, resolveu D. Pedro II que o territorio fosse dividido em capitancias e se faria aviso em Lisboa, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro, para que havendo pessoas que quizessem “povoar e fazer fortificações a que tocar e lhe fossem repartidas, se lhes possa fazer mercê dellas” Querendo-as os moradores do Maranhão e Pará antes de serem dadas a outrem, seriam preferidos.

O Conselho Ultramarino encarregado de providenciar, teria feito alguma coisa neste sentido ? Nada

consta e não é provavel. Desde 1699 ordens relativas ao Ceará enumeradas na "Chronologia" de Pereira da Costa, começaram a ser transmitidas por intermedio do governador de Pernambuco. Em 1701, o Piauí, até então dependencia pernambucana, foi mandado annexar ao Maranhão. Talvez a annexação do Ceará a Pernambuco fosse uma compensação.

Não appareceu ainda o diploma que isto determinou; assim, ignora-se si o Ceará foi incorporado a Pernambuco levando os antigos limites ou recebendo outros.

Uma representação da Camara de S. José de Ribamar, datada de 15 de maio de 1700 e transcripta nos autos, contém o seguinte trecho: "As terras que esta capitania domina desta villa para a parte do Sul é até o rio Monxeró, si bem que o marco que divide esta com a do Rio Grande fica circumvizinho com o porto de Touro, por onde nos parece toca á nossa villa a ribeira do Açú"

O marco deve ser o mencionado por Betendorf.

SOBRE A COLONIA DO SACRAMENTO

Reprodução do prologo á *Historia topographica e bellica da Colonia do Sacramento* publicada pelo Lyceo Literario Portuguez, na Typographia Leuzinger (Rio de Janeiro, 1900), com a seguinte dedicatória: "Ao Barão do Rio Branco, nesta edição de cem exemplares consagra-se um nicho rustico"

## SOBRE A COLONIA DO SACRAMENTO

Quando Christovam Colombo, em 9 de Março de 1493, annunciou a el-rei de Portugal o descobrimento de novas terras occidentaes, respondeu-lhe D. João II que todas pertenciam á sua coroa. Na opinião do tempo era identico o mar que banhava a Europa e a Africa por Oeste ao que banhava a Asia a Este: a Asia oriental e meridional com seus milhares de ilhas, toda a Africa oriental desde a Abessinia até o cabo da Boa Esperança, julgavam-se India; as terras situadas a meio caminho da India, a propria India, foram doadas á coroa de Portugal por diversos pontifices a partir de Nicolau II; os reis de Espanha reconheceram os direitos portuguezes em tratados solemnes. Como podiam os novos descobertos demorar fóra de limites definidos com tanta precisão ?

No mez de Abril, terminadas as festividades da Paschoa, D. João chamou a conselho seus ministros e resolveu mandar uma armada ás regiões novamente achadas por Colombo. Por intermédio do duque de Medina Sidonia souberam os reis de Espanha da grave resolução tomada: a 23 de Abril expediram de Barcelona Lopes de Haro, pedindo a D. João II fizesse apregoar por seus reinos ninguem fosse ás ilhas descobertas, e nomeasse embaixadores conhecedores do caso para discuti-lo calmamente e leva-lo a decisão honrosa.

O prérgão foi desde logo lançado, e obedecido mais ou menos: em todo o caso, as apparencias salvaram-se.

Os embaixadores nomeados, doutor Pero Dias e Ruy de Pina, seguiram por mar até Barcelona, onde estava a Côrte, e lá chegaram a 15 de Agosto. A embaixada deu resultado nullo, nas apparencias por ignorarem os embaixadores o assumpto de que se tratava.

Entretanto, os reis de Espanha não se absorviam inteiramente nestas conferencias. Seus representantes em Roma trabalhavam activamente, e obtinham de Alexandre VI, Papa, as maiores concessões. Por duas bullas de 3 de Maio eram doadas áquelle reino todas as terras descobertas e por descobrir sob a bandeira de Espanha; por outra de 4 de Maio fixavam-se os limites entre possessões espanholas e portuguezas a cem leguas de qualquer das ilhas dos Açores e do Cabo Verde; por outra de 25 de Setembro attribuiam-se á Espanha todas e quaesquer ilhas e terras firmes achadas e por achar, descobertas e por descobrir e as que, navegando ou caminhando para o Occidente ou Meiodia, são ou forem apparecendo, ou estejam nas partes occidentaes ou meridionaes e orientaes e da India.

Assim, nem os reis de Espanha nem a Curia romana estavam pelas consequencias que a coroa portugueza tirava de bullas e tratados antigos: urgia, pois, achar nova base de negociações. Foi mandado de Barcelona para a côrte portugueza Garcia de Herrera, a dar noticia da proxima partida de outra embaixada incumbida de tratar a questão, para a qual se pedia benigno acolhimento. Composta de Garcia de Carbaljal e Pero d'Ayala, partiu de facto a 2 de Novembro e foi recebida friamente: “não tem pé nem cabeça”,

disse desdenhoso D. João II, alludindo a um que era coxo e outro de fraco espirito.

Por sua vez, a 8 de Março de 1494 el-rei mandou Ruy de Sousa, senhor de Usagres e Berengel, João de Sousa, seu filho, almotacé-mor, e Arias de Almadana, corregedor dos feitos civeis na côrte de Lisboa e do desembargo do paço, os quaes conferiram e negociaram em Medina do Campo e levaram a negociação a bom resultado, assignando com Henrique Henriques, mordomo-mór, Gutierres de Cardenas, commissario-mór de Leon e contador-mór, e doutor Rodrigo Maldonado de Talaveras, todos do conselho real, a 7 de Junho, o tratado de Tordesilhas, primeiro capitulo da historia diplomatica da America <sup>(1)</sup>

Pelo tratado fixavam-se os limites entre as altas potencias contratantes não mais a 100 leguas, mas a 370; não mais a Oeste de qualquer das ilhas dos Açores e do Cabo-Verde, como na bulla de 4 de Maio do anno anterior, mas a Oeste do archipelago do Cabo-Verde. De que ilha não se especificou, o que aliás não significava muito, pois a distancia entre a mais oriental e a mais occidental é apenas de 2°45' Mais serio foi não especificar-se como se devia entender a legua, pois nas theorias contemporaneas havia-as de 14 <sup>1</sup>/<sub>6</sub>, de 15, de 16 <sup>2</sup>/<sub>3</sub>, de 17 <sup>1</sup>/<sub>2</sub>, e até de 21 <sup>1</sup>/<sub>3</sub> em um grau do equador Mais sério foi em fim esquecer-se de que os astrônomos não possuíam ainda nem instrumentos

---

(1) HARRISSE, *The diplomatic history of America. Its first chapter 1452-1493-1494*. London, 1897, Monographia essencial sobre o assumpto.

nem saber bastante para achar longitudes no mar, si acaso o alcançasse o linde.

Estes inconvenientes não appareceram quando no anno de 1500 o Brasil foi ao mesmo tempo descoberto pelos espanhoes Vicente Añes Pinzon e Diego de Lepe, pelo portuguez Pedr'Alvares Cabral. El-rei de Espanha fez em 5 de Setembro de 1500 Pinzon "capitan é governador de las dichas terras de suso nombradas desde la dicha punta de Santa Maria de la Consolacion seguindo la costa hasta Rostro Hermoso, é de alli toda la costa que se corre al Norueste hasta el dicho Rio que vos posistes nombre Santa Maria de la mar dulce"; mas o antigo companheiro de Colombo não se aproveitou da concessão, ou logo desenganou-se della com o aspecto safio do lito, o cannibalismo dos indigenas e a força de ventos e correntes. Neste trecho não se encontram depois mais vestigios de Espanhoes pelo correr do seculo XVI.

D. Manuel, successor de D. João II, mandou desde logo tomar conta do paiz encontrado por Cabral e melhor explora-lo. Uma expedição de tres navios sahiu de Lisboa em Maio de 1501, surgiu a 16 de Agosto no cabo de S. Roque, e acompanhando a costa foi reconhecendo-a dando nome aos pontos mais notaveis. No mappa de Cantino, preparado em 1502, apenas voltou a armada, o ponto mais meridional que apparece é o cabo de Santa Martha, no actual estado de Santa Catharina.

Em 1503 veiu nova expedição particular, composta de seis navios pertencentes a alguns christãos no-

vos, que desde logo arrendaram a terra, para explorar o pau brasil e fazer escravos <sup>(2)</sup> Na ilha de Fernão de Noronha, que também achamos nomeada São Lourenço, por ter sido avistada no dia 10 de Agosto, perdeu-se a capitanea; dois navios separaram-se da armada, reduzindo-a assim á metade. Os restantes não é crível que se mettessem a descobrir; provavelmente tornaram para o reino, apenas completaram a carga.

Passam alguns annos, durante os quaes habitualmente os Portuguezes se contentaram em navegar pelas proximidades do cabo de Santo Agostinho, onde facilmente achavam os poucos generos de seu escambo: pau brasil, papagaios, macacos, algodão, escravos, resgatados por anzoes, cascaveis, espelhos, ferramentas, avelorios. Em 1513 uma esquadilha de dois navios, armados por Christovam de Haro, D. Nuno Manuel e outros, obteve licença para continuar o descobrimento e adiantou-se a logares até então desconhecidos.

Seus resultados, segundo se póde concluir de uma carta ou gazeta escripta da Madeira em 12 de Outubro de 1514, quando chegou um dos navios, obrigado a voltar por falta de mantimentos, formúla Konrad Haebler nos seguintes termos: "Si João de Lisboa foi o famoso piloto de que fala a gazeta, é muito incerto,

---

(2) As condições do arrendamento, declara uma carta de PIERO RONDINELLI, escripta de Sevilha em 3 de Outubro de 1502: praso trez annos; no primeiro nada se pagaria, no segundo 1/6, no terceiro 1/4; obrigação de sustentar uma fortaleza durante trez annos etc. *Raccolta colombiana*, parte 3.ª, vol. 2.º, p. 121. Roma, 1892.

embora não impossível <sup>(3)</sup> Os navios passaram os limites do até então explorado, que não devia demorar muito ao Sul do cabo de Laguna ou Santa Catharina. Nesta viagem descobriram o cabo de Santa Maria, que delles recebeu certamente o nome, internaram-se num espaço consideravel pelo golfão do Prata, até reconhece-lo a pequena distancia de ambas as margens; provavelmente viram tambem claro que se tratava da embocadura dum rio. Em consequencia disto e acossados por tempos desfavoraveis, voltaram para o alto mar e seguiram a costa até altas latitudes meridionaes, onde encontraram indigenas vestidos de pelle e ouviram falar em montes nevados. De nem um modo descobriram o estreito de Magalhães; foram, porém, os primeiros europeus que alcançaram a profunda chanfradura da bahia do Prata, que a côroa portugueza, de facto, mais tarde, reclamou como sua <sup>(4)</sup>”

Esta interpretação não foi a que deram os contemporaneos. Os navegantes diziam ter achado um estreito ao Sul, e foram cridos. Johannes Schöner, que conheceu a carta ou gazeta da Madeira e a excerptou em um livro publicado em 1515, concluiu que se alcançara o estreito meridional. Em seu globo do mesmo anno figurou-o entre 40° e 50°S., separando a

---

(3) O cabo de Santa Maria foi descoberto em 1514 por João de Lisboa, segundo GASPAR CORREA, *Lendas da India*, II, 628.

(4) HAEBLER, Die Neuwe Zeytung aufs Presilg Landt in Fuerstlich Fugger'schen Archiv, na *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*, XXX, 362/363. Berlin, 1895.

região da America de outra mais ao Sul chamada *Brasiliae regio*. Ha todos os motivos de crer que Fernão de Magalhães levava este ou congener documento a bordo; devia tambem levar uma descrição minuciosa da viagem, pois Christovão de Haro, interessado na armada de 1513/1514, era-o por igual na de 1519.

O achado de um estreito, em qualquer tempo importante, ainda mais sobressahia naquelle momento. Vasco Nunes de Balboa descobrira o mar do Sul, o oceano Pacifico, mostrando assim que as terras até então percorridas a Este não eram simples anteparo das Indias, á maneira da Indonesia relativamente á Australia, e sim um continente, possivelmente diverso da Asia, pelo menos no mar do Sul, onde os planos oceanicos se rasgavam illimitados, mas della proximo, ao Norte, della talvez continuo, pois tinha foros de certeza inatacavel a crença de que no globo terrestre se avantajava de muito o espaço occupado pelas terras á superficie dos mares.

A ninguem podia interessar tanto a descoberta da armada de D. Nuno Manuel como á coroa de Espanha. Por isso, desde Novembro de 1514, começou-se a preparar uma esquadra para, sob as ordens de João Dias de Solís, vir explorar as regiões desconhecidas, “á las espaldas de la tierra donde agora está Pedro Aray (Pedr’Arias, perseguidor de Vasco Nunes de Balboa) mi capitan general é gobernador de Castilla del Oro, é de alli adelante ir descubriendo por las dichas espaldas

de Castilla del Oro mill é setecientas leguas, é mas, si pudiéredes” (5)

Haverá qualquer ligação entre a viagem de Solís e a dos dois navios portuguezes de 1514? Tudo leva a suppô-lo. Um navio destes chegou á Madeira em 12 de Outubro de 1514, como está provado por Haebler; as primeiras ordens relativas á expedição de Solís datam de 24 de Novembro do mesmo anno, intervallo sufficiente para o navio portuguez chegar á patria e diffundir-se descoberta tão importante. A viagem de Solís foi resolvida de improviso, pois só depois de assentada tratou-se de arranjar navios e mantimentos, fixando-se a partida para Setembro do anno seguinte. A sua preparação foi mysteriosa, tanto que a corôa, a cuja custa ia, espalhou que as despesas correriam por conta de certas pessoas, que, aliás, não haveriam de saber coisa alguma da viagem. Foi muito recommendado todo o segredo. Ainda mais: espalhou-se que ia para um destino mui diverso do real — “Juan Dias de Solís . . . va con mi licencia y a *su costa é de algunos parcioneros*, que para ello contribuyen con el más adelante de lo que el é Vicentiañez Pinzon descubrieron en el primer viaje (6)”: a viagem de Pinzon

---

(5) MEDINA, *Juan Diaz de Solís*, Documentos, pg. 135, II.º Vol., Santiago de Chile, 1897. O primeiro volume traz o mais completo estudo sobre o piloto portuguez, cuja primeira viagem feita em 1508 o autor explica de modo differente do adoptado nestas paginas; tem numeração romana.

(6) MEDINA, Doc., pag. 115. Este trecho deu aso a dizer-se que em 1508 Pinzon e Solís chegaram aos 40° S., sem conhecer o rio da Prata. A explicação exacta da expedição de Pinzon e Solís deve-se a PH. J. J. VALENTINI na *Zeitschrift* da Sociedade de Geographia de Berlim, XXXIII, 254/282. Berlim, 1898.

e Solís, hoje sabemos, foi entre Cuba e o Yucatan, roçou quasi o Cancer, ao passo que Solís era mandado muito além do Capricornio.

Para que tantas capas e cautelas ?

O motivo apparece á primeira reflexão: era preciso, antes de tudo, saber si o estreito ficava na linha dos limites pactuados em Tordesilhas, simples formalidade até então, na parte relativa á America, documento fundamental nas referencias ás terras opulentas da Asia, para onde só agora o caminho annunciado, e nunca encontrado por Christovam Colombo, parecia abrir-se.

João Dias de Solís partiu para sua expedição a 8 de Outubro de 1515, e com feliz viagem chegou ao rio, que algum tempo levou seu nome, antes de troca-lo definitivamente pelo de Prata, com certeza dado pelos Portuguezes, seus primeiros descobridores <sup>(7)</sup> Logo ao chegar foi morto pelos Indios e seus companheiros voltaram, carregando pau-brasil no cabo de Santo Agostinho. Em 1520 Magalhães fez a mesma viagem e passou além até descobrir o estreito desejado.

Quasi rente com esta, foi outra expedição ao rio da Prata, commandada por Christovam Jaques, segundo se póde concluir de estudo consciencioso do unico e deficiente documento que a narra. Descreve-a assim Juan de Çuniga, em carta dirigida de Evora a

---

(7) Segundo MEDINA, a mais antiga data em que se encontra por Espanhoes chamado da Prata ao rio de Solís é 24 de Janeiro de 1527 (*Juan Diaz de Solís, Estudio historico*, pg. CCLXX). Os Portuguezes já tinham encontrado prata em 1514 e em 1521; é muito provavel que, desde então, assim chamassem ao rio.

28 de Julho de 1524 á Sacra Cesarea Catholica Magestade do imperador Carlos V, depois de ter interrogado o descobridor :

“Dice que agora tres años, el Rey don Manuel le dió licencia que fuese á descubrir por aquella costa, prometiendole grandes mercedes si hallase cobre y otras cosas que él deseaba y dice que se fué derecho al Brasil con dos carabelas, y que siguió la costa del dicho Brasil por el sudueste setecientas leguas de donde ellos toman el brasil, y que halló á las CCC leguas, poco más ó menos, nueve hombres de los que fueron con un Juan de Solís a descubrir, y habló con ellos, y estan casados allí, e quisieran que él se los truxera, porque él non osó por ser castellano, y porque el sabia que al Rey le habia pesado de lo que iba a descubrir el dicho Juan de Solís, porque les prometió que si Dios allí le tornase que los traeria.

“Dice que en la tierra que aquellos estan no hay cosa de provecho, y que siguió su costa otras CCCL leguas, que son las DCC dichas, y que halló un rio de agua dulce, maravilloso, de anchura de cuatorce leguas, y que subió por el rio doce leguas y vió muy hermosos campos a todas partes, y que surgió allí y tomó lengua de la tierra, y que le dijeron que aquel rio no sabian de donde venia sinó que era de muy lejos, y que más arriba hallaria otra gente que eran sus enemigos, que tenian de aquellas cosas que el les mostraba, que eran oro y plata y cobre, y que tomó cuatro hombres de aquellos y se fueron con él, y subió por el rio en los bateles armados veinte y tres leguas, y que siempre lo halló todo mejor y la fondura igual.

“Dice que allí vinieron a él ciertos viejos y estuvo con ellos en grandes platicas que se asegurasen. (roto) los otros, y que les rescató algunas cosas y le

dieron pedazos de plata y de cobre y algunas venas de oro entre piedras, y que le dijeron que toda aquella montaña tenia mucho de aquello, y que duraba a lo que ellos señalaban CCC leguas; y que le dijeron que la plata no la tenian en tanto como al cobre, habiendo mucho cobre. porque no relucía tanto, y que lo que señalaban del oro era lejos, que el agua lo debe traer por un rio que viene á dar al través de aquel grande y pára en las piedras; trujo de todo esto sus muestras.

“Dice que vió ovejas monteras y muchos ciervos, y de aves todas las que acá vemos en el campo y infinitos avestruces, las perdices muy grandes; dice que és tanto el pescado del rio, que en echando la cuerda o red salía llena, y que comió y pescó muchos sollos mayores y mejores que los de acá, y salmonetes y otros pescados en abundancia, y que salieron a vueltas dos lampreas; que estuvo allí dos ó tres dias informandose de todo con el amistad que tomó con aquellos primeros, y que después se juntaron muchos con arcos y buenas flechas y que se embravecieron de saber que traía aquellos que dije, y que le dijeron que se fuese, que el venia por hacelles algun engaño, y que tiró dos ó tres escopetas, y todos se pusieron por el suelo; y que otro día vió venir gran numero de canoas, y no osó esperar, porque no tenía consigo sino XV hombres, y que así se volvió a sus carabelas <sup>(8)</sup>”

Suspeitava o embaixador espanhol que, nestas descobertas, entrava coisa pertencente a seu rei. “Si assim fosse, respondeu-lhe o descobridor, folgara de voltar alli com a maneira que Sua Magestade for servido e será cousa muita proveitosa”

---

(8) MEDINA, J. D. de Solís, *Estudio*, CCCXIII/CCCXV.

A este tempo começavam a apparecer as desvantagens da linha de Tordesilhas. Em Setembro de 1522 chegou á Espanha, sob o commando dè Juan Sebastian del Cano a nau Victoria, da expedição de Fernão de Magalhães, ultimando a primeira circumnavegação do planeta até então realizada. Em sua derrota fôra dar ao Maluco, ás ilhas da especiaria, no fundo o verdadeiro movel das empresas maritimas de Portuguezes e Espanhoes, já descobertas pelos primeiros. A quem pertenciam ? Dentro de que linha estavam ? Para decidi-lo juntaram-se em Victoria e Badajós representantes de ambos os reinos peninsulares, que nada accordaram. A decisão se deu annos mais tarde pela capitulação de Saragoça, definindo-se, porém, só a demarcação oriental, deixando intacta a questão americana.

O governo espanhol considerou suas as terras redescobertas por João Dias de Solís. Sebastião Gaboto e Diogo Garcia, piloto portuguez, companheiro de Solís, mandados para destinos muito diversos, lá estiveram; o primeiro fundou tambem fortalezas ephemeras. Por sua parte el-rei de Portugal para aquelles lados mandou uma armada commandada por Martim Affonso de Sousa, em 1530. Escrevendo a este em 1532, revela o plano de dividir em capitancias de cinquenta leguas de costa todo o territorio espraiado entre Pernambuco e rio da Prata.

Na concessão da capitania de Pero Lopes de Sousa, marcou-se, porém,  $28^{\circ} \frac{1}{3}$  como limite meridional. Ao mesmo tempo em diversas ordens vindas da Espanha, recommendava-se a fundação de fortalezas em

S. Francisco, quasi 26°; mais tarde Pero de la Gasca, *presidente* do Perú, nomeado Diego Centeno governador do rio da Prata, estendeu sua jurisdicção até 23°33', limite de S. Paulo com o Rio de Janeiro. Dahi não adveio, por então, nem um inconveniente, porque nem o quinhão mais meridional da capitania de Pero Lopes foi logo povoado, nem os Espanhoes se fixaram permanentemente no litoral atlântico.

Em 1580 reuniram-se sobre a mesma cabeça as coroas de Portugal e Espanha, o que na America só devia trazer vantagens. Desde então os dois povos, alheios a quaesquer rivalidades coloniaes, puderam dedicar-se ás tarefas que lhes pareceram de mais urgente e proveitosa solução. Para os Portuguezes o inimigo era o Francez, e o grande problema geographico a solver era a posse do Amazonas; para os Espanhoes do Prata, o Atlantico era apenas as costas: a frente voltava-se para o Perú, donde vinham desde Porto Bello e Callau e para onde iam pelo Tucuman os generos do seu commercio.

Em 1640 Portugal desligou-se da Espanha, mas na America a situação pouco se alterou. Em 1663 o padre Simão de Vasconcellos discorre com todo o desenfado sobre a repartição entre colonias portuguezas e espanholas.

“Esta repartição”—escreve—“se deve averiguar pelo que corta a linha imaginaria ou mental de que fallamos, que vai lançada de Norte a Sul, do ultimo ponto da linha transversal de trezentos e setenta leguas da ilha de Santo Antão para o poente. Mas como nesta

linha transversal os compassos de uns andaram mais, e menos liberaes os de outros, ou de proposito, ou levados das diversas arrumações das cartas geographicas, veio a occasionar-se nesta materia variedade: porque uns correm aquella linha transversal de maneira que a mental de Norte a Sul vem a cortar da America pera o reino de Portugal vinte e quatro grãos de comprimento sómente, outros trinta e cinco, outros quarenta e cinco, outros cincoenta e cinco (deixando outras opiniões de menos conta) e todas estas variedades nascem das causas apontadas. A primeira opinião de vinte e quatro grãos é escassa, nem tem fundamento algum, convence-se com a experiencia, posse e vista de cartas geographicas. A ultima que dá cincoenta e cinco grãos é de compasso mais liberal, não parece tão ajustada aos principios referidos. As duas entreneias de trinta e cinco e quarenta e cinco grãos me parecem ambas verdadeiras, bem entendidas: porque a que dá trinta e cinco grãos falla pelo que o Brasil está de posse por costa, e a que dá quarenta e cinco falla pelo que lhe convém, em virtude da linha que corre o sertão; e são ambas verdadeiras.

“Uma e outra parte declaro.

“Está de posse o Brasil da terra que corre por costa desde o grão rio das Almazonas até o da Prata; por que no das Almazonas começam suas povoações que correm até passante a Cananéa e senhoream dali em diante todos os mais portos com suas embarcações e commercio, e no rio da Prata está posto seu marco na ilha de Lobos, como é notorio. Nem deste rio

da Prata para o Norte junto á costa possuem cousa alguma Castelhanos, como se deixa ver pela experiencia e mappas: segura falla logo a opinião que dá trinta e cinco grãos pelo que estamos de posse por costa.

“Pelo que convem em virtude da linha que corre o sertão fallão ao certo os que dão quarenta e cinco grãos. Esta verdade poderá experimentar todo o cosmographo curioso: por que si com exacta diligencia arrumar as terras do mundo e depois com compasso fiel medir a linha que dissemos, desde a ilha de Santo Antão tresentas e setenta leguas ao Poente, achará que a linha de Norte a Sul, que do ultimo ponto desta divide as terras da America, vai cortando direita junto ao rio das Alamazonas pelo riacho que chamam de Vicente Pinçon, e correndo pelo sertão deste Brasil até sahir no porto ou bahia de São Mathias, quarenta e cinco grãos pouco mais ou menos da equinocial, distante da boca do grão rio da Prata pera o Sul cento e setenta leguas; no qual logar é constante fama se metteu marco da coroa de Portugal <sup>(9)</sup>”

Breve devia passar a época destas divagações serenas. A população brasileira se ia extendendo pelo litoral para o Sul; no interior fundara-se Curitiba; em suas cercanias descobriram-se minas de ouro. Compreendeu-se a necessidade de senhorear todos aquelles sertões, de marchar para o rio da Prata, conside-

---

(9) *Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil*, livro primeiro das Noticias autecedentes curiosas e necessarias das cousas do Brasil § 15 e 16. Lisboa, 1662. Reimpressa este seculo tanto no Rio de Janeiro como em Lisboa.

rado por todos os autores portuguezes o limite austral do Brasil.

A costa, pittoresca, elevada, opulenta de ilhas e portos até Santa Catharina, abaixa-se além, apresenta-se nua, esteril e inhospita. Por isso não foi o Rio Grande do Sul o primeiro a reclamar a atenção do governo da metropole, que preferiu dar um grande salto e estabelecer-se logo em aguas platinas.

Em 1674 foram doadas duas capitánias ao visconde de Asseca e João Correia de Sá, seu irmão, nas terras antigamente pertencentes a Gil de Goes, filho de Pero Goes, o companheiro de Martim Affonso na viagem de 1530 a 1533, e capitão da costa no governo de Thomé de Sousa. Attendendo ás reclamações de Salvador Correa de Sá, el-rei D. Pedro II, ainda hypocritamente intitulado príncipe regente, concedeu-lhes mais trinta leguas até a boca do rio da Prata <sup>(10)</sup>

(10) Este facto contestado por Varnhagen (*Historia geral*, 667, nota) comprova-se pelo seguinte documento da Bibliotheca Nacional:

“Tendo respeito ao que me representou Salvador Correa de Sá, como tutor do seu neto o visconde de Asseca, e procurador de seu filho João Correa de Sá, em razão das setenta e cinco leguas que pede se lhes accrescente ás trinta das capitánias de que lhe tenho feito mercê, que foi de Gil de Goes no estado do Brasil, entre cabo Frio e Espirito Santo repartida por ambos, vinte leguas ao Visconde e dez a João Correa de Sá, representando-no tambem que mandando elle tomar posse e fundar as villas nas ditas capitánias, se não achavam as ditas trintas leguas, com que se não podia em terra tão limitada fundar duas capitánias, e, que todas as que se tinham dado no estado do Brasil e Maranhão as menores eram de cincoenta leguas de costa, e visto o que fica referido e ao que sobre isto respondeu o Procurador da Coroa ser utilidade do augmento daquelle Estado povoar-se cada vez mais, Hei por bem fazer mercê ao dito visconde de Asseca de trinta leguas de terra que mais pede nas terras que estão sem donatario até a boca do rio da Prata para que as logre.

Lisboa, 5 de Março de 1676.”

Dado o primeiro passo, logo se seguiu outro feito de muito maior gravidade: a fundação de uma colônia, fronteira a Buenos Aires.

Foi encarregado desta missão D. Manuel Lobo, governador do Rio de Janeiro, que em 1.º de Janeiro de 1680 desembarcou junto á ilha de S. Gabriel e no continente lançou as bases da fortaleza tão famosa sob a denominação de colônia do Santissimo Sacramento, pela qual ficou sendo conhecida. Por que fundá-la tão afastada das outras possessões portuguezas? porque este era o meio de evitar as costas aridas do Rio Grande do Sul? ou porque julgou el-rei que o melhor meio de sustentar e affirmar seus direitos era leva-los ao extremo?

A ultima hypothese parece a mais justa. A colônia não foi inquietada enquanto se ignorou sua existencia; conhecida porem casualmente a fortaleza, o governador de Buenos Aires reuniu tropas e tomou-a de assalto. A noticia, transmittida á Europa, irritou por tal modo o principe regente de Portugal, que se preparou logo para a guerra, tão violenta reputou a offensa. E não exigiu menos que a reconstrucção do forte pelos Espanhoes e o reconhecimento como portuguez de todo o territorio em que ficava a fortaleza.

Restituição e reconstrucção deram-se em 1683. Até 1705 nada perturbou o posto avançado das terras portuguezas. Nada se fez tambem para diminuir o isolamento e a distancia do povoado. Um anonymo, muito conhecedor do Brasil, que escrevia pelos ultimos annos do seculo XVII, exprimia-se assim: "A nova

colônia do Sacramento por mercê de Deus se conserva; por metterem nella um presidio fechado sem mulherio, que é o que conserva os homens, por que se não tem visto em parte alguma do mundo fazerem-se novas povoações sem casaes. Para se conservar a povoação do Sacramento houvera Sua Magestade ter mandado fazer outra no Montevideu e outra no cabo Negro, assim para a estabilidade e communicação de umas para as outras povoações, como para nos irmos senhoreando das terras que ficam de nossa parte, com os gados, lenhas e madeiras. E para isto se podia Sua Magestade valer dos homens de S. Paulo, fazendo-lhes honras e mercês, que as honras e os interesses facilitam os homens a todo o perigo; porque são homens capazes para penetrar todos os sertões, por onde andam continuamente sem mais sustento que caças do mato, bichos, cobras, lagartos, fructas bravas e raizes de varios paus e não lhes é molesto andarem pelos sertões annos e annos, pelo habito que têm feito daquella vida <sup>(11)</sup>”

Os Paulistas poderiam ser encarregados siquer de fazer um caminho menos longo e menos exposto ao inimigo do que o usado até então <sup>(12)</sup> O interesse, porém, visava a outro ponto e resumia-se todo nos lucros auferidos do contrabando com os Espanhoes, satisfeitos e felizes de não dependerem do Perú, unico pon-

---

(11) Informação do estado do Brasil e de suas necessidades, na *Rev. Trim. do Inst. Hist.* XXV, 473, Rio, 1862.

(12) Veja-se adiante o Roteiro da viagem feita por Domingos da Filgueira, em 1703.

to para onde lhes era permittido o commercio. Por isso, quando em 1704 D. Alonso de Valdez Inclan poz cerco á fortaleza, o mais que poude fazer Sebastião da Veiga Cabral foi não cahir prisioneiro e resistir até chegarem navios do Rio, em que se embarcou com toda a gente.

A colonia do Sacramento foi, pelo tratado de Utrecht, restituida aos Portuguezes, que nella se empossaram em 1717. A experiencia amarga ensinou-lhes algumas verdades. Não se limitaram a trazer soldados, trouxeram tambem familias. Não se preoccuparam só do contrabando, levaram colonos para cultivar a terra. Trataram de remediar o seu isolamento creando postos intermédios para o Brasil, — infelizmente muito tarde. No porto de Montevidéo nem acabaram de se installar; os Espanhoes, avisados, lá se estabeleceram e lá continúa hoje sua bella cidade.

Obrigados a encampar a colonia, os Espanhoes trataram de annula-la. O tratado falava da entrega da colonia e de seus territorios. Por territorio entenderam elles o espaço, alcançado por uma bala de calibre vinte e quatro, e desta interpretação não arredaram pé, nem consentiram transgressões. Finalmente em 1735 puzeram cerco á fortaleza, sem declaração prévia de guerra entre os dois governos.

O governador Antonio Pedro de Vasconcellos resistiu com um esforço e heroismo que lembrã algumas das mais bellas paginas da historia portugueza na Índia. A 28 de Novembro de 1735, D. Miguel de

Salado, governador de Buenos-Aires, rompeu o fogo: aberta uma brecha bem tratavel, foi intimada a rendição, a que Antonio Pedro não attendeu. Com os soccorros que vieram chegando, o governador espanhol levantou o acampamento, mas de parte a parte continuaram as hostilidades até Setembro de 1737, quando foram suspensas, em consequencia do armisticio assignado em Paris a 16 de Março.

As devastações desta guerra foram enormes: “Devastaram e susprenderam na campanha e suas estancias”, escreve Silvestre Ferreira da Sylva, testemunha presencial, <sup>(13)</sup> “dezoito mil quatrocentas quarenta e tres cavalgadas de toda a especie; duas mil trezentas trinta e duas cabeças de gado ovelhum; oitenta e sete mil e duzentas de gado vaccum crioulo de toda a idade; cento e quatro carros com outros muitos instrumentos e madeira de abegoaria e quarenta e seis pretos escravos grandes lavradores, com dois mil quatrocentos e cincoenta e cinco alqueires de trigo, legumes e outras sementes que estes tinham semeado nas espaçosas terras dos contornos da praça; duzentas quarenta e oito propriedades de casas nobres e humildes; capellas, olarias, moinhos e fornos de cal: viçosos pomares e proveitosas quintas, cultivadas muitas dellas com grandes vinhas, contando-se em algumas mais de noventa mil pés de bacellos: as aves mansas e animaes domesticos que os moradores daquella praça pastoreavam nos seus limites eram innumeraveis.”

---

(13) *Relação do sitio... da nova Colonia do Sacramento*, 106/107 Lisboa, 1748.

Maior atenção que os incidentes deste sitio reclama a resolução tomada por Gomes Freire de Andrada, capitão general do Rio de Janeiro, de occupar as terras do Rio Grande do Sul. Po-la em execução José da Silva Paes em principio de 1737, o qual fortificou a barra, e poudo convencer-se da excellencia do interior, bem contrario do aspecto repellente do litoral. Familias açorianas, acoçadas pelas angustias de sua situação insular, vieram dirigidas para este novo destino, e insensivelmente surgiu a idéa de que aqui, e não nas margens do Prata, deveria expandir-se a energia colonizadora. Seria o porto intermedio até então ausente, a guarda avançada, a ligação entre a costa oriental e as aguas platinas.

Graças à esta nova direcção, poudo chegar-se a um accordo com o governo espanhol. Mesmo tolhida por todos os lados, a colonia do Sacramento representava a derrocada de todo seu systema colonial, a mina do Perú, eixo do regime <sup>(14)</sup> Não seria possível dar qualquer compensação por ella ?

A este alvo atirou o tratado de 1750, documento honroso para ambas as nações, ainda hoje digno de

---

(14) A guerra passada, oscrevia ALEXANDRE DE GUSMÃO, a que poz termo o tratado definitivo, concluido no congresso de Aquisgran no mez de Outubro de 1748, mostrou á Hespanha as grandes sommas de prata que se extrahiam dos seus dominios pela colonia do Sacramento e quanto inuteis eram as providencias dos seus governadores a remover o contrabando. Da mesma sorte têm sido reconhecidas infructuosas todas as diligencias afim de impedir a introdução nos seus portos e povoações dos generos que transportamos para o Brasil, cujas informações, longe de chegarem diminutas, são referidas com toda a affectação imaginavel pelos officiaes a quem toca evitar os ditos contrabandos, na intenção de que se lhes não imputem omissões. O *Panorama*, 150, Lisboa, 1843.

respeito e acatamento. Começam Portugal e Espanha por uma confissão de seus peccados. A Espanha, apesar do tratado de Tordesilhas, da capitulação de Saragoça, apossou-se indevidamente das Philippinas; Portugal estendeu-se pelo Amazonas até o Javari; minerou mesmo em aguas do Guaporé, metteu-se no rio da Prata. Acabem-se, pois, com as pretensões assentes em bullas pontificias, em tratados archaicos; funde-se direito novo; não importem mais lindes medidos por linhas meridianas: assignalem-se os limites tomando as paragens mais conhecidas, como são a origem e curso dos rios e os montes mais notaveis, para que em nem-um tempo se confundam nem deem occasião a disputas; fique cada um com o que actualmente possui, salvas as cessões mutuas; e taes cessões não se repute[m] equivalentes uma de outras, mas um ajuste total de todas as controversias agora cancelladas; e com pretexto de lesão ou outro qualquer jámais se pretendam qualquer resarcimento, qualquer equivalente dos mutuos direitos e cessões.

De tão bellas palavras e tão generosos sentimentos encontrava-se o germe mortal em tres artigos na apparencia insignificantes. No artigo XIV lê-se: “Sua Magestade Catholica, em seu nome e de seus Herdeiros. cede todas e quaesquer povoações e estabelecimentos que se tenham feito por parte da Espanha no angulo de terras comprehendido entre a margem septentrional do rio Ibicuí e a oriental do Uruguay. ” Artigo XVI: “Das povoações ou aldeas que cede S. M. C. na margem oriental do rio Uruguay sahirão

os missionarios com todos os moveis e effeitos, levando consigo os indios para os aldear em outras terras de Espanha; e os referidos indios poderão levar tambem todos seus bens moveis e semoventes, e as armas, polvora e munições que tiverem; em cuja forma se entregarão as povoações á Corôa de Portugal, com todas as suas casas, igrejas e edificios e a propriedade e posse de terreno” Artigo XXIII: “Determinar-se-á entre as duas Magestades o dia em que se hão de fazer as mutuas entregas da colonia do Sacramento com o territorio adjacente, e das terras e povoações comprehendidas na cessão que faz S. M. C. da margem oriental do Uruguay, o qual dia não passará de anno depois que se firmar este tratado <sup>(15)</sup>”

Os Jesuitas do Paraguai tinham reunido muitas tribus americanas e com ellas fundado aldeias ás margens do Paraná, entre o Parapanema e o Iguazú. As bandeiras de S. Paulo, á cata de gente para escravizar, devastaram-nas por tal modo que os missionarios recolheram os povos Indios restantes, transferiram-nos para a bacia do Uruguai, e obtiveram da côrte espanhola autorização para ter armas de fogo e adextrar os Indios em seu manejo. O Paulista, o Brasileiro, o Portuguez era o inimigo nato desta gente; e o odio originario fora cultivado pelos governadores spanhoes, chamando-os ás guerras continuas contra a infanda colonia do Sacramento.

---

(15) RIO BRANCO, *Exposição... ao Presidente dos Estados Unidos da America como arbitro*, IV, 14, 15, 19/20. New York, 1894.

O odio originario tornara-se hereditario; e era a estes inimigos de mais de tres gerações que, ingenua ou perversamente, se entregavam, não a terra e a gente, mas a terra sem a gente? A gente havia de deixar suas igrejas que ainda hoje causam a admiração dos viajantes, suas lavouras, suas casas, suas chacaras fertilizadas indefessamente em labuta secular <sup>(16)</sup>; tinha de emigrar em condições muito peiores que da primeira vez, quando fugiram dos Mamalucos, pois ao menos então estavam 'atritos ao viver do mato e andavam alheios ás commodidades da cultura; e o exodo far-se-ia dentro de um anno e seria de trinta mil almas, velhos, mulheres, crianças, setecentas mil cabeças de gado! Sabia-se ao menos para onde?

Os governos contractantes appellaram para o geral dos Jesuitas, padre Francisco de Retz, que ordenou a seus subordinados influirem obediencia no espirito dos sete povos das missões: S. Miguel, S. João, S. Borja, S. Luiz Gonzaga, S. Lourenço, S. Angelo, S. Nicolau. O padre Manuel Quirini, provincial, tra-

---

(16) Se o negocio fora promovido passo a passo, si primeiro se houvera tentado uma aldeia e depois uma a uma as outras; se préviamente na nova morada de cada um com qualquer obra segura se dispozesse a habitação, se estabelecessem os terrenos e circumscrevessem os campos; se em summa os Neophitos deixando suas proprias terras, tivessem sabido achar novas e alojamento si quer toleravel e conducto sufficiente para não morrer de privações e miseria, poder-se-ia esperar a obra do amor e autoridade dos Padres. Mas que amor e autoridade podiam dar bom resultado de chofre? que persuasiva, conduzir de accordo um grande povo a aniquilar-se, deixando uma patria de delicias? LADISLAU OROS, *carta escripta de Cordova 25 de Março de 1756*. Msc. da Bib. Naz. de Roma, cópia da Bibliotheca Nacional do Rio. A carta é escripta em italiano.

tou de cumprir a ordem. Havia no Uruguai um sacerdote velho, conhecedor da lingua dos Indios, antigo superior de alguns dos povos e administrador geral delles, Bernardo Neusdorffer. A elle foi incumbida a tarefa, e por mais incrível que pareça, conseguiu dos Indios que se sujeitassem á ordem régia e se apromptassem para a partida. Começou o fabrico de carros para o transporte dos moveis; emissarios foram mandados á procura de novos sitios, onde se estabelecerem; e tudo corria da maneira mais auspiciosa, quando em 1752 chegaram a Buenos Aires os commissarios régios da demarcação. Com a chegada delles coincidiu a dos exploradores mandados das missões. O que viram, o que disseram melhor mostrarão as seguintes palavras de uma carta escripta pelo padre Ladislau Oros, de Cordova de Tucuman, em Março de 1756:

“Os exploradores mandados a buscar novo terreno, não referindo sinão difficuldades, haviam consternado o animo quasi de todos. Porque os mandados da igreja de Sant’Angelo a procurar terra para os seus, girado todo o paiz acima da aldeia de Corpus Christi a elles destinado, referiram bem efficazmente não haver ali opportunidade nem logar para sua população, e ou dever-se assegurar outra terra mais capaz que aquella, ou não deixar aquellas que possuíam.

“Os exploradores da aldeia de S. João, encarregados de visitar aquelle trato de terra que se estende á volta de Tibiquari, aonde o rio desemboca no Paraguay, informaram ser o paiz ubertoso e rico de arvores ainda não lavradas, mas ali andava o gado de populares de S. Ignacio maior; e, por isso, com a introdu-

ção de novos armentos incommodar-se-iam os da aldeia vizinha e não se satisfaria a necessidade dos proprios, além de que não se podia tratar de fabrica ali si não com a fouce nesta mão e a espada na outra, tão frequentes eram as irrupções dos infieis de Chagua, que em grande numero passavam o Paraguay a roubar e talar

“Os de S. Lourenço encontraram uma pequena terra entre Itapuã e S. Cosmo, porém tão angusta que nem chegaria para cem familias; e estas mesmas, si fossem só ellas, levariam a destruição ás aldeias visinhas. Semelhantemente de campanha só acharam pouco, o sufficiente apenas para seus actuaes possesores; e concluíram não poder existir ali novo povoado, não commoda, nem mesmo mesquinamente.

“Os de S. Miguel procuraram o trato que banhado do Uruguai, termina com o Caldesciano (rio Negro) Podia julgar-se terreno adaptado, e capaz de grandes armentos; mas bem breve o deu a conhecer inaptado, sua grande distancia, onde estavam sujeitos a danos continuos dos Indios; e alem disso ser tão escasso de arvores que em poucos dias faltariam não para fabricar, mas para queimar, pelo que a todos pareceu impossivel transplantar em tal terra uma aldeia que era das mais consideraveis das missões, compreendendo quinhentas familias e vinte mil cabeças de gado.

“Os enviados a conhecer as terras para a população de S. Luis ao Occidente do rio Miriñay, ao primeiro defrontá-las e notá-lo mal abastecido de arvores, alem disso tortas e pequenissimas e vizinhissimas dos infieis Coracci, deram para traz, espantando os seus concidadãos com a difficuldade das fabricas e com o perigo dos armentos, aos quaes embora não faltassem ahi bons pastos, faltariam elles um pouco aos

pastos pela situação do lugar, demasiado accessivel aos Espanhoes e sujeito ás correrias dos idolatras.

“Os habitantes de S. Nicolau nem chegaram a tanto, mas cedo arrependidos da promessa feita, constantemente recusaram deputar quem lhes procurasse nova habitação, protestando que com armas nas mãos defenderiam a patria, nem se separariam della sinão mortos em sua defesa.

“Todo ao contrario, os de São Francisco de Borja estiveram fortes no querer ter por boa a mutação do paiz e expediram a reconhecer onde, junto do Uruguai, terminam os campos de Tupãci, e agradou aquelle sitio e opportuno lhes pareceu”

Não bastaram estes factos, para a annullação do iniquo e deshumano tratado de Madrid; mas julgou-se acertado temporizar. O prazo de um anno para a entrega dos sete povos foi tactitamente prorogado; a demarcação principiou a Este, desde as margens do Oceano.

A primeira conferencia dos régios commissarios Gomes Freire de Andrade por Portugal, Marquez de Valdelirios pela Espanha, realizou-se a 9 de Outubro de 1752. As operações iniciadas correram placidas até Santa Tecla, um pouco ao Norte de Bagé. Ahi appareceram Tapes estranhando a presença dos Portuguezes, oppondo-se á sua passagem, dizendo que as terras eram suas, que as herdaram de seus maiores a quem Deus as dera. Tiveram de retirar-se os commissarios.

A 15 de Julho de 1753, reunidos na ilha de Martin Garcia resolveram Gomes Freire e Valdelirios atacar as missões, si antes de 15 de Agosto não começassem

a mudança. As tropas espanholas deviam ir pelo Uruguai a S. Borja, Gomes Freire apoderar-se de Sant'Angelo. Marcharam ambos; mas as circumstancias correram desfavoraveis e nem um proveito se apurou.

Finalmente em principios de 1756, das cabeceiras do rio Negro seguiram unidos os dois exercitos portuguez e espanhol fortes de 3.000 homens. Os Jesuitas, depois, de hesitar algum tempo, tomaram o partido dos Indios e combateram a seu lado. Entrado o povo de S. Miguel em 17 de Maio, fraca resistencia oppuzeram os outros, que dentro de um mez ficaram subjugados. Um poeta de mais talento que brio commetteu a indignidade de architectar um poema epico sobre esta campanha deploravel.

As missões, destruidas a obra dos Jesuitas <sup>(17)</sup>, ficaram em poder dos Espanhoes até 1801, quando desertores e aventureiros as conquistaram para Portugal. Com a independencia, perdeu-as Portugal e ganhou-as o Brasil. De 1835 a 1845 esteve em poder da chamada republica rio-grandense. A quem ficarão definitivamente? Parece que a uma raça livre de todos os crimes e abominações decorrentes do tratado de 1750. Em muitos breves annos a lingua portugueza de lá terá desaparecido, como já desapareceram o abá-nheen e o castelhano, e a lingua alemã ganhará mais uma conquista para a DEUTSCHTUM, esta patria ideal

---

(17) AUGUSTE DE SAINT HILAIRE, *Voyage à Rio Grande do Sul*, Orléans, 1887. Veja-se p. 344/349, uma conversa do autor com o coronel Paulet, antigo official da marinha, secretario de Manoel Ignacio de Sampaio, no governo do Ceará. A conversa deu-se em S. Borja a 21 de Fevereiro de 1821.

que não depende de fórmulas de governo, de organização territorial, nem de distâncias.

Depois de exgotado todo o mal contido no bojo do tratado de Madrid, annullou-o, cancellou-o, casou-o o tratado de Pardo, de 12 de Fevereiro de 1761, subscripto por D. José da Silva Peçanha, do Conselho de S. M. F., seu embaixador e plenipotenciario na côrte de Madrid, e D. Ricardo Wall, cavalleiro commendador de Peña Uzende da ordem de S. Iago, tenente-general dos exercitos de S. M. C., do seu conselho de estado, seu primeiro secretario de estado e do despacho, secretario interino da guerra e superintendente geral dos Correios e postas dentro e fóra da Espanha <sup>(18)</sup>

Por força do tratado do Pardo a colonia do Sacramento continuou pertencente a Portugal que aliás della não fizera ainda entrega. A 29 de Outubro de 1762 tomou-a D. Pedro de Ceballos ao governador Vicente da Silva Fonseca. Restituída com a paz, novamente, a 31 de Maio de 1777, tomou-a D. Pedro de Ceballos a Francisco José da Rocha. Desta vez incorporou-se definitivamente á banda oriental do Uruguai.

De 1817 a 1828 sob os reinados de D. João VI e D. Pedro I a banda oriental integralizou-se com o reino e imperio do Brasil; mas a 18 de Abril de 1825

---

(18) RIO BRANCO, *Exposição ao presidente dos Estados Unidos*, IV, 71/74. Por erro de revisão o indice dá 1791. Engano peor commetteu HARRISSE, *Diplomatic history of America*, 86, que dá 1761, porém diz que o tratado de 1750 só durou um anno. Oxalá!

trinta e tres patriotas desembarcaram no Uruguai, dispostos a conquistar a independencia de sua terra. A luta durou o resto do anno de 1825, todo 1826, todo 1827, ainda entrou por 1828, graças ao auxilio dos Argentinos, a quem o Brasil declarou guerra. Finalmente pela convenção de 27 de Agosto deste ultimo anno, sob a pressão do embaixador da Inglaterra no Rio de Janeiro, a provincia cisplatina foi declarada independente do Brasil e da Argentina.

Infelizmente D. Pedro I não era homem de largo descortino, e não compreendeu a situação novamente creada. “Nas concessões, diz Roscher, dae antes de mais que de menos, exactamente como o cirurgião de um membro gangrenoso antes corta de mais que de menos” Separada a provincia cisplatina, que ficava significando o Rio Grande do Sul ? Que se lucrava em, derribadas as muralhas de Ilion, guardar o cavallo de Troya ?

A resposta não se fez esperar. Em 1835 rebentou uma revolução que durou dez annos. Desde então ou doutrinario, ou sanguinario, ou pecuario, ou caudatario ou federatario, — as fórmulas variam, o fundo permanece, — grassa o artiguismo além do cabo de Santa Martha. O Doutor Francia pode prender o corpo; mas a alma de José Artigas (chacal conjugado a Moloch) ulula, duente impopular, pela campanha e sobre as coxilhas.

Haveria medico, diz Wilhelm Roscher, incumbido do tratamento de um tísico, que em falta de medicamento efficaz, não querendo ficar sem fazer nada,

cosesse a boca do paciente para impedir os escarros de sangue ?

Si ha !

Desde mais de meio seculo não teem estado outros á cabeceira do enfermo Brasil. <sup>(19)</sup>

---

(19) *Nota da Sociedade Capistrano de Abreu — O Dicionario Enciclopedico do Rio Grande do Sul, fasc. I, Julho 1936, 1.º Vol., no verbete João Capistrano de Abreu á pag. 31, publica o seguinte: “Eru-dito como poucos, tendo um criterio admiravel para tratar as subtilezas da Historia, Capistrano foi, naturalmente, o continuador de Porto Seguro nas pesquisas documentaes e publicação de varios codices antigos que divulgou. Não obstante ter visto o Rio Grande sob um prisma menos exacto, Capistrano, depois que veiu a este Estado, modificou completamente a opinião que formára, inserta no Prologo da Nova Colonia do Sacramento.”*

## NOTA A

Da gazeta alemã, a que devemos as únicas notícias existentes sobre a armada de D. Nuno Manoel, deu primeira noticia Humboldt no *Examen critique de l'histoire de la géographie du nouveau continent*, V, 239. Só se conhecia um exemplar pertencente á bibliotheca de Dresda; depois appareceram dez, correspondentes a tres edições, e mais uma copia manuscripta, encontrada por Konrad Haebler nos archivos da historica familia Fugger.

Humboldt explicou a gazeta por uma viagem feita ao estreito de Magalhães entre 1525 e 1540; Varnhagen, das tres vezes que della se occupou, fixou-lhe a data entre 1503 e 1508; Sophus Ruge entre 1511 e 1515; o autor destas linhas, num folheto sobre a armada de D. Nuno Manoel, entre 1505 e 1506; a resultados semelhantes chegou Franz Wieser em sua admiravel monographia sobre o estreito de Magalhães e o continente austral. A questão encerrou-se com a copia manuscripta achada por Haebler, na qual se lê a data de 1514. A copia de Haebler, que fixa tambem o logar em que foi escripta, traz o seguinte titulo (traduzido): *gazeta ou noticia que trouxe um navio que partiu de Portugal para descobrir a terra do Brasil mais longe do que antes delle se sabia e na volta veiu á ilha da Madeira, escripta de um bom amigo da Madeira para Antuerpia.*

A gazeta, escripta em bavaro com algumas assonancias suabicas, segundo Wieser, é de interpretação muito difficil. A seguinte não passa de uma tentativa frustranea para abra-sileira-la. O texto seguido é o que dá Wieser (*Magalhães-Strasse und Austral-continent auf den Globen des Johannes*

*Schoener*, 99/107, Innsbruck, 1881) com algumas modificações introduzidas por Haebler :

“Item : sabei que a 12 do mez de Outubro de 1514 (Haebler) chegou aqui do Brasil um navio por falta de victualhas, que dom Nuno, Christovão de Haro e outros armaram. São dois os navios, com licença del rei de Portugal para descrever a terra do Brasil e descreveram a terra mais seiscentas ou setecentas leguas do que antes se sabia, e navegaram Norte-Sul na altura do cabo de Boa Esperança e ainda mais um grau, e quando chegaram áquelle clima, isto é, aos 40°, viram que o Brasil termina em um cabo. E navegaram á volta do mesmo cabo e encontraram um golfão que como a Europa corre Poente a Levante; depois viram terra tambem de outro lado quando navegaram sessenta milhas á volta do cabo, do mesmo modo que quem navega para Levante e para o estreito de Gibilterra e vê a terra de Barberia. E quando deram volta ao cabo e navegaram para NW, ahi foi o temporal tão grande e o vento que não puderam navegar mais para adiante. Ahi foram levados pela tormenta (Haebler) outra vez para o outro lado e tiveram de navegar para a costa do Brasil.

O piloto que navegou com este navio é meu muito bom amigo, é o mais afamado que tem el-rei de Portugal, esteve em algumas viagens da India, e diz e pensa que de tal cabo ou começo do Brasil não ha mais de seiscentas leguas para Malaca; pensa tambem que em pouco tempo com tal viagem se irá e tornará de Lisboa e Malaca, donde advirá com a especiaria grande auxilio a el-rei de Portugal. Acham tambem que a terra do Brasil continua até Malaca.

E quando navegando a Oeste chegaram outra vez á costa do Brasil, acharam muitos bons rios e portos, semelhantes aos detraz, bem povoados, e dizem que quanto mais para o cabo tanto melhor a gente, com boa maneira e indole dura, não ha nelles nem um abuso si não que cada logar faz guerra ao

outro; não se comem, porem, uns a outros como no Brasil inferior (isto é, das baixas latitudes), matam-se e não fazem prisioneiros. Dizem que o povo é de muito boa e livre condição.

O povo naquella costa não tem leis, não tem reis, porem honram os velhos e lhes obedecem como no Brasil inferior. E' povo differente, pois falam outra lingua. Tem tambem na mesma costa lembrança de São Thomé, quizeram mostrar aos Portuguezes suas pegádas e a cruz pela terra dentro, e quando falam de São Thomé dizem que é um deus pequeno, mas que ha outro deus maior. E' bem crível que tenham lembrança de São Thomé, pois é sabido que está enterrado por traz de Malaca, na costa de Siramath, no golfão de Celon. No paiz chamam tambem a seus filhos Thomé.

No interior do paiz ha tambem grandes montanhas, dizem que em alguns logares nunca desaparece a neve, como informa a gente da terra. Estiveram em alguns portos onde encontraram muitas pelles, numerosas e raras, de que a gente se veste, encabelladas por não saber prepara-las. São pelles de leões e leopardos de que existem muitos na terra, lynces e gatos bravos como se vê na Espanha e pequenas pelles como a de lynce; o pello é magnifico, e a pelle fina como o de uma marta. As grandes pelles de leopardos e lynce cortam para dellas fazer cintas, de largura de um palmo. Têm tambem muitas lontras e castores, signal de que a terra tem grandes aguas correntes. Têm tambem um cinto de pelle que me é desconhecida. A dita pelle e outra comprei para mim, mas não são muitas, pois não trouxeram sommas destas pelles encabelladas; dizem que as não procuraram, porque as consideravam sem valor. Dizem que o outro navio que ficou atraz conduz muitas destas pelles e muitas outras coisas, pois carregou mais tempo: está nelle o capitão dos dois navios.

Entre outras coisas comprei tres peças de pelles cosidas juntas, todas tres bastam para forrar um gibão, de que os Portuguezes não fizeram caso; no paiz cobrem-se com ellas,

como entre nós a gente se cobre com pelles de lobo. E' realmente em si um magnifico forro. As pelles são tamanhas como a de um texugo e têm côr como de veado. Na pelle encabellada ha lã, tem cabellos compridos e agudos, algum tanto espessos do mesmo modo que uma zibelina, por dentro é macia como a de marta. A pelle de per si tem bom cheiro.

A terra tem tambem admiraveis e numerosos fructos e bons e differentes dos que temos em nossa terra. Acharam tambem na terra canafistola, da grossura de um braço grosso. Tem tambem mel, cera, muita gomma semelhante a therebentina, e muitas e muitas qualidades de aves, de pés cabelludos.

Sua arma é o arco, da mesma maneira que é usado no Brasil inferior. Não têm mina de ferro, dão por um machado e faca o que têm, como é costume no Brasil inferior. Tem tambem na terra uma sorte de especiaria, que arde na lingua como pimenta e ainda mais; cresce numa vagem com muitos carocinhos dentro, o grão é branco, do tamanho de um medronho.

Sabei tambem que a duzentas milhas do cabo contra nós estiveram em um porto e rio, onde acharam signaes de muita prata e ouro e cobre que ha dentro da terra. Dizem que o capitão do outro navio traz a el-rei de Portugal um machado de prata, semelhante aos seus machados de pedra. Trazem tambem um metal que dizem parecer estanho e não recebe ferrugem nem corrupção, não se sabe se é ouro baixo ou que é<sup>(1)</sup>.

No mesmo logar á beira-mar souberam do mesmo povo noticia de que pela terra dentro ha um povo serrano, tem muito ouro, traz ouro batido fino á maneira de arnez na fronte e adiante no peito. O capitão traz tambem um homem da mesma terra que quiz ver el-rei de Portugal. Elle diz que quer

---

(1) A este metal semelhante ouro chama-se em Minas Geraes e Guaiaz *Ogó*; os Espanhoes chamavam-lhe *Guanines*. (Cf. Medina, *Juan Dias de Solís*, Doc. 50, Valentini, l. c.).

dar e mostrar tanto ouro e prata que está na terra que seus navios não podem carregar. As gentes no mesmo lugar dizem que em certos tempos vão lá outros navios, trazem roupas como nós. Os Portuguezes dizem que são Francezes, segundo as noticias do povo. E têm também barba, quasi todos vermelha. E os honrados Portuguezes dizem que são Chins. Seja o que for, a verdade é que em Malaca a prata e o cobre é mais barato que em nossa terra.

Assim tendes a gazeta das noticias. O navio sob a coberta está carregado de pau brasil, e na coberta cheio de rapazes e raparigas compradas. Pouco custaram aos Portuguezes, pois a maior parte vieram por sua livre vontade, pois o povo de lá pensa que seus filhos vão para a terra promettida. Dizem também que o povo naquelle logar alcança os cento e quarenta annos.”

Esta gazeta foi traduzida pela primeira vez por Ternaux-Compans, nos *Archives de voyage*, II, 306/309. Provavelmente da tradução de Ternaux-Compans colheu Varnhagen os extractos que dá na sua *Historia geral*, 87/89.

Antes destes, Johannes Schoener em 1515 metterá-se a traduzi-la, mas umas coisas interpretou erradas, como as que se referem ao Brasil inferior, que o autor da gazeta naturalmente entendia o das baixas latitudes e Schoener entendeu a terra além de 40° S; com outras não se animou a arcar, embora fossem importantes para o assumpto que o occupava.

Eis os trechos traduzidos por Schoener e reproduzidos no livro de Franz Wieser:

A capite bonae spei (quod Itali Capo de bona speranza vocitant) parum distat.

Circumnavigaverunt itaque Portugalienses eam regionem, et comperierunt illum transitum fere conformem nostrae Europae (quam nos incolimus) et lateraliter infra orientem et occidentem situm. Ex altero insuper latere etiam terra visa

est, et penes caput hujus regionis circa miliaria 60, eo videlicet modo: ac si quis navigaret orientem versus, et transitum sive strictum Gibel terrae aut Sibiliae navigaret, et Barbariam, hoc est Mauretanium in Aphrica intueretur: ut ostendet Globus noster versus polum antarcticum.

Insuper modica est distantia ab hac Brasiliae regione ad Mallaquam, ubi Sanctus Thomas apostolus martyrio coronatus.

Sunt in hac regione loca montosa valde, et in quibusdam hisce locis nix toto anno nunquam dissolvitur. His in locis animalia comperiuntur plura et nobis incognita. Accolae etiam eorum locorum pellibus animalium praeciosius, nedum paratis (quia praeparandi modum ignorant) se vestiunt, ut sunt pelles Leonum, Leopardorum, Castorum, etc.

Abundat itaque plurimum haec regio fructibus optimis, etiam nobis ignotis. Reperitur ibidem Cassia fistula ad brachii unius magnitudinem. Similiter mel et cera. Similiter una gumma consimilis Therebentinae. Sunt ibidem mirandae variorumque generum volucres, pilatos habentes pedes. Utuntur homines his in locis pro armatura arcubus sagittariis: ferro et ferramentis similiter carent. Pro machinis siquidem feratis plura bona et preciosa expendunt. Semen quoddam habent ad quantitatem Pisae, in capsulis etiam ut Pisae nascens, plurium granorum, linguae mordicativum ac ustivum vti Piper.

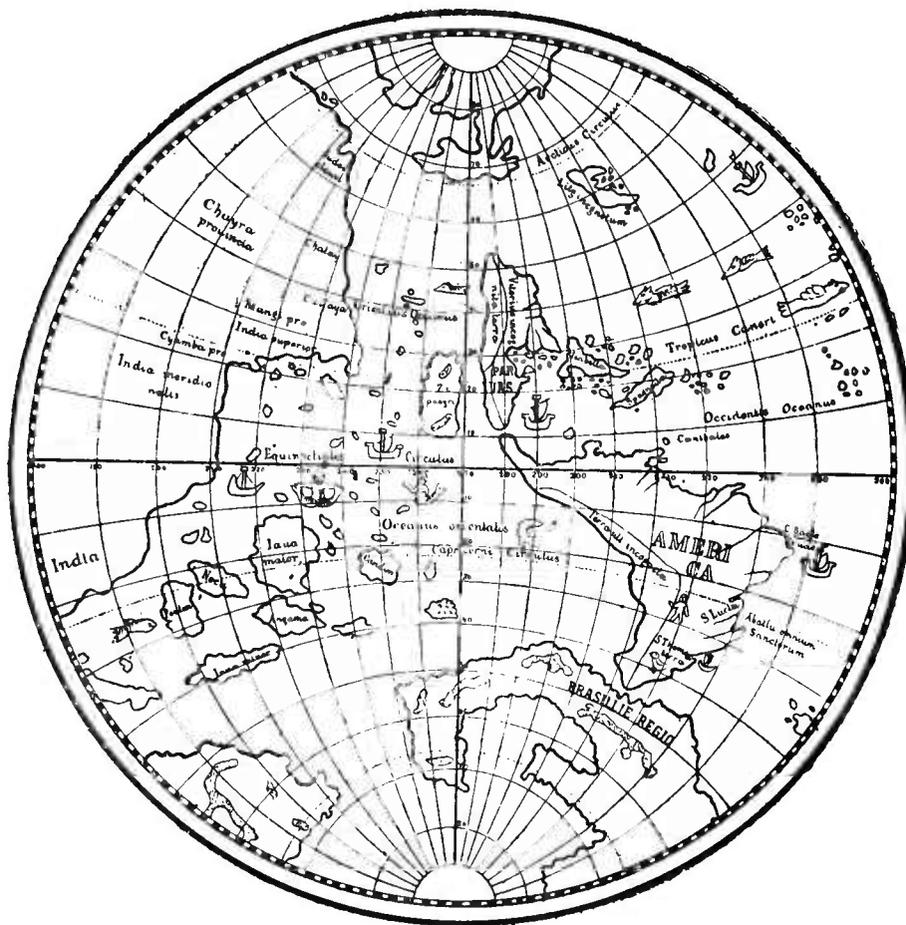
Comperitur ibidem magna Auri, argenti cuprique copia. Securibus utunter lapideis.

In hac regione ultro populus est, qui montana inhabitat, auro abundantes. Laminas quoque aureas (vti nostri armigeri ferreas Thoraces) in frontibus et pectoribus deferunt.

Hanc regionem Serenissimus Portugaliae rex perquiri fecit. Et supervivunt homines eiusce loci communiter ad annos centum et quadraginta. —

Além de traduzi-la, Johannes Schoener, fundado nella, figurou em seu globo o que chamamos a America do Sul. Da-

mos nesta mesma pagina este precioso documento geographico, tal qual o reproduz Wieser em sua inexgotavel monographia.



Globus des Johannes Schöner  
aus dem Jahre 1515.

Pensava-se geralmente que a gazeta fora escripta em italiano e depois traduzida em alemão; o numero de termos italianos usados, e depois explicados em alemão, parecia suffra-

gar esta opinião. Haebler refuta esta hypothese por motivos que parecem plausiveis.

No seguinte texto, reproduzido de Wieser, vae entre parenthesis a explicação alemã dos trechos italianos.

*Copia der Newen Zeitung auss Presillg Landt*

*Item wist das auff den Zwelfften tag des Monadts Octobers Ein Schiff auss Presillg landt hye an ist kummen vmb geprech der Victualia, So dañ Nono vñ Cristoffel de Haro vnd andere gearmirt (oder gerüst haben). Der Schiff sein Zway, durch des konigs von Portugal erlaubnuss vmb das Presillg landt zubeschreiben oder zu erfahren Vnd haben das Landt in Sechs oder Syben hundert meyll weyt deschribiert, dann man das vor wissen hat gehabt. Vnnd da sie kommen sein ad Capo de bona sperantza, (das ist ein spitz oder ort so in das meer get), gleich der Nort Assril, vnd noch ein grad höher oder weyter. Vñ do sie in solche Clima (oder gegent) kömen sein Nemlich in Viertzig grad hoch, Haben sie das Presill mit ainem Capo, das ist die spitz oder ein ort, so in das mer get, funden. Vñ haben den selbigen Capo vmbseylet oder vmbfaren, vñ gefundē, das der selb Capo gleich ist gangen wie Europa leynt mit dem Syt ponente leuante, (das ist gelegēheynt zwischen dem auffgangk oder Ost, vnd nydergangk oder West), Dann sie haben auff der annderen seyten auch die landt gesehen, Als sie bey Sechtzig meyllen vmb den Capo kommē sein, zu gleicher weiss als weñ ainer in Leuanten fert, vnd die skritta (sic) de gibilterra passiert, (das ist, furfert, oder hyndurch einfart), vnd das landt von Barbaria sicht. Vnd als sie vmb den Capo kumen (sic) sein, wie gemelt ist, vnd gegen vns Nordwestwertz geseylet oder gefaren haben. Do ist vngewitter so gross worden, auch windt gewesen, das sie nicht weyter haben kunnen saylen, oder faren. Do haben sie durch Tramōtana, (das ist Nort, oder mitternacht), wider her vmb auff die annder seyten vnd Costa, (das ist landt),*

von Presill müssen faren. Der Piloto, (das ist der schiffuerer, oder Schiflayter), So mit dysem Schiff gefaren ist, ist mein fast güt frewndt. Ist auch der berümbtest so in der konig von Portugal hat. Ist auch etlich Rayss in India gewesen, der sagt mir vnd vermayndt, das von sollichem Cabo dye Presill, (das ist ein anfangk des Presill landt), vber Sechshundert meyl gen Malaqua nit sey. Vermayndt auch in kurtzer zeyt durch so (Zweite Textseite) lichen Viagio, (das ist weg oder rayss), von Lisibona gen Malaqua zufaren vnd widerumb kūmen, das dem kunig von Portugal mit der Speerey ein grosse hilff wirdt pringen. Sie finden auch das das landt vō Presill hynumb get byss gen Malaqua. Und als sie wider auff die Costa (oder seyten) von Presill wider Westwertz kūmen sein, haben sie wil gueter Rio, (das ist flüss) vñ porten gefunden, dessgleichen am hyndan faren. Als wol gepopolirt, (das ist vol volcks, oder ser wonhafft), vnd sagen ye mer gegen Cabo, ye pesser volck sey, mit güter weyss, erbers wesens, haben in jn gar keyn missprauch, dann das ain ort mit dem andern kriegt. Essen aber nit an einander, wie in dem vndtern Presill landt. Schlagen aber an einander zu todt, nemen keynen gefangen. Sagen das volck sey fast von güter freyer Condicion, (das ist güter Art). Das volck hat auch auff sollicher costa (oder seyten), keyn leze, (das ist gesetz), noch kunig, dann das sie die alten vndter jnen eren, vnd den selbigen folgen, Zu gleicher weyss als in dem vndtern Presill landt. Ist auch als ein volck, dann das sie ein andere sprach haben. Sye haben auch auff der selbigen Costa (oder lanndt) gedechtnuss von sant Thomas, Sye haben auch den Portugalesern die schrit im landt dynnen wöllen zaygen, Zaygen auch an das Creütz im lanndt dynnen steen. Vnd wann sie von sant Thomas reden, So sagen sie er sey der kleyn got. Doch es sey ein ander gót der grösser sey. Es ist wol zuglauben, das sie gedechtnüss von sant Thoma haben, dann wissentlich ist, das sant Thomas hyndter Malaqua leibhefftig leyt, auf der Cost Siramael, im Golffo de Celon. Sie haissen auch im landt Ire kynder fast Thomas. Im

landt dynnen hat es gross pyrgk, Sagen an etlichen orten nymer der schne darab kueme, als sie vom landt volck bericht werden. Sye sein in etlichen Porten gewesen, do sie vil vnd mancherlay seltzamer fell von wilden thieren funden haben, So die lewt also rauch an tragē vber die plossen hewt, wissen die nit zuberayten. Nemlich fel vō Leen vnd Leoparden, der selben vil im landt do sein, Lux auch Genet, so man in Hispania fecht, auch kleyne fell, wie die Geneten sehen, vnd sein trefft wie ein Lux, wann sye sein fast kostlich (Dritte Textseite) von haren, vnd dunn von fell, gleich wie ein Mader. Die grossen fell von den Leoparden vnd Luxen zerschneyden sie vñ machen gürtel darauss, ainer spann prayt. Sie haben auch vil Otter vnd Pyber, das ain zaichen ist, das das landt gross fliessent wasser hat. Sie haben auch gürtel von felen die mir vnbekant sein. Vorgemelter fell, vñ in mer manyr oder weyss rauhe war hab ich fur mich gekaufft, doch nit vil, dann sie keyn Summa vō solcher raucher pellaterey pracht haben, sie sagen haben nit darnach gestellt, dann sie es fur nicht geacht haben. Sye sagen das das ander Schiff so noch do hynden sey, pring vil solcher fell vnd mancherlay ding, dan es lenger geladen hat. Ist auch der haubtman von den zweyen Schiffen. Ist hab auch vndter andern dingen drey stuck von etlichen fellen zusammen genedt kaufft, sein fast alle drey so gross vndter ein rock zufutern, haben die Portugaleser für nicht geacht, sie deckēs im landt vber sich, ist zu gleicher weyss zusammen genet als man bey vns dye wolffs deck macht. Es ist fur war ein kostlichs fuetter an im selbs. Die fell sein als gross an in selbs als ein Dachs, vnd haben farb als ein hyrsch. Ist auff dem fell fast rauch vō wollen, hat lang spitzige har, etwas dick, zu gleicher weyss wie ein Zobel. Das fel ist inen leicht wie ein Mader. Das fel an im selbs schmeckt auss der massen wol. Das landt hat auch wunderbarlich vil frucht, vñ die güt, vnd als ander frucht, dan wie wirs in vnnsern landen haben Haben auch gefunden in dem landt Cāna (sic) fistola, in der gröss eines arms gross. Habē auch hönig wachs, ein Gūmi (sic) vñ des vil, geleich wie

Gloret, vil vñ mancherlay gefögels, Rauch von fuessen. Ir were ist mit hanndtpogen, zu gleicher weyss wie in dem vndtern Presill landt der prauch ist. Haben keyn eysenpergk, geben vmb ein Axt oder peyhell vnd messer was sie habē wie dan in dem vndtern Presill landt der geprauch ist. Sie haben auch im landt ein sort Specerei, Prent auf der zungen wie pfeffer, noch resser, wechst in ainem Schelflein mit vil kornlein darnnen es wechst. Ist das Gran (oder korn) zu gleicher weyss als gross als ein arbayss. Ir solt auch wissen, das sie genügsam anzaygung pringen, das sie vō Cabo, wie gemelt ist, gegen vns (Vierte Textseite) bey Zway hundert meyll sein, daselbst in ainer port vnd fluss gewesen sein, do haben sie anzaygen von vil Sylber vñ gold, auch [k]upffer, so im lanndt dynnen ist. Sie sagen das der Hauptma von dem anndern Schiff dem kunig von Portugal ein Sylbere Axt oder peyhel bring, zu gleicher weyss wie Ir Axt von staynen sein. Bringt im auch ein metal, sagen sehe wie messing, vnd emtpahe keyn Rost noch verletzung, wissen nicht ob es nyder Goldt ist oder was est ist. Sie haben auch an dem selben ort an der See erkandt von dem selbigen volck ein anzaygung das im landt dynnen ein pyrg volck sey, hab vill golds, trag das gold duñ geschlagen, zugleich weyss wie harnisch an der styren, vñ forn an der prust. Der Hauptma pringt auch einen man von des elbigen landt, der hat den kunig von Portugal ye sehen wöllen. Der sagt er wöll dem konig von Portugal so vil golds vnd Sylber anzaygen geben, das im Landt sey, das seine Schiff nit furen mögen. Die lewt an dem selbigen ort sagen auch das zu zeiten anndere Schiff auch dar kumen, tragen klayder an als wir. Die Portugaleser sagen als die Frantzosen, nach des volcks anzaygen. Vnd haben auch pert, fast all Rot. Vnd wollen die Ersamen Portugaleser sagē, es seien Gezyner, so gen Malaqua navigieren, gey im ein anzaygung, das es war sey, Demnach wissend ist in Malaqua das Sylber vñ kupffer besser kauff ist dan in vnsern landē. Also habt ir die Newen zeyttung. Das Schiff vndter der Coperta ist mit Presil holtz geladē, ob der Coperta voller erkaufften

Iungen knaben vnd maydlen, haben die Portugaleser wenig kost, dann sie das merer tayl mit freyem willen geben sein worden. Dann das volck alda vermayndt Ire kynder farn in das gelobt landt. Sie sagen auch das volck an dem selbigen ort werdt biss in Hundert vnd Viertzig Iar alt.

## NOTA B

Ha alguns annos, escrevia o autor destas linhas em uma nota á *Historia do Brasil* de Fr. Vicente do Salvador :

“A questão de Christovam Jaques não póde tratar-se sinão ligeiramente em uma nota.

“Sabemos por Fr. Luis de Sousa (*Ann. de D. João III*, pag. 178) que elle foi mandado em 1526; por um documento publicado por Porto Seguro (*Historia*, pag. 105), que elle só partiu depois de 5 de Julho; e pelas cartas de D. Rodrigo d’Acuña (Navarrete, *Collec.*, III, pag. 224-240), que só chegou a Pernambuco em principios de 1527

“Sabemos pela carta de doação de Pero Lopes, que Christovam Jaques fundou uma feitoria em Pernambuco (Fr. Gaspar, *Memorias de S. Vicente*, pag. 149); pela carta de Luiz Ramirez (*Rev. do Inst.*, XV. pag. 16), que esta feitoria já estava fundada em começos de Junho de 1526; que em 19 de Outubro já se sabia na ilha de Santa Catharina, de uma armada portugueza, que estivera pelo rio da Prata (*ibidem*, pag. 20), que esta armada tivera por capitão Christovam Jaques (pag. 37).

“Como conciliar estas contradicções ?

“Só ha um meio: é admittir duas viagens: a de 1526/1528 é tão certa, que não admitte discussão; mas a outra não o é menos á vista do testemunho de Ramirez. Admittido mesmo que a feitoria de que dá noticia Luiz Ramirez, no mez de Junho, não era a fundada por Christovam Jaques, pois que este em Julho ainda estava em Portugal; ainda teremos de expli-

car como de 5 de Julho a 19 de Outubro elle pôde ir de Lisboa ao rio da Prata e voltar para o Norte.

“Sem duvida a rapidez não é em si grande objecção, porque, embora a média de uma viagem de Lisboa ao cabo de Santo Agostinho fosse então de 50 dias, podia haver circumstanças especiaes.

“Effectivamente as houve, mas especialmente desfavoraveis.

“Ramirez, por causa do tempo, conservou-se em Pernambuco desde 5 de Junho até 29 de Setembro “sin tenir una ora de tiempo para poder salir”; deste dia a 13 de Outubro, o tempo foi ora favoravel, ora não; a 13 houve tempestade horrivel e cerração e só a 14 é que se declarou o bom tempo.

“Não é só isto: sabemos que em 19 de Outubro, Christovam Jaques já passara de Santa Catharina, pois que ali já conheciam os seus feitos. E de Santa Catharina que rumo tomou? Ramirez vinha do Norte e não o encontrou; Diogo Garcia vinha do Norte e tambem não o encontrou.

“Para o Sul elle não tinha ido, pois de lá viera. Nem para a Europa, igualmente, pois a sua commissão devia durar dois annos, a contar do dia em que chegasse ao Brasil. Que rumo teria tomado?

“Com a hypothese de duas viagens a questão se simplifica. Quando teria tido, porém, logar a primeira? Diz-nos Ramirez, que Christovam Jaques levou por linguas a subir o Prata uns espanhoes, que tinham ficado da expedição de Solis, — o que fixa como *termino a quo* o anno de 1516; diz-nos Fr. Luis de Sousa que a armada de 1526 foi a primeira que D. João III mandou ao Brasil, o que fixa como *terminum ad quem* o anno de 1521. A expedição foi, portanto, entre 1516 e 1521.

“Quem sabe si esta armada não seria disposta por causa de Fernão de Magalhães, isto é, por 1519? O receio que os Espanhoes sentiram em 1527, julgando que fosse de Christovam Jaques uma armada de que havia noticia na foz do rio da Prata, explica-se facilmente pelas instrucções que traria e ameaças que faria então.

“Com estas duas viagens desaparecem as contradicções.

“Na primeira Christovam Jaques fundou uma feitoria em Pernambuco e foi até o rio da Prata; as suas instrucções deviam ser contra os Espanhoes.

“Na segunda foi que elle fez a guerra activissima aos Francezes.

“Temos documentos a respeito de um destes feitos, que se passou com os navios (tres, um de 80 tonel., dois de 140), de Jan Kertrugar, Francisco Gueret, Mathurin Tournemouche, João Bueau e João Janet. Quando estavam negociando em um porto, carregando de pau brasil e animaes, chegou “certo numero grande de gente portugueza... estando em quatro caravellas ou barcas latinas do dito Rei de Portugal equipadas e armadas em guerra para acommetter, offender, desbaratar e destruir nossos ditos subditos por mandado expresso de... El-Rei de Portugal...; vieram commetter e investir os navios dos ditos supplicantes e a gente que nelles estava atirando todo o dia muitos tiros d’artilharia contra os ditos navios e gente dos ditos supplicantes, mataram-lhe os pilotos e muita gente dos navios... arrombaram e quebraram os ditos navios por tal maneira que se iam quasi ao fundo, o que vendo alguns dos nossos subditos se sahiram á terra e se metteram nas mãos dos selvagens e gente que na dita terra do Brasil estava antes; outros dos nossos ditos subditos se metteram nas mãos e mercê dos ditos Portuguezes, esperando ser delles melhor tratados; porém elles ditos Portuguezes enforcaram alguns dos nossos ditos subditos, os outros metteram e enterraram em terra até os hombros e o rosto e depois os martyrisaram e mataram cruelmente ás setadas e tiros d’espingardas, tomaram e roubaram seus navios, bens e mercadorias.” (Cop. Mss. da Bib. Nac. do Doc. 30, Maço 41, Parte 1.<sup>a</sup> da Torre do Tombo)

“Nesta segunda vieram commandando navios Gaspar Correia e Diogo Leite. Segundo se deduz da carta deste (*Rev. Inst.*, VI, p. 222) a armada devia demorar por dois annos depois que aqui chegasse; mas o certo é que já a 26 de

Outubro de 1528 o capitão-mor era Antonio Ribeiro (Navarrete, V, p. 314). Seria isto resultado das queixas de D. Rodrigo e das reclamações francezas ?

“Christovam Jaques foi o primeiro a ter a idéa de povoar o Brasil, offerecendo-se em 1530 para introduzir mil colonos, como diz Gouveia em sua carta de Rouen, 29 de Fev. de 1533, a D. João III. (Mss. do Inst. Hist., Doc. 170, f. 189 v.).

“Entretanto, o seu offerecimento não foi aceito, nem o seu nome figura entre os dos donatarios, ou porque não parecesse satisfatorio o desempenho que deu da commissão, sobre o qual ha indicios de muitas queixas, fundadas ou não; ou por qualquer outro motivo não conhecido, e que teria antes valor biographico do que historico.

“Em 1551 estava de partida para o Brasil o navio de Manoel Jaques, talvez seu parente, que depois foi ferido na Bahia, em um dos combates em que entrou com D. Alvaro da Costa. (Porto Seguro, *Historia*, p. 269) ”

Destas ideias julgou-se ver a prova na carta de Çuniga, publicada no livro de José Toribio Medina e reproduzida na parte essencial em pagina precedente.

O Dr. Zeferino Candido, em seu importante livro intitulado *Brazil* (sic!), e publicado pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro para celebrar o quarto centenario do descobrimento do Brasil, é de opinião contraria.

Não seria difficil responder ás suas objecções; mas não é este o ensejo proprio para abrir a questão. Mesmo porque faltam aqui no Rio a obra ingleza de HARRISSE sobre João e Sebastião Cabot, a de MADERO sobre o porto de Buenos Aires, a de MEDINA sobre Sebastião Cabot. Esta parece que ainda não está publicada. (1900).

## NOTA C

*Roteiro por onde se deve governar quem sair por terra da  
colonia do Sacramento para o Rio de Janeiro  
ou villa de Santos*

Sahindo da povoação da colonia se buscará o caminho do Norte, que por vinte e tres dias se seguirá, e andarão dois a dois com as espingardas sempre na mão e promptas por causa das onças, passando a noite em quartos e cuidadosa vigia com fogo ao pé.

Nesta forma se continuará a viagem por espaço de vinte e tres dias, no fim dos quaes se chega á serra de Maldonado, gastando na sua passagem oito dias sem receio de suas cavidades, não largando o rumo; e si nos ditos dias se não avistar a costa ou lagoa de Castilhos, se seguirá o caminho de Leste a buscar a dita costa; tanto que se der com a lagoa de Castilhos se andaré á roda della, até se tornar a tomar e buscar e meter na praia que nunca mais se largará até dar em povoado.

Em todo este caminho é conveniente não penetrar o mato mais do que para apanhar caça, e pela praia se pesca na roda da maré, metendo pela agua até ao joelho, ou botando linha com isca de marisco, que se tem na meia praia levantando-se a arêa até profundar um palmo, e com o que d'ahi tira, cae muito peixe. Aqui em Castilhos faça cada um cinco ou seis braças de pasca para amarrar as mochilas e jangadas, fazendo provimento de carne de vaca, por que dahi para diante não a ha.

De Castilhos até o rio Grande se gastam quinze dias, e tanto que se tiverem andado tres ou quatro de Castilhos, se avista um lago que vae costeando a costa e vae fazer barra no rio Grande. Chegando á dita barra rio acima, obra de meia legua por baixo da dita lagoa, faz a barra onde se vê uma cruz que tem a era do tempo em que nós passamos e abaixo tem o porto onde nós fizemos aguada que é acima da barra do rio Grande meia legua.

Neste porto é necessario passar em jangada, que se ha de fazer em occasião de reponta da maré. E a jangada se fará de espinho branco pela forma seguinte: Buscar-se-ha por aquelle mato madeira de espinho secca para as estivas que se juntarão, e os tres paus para a estiva pouco importa que sejam verdes. Hão de estes ter quinze até dezoito palmos de comprimento, far-lhe-hão duas faces, uma para baixo outra para cima. Por cima desta estiva se fará outra de madeira com travessas lançadas e amarradas umas ás outras; por cima de ambas as estivas se lançarão dois paus, um por cada lado, que servem de talabardões para se armarem os remos, cujos paus serão grossos e seccos, os remos serão de boga e de espinho branco verde que é mais forte e não falta; por-lhe-ão quatro remos, dois por banda, e a jangada tem quinze ou dezeseis palmos de comprimento, e d'ahi para cima conforme a quantidade de gente que houver de passar, por que esta medida é para seis passageiros.

Passado o rio Grande se seguirá jornada sempre pela praia até chegar ao rio a que chamam Taramandabum <sup>(1)</sup>, o qual se passa a vau com agua pela cinta em maré vasia, e pelo mesmo se vae continuando o caminho até chegar ao rio Iboipitiuhi <sup>(2)</sup>, que com maré vasia se passa tambem a vau com agua pela cinta; e segue-se a jornada até chegar ao terceiro que é o Araraga que se passará em jangada por cima da barra, onde se acha lenha secca para se fazer, que o mesmo rio expulsa. Segue-se o quarto que é o Arangagá <sup>(3)</sup>, que se passa em jangada junto da barra e é o ultimo.

Passado este e andando meia legua se entrará pelo certão, e na cabeceira duma lagoa pequena, onde se não pode bem revolver o peixe, e se pode apanhar quanto quizerem.

Passada esta se acha logo rasto de gado, e povoado, que dista do ultimo rio tres dias de jornada andando pouco; na primeira ponta de pedra que se avistar junto da praia, a que chamam os morros de Santa Martha, se entrará para dentro,

---

(1) Tramandahi.

(2) Mampituba.

(3) Araranguá.

e pelo rasto do gado se vae dar ao povoado e logo se acharão cavallos e ovelhas do capitão Domingos de Brito, que é o povoador desta terra.

Nesta viagem gastei da Colonia até Castilhos vinte e quatro dias; destes ao rio Grande dezeseis; deste ao povoado trinta, que por todos são setenta, todos de jornada, e os que faltam para os quatro mezes, que me demorei, estivemos parados em ranchos pelas muitas chuvas nos impedirem o seguir jornada.

Advirto que o rio Grande á vista do que se diz delle é uma droga; por que nos assim que a elle chegamos, estavamos vendo os lobos sahir para a praia e tornarem a meter-se no rio. Este é muito estreito e o passei em meia hora.

De Castilhos para diante não faltam porcos, cervos e veados pelas campanhas. Aos cervos se deve atirar com bala; aos porcos e veados basta munição grossa. Tambem não faltam passaros pela praia. Advirto mais que passados tres ou quatro dias de viagem de Castilhos se encontram os barrancos altos de barro vermelho, onde ha muitos veados e será conveniente matar alguns para fazer provimento de carne para alguns dias; porque daqui para diante os que apparecem esperam pouco o tiro.

Pelas margens do rio Grande ha muita caça de porcos e outros animaes e passaros que se podem matar e fazer provimento. Com esta prevenção nunca na minha jornada faltou carne, nem se soube que cousa foi fome, que outros experimentam por sua culpa.

Quem quizer emprehender esta viagem ha de prevenir-se com o que eu aqui pondero, si a quizer fazer sem trabalho; por que eu como experimentado posso aconselhar, e o mais pelo que observei, são necessarios para a jornada dois ou tres cães bons, tres espingardas bem experimentadas, e municia-das, suas catanas ou facas de mato, e a matalotagem que cada um puder.

(Foi feito este roteiro por Domingos da Filgueira em 1703)



## PHASES DO SEGUNDO IMPERIO

Estudo publicado no "O Jornal" de 2 de Dezembro de 1925.

## PHASES DO SEGUNDO IMPERIO

Mais de uma pessoa ouviu a Dom Pedro I que a abdicação do throno e a retirada para o velho mundo dependeram só de sua vontade. De facto, o movimento de 7 de abril não alvejou directamente o imperante. Com o apoio efficaz de grande maioria da força armada podia contar. O alvoroço da rua serenaria, substituido o ministerio obnoxio. Ceder não importaria desfalque de autoridade ou mingua de prestigio.

Preferiu partir porque não se sentia bem. A popularidade adquirida em fevereiro de 1821 transformara-se na frieza da gente mineira, nas garrafadas cariocas. Os antigos adversarios repimpavam-se nas posições, defendidas pelos amigos dos tempos difficeis, desgostosos ou escorraçados. Sangrava a independencia da Cisplatina, humilhação suprema. Doía a memoria da Confederação do Equador. Na Europa irrompera a era das revoluções; acenavam-lhe da península destinos talvez mais brilhantes. A bella Imperatriz, rosa a que jurara amor e fidelidade, abafava na capital barbara e immunda, tropeçando a cada passo nos vestigios flagrantés da marquezia fatal; esta, expulsa brutalmente, segundo estipulações que precederam o casamento, podia voltar de novo, como já succedera de outra vez.

O fundador do imperio preferiu partir, deixando aluido o solio, e filhos impuberes confiados a José Bonifacio, como tutor. Nem um passo podia dar mais

acertado no interesse da dynastia. De um só golpe redimiam-se todos os erros e todas as culpas do reinado. O joven herdeiro, tornado orphão da nação, apparecia á luz mystica do direito divino, que aos monarchas de certos paizes conferia o poder de crearem alporcas, e remanesca no beija-mão de Portugal.

De repente, o Brasil inteiro estrebuxou nas convulsões de um delirio muscular. Da Marajó ao Chuí rugiu a onda da anarchia que tudo alagou: manifestações politicas no governicho do Rio Grande do Sul, na sabinada da Bahia, nas correrias de Pinto Madeira no Ceará; manifestações incorporando aggravos seculares de classes opprimidas, como a cabanagem do Pará, a balaiada do Maranhão, a cabanada de Pernambuco. Sobresahia a Côrte onde se encarniçavam soldados dissolutos, capoeiras desaçaimados, sicarios, caramurús partidarios da volta do ex-imperador, nativistas xenophobos, federalistas, republicanos, um verdadeiro pandemonio.

A tudo resistiram os Regentes. A existencia, por assim dizer, symbolica do imperador-menino communicou-lhes força sobrenatural; o desinteresse com que se batiam collocou-os a coberto de desconfianças. Quasi sem intersticio batalharam durante dez annos. Por seus esforços quasi todo o Brasil apaziguou-se, o virus subversivo attenuou-se, quasi todo o paiz volveu ao aprisco e, até, foi perdendo a capacidade de novas revoluções.

A regencia surgiu espontanea a 7 de abril, do meio das arruaças, composta de tres das mais salientes figuras do momento. Com a reunião das Camaras

elegeram-se em junho os tres regentes definitivos, prescriptos pela Constituição. Os successos mostraram os inconvenientes da autoridade fragmentada. O acto adicional á Constituição determinou que o regente fosse um só.

O acto adicional, promulgado em 34, minorando a centralização que succedera ao regime colonial, dando liberdade ás provincias manietadas, munindo-as de poder legislativo, dando-lhes attribuições que pareceram depois excessivas, facilitou a obra da regencia, o caldeamento da unidade brasileira.

Estabelecido que o regente seria um só, escolhido do mesmo modo que os membros do parlamento, o nome de Diogo Antonio Feijó appareceu logo como o do candidato nacional. Reconheciam-se, assim, a sua benemerencia, os serviços de ministro, prestados na extincção da hydra, sobretudo na capital vulcanica da monarchia. Feijó sahiu victorioso das urnas. Tomou posse a 12 de outubro de 1835.

O acto adicional facilitara-lhe a empresa, afastando causas de descontentamento. Com elle coincidiu a morte de Pedro I, em Portugal, a desappareição do partido Caramurú, que bradava por sua reposição. Subito, surgiram novas insurreições ao sul e ao norte. Pessimista, desanimado, o desinteressado paulista renunciou ao cargo em setembro de 1837 nomeando ministro do imperio o pernambucano Pedro de Araujo Lima, mais conhecido aos posteros por marquez de Olinda, que seria o regente interino e presidiria á eleição do regente definitivo. As urnas deram-lhe a victoria. Araujo Lima, amparado em Bernardo Pereira de

Vasconcellos, mineiro, tido pela mais forte cabeça política da época, enveredou pelo caminho da reacção. O acto addicional pareceu excessivo: a interpretação legislativa reduziu as franquezas nelle contidas.

Os politicos apeados do poder pela renuncia de Feijó não podiam conformar-se com a idéa de que só em 1843 o imperador attingiria a maioria e cessaria o periodo regencial. Novas revoluções nas provincias demandavam muito tempo. Através de todos os vaivens a autoridade central se reforçara e as probabilidades de qualquer recurso ás armas tinham ido sempre diminuindo. Surgiu, então, a idéa de uma revolução palaciana em que o imperador mesmo entraria de comparsa.

D. Pedro vegetava no paço de São Christovão com as duas irmãs pouco mais velhas, entregue á famulagem de galão branco e galão amarello, para quem o rei era deus na terra. Pouco tempo garantiu-o José Bonifacio, tutor por nomeação de Pedro I, que as facções dominantes arrancaram violentamente do paço e substituiram pelo marquez de Itanhaem, nomeado pela Camara. Mestres não faltaram ao Imperial pupillo: houve-os até de mais. Quanto se póde julgar, á falta de pormenores que o Centenario póde trazer á luz, seu horizonte literario era balizado pela nova Arcadia lusitana e pelos epigonos de classicos francezes já cahidos na França aos golpes dos romantismos ainda triumphantes, intactos e intangiveis na Guanabara. Alemão, aprendeu com o pae de Capanema que tanto se distinguiu depois, e falava-o sem sotaque, assegura Max Muller, preferindo, porém, servir-se de outro

idioma. Em mathematica, frei Pedro deu-lhe uma base solida, graças á qual poude com Candido Baptista de Oliveira ascender aos pinaculos da sciencia.

Dois professores distinguiu no decurso do reinado: Araujo Vianna, a quem fez ministro, camarista, conselheiro de Estado, senador, marquez de Sapucahi, e frei Pedro, cujo tumulto visitava annualmente.

Com frei Pedro devia ter aprendido a historia contemporanea, as estroinices que deram a grandeza e a decadencia paterna : em uma só dellas nunca incorreu.

Frei Pedro iniciou-o naturalmente no direito constitucional, no direito constitucional não clarificado da época, dosado para um quasi menino.

A Constituição tinha, entre centenas de disposições, um artigo exclusivo do imperador ; sobre este o preceptor insistiria desde o começo e com tanto mais veras quando foi crescendo ; com elle o imperador atravessou seu longo reinado.

Que effeito produzirá hoje sobre a nova geração com suas metaphoras desbotadas?

Diz o artigo 98 da Constituição :

“O poder moderador é a chave de toda a organização politica, e é delegado *privativamente* ao imperador como chefe supremo da nação e seu primeiro representante, para que incessantemente vele sobre a manutenção da independencia, equilibrio e harmonia dos mais poderes publicos.”

Urgia estabelecer relações com São Christovão, angariar cumplices e collaboradores. Não foi difficil. O nome dos Andradas serviu de senha. Os agaloados viram a propria na exaltação do amo. O tutor, marquez

de Itanhaen, cuja prerogativa ia cessar, coonestou a cabala adherindo sem reserva. O difficil consistia em guardar sigillo, em escapar ás garras da policia. Conseguiu-se; a discreção do principe conspirador não contribuiu pouco para o bom exito.

Tumultuariamente, num só dia, Camara e Senado, escorados pela população unanime, certos da neutralidade benevola da força armada, afastaram a regencia, burlaram suas providencias extremas como o adiamento da Camara, entenderam-se directamente com o herdeiro augusto, trouxeram do paço a approvação do que estava feito, do que restava fazer, o annullamento do artigo relativo á maioridade por processo não previsto no pacto fundamental.

O regente extremunhado, — *honteux comme un renard qu'une poule aurait pris* —, pensou em conjugar o vivo com o governo morto, lembrando o dia 2 de dezembro, quindicimo anniversario do imperador menino, para proclamar solememente a maioridade. Um *quero já* do imperador, unica resposta á altura da situação, varreu a byzantinada!

A 24 de julho de 1840, D. Pedro II começou a reinar. Traz esta data o ministerio que logo entrou em actividade, o primeiro dos trinta e seis que se revezaram durante o quasi meio seculo de sua omnipotencia. Recebeu-o das mãos dos conjuradores, feito e mal feito. Nelle entraram dois Andradas, venerandas reliquias da hora heroica da independencia; cada ministro recommendava-se por predicados que o tornavam digno do cargo; o conjunto era um disparate, tantas

as incompatibilidades reaes e pessoas. Depois de 8 mezes, o segundo gabinete reduziu o antecessor a um aparte, um mero parenthesis, e proseguiu na obra de reacção encetada em 37. Antes de reunida, dissolveu a Camara eleita para o proximo quatriennio. Foi restabelecido o Conselho de Estado, destruido em 1834 pelo acto addicional. Votaram-se leis restrictivas da liberdade individual, reforçou-se o organismo policial a ponto de torna-lo irresistivel.

Com as medidas reactoras insurgiram-se as provincias de S. Paulo e Minas Geraes, que deviam dar as mãos aos que desde 1835 no Rio Grande do Sul desafiavam o poder central; deviam reforça-las os matutos dos Cariris, os ribeirinhos do São Francisco. Annos e annos de desordem, tal a segmentação definitiva de provincias, separadas secularmente até o refugio e só ligadas superficialmente poderiam surgir, se Luis Alves de Lima, que da balaiada trouxera o nome de Caxias, tomado a uma obscura cidade sertaneja, que não quiz nunca permutar por outro mais vistoso ou mais sonoro, não tivesse subjugado, cesariamente vencido S. Paulo e Minas, e reduzindo á immobilidade os retardatarios. Uma amnistia generosa realçou a victoria da Ordem.

No terceiro ministerio preponderou Honorio Hermeto Carneiro Leão, futuro marquez de Paraná, mineiro que desde a regencia conquistara ascendente singular, a todos os respeitos o politico mais poderoso do tempo. Os negocios geriu pouco mais de um anno. O imperador, talvez melindrado por sua sobrançeria, negou-lhe a demissão de inspector da alfandega da

Côrte, que Honório julgava necessaria. Honório contou o succedido no Senado de que fazia parte. Poucas vezes repetiu-se isto, no meio seculo imperial: habitualmente os ministros demissionarios, a pretexto de não descobrir a Corôa, amanhavam um pastelão qualquer, em que a verdade entrava por doses minimas. Como o imperador devia agradecer e admirar e estimar estes manipuladores obsequiosos!

A demissão não concedida foi muito glosada. O funcionario garantido pelo imperador era irmão de Aureliano de Sousa Coutinho, mais tarde visconde de Sepetiba, membro de um sodalicio meio politico, o chamado Club da Joanna, a quem se attribuia grande influxo sobre as decisões imperiaes. Delle fazia parte Paulo Barbosa da Silva, mordomo imperial — na roda intima dizia-se: Paulo primeiro! Pedro segundo! — figura bem merecedora de ser retirada da penumbra.

A' influencia do grupo attribuiu-se a resistencia do imperador.

Contra esta explicação protesta todo o segundo reinado. Mais facilmente se explica tudo pela repugnancia imperial ás injustiças. Mais de uma commetteu, sem duvida, mas o epitheto de *redresseur de torts*, assenta-lhe bem. Dahi a confiança em sua rectidão e integridade com que a multidão anonyma o cercou até o fim. O lapis fatidico, o livro negro, a memoria peregrina, herança dos Braganças, tolheram grandes gravames, valeram honrosas reparações, conferiram recompensas imprevistas e bem merecidas.

A successão de Honório não foi das mais facéis, nem suas consequencias beneficas. O imperador tentou

um expediente, varias vezes repetido em seguida, de escolher para primeiro ministro um magnata qualquer não indicado pela opinião, apenas escolhido por seu capricho ou por intrigas cortezanescas. Com isto desorganizava os partidos em formação, desmentia todas as previsões, e o poder moderador dava mais uma volta á sua chave.

O visconde de Macahé organizou o gabinetê que lhe foi encommendado: delle seguiu-se um quadriennio liberal ou quasi, que talvez não estivesse nas intenções imperiares. Muito se notou que não fossem revogadas as leis que tinham posto em armas duas provincias. Inspirações do alto? Não: a lei atacada na opposição era o mais efficaz dos instrumentos para quem estava no poder, e para não enfraquecer quem mandava.

Depois de dez annos pacificou-se o Rio Grande do Sul, e em 1845 o imperador poudo percorre-lo por toda a parte, acolhido carinhosamente. Caxias foi o pacificador.

Em 1848, o ministerio de 22 de setembro encerrou a ephemera situação liberal e abriu para os conservadores um periodo que, com leves mudanças de rotulo e substituição de figurantes, durou até a éra de 60. A solução imprevista descontentou os praieiros pernambucanos, original partido representante de idéas e paixões as mais divergentes, sem correspondente exacto em nem um outro do imperio. Protestaram com as armas na mão. O levante do litoral foi abafado no começo do anno seguinte. O sertão com suas matas e catingas demandou mais tempo. Tirou-se agora a prova de quanto foi fecundo o regime regencial: no-

vas revoluções tornaram-se impossíveis a beira-mar; só nas brenhas alongadas podiam rebentar e arrastar-se disturbios, sem importancia para a collectividade.

A quédia dos liberaes, em 1848, inspirou o “Libello do Povo”, de Timandro, virulenta diatribe, superficial, lampejante a trechos, não livre de plagios escusados. A dynastia de Bragança é ahi com ferocidade zurzida. Coteja-se a simplicidade da regencia com o fausto palaciano, com as graças concedidas a cortezãos, com a calma que annullava o poder legislativo, o arbitrio que escolhia os organizadores de ministerio, o capricho que impunha a inclusão de certos nomes, até que finalmente se exgotava a longa lista de ministros impossíveis e o governo pessoal compunha um amalgama de entidades heterogeneas.

O pamphleto de Timandro, pseudonymo do brilhante orador Salles Torres Homem, visconde de Inhomirim, não possui valor proprio para ser citado e só apparece aqui como o primeiro de uma série de factos occorridos sob D. Pedro. Contou-se que Timandro, julgando inacessíveis as altas posições para que o indicavam sua intelligencia superior e sua rara cultura si defrontasse a hostilidade imperial, ajoelhou-se e pediu perdão ao offendido. A rigor o gesto é possível; que se tenha dado parece duvidoso; o imperador nunca exigiu taes baixezas.

Emquanto reinou, os insultadores encontraram nelle uma equanimidade imperturbavel. Por magnanimo? como o proclamou Timandro convertido. Por corruptor? como espumaram os republicanos a proposito de Lafayette e outros consolados e consulados.

Talvez por motivo mais simples: por não ser tido em conta de despeitado. Quando José de Alencar, que nas *Cartas de Erasmo*, ao lado de muitos dizeres lisonjeiros insinuou alguns azedos, se retirou descontente do ministerio de 16 de julho, incluído na lista senatorial pela terra de que era o filho mais illustre, se tivesse logo divulgado as paginas que depois tornou publicas, sua escolha para senador seria infallivel. Silenciou, só veiu á imprensa depois de feita a escolha: desvalorizou-se. O imperador alistou-o com os despeitados, atirou-o entre os limões chupados de Frederico II e nunca mais recebeu nada daquelle lado.

Entretanto, D. Pedro formou tambem entre os despeitados de seu imperio. Nos ultimos tempos um Silveira Martins, um Antonio Prado, um Ouro Preto, um Paulino, um João Alfredo eram muito grossos para palitos, sua escolha para senador portanto imperativa, desde que figurasse em lista triplice.

No começo do reinado elle perpassava pelos candidatos como um passarinho sobre flores que mais lhe agradam ao olfacto ou á vista. Os politicos cogitaram no meio de limitar-lhe o arbitrio e descobriram a *cunha*, nullidade no meio de dois homens de peso. O imperador escolhia a cunha, com grande gaudio das galerias. Essa susceptibilidade, este desforço improprio das supremas responsabilidades serviam os interesses da patria ou acautelávam os destinos da dynastia?

A decada de 50 foi a mais brilhante do imperio. Fechou-se o livro miseravel do trafico africano. Ajudou-se a Argentina a libertar-se da tyrannia de Rosas. Tratou-se de liquidar a onerosa herança dos limites,

legada pelas metropoles peninsulares. Regularizaram-se e amiudaram-se as communicações por vapor com a Europa. Obras novas, vindas paquete a paquete, transportaram além do Tejo, e mesmo além do Sena. Irineu Mauá, rio-grandense benemerito, em quem por desgraça o descortino não corria parellas com o patriotismo e com a probidade, firme no prestigio accumulado nos meios indigenas, fortalecido pela confiança inspirada aos capitalistas londrinos, rasgou muitas das faixas coloniaes, começou a remodelar o Brasil moderno.

Honorio que, depois do attrito de 1843, fôra sempre avultando no theatro nacional e internacional, se desprendera dos preconceitos de idade viril, e agora, em plena madureza, media seus olhares pelos horizontes da patria, não podia mais ser ignorado e continuar no ostracismo. Em setembro de 53, organizou gabinete e tomou por mote a *conciliação* que um quarto de seculo nas linhas de maior perigo lhe ensinou e lhe impoz como garantia imprescindivel do futuro.

A conciliação implicava abrandamento de paixões, renuncia a meios violentos, defesa contra o rotativismo ensaiado em São Christovão, crença na virtude saneadora dos comicios. Uma lei eleitoral votou-se, que devia conseguir todas estas maravilhas, substituindo os circulos ás provincias. Menos feliz que José Antonio Saraiva, que chegou a presidir a primeira experiencia de sua lei eleitoral, Honorio falleceu inopinadamente, antes da execução da lei. Ficaria satisfeito com o resultado, como o brioso e puro Saraiva?

Agora, como então, um ponto sobreleva a todos: serão compatíveis com a indole brasileira eleições ho-

nestas? Nas municipalidades coloniaes os vereadores andavam por meia duzia, o mandato durava um anno, e não havia reeleição immediata, todo o ordenado se reduzia a magras propinas pagas em certas solemnidades. e o governo teve de chamar a si as eleições. Camara Coutinho, governador da Bahia em fins do seculo XVII, escreveu que dos escandalos dos regulares só estavam immunes os padres da Companhia, por terem autoridades feitas nas margens do Tibre. As irmandades religiosas deixaram tradição pouco edificante.

Hoje a fraude começa pelo alistamento eleitoral, prosegue pelo deposito phosphorico do voto, quando não se prefere quebra-la ou rouba-la pela apuração fraudulenta da urna, pelo viciamento de diplomas, pela entrega á commissão verificadora. A Republica trouxe uma novidade essencial: alguem que póde estar ou não no Cattete superintende o reconhecimento de poderes, isto é, o direito ao subsidio e mais achegas: é o homem mais poderoso do Estado, é o Poder Moderador das instituições vigentes.

O imperador sentir-se-ia bem neste jubileu de 50: bello, sadio, augusto, ninguem lhe disputaria a autoridade. Si na visita de Adalberto da Prussia sonhava talvez com louros militares, suas ambições convergiam, agora, para as artes da paz. Mecenas, em sua honra Magalhães concluiu a *Confederação dos Tamoyos*, Porto Alegre meditava o *Colombo*, Gonçalves Dias começava os *Tymbiras*; para emparelhar com as epopéas, Magalhães e Joaquim Norberto urdiam tragedias; subvenções traziam ao Rio rouxinóes canoros de alem-

mar; João Caetano assombrava as platéas; Varnhagen esforçadamente erigia sua cyclopea *Historia Geral*. O Instituto Historico reunia os sabios da cidade e entre elles fazia figura de destaque S. Majestade. Organizava-se uma commissão scientifica para explorar o norte, que devia annullar Spix, Martius, Saint-Hilaire, Gardner e quantos europeus mettidos a explorarem uma natureza a que não attingiam suas capacidades apoucadas.

O povo — isto é, a massa dos não politiqueiros de profissão — confiava na sua integridade. A maior parte de seu subsidio — oitocentos contos annuaes — ia-se em esmolas á pobreza envergonhada, em subvenções a estudantes pobres e artistas incipientes. Quantas vocações favoreceu!

Punha especial garbo em não possuir favoritos. Não os tinha, não os podia ter. Favorecia aos opprimidos. Benjamin Constant teve sua carreira segura e rendosa (para aquelle tempo) quando o imperador soube de seus concursos. Favoritos não podia ter porque não admittia homens necessarios. Numas conversas diarias durante a guerra russo-japoneza com que Jaceguay, em todo o pino de sua mentalidade poderosa, regalava meia duzia de amigos na livraria Garnier, contou a irritação surda do marquez de Caxias, durante o cerco de Uruguaiaña: uma só vez o imperador não tratou com elle assumpto de guerra!

Actos destes não tinham conta — descasos premeditados, preterições simples, accessos de timidez — sua timidez saltava aos olhos — não concorriam para dar-lhe amigos. Isto não o preocupava: appareceriam

quando e quantos quizesse. *Uno avulso non deficit alter.*

O apogeu do fulgor imperial occorreu na questão Christie, quando uma brutalidade ingleza poz de pé a nação inteira ao lado do seu primeiro cidadão.

A derrota estrondosa do ministerio nas eleições de 1860 na Côrte, a erecção da estatua equestre ao fundador do imperio, a questão Christie passaram a segundo plano quando de chofre rebentaram a guerra do Uruguai e a do Paraguai, de 1864 em diante. Para a primeira contribuíram attritos, irritações, irregularidades de fronteira. Da segunda, começada pelo aprisionamento diante de Assumpção de um vapor mercante brasileiro com passageiros para Mato Grosso, entre elles o presidente da provincia que succumbiu aos maus tratos, seguida da invasão de Mato Grosso e do Rio Grande do Sul, realizadas em plena paz, só a psychiatria póde offerecer explicação.

O imperador recebeu em cheio a affronta, nasceu-lhe um odio a Lopez que nada pode arrefecer; nem mesmo as condições, algumas bem humilhantes, do tratado da triplíce alliança, o fizeram hesitar. A's primeiras noticias acudiu a Uruguaiana e lá esteve até sua rendição. Acompanhou-o unanime a nação, voluntarios surgiram de todos os cantos; com passeatas, poesias, discursos patrioticos eram acolhidas nos logarejos mais remotos as victorias mais insignificantes.

Os inicios de guerra produzem sempre entusiasmo, o prolongamento esfria e aborrece. Para preencher as fileiras dizimadas pelo fogo e pelas epidemias, o recrutamento revestiu as fórmulas mais barbaras; fo-

ram agraciados os ricos que libertavam escravos e lhes sentavam praça, até criminosos foram admittidos.

A guerra contra o Paraguai rompera na situação liberal: cumpria obter a cumplicidade conservadora. Negociações secretas deram o compromisso do partido continuar a guerra ao menos um anno. A ascensão dos conservadores tornou-se desde então questão de tempo.

O ministerio de 3 de agosto contava para apoia-lo com uma Camara quasi unanime recentemente eleita. As noticias das negociações secretas deviam ter transpirado. Zacharias, pela terceira vez presidente do Conselho, farto dos europeis da monarchia, preparou uma quédia de gladiador artista. Apresentada em despacho a lista triplice para senador do Rio Grande do Norte, restava á Corôa escolhe-lo. Era prerogativa do poder moderador, della se servia o imperador como instrumento de reino: nem um politico ousava enrijar a espinha emquanto não se aposentava na Siberia do Conde dos Arcos. (A um reitor do internato, disse elle, que todo brasileiro queria ser senador ou lente do Pedro II).

O Imperador escolheu Salles Torres Homem, o Timandro arrependido de 1848, ao qual nem de longe um dos concorrentes podia ser comparado. Entretanto, Zacharias declarou a escolha um desacerto e demittiu-se, com o ministerio. Por mais que se cavasse não houve descobrir o despeito que o imperador tanto saboreava nos descontentes.

No resto de sua vida, Zacharias nunca perdeu occasião de lacerar ou de morder D. Pedro. Este só

chamou novamente os liberaes ao poder, depois de Zacharias bem enterrado no cemiterio de Catumbi.

Os conservadores tiveram a dissolução da Camara quasi unanime.

Desta feita a dissolução da Camara não correu como das outras. A cidade não se entalava mais entre o Cattete e S. Christovão e não tardariam os bondes em atira-la por ahi afóra, baralhando em democracia barata todas as pretensões sociaes. A imprensa neutra e prospera, amamentada pelos testas de ferro, não conhecia barreiras. O Alcazar com as peças deleterias de Halevy e Offenbach, com os saracoteios e cancans estortegantes, destruiu todo o decoro e pacatez burgueza. Surgiam os caricaturistas e o lapis do lytographo desafiava o lapis fatidico. Sentia-se a necessidade do desrespeito, da bombochata. Esvaira-se o nimbo imperial e o imperador era puxado para o fandango.

Da differença não deu fé, ao contrario, absorvia-o novo divertimento intellectual. Gobineau, amigo de Wagner, um dos inspiradores de Nietzsche, vindo da Persia para representar a França, pegou-lhe o gosto das linguas orientaes, e o imperador investiu contra o arabe, o hebraico, o sanscrito, etc. No desterro para a Europa fez-lhe companhia seu ultimo professor de linguas, Chr. Fred Seybold, que depois leccionou na universidade de Tubingen. Por conta delle e de seu misero neto Pedro Augusto, Seybold reimprimiu tres rarissimos livros de Restivo, sobre guaraní.

A guerra, proseguiu como o imperador exigia e concluiu no exterminio de Lopez e no quasi exterminio do povo por elle tyrannizado. O conde d'Eu, que diri-

giu a ultima phase, voltou prestigiado, cercado de dedicações attrahidas por suas qualidades, pouco brilhantes, porém muito solidas.

Desde a guerra dos Estados Unidos impunha-se a questão da escravatura. Com sua longa experiencia, Pedro II podia ombrea-la e passar á herdeira o throno livre desta monstruosidade, fazendo livremente o que o pae fizera meio a contragosto. Preferiu confia-la á inexperiente princeza imperial e viajar para a Europa, em parte por motivo da saude da imperatriz, em parte para conhecer e tornar-se conhecido no outro hemispherio. Muitas sympathias attrahiu, principalmente entre os Francezes que prostrados pela Alemanha, receberam com emoção este amigo dos tempos difficeis. Num meio inteiramente novo, obrigado a conveniencias que não conhecia, elle que olhara sempre os outros de cima para baixo e para a lei aonde quer que pisava, commetteu não poucas descahidas. Tudo isto chegava aqui alterado, a imprensa indigena tudo deformava, tornando-o ridiculo, despertando risota. Desembarcou no Rio de maleta na mão, binoculo a tiracollo, traje de bordo, com grande escandalo do mundo official que comparecera puxado a toda sustancia da pragmatica, e extranheza do povo que entupia as ruas, cobria os morros e desrespeitava os telhados. Aboliu desde logo o beija-mão; só a côrte portugueza tivera e mantinha este habito, informa Sousa Lobo.

Encetado apenas o problema da escravatura, que tantos annos agitados ainda consumiria, enfuscou o horizonte a questão religiosa. Por motivos apparentemente de pouca monta foram processados e levados á

cadeia os bispos de Pernambuco e do Pará. A maçonaria caiu em cima da igreja com publicações banaes. Os jornaes catholicos accommetteram o representante do regalismo com uma violencia pagan que, junto ás furias da imprensa politica adversa, embalançou o throno tão firme na apparencia.

Quando D. Pedro II partiu para os Estados Unidos, a regente amnistiou os bispos, provocando com isto uma campanha odienta: era carola, lavava as igrejas de Petropolis, movia-se aos acenos dos padres, Joanna a louca, Maria primeira, etc. Estes ataques reunidos aos resentimentos, originados da lei do ventre livre, deixaram desde logo duvidosa a existencia de terceiro reinado. Ficariam ao menos agradecidos os meios ecclesiasticos? "Sicrano" pseudonymo de intelligente sacerdote alemão que escreveu um opusculo sobre os ultimos dias do imperio, conta que a 16 de novembro D. Pedro de Lacerda, passando pelo Largo do Paço, rumo da Praia Grande, aonde ia abrir a visitação da diocese, vendo tantos soldados aonde habitualmente não os havia, sendo informado da prisão de D. Pedro, commentou: "isto mesmo fez elle aos bispos" Com o travo episcopal ganhou a Republica que separou a igreja do estado, como nem um outro paiz catholico, jámais o logrou.

Da abolição do estado servil, realizada pela princeza imperial em sua terceira regencia, basta dizer que a monarchia reparou os dois maiores erros causados pelas dynastias de ultramar: constituiu um paiz uno de capitancias separadas, não deixou escravo numa terra que parecia só poder subsistir com elles.

Nas horas da abolição D. Pedro agonizava numa cidade italiana e a commiseração publica adensou-se em roda do seu leito. A sua chegada foi recebida com enthusiasmo, uma frota alvoroçada foi a seu encontro fóra da barra; do Pão de Assucar, uma bandeira colossal o saudava.

Méra phantasmagoria! Desde muitos annos o imperador não conciliava mais respeito. Seu carro com a atrelagem anachronica e o piquete obrigatorio resvalava pela indifferença publica: despertavam chacota o manto e os papos de tucano com que se dirigia, de voz pouco imperatoria, aos augustos e dignissimos senhores representantes da nação, a canja que preferia na sua sobriedade invencivel, os cochilos que dava nos actos publicos, as conferencias da Gloria, as palestras literarias do Pedro II, as sessões do Instituto Historico. A molestia não permittia longos annos de vida.

De uma commissão da Camara, para a qual o imperador marcara dia e hora, só compareceu ao paço da cidade o orador, o austero conselheiro Rodrigues Junior, deputado pelo Ceará!

Esperava-se, entretanto, tolerava-se. Havia mesmo quem acreditasse em terceiro reinado.

Na catastrophe final notam-se tres estagios.

O assassinato de Apulchro de Castro, redactor do *Corsario*, em outubro de 83, ás barbas da policia, por militares que ostentavam este character, deixou claro que a monarchia contava seus dias pela paciencia da guarnição.

Da questão militar, em 1887. arranhado embora, Cotegipe logrou escapar. Interrogado no Instituto His-

torico por um amigo sobre o que Deodoro pretendia fazer naquelle caso, seu irmão Severiano da Fonseca respondeu: “prender o ministerio, manda-lo ao imperador e dizer-lhe que fizesse outro”.

Isto mesmo succederia a 15 de novembro se Lardario não fosse ferido, o gabinete encurralado no quartel-general do exercito e o imperador não tivesse descido de Petropolis para a boca do lobo. A historia é de hontem, mas anda estylizada, esquecendo a carta de Aristides Lobo, que depois de longa conferencia, desesperado de ver a Republica promettida, escreveu para um jornal de São Paulo, que o povo assistira a tudo bestializado: calando o recado de Benjamin Constant aos republicanos da rua do Ouvidor para que proclamassem a Republica; omittindo a noticia publicada na *Gazeta*, de 16 de novembro, que ia ser convocada uma Constituinte para decidir sobre a fórma de governo.

Si a mudança da fórma do governo estivesse decidida desde a sahida dos quartéis, como explicar que esperassem as sombras da noite para proclama-la sem solemnidade, por meio de um boletim só divulgado no dia seguinte? Para explicar as hesitações patentes de Deodoro a 15 (a 14 pareceu bem resoluto) e sua decisão final tem-se recorrido a diversas historias sem necessidade. Unido o exercito, submettida sinão jubilosa a população da cidade, preso o ministerio, cercado o imperador, só restava enterrar os mortos, e tratar dos vivos. Não havia que escolher nem hesitar.

A 17 de novembro o cruzador *Parnahyba* levava o imperador e toda a sua familia á ilha Grande, donde o *Alagoas* o transportou para a Europa.

“Saiba sua Majestade que a barra não ficou mais estreita depois da sahida de seu augusto pae”, disse Zacharias, da tribuna do Senado, sempre offendido, sempre ferino.

Tendo maiores motivos de queixa, José de Alencar, mais generoso, prophetizou: “mostrou-se na adversidade o varão forte de Horacio, a quem as ruinas do seu fastigio não esmagam, mas ao contrario exaltam, como um pedestal. E’ o destino dos homens fadados para a dominação. O poder, a fortuna os expande, e elles absorvem ou repellem quantos se lhes approximam. O revez, a desgraça os concentra e então elles acham dentro em si mesmo o mundo onde se isolam.”

O BRASIL NO SECULO XIX

Estudo publicado na "A Noticia" de 1 de Janeiro de 1900  
sob titulo *O Brasil no seculo* e offerecido á Sociedade Capis-  
trano de Abreu pelo consocio Constancio Alves.

## O BRASIL NO SECULO XIX

Em 1801, Portugal estava de guerra com a Espanha. Aventureiros rio-grandenses atiraram-se aos sete povos das missões e conquistaram-nos com facilidade em poucos dias. O rio Ibicuhi ficou servindo de limite entre os dominios dos dois reinos. Já independentes, foi transferida a fronteira do Uruguai e do Brasil para o rio Quarahim, onde se conserva.

A invasão de Portugal por tropas napoleonicas, até então (1807) invenciveis, obrigou a familia real a refugiar-se no Brasil. De passagem pela Bahia, declarou o principe regente D. João abertos os portos a todas as nações amigas. No Rio, onde fixou a côrte, decretou a liberdade de profissões, introduziu a imprensa, organizou tribunaes superiores, curou da instrucção e favoreceu a sciencia. Mandou conquistar a Guiana franceza, donde foi trazida a canna caianna e um seculo antes viera o café. Apossou-se da banda oriental do Prata, realizando o plano, tantas vezes frustrado, de D. Pedro II, um dos seus avoengos, ao fundar a colonia do Sacramento.

Treze annos conservou-se em terras brasileiras. Subordinou-as a um centro que até então falhára, pois nesta ausencia se refinava a essencia do regime colonial. Ligou por linhas de correio os pontos mais remotos; ao seu aceno exploraram-se rios e estradas, rasgaram-se matas inviolaveis; com as communicações que amiudaram, conheceram-se melhor os povos, es-

vaeceram-se prevenções seculares, a convivencia preparou a convergencia. O movimento revolucionario de 1817 em algumas provincias do norte foi suffocado de prompto e sem muito sangue. Na segunda decada do seculo o Brasil já era mais que simples expressão geographica.

Ha mais de trescentos annos reparou Gandavo na repugnancia que revelaram de deixar este paiz os velhos acostumados a seu clima. De bom grado aqui permanecera D. João VI. Quando em 1820 rebentou além-mar uma revolução disposta a implantar o regime constitucional em terras portuguezas, quiz mandar o filho arrostar a situação que rebentára. No ultimo momento teve elle mesmo de embarcar: primeiro rei que, contra a vontade, deixou nossa bahia (24 de abril 1821).

D. Pedro, herdeiro da corôa, ficou regente com plenos poderes. Portuguez de nascimento, eram por Portugal todas as suas sympathias! Com as tropas portuguezas viveu na melhor harmonia algum tempo; mas começou-se a murmurar que elle era infenso ao regime constitucional, e dahi nasceram os primeiros attritos. As côrtes portuguezas, em seus planos de reforma, atacavam sobretudo os grandes; ao proprio Principe Regente não pouparam: em menos de um anno viu-se este abandonado de seus compatriotas que estavam pelas côrtes, cercado por brasileiros que contra ellas protestavam. A idéa da independencia formulou-se claramente em certos espiritos; D. Pedro, a principio contrario, convenceu-se de que era a melhor solução, e proclamou-a a 7 de setembro de 1822.

Por toda a parte encontrou a causa da independência adesão; só na Bahia provocou resistência, aliás de pouca dura: bahianos patriotas insurgiram-se, do Rio partiam socorros, ao mando de Labatut; lord Cockrane, chamado do Chile, improvisou uma marinha, e bloqueou a capital; afinal embarcaram as tropas portuguezas e os portuguezes que não quizeram adherir á nova ordem de coisas (2 de julho de 23). Por *moto proprio* Cockrane dirigiu-se ao Maranhão, onde abafou as ultimas resistencias á onda libertadora. Um seu commandado com um só navio, trouxe ao gremio da patria o mundo do Amazonas: livre e independente surgiu uma patria do Amazonas ao Prata.

A assembléa constituinte, convocada pelo imperador, trabalhou mais de meio anno e ainda não consummára a obra quando foi dissolvida violentamente (12 de nov. 23). Para provar que não era contrario ao systema constitucional, como os portuguezes propalaram durante a lucta com as côrtes, e os brasileiros começaram a deduzir de sua attitude com a Constituinte, D. Pedro mandou redigir uma constituição, que jurou e fez jurar a 25 de março de 24: vigorou até novembro de 89.

O Norte não via satisfeito o curso dos acontecimentos, e com o nome de Confederação do Equador, no mesmo anno do pacto constitucional, rompeu uma insurreição republicana e separatista, que morreu no nascedouro. Mais séria foi a Revolução da provincia Cisplatina, que lavrou de 25 a 28, quando se constituiu a Republica Oriental do Uruguai independente do Brasil e da Argentina. Esta guerra foi uma das cau-

sas da impopularidade em que cahiu o imperador; sustentada principalmente com estrangeiros, engajados para colonos e levados forçadamente para o exercicio das armas, fez á colonização um mal de que ainda não se extinguiram as consequencias; desfalcando o Brasil de toda a margem esquerda do baixo Prata, converteu o Rio Grande do Sul em agente de dissolução, de efeitos deleterios incalculaveis.

Em 26 reuniu-se a primeira assembléa legislativa, notavel pela sua coragem civica, e começou a reconstituir o Brasil moderno. Em 1828 appareceu com a *Aurora Fluminense*, a imprensa honesta, sincera e omnipotente. Em 1827 abriam-se as primeiras academias de direito, de uma geração rica em estadistas, bachareis que em poucos annos substituíram os padres até então dominantes.

Em 1829 o imperador encerrou a assembléa geral com o celebre discurso: *Augustos e dignissimos Senhores Representantes da Nação: Está fechada a sessão. Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil.*

Casando pela segunda vez com uma princeza joven e bella, o imperador fundou a Ordem da Rosa, e assumiu attitude mais conciliadora. Era tarde; sua impopularidade crescia e aprofundava-se; receiava-se a volta do regime absoluto pelas complicações resultantes da intervenção nos negocios de Portugal depois da morte de D. João VI e do miguelismo triumphante; indignava o favor que recebiam os portuguezes naturalizados de preferencia aos brasileiros natos; fermentavam sentimentos republicanos e aspirações federalistas. Depois

de uma viagem a Minas Geraes, o fundador do império viu que seu throno oscillante desabaria no primeiro choque. Deu-se a 7 de abril de 1831, quando abdicou a corôa em seu filho de cinco annos, e se recolheu a bordo de navios estrangeiros que estavam no porto. A 13 de abril partiu para a Europa: segundo rei que, contra a vontade, deixou nossa bahia.

Foi logo depois da abdição acclamada uma regencia; e governos regenciaes occupam os annos que se extendem até 1840. Abre-se agora o periodo das revoluções, — restauradoras umas, outras republicanas, ou motivadas pelo odio ao portuguez, ou determinadas por simples questões locais. A' regencia deve-se a conservação da patria grande: a maioridade do imperador dava-lhe um prestigio sobrehumano, porque no meio de todos os apuros symbolizava esperanças de dias melhores; Feijó, desanimado e descontente, abandonou o poder; mas seus receios não foram contagiosos, e a fé e a esperança na unidade da patria afinal sahiram triumphantes.

Em 1840 o imperador contava quinze annos. Formou-se um partido para declara-lo desde logo maior, contra a Constituição; um projecto neste sentido apresentado ás camaras cahiu; então os maioristas, certos da cumplicidade do principal interessado, abandonaram os tramites legais. A 23 de junho D. Pedro II declarado maior, prestou juramento e empunhou o sceptro.

Não foi de devallamento de insurreições o periodo então encerrado. Na decada regencial promulgou-se o Codigo do processo criminal, como já no primeiro se promulgára o Codigo penal; o poder constituinte

votou em 34 o acto adicional á Constituição, sabio compromisso com as correntes federaes, que consolidou o governo central; criou-se o Imperial Collegio D. Pedro II, que devia servir de modelo a toda instrução do imperio; installou-se o Instituto Historico, benemerita associação que continúa incansavel na tarefa que tomou aos hombros; em 1839, a communicação a vapor com os Estados do Norte.

Até 45, não se extinguiu de todo a fermentação revolucionaria. No Maranhão a Balaiada só foi vencida em 41. Em 42 rebentaram em S. Paulo e Minas Geraes motins jugulados em Santa Luzia (20 de agosto). A 1 de março de 45, depois de dez annos, terminou a revolução do Rio Grande do Sul. A todas estas pacificações presidiu, energico, mas bõndoso e compadecido, Luis Alves de Lima e Silva, mais tarde Duque de Caxias.

De 45 a 64 reinou socego, pois a revolta de Pernambuco em 48 ainda foi menos grave que as de São Paulo e Minas Geraes. Todas foram logo seguidas de amnistias amplas que acabaram os odios e suavizaram as feridas.

Nestes vinte annos notamos: o *bill* Aberdeen contra o trafico; as poesias de Gonçalves Dias, em 47; a abolição do trafico, em 50; a apparição do colera, e da febre amarella que nunca mais nos deixou de todo; a navegação a vapor para a Europa; os livros de Alvares de Azevedo e de José de Alencar; os começos da ferro-viação e do telegrapho; a grande expansão da cultura do café, que centralizou a riqueza publica nas provincias do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas Geraes;

o mallogro das tentativas de colonização, a que serviu de remate o rescripto prussiano prohibindo a emigração para o Brasil.

Uma guerra no Rio da Prata foi terminada rapidamente, com o melhor exito para as forças alliadas, e Rosas, o tyranno argentino, teve de refugiar-se na Inglaterra.

A decada de 50 foi sobretudo prospera. Pensouse em epopéa nacional, e Magalhães fez a *Confederação dos Tamoyos*; pensou-se em theatro nacional, e João Caetano fazia de genio. Pensou-se em sciencia nacional, e com um jacobinismo pouco commum nestes dominios em geral menos expostos ás paixões exclusivas, instituiu-se uma commissão scientifica para explorar as provincias do norte, em que não se admittiu um só estrangeiro. Os resultados para a sciencia deviam ter sido enormes; infelizmente, parece, que se perdeu tudo no naufragio de um barco.

De 1864 a 1870 reinou a guerra. Com o Uruguai se decidiu tudo em pouco tempo. O mesmo não succedeu na guerra contra Lopes, o tyranno hereditario do Paraguai, que em pura paz aprisionara um navio brasileiro em Assumpção, invadira Mato Grosso e o Rio Grande do Sul. Jurára o imperador não fazer pazes enquanto o tyranno estivesse no Paraguai; assim, depois de combates como o do Riachuelo e de batalhas como a de 24 de Maio, seguiram-se escaramuças e surpresas que degeneraram por fim em batidas de capitães de mato, como as estygmatisou Caxias, commandante em chefe enquanto julgou a situação á sua altura. Numa das batidas foi morto Francisco Solano

Lopes ás margens do Aquidaban. (1.º de Março de 70).

Em 71 foi o imperador pela primeira vez á Europa; em 76 foi aos Estados Unidos e de lá ao velho continente; a este novamente levaram-no seus soffrimentos, em 88. Em toda a parte foi recebido do melhor modo e no acolhimento não entrava só a consideração devida ao chefe da maior nação da America do Sul; havia o apreço pelo seu saber, apregoado pelo seu character generoso, por seu reinado humanitario, pela sua posição de monarcha unico num continente por essencia refractario á monarchia. O Instituto de França elegeu-o para socio: o outro candidato chamava-se Dauvin.

Entretanto, na Patria, ia declinando o seu prestigio. O homem da questão Christie, o soldado de Uruguaiana, o pai dos voluntarios, fôra insultado desde os primeiros tempos de seu reinado, a principio de mero instrumento de uma facção, depois de principe machiavelico, sem que estas manifestações de despeito influissem na opinião. Desde 1868, com a quéda dos liberaes, a *Reforma* começou contra elle a guerra do ridiculo, e este veio, foi explorado incessantemente pelos jornaes illustrados, pela imprensa popular que surgiu em 75 com a *Gazeta de Noticias* e, finalmente, por membros de ambas as casas do parlamento.

A volta dos liberaes ao poder em 78 foi precedida ou acompanhada de mortes de homens eminentes: Alencar, Zacharias, Nabuco, Caxias, Rio Branco, Osorio, o que trouxe um abaixamento consideravel do nivel moral e intellectual em todo o paiz. As honras e

dignidades cahiam no maior descredito; o edificio do prestigio official fendia-se de alto a baixo; uma atmospherica de chalaça deleteria envolvia tudo. Só o imperador não dava por isso, embebido em seus estudos de sanscrito, persa, arabe, hebraico, tupi, etc. O dia do vintem (1.º de janeiro de 80) não lhe serviu de aviso; o assassinato de Apulchro de Castro (25 de outubro de 83), não o chamou á realidade; a chamada questão militar (87) deixou que crescesse á vontade, para depois ser solvida com arranhões na dignidade governamental. Qualquer destes dois successos importava a quédá da monarchia.

Como a monarchia resistiu ainda alguns annos depois da execução (assim chamavam-lhe os assassinos e os partidarios dos assassinos) de Apulchro de Castro ou da solução da questão militar, só se comprehenderá bem considerando que ainda estava pendente o problema do elemento servil. Em 71, Paranhos arrancára do poder legislativo a liberdade dos nascituros; em 84, ao passo que o Ceará e o Amazonas se libertavam, Dantas vem pugnar na conquista da liberdade dos sexagenarios; em 85, obtinham-na, dada de má vontade e sophismada, Saraiva, Antonio Prado e Cotegipe. Julgava este que nada mais havia a fazer, e que á morte, á munificencia particular, ao fundo de emancipação, competiam a ultima palavra. Entraram, então, em scena os escravos, por exodos consideraveis das fazendas, e tal efficacia alcançou sua attitude resoluta que aboliram a escravidão em menos de uma semana, sem resistencia, e, o que mais é, mesmo sem obstru-

ção, como quem se alliviava de um pesadello (13 de maio de 88).

Anno e meio depois cahia a monarchia; só um homem expunha por ella a vida e derramava o sangue, o barão de Ladario que, aliás, se dizia republicano (15 de novembro de 89); e de um a outro extremo do imperio, foi acceita a fórma republicana sem protestos que não fossem platonicos. Neste ponto e tambem em outros, 15 de novembro assemelha-se um tanto a 7 de setembro: em ambos houve um levante local que se generalizou, combateram a instituição os que a juraram defender; e si Deodoro da Fonseca era marechal do exercito imperial, convém não esquecer que D. Pedro era principe regente, como tal deu ordens, fez-se obedecer, e assegurou-se até 12 de outubro de 22, quando foi acclamado imperador. Cá e lá levantes ha — poder-se-ia dizer.

A 15 de novembro de 89 organizou-se um governo provisorio pelo exercito e pela armada, em nome da nação. Até o fim do anno pouco deu que falar e, em geral, mostrou-se á altura dos acontecimentos; com o novo anno parece que, invadindo-o o receio de que poucos dias teria de vida, febrilmente pullularam leis, regulamentos, reformas, gratificações, concessões, privilegios que maravilhosamente afinaram com a epidemia bolsista conhecida pelo nome de Ensilhamento. Ao passo que Pedro I, a pessoas que requereram terras, despachou que aguardassem as leis da Constituinte que deviam regular as concessões, o Governo Pro-

visorio foi logo regulando e dando tudo. E, como ainda restava que dar e regular depois de reunida a Constituinte, obteve continuar com o poder legislativo conjurando o espectro horrendo da Convenção. Como que, antes de tudo, a grande preocupação se cifrava em deixar os factos consummados para quem sobreviesse.

Reuniu-se a Constituinte em 15 de novembro de 90, e em pouco mais de tres mezes elaborou a Constituição. Si desde logo elegeisse presidente da Republica ao chefe do governo provisorio, as ambições, limitadas ao segundo logar, ter-se-iam agitado menos, as clausulas do pacto social sahiriam mais compensadas, não reinaria a azafama, que afinal se fez precipitação nos ultimos dias, nem o pacto federal sahiria um pacto contra a federação.

Assignada a Constituição a 24 de fevereiro de 91, procedeu-se á eleição do presidente da Republica no dia seguinte, e obteve maioria consideravel Deodoro da Fonseca, o generalissimo chefe do Governo Provisorio. Punir os que não lhe deram o voto, foi a primeira e mais urgente preocupação dos que cercavam o honesto e inexperiente soldado; começou logo uma reacção por que passavam igualmente Estados grandes como São Paulo e Estados minusculos como Goiaz.

A isto, um escriptor nosso de merecimento chamou em revista estrangeira, organizar republicaneamente os Estados. No Rio Grande do Sul souberam aproveitar a situação com habilidade rara. Votemos desde já a Constituição sem emendas, como foi apre-

sentada, dizia-se; o que se votar hoje pode revogar-se amanhã; o que importa é constituir desde já o Estado, para po-lo a coberto da intervenção federal imminente. E assim, e quasi sem esforço, se conseguiu a obra prima, que já anda em alguns milhares de contos e muitos mais milhares de mortes.

A primeira sessão ordinaria do corpo legislativo devia naturalmente repercutir as reacções estadoaes; os desappropriados da posição, por causa do voto que deram na eleição presidencial, não podiam ver as coisas pelo mesmo prisma dos que tinham galgado posição graças ao mesmo motivo. Entretanto, seria facil estabelecer o accôrdo, si a intransigencia não partisse dos que cercavam o generalissimo, anciosos de uma crise em que pudessem, livres de quaesquer pêas, proceder á remodelação completa de todas as forças e distribuição exclusiva de todos os espolios.

Dahi, a dissolução do congresso, duplamente illegal, porque a Constituição não dava ao poder executivo faculdade de dissolver o corpo legislativo, e expressamente o prohibia quanto ao primeiro congresso (3 de novembro de 91).

A 23 de novembro rebentou na bahia um movimento contra a dictadura, e o general Deodoro da Fonseca, avesso ao derramamento de sangue, cedeu á primeira intimação, e passou o poder a Floriano Peixoto, vice-presidente da Republica e seu successor legal.

Agora, a primeira coisa a fazer era desmanchar a obra damninha, e expurgar quanto se praticára desde a morte de Benjamin Constant e quéda do gabinete

organizado a 15 de novembro. Dos vinte governadores dos Estados, dezenove tinham apoiado o golpe de estado, sahido portanto da legalidade; era exterminá-los.

Poder-se-ia faze-lo por uma disposição geral que todos acatariam; preferiu-se fazer a operação a retalho, confiando-a a jovens militares, em geral de capitães para baixo. Na Parahiba, o governador foi deposto, repostado, e finalmente de novo e de uma vez deposto.

Os desapropriados não podiam resignar-se, e começaram a apparecer manifestações hostis ao governo: uma representação respeitosa de treze generaes, salientando a disposição constitucional que mandava proceder a nova eleição presidencial para a hypothese que se dava de vagar a presidencia antes de transcorrida metade do periodo; a semi-bernarda de 10 de abril de 92 que coube toda num bond, mas serviu para inaugurar a era dos estados de sitio; a revolução do Rio Grande, que se prolongou annos a fóra; finalmente, a revolta da esquadra, dentro da bahia, que durou mais de meio anno (setembro 93/março 94).

Dizia-se que não seria feita a eleição, e ha quem se gabe de ter sabido burlar a trama. Como si não fosse mais elegante fazer tudo que a lei mandava de modo imperativo, deixar que o congresso funcionasse livremente, obter depois que se adiasse, e no interregno prorogar o estado de sitio. digamos até janeiro ou fevereiro de 95.

A 15 de novembro de 94 assumiu seu cargo o presidente eleito, Prudente de Moraes. Quatro annos

de agitação de toda a ordem — de difficuldades quasi insuperaveis; umas, resultantes de actos da administração anterior, como as indemnisações de Santa Catharina, os protocollos italianos, a questão da ilha da Trindade; outras, devidas a defeitos do presidente que nem sempre tinha idéas claras ou resoluções bem definidas e definitivas; outras, devidas principalmente á convicção quasi unanime de que elle nunca chegaria a preencher o periodo legal.

A attitude do antecessor foi de hostilidade nada civil, quer antes, quer depois de 15 de novembro. Ainda depois de morto publicaram um discurso, autentico ou não, grito de alarma contra o primeiro presidente eleito pelo povo. Elementos armados, affeitos á omnipotencia sob o regime precedente, mais de uma vez investiram contra elle, esquecida sua missão no odio do *biriba*, como era de bom gosto chamar-lhe. De Canudos mais depressa se telegraphava para os folicularios e agitadores que para os seus superiores hierarchicos.

Nada partia da presidencia que não fosse explicado pelos peores motivos e explorado como meio de torna-lo odiento e ridiculo. A pacificação do Rio Grande, obtida pelo general Galvão que, em outro tempo electrizaria de entusiasmo o paiz inteiro, foi motivo para novos baldões e ultrages. Não admira, pois, que um infeliz soldado concebesse a idéa de livrar a Patria de tão criminoso monstro. A 15 de novembro de 97 dirigiu contra elle uma garrucha, no arsenal militar, no meio de forças que iam receber os soldados de Canudos. Falhou o alvo, mas o marechal Bittencourt,

militar do tempo antigo e tradição viva da honra, foi cosido a facadas, assegurando a força de disciplina e sellando com seu sangue a victoria da lei.

A garrucha de Marcellino feriu de morte o partido cujos interesses o allucinado e ignorante alagoano julgava defender. Levantada espontaneamente a candidatura Campos Salles, generalizou-se logo a convicção de que sahiria victoriosa das urnas. Outra questão era si o partido vencido reconheceria sua derrota. A isto, não parecia disposto, e já se falava que em todos os cantos da Republica seriam forgicadas duplicatas, de modo a caber a ultima palavra ao congresso apurador e ás paixões que se pretendia suscitar. Com a morte do marechal Bittencourt todos estes planos, sérios ou não, desapareceram de uma vez.

Ainda uma circumstancia veiu acabrunhar o partido que hostilizava a Prudente de Moraes. Havia quatro candidatos possiveis dentro delle ao cargo de presidente da Republica. Um, eliminou-se espontaneamente; dos outros, foi escolhido Lauro Sodré, ex-governador do Pará, o unico, dos vinte, que não adheriu ao golpe de estado de novembro. Quintino Bocayuva, um dos candidatos eliminados pela convenção do P. R. P., declarou em artigo do jornal a que tão brilhantemente associou seu nome, que entre Lauro Sodré e Campos Salles não podia optar, por tal fórma eram distinctos e benemeritos. Julio de Castilhos, outro candidato rejeitado, exhortou seus amigos a absterem-se. E os Estados do Norte, infensos a Prudente de Moraes em sua maioria, como Ceará, Parahiba, Piauí, declararam-se pela candidatura Campos Salles.

Resultado final: só no Rio Grande do Norte e em Santa Catharina, Lauro Sodré conseguiu maioria.

Quando a 15 de novembro de 98 Campos Salles assumiu a presidencia, desannuviara-se o horizonte, arrefeceram as paixões, e destenderam-se os espiritos. Os peiores inimigos deixaram a attitude aggressiva e, ao abrir-se a sessão do congresso, em 99, apresentaram-se os dois partidos a apoia-lo: um, porque se batera pela sua eleição e a fizera triumphar, outro, porque os interesses imprescriptiveis da Patria exigiam o agrupamento á volta de seu representante mais autorizado.

Chamavam-se estes o partido da Concentração.

Continuarão as coisas no mesmo pé pelo anno que começa? A concentração dos dois partidos lembra a fabula do homem grisalho que tinha duas amantes: a velha arrancava-lhe os cabellos pretos, a moça arrancava-lhe as cans.

II

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS



HISTORIA PATRIA

Artigos publicados sob titulo *Historia Patria* na “Gazeta de Noticias” de 9, 10 e 13 de Março de 1880. A nota bibliographica inserta na mesma “Gazeta” de 17 de Março de 1880, sobre “Collecção de obras relativas á Historia da Capitania depois Provincia da Bahia e sua Geographia, mandada reimprimir ou publicar pelo barão Homem de Mello”, será reproduzida em futura publicação da Sociedade.

Os tres artigos agora publicados, pela data que trazem, deveriam ter sido incluidos, se conhecidos a tempo, entre os primeiros escriptos de Capistrano de Abreu, que formam a 1.ª série dos “Ensaio e Estudos”

## HISTORIA PATRIA

*A litteratura Brasileira e a Critica Moderna.*  
*Ensaio de generalização, por Sylvio Romero.*

### I

Spencer, em uma dessas expansões humorísticas, em que, d'envolta com uma ironia grave, brilha sempre o seu saber consummado, assegura que ha tres qualidades de intelligencias.

As primeiras, — como as minhocas, que subsistem de materias de que apenas cinco por cento são assimiladas — as primeiras, subsistem unicamente de bisbilhotices, personalidades, anedotas e novellas sem valor, que se excretam sem se incorporarem ao espirito, ou incorporando-se em dóse minima. Podem chamar-se *terrivoras*, ou papa-terra.

As segundas, — como grande numero de quadripedes que se alimentam de vegetaes em que existem mais elementos assimilaveis, porém onde estão diluidos ainda em materias inuteis — as segundas, exigem leituras e estudos mais serios, porém acompanhamos de outros que nada têm de nutritivo, e pesam sobre o systema, sem lhe elevarem a estructura, nem

avolumarem a massa. Essas se podem chamar *herbivoras*.

As terceiras, exigem uma alimentação altamente nutritiva, concentrada e substancial: as experiencias da physica, as investigações da economica, as analyses da psychologia, etc. São as *carnivoras*.

E, continúa o philosopho, tão grande é a differença que separa uma das outras a essas tres classes de espiritos, que, quem tentasse fazer os da primeira partilharem das occupações da terceira, e commungarem as suas aspirações, obteria o mesmo resultado do criador que tentasse alimentar um boi a carne.

Si se quizer filiar o Dr. Sylvio Romero a qualquer dessas classes, parece incontestavel que pertence á terceira. Desde os tempos academicos os aspectos severos da critica o attrahiram; a sciencia excitou-lhe todas as sympathias, apossou-se de todos os seus enthusiasmos, e elle atirou-se férvido no encalço da Galathéa fugitiva. O seu novo livro de critica sobre a litteratura é mais uma prova que muito abona o seu saber, a sua intelligencia e o seu tino critico.

Posso dize-lo com tanto maior isenção de espirito quanto mais larga é a distancia que nos separa. Pois a distancia é muito grande. Nas idéas fundamentaes o desaccordo é flagrante, mesmo na apreciação dos homens a divergencia é sensivel; as coincidencias versam senão unica, ao menos principalmente, sobre pormenores e incidentes.

E' provavel que muito menos fundo fosse o vallo de separação si, em vez de constar de artigos "escri-

ptos entre os dezoitos e vinte e cinco annos, isto é, feitos por um moço, ainda naquelle tempo com a alma cheia de todas as santas illusões da idade dos sonhos”, o livro fosse escripto recentemente. Em todo o caso, a época não deve influir muito, pois a reimpressão é a velha prova de que o autor ainda está pelas opiniões que em outras épocas emittiu.

Si bem a entendi, parece que a these fundamental do dr. Sylvio Romero é a seguinte:

“E’ incontestavel que entre o Brasil e Portugal existem differenças bem sensiveis. A que attribui-las? Ao meio? não, porque a acção mesologica teve de lutar contra a estreiteza do tempo e o adiantado da civilização (pag. 21 e 22). Ao tupinambá? Não, porque a população indigena era pouco adiantada e pouco numerosa (pag. 22 a 27). Ao africano? Sim. Aos bandos de africanos de origem diversa que concorreram directamente para avultar esta nação, é que se deve attribuir em sua maxima parte o que de diverso existir entre o brasileiro e o seu ascendente europeu (pag. 27)”

A minha these é a seguinte: o que houver de diverso entre o brasileiro e o europeu, attribuo-o em maxima parte ao clima e ao indigena. Sem negar a acção do elemento africano, penso que ella é menor que a dos dois factores, tomados isoladamente ou em conjuncção.

Para provar a influencia do meio que, — segundo a expressão do autor (pag. 21), “não teria em tres seculos o poder de mudar o rumo da sociedade”, — po-

deria correr á pag. 171 em que assegura “que o *calor* e o flagello das *seccas* que periodicamente hão assolado a mór parte do paiz, têm produzido o desanimo”

Poderia ainda notar que, — embora a cultura dos portuguezes como nação fosse bastante adiantada, o que devia difficultar a acção mesologica —, o proprio autor assegura á pag. 28: “os primeiros bandos de colonizadores foram raros, diminutos e ignorantes”.

Poderia ainda dizer que nos Estados Unidos, onde nos primeiros tempos a immigração foi, em massa, constituida por homens de elevação mental fóra do commum, como se póde ver na recente *History of American Literature* de Coít Tyler, — nos Estados Unidos onde a colonização é quasi um seculo posterior á nossa —, Fonssagrives cita *les remarques* de Bryan, Edwards, Carpenter, Desore, etc. “*sur les modifications éprouvées déjà et dans un temps si court par la race anglo saxone, soumise à l'épreuve des climats americains* (Dictionnaire encyclopédique des sciences médicales t. XVIII, pag. 64).

Pefiro encarar a questão directamente. Por que influe o meio sobre os animaes e sobre a sociedade? E' porque, embora modificavel dentro de certos limites, é elle por sua natureza persistente, pouco plastico, invariavel até em algumas de suas feições. Ora, a vida segundo a bella definição do grande pensador inglez, é uma adaptação das energias intimas ás forças exteriores. Para que a adaptação se dê entre dois elementos, um rijo e crystalizado na immobildade, outro flu-

ctuante, amoldavel, caracteristicamente plastico, é preciso que o ultimo ceda. Essa cessão que constitue o attestado da influencia mesologica, é tão natural que, com todo o seu enfatuamento de propheta, Mahomet já o reconhecera. Pelo menos a tradição attribue-lhe estas palavras: “já que a montanha não quer vir para onde estou, vou para onde está a montanha”

A civilização brasileira, sob pena de exterminio, devia pois, adaptar-se ao meio. E que esta acção mesologica foi sentida desde os primeiros tempos, é um facto que pode facilmente provar-se. Não quero outro testemunho além das seguintes palavras de uma chronica escripta em 1584 e publicada por Varnhagen no volume VI da *Revista do Instituto*: “Os perigos e trabalhos que nisto se passam pela diversidade dos logares a que se acodem se póde conjecturar; perigos das cobras de que ha grandissima copia nesta terra, de diversas especies, que ordinariamente matam com a sua peçonha de que frequentissimamente quasi por milagre são livrados e alguns mordidos sem perigar; perigos de onças ou tigres, que tambem são muitos, pelos desertos e mattos por onde é necessario caminhar; perigos de inimigos, de que algumas vezes por providencia divina têm escapado; tormentas por mar e naufragios; passagem de rios caudalosos, — tudo isto é ordinario —; calmas muitas vezes excessivas que parece chegam um homem a ponto de morte de que têm a passar grandes enfermidades; frio principalmente na capitania de S. Vicente, no campo, onde já por vezes se acharam indios mortos de frio; e, — assim acontecia muitas vezes, ao menos nos principios a maior parte da noite não podia

dormir de frio nos mattos por falta de roupa e fogo porque nem calça, nem çapatos avia e assim andavam as pernas queimadas de geadas e chuvas muitas e mui grossas e continuas, e com isso grandes enchentes de rios e muitas vezes se passam aguas muito frias por longo espaço pela cinta e, ás vezes, pelos peitos e todo o dia com chuva muito grossa e fria gastando depois grande parte da noite em enchugar a roupa ao fogo sem haver outra que mude” (pag. 424).

Esse quadro pôde têr algumas cores exaggeradas, porém é substancialmente verdadeiro. Sendo-o, como pôde compreender-se que o homem e a sociedade fossem refractarias á acção da natureza brasilica?

Para terminar esta parte apresentarei ainda ao illustrado dr. Sylvio Romero um argumento cuja força pôde ser negada por outros, mas não por S. S. e por aquelles que admittem a possibilidade da sociologia.

S. S.<sup>ia</sup> admitte de certo a influencia do nosso meio sobre a nossa agricultura, pois ella differe consideravelmente da de outros povos, e não nos foi communicada por outros no que tem de caracteristico. Mas si admittir a influencia mesologica sobre a agricultura, S. S.<sup>ia</sup> admitte-a forçosamente sobre a classe á que a agricultura se filia, — a industria. Ora, como todos os que reconhecem a possibilidade da sociologia, S. S.<sup>ia</sup> reconhece que os phenomenos sóciaes são interdependentes, de sorte que influir sobre um é influir sobre todos.

Assim, ou o dr. Sylvio Romero ha de negar a influencia do clima sobre a agricultura, — e não cre-

mos que o faça porque os factos são abundantes e evidentes —; ou ha de admitti-la, e então admittirá a influencia do clima sobre toda a sociedade, forçado pela grande lei do *consensus*.

A influencia do meio foi auxiliada por outro facto: a grande massa da população tupi que se incorporou aos colonos portuguezes e seus descendentes.

Prova-lo é objecto do seguinte artigo.

## II

O dr. Sylvio Romero contesta que os Tupinambás tenham exercido uma influencia consideravel na constituição do povo brasileiro.

Si bem o entendi, seus principaes argumentos são os seguintes :

1.º — Os selvagens estavam no gráo de atrazo do homem geologico, o homem da idade de pedra, e não podiam ser muito numerosos; (pag. 24);

2.º — O pouco de recordações que deixaram os aborigenes prova a sua selvageria, como os seus pequenos vestigios na população demonstram o erro quanto ao numero; (pag. 25 e 26).

3.º — A lingua nossa não attesta muitas impressões apreçaveis devidas ao caboclo; (pag. 26)

Algumas paginas adiante vem ainda um argumento suplementar :

4.º — Embalde se procurará um serio e fecundo principio social e civil deixado pelo indio (pag. 42)

Depois destas proposições, o dr. Sylvio Romero escreve o seguinte á pag. 27 :

“O que quer que notardes de diverso entre o brasileiro e o seu ascendente europeu attribui-o em sua sua maxima parte ao preto; sob o imperio, até hoje, da legislação civil portugueza, o caracter nacional não pode contar outro agente que mais se estampasse em sua moldura”.

Antes de examinar os argumentos empregados contra os Tupinambás, cuja força admitto como *maior* do syllogismo, seja-me permittido applica-los, em parte, ao preto.

Qual o principio, civil e social ao mesmo tempo, serio e fecundo, deixado pelos pretos? Quaes as expressões apreciaveis que introduziram em nossa lingua? Quaes as tradições, delles originadas, que provem mais do que a sua selvageria e ignorancia? Confesso humildemente que ignoro.

Diz o autor, porém: os Africanos “existem em massa numa porção de descendentes seus, existem entrelaçados com os europeus e índios, no typo variadissimo do mestiço, e existem natos no seu ardente paiz” (pag. 27). Não o contesto. Perguntarei sómente, si o mesmo se não applica em parte aos Tupis? Não ha descendentes seus? não ha mestiços delles com os europeus? E’ certo que não existem isolados da população, e que é bem difficil encontrar o caboclo de cabello que *espeta cajú*, para empregar a expressão cearense; mas não menos certo é, igualmente, que a segregação dos índios existiu até fins do seculo passado, quando a supressão dos Jesuitas trouxe a abolição do regime das aldeias.

Si, entretanto, parecem poucos os vestigios deixados na população, isto não custa a explicar. A apparencia physica do Indio não differe tanto do Europeu, quanto a deste differe do Africano, de sorte que o mestiço dos primeiros não se distingue tão facilmente quanto o dos segundos.

Accresce que a maior proximidade de côr deve ter concorrido para enfraquecer a repugnancia de raça, si não for demasiado attribuir esse sentimento a colonos sem escrupulos, e o cruzamento começado mais cedo deve estar mais adiantado e, por conseguinte, mais disfarçado.

Emfim, a unica base que S. S.<sup>ia</sup> tem para affirmar a proposição é a vista; e S. S.<sup>ia</sup> sabe quanto o testemunho dos sentidos é pouco significante em debates scientificos, — em questões em que ha outros meios e instrumentos de prova.

O dr. Sylvio Romero póde accusar-me de ladear a questão, por isso vou agora occupar-me de seus argumentos.

A affirmação de que no periodo geologico um povo não póde ser muito numeroso, parece-me não dar o resultado que della o autor quer deduzir.

O homem não póde conviver em grande numero na época da pedra por dois motivos principaes: o primeiro, é a difficuldade da subsistencia, que não existia aqui, no meio de uma fertilidade que tem resistido a quatro seculos de destruição contínua e systematica. O segundo, é que pela falta de industria, de conhecimentos, de laços moraes e religiosos, de apparatus sociologicos, para tudo dizer de uma vez, o organismo social não póde ter uma estrutura complexa, e, segundo a lei de Herbert Spencer, *as grandes massas exigem uma estrutura consideravel*.

E aqui incluirei algumas linhas do dr. Sylvio Romero, em que está repetida a mesma affirmação, e que

podem ser respondidas ao mesmo tempo. “E’ um facto estranho na historia o de um grande povo senhor de uma vasta região que em menos de quatro seculos desaparece sem deixar vestigios profundos de sua estada, e mais estranho ainda é este desaparecimento, esta morte, não nos campos de batalha, mas no desconhecido de uma retirada phantastica!”

Sim, com effeito, seria estranho o desaparecimento de um *grande povo*: mas embora a abanheenga fosse a lingua falada, ao menos no litoral, do Amazonas ao Prata, ninguem disse que todos os que a falavam constituíam *um só povo*.

Ajunte-se que, segundo a lei ha pouco citada, não havendo a estructura complexa, não podia ser grande a comunidade.

Substitua-se, porém, ás palavras *grande povo* as palavras *pequenas tribus muito numerosas*, que eram mutuamente hostis, inconciliaveis, sem nucleo de resistencia commum, e toda a difficuldade desaparece, salva-se a lei de Spencer, respeita-se a lei da anthropologia, e obedece-se á verdade historica.

A verdade historica, a que mana do estudo dos chronistas e do confronto das fontes originaes, é esta: Os Tupinambás eram numerosos. Por maior que seja a ignorancia dos chronistas, não ha razão para affirmar que elles chegaram ao cumulo de nem saberem arithmetica. A pergunta sobre a influencia dos Tupinambás quanto á lingua, responderei ao dr. Sylvio Romero, pedindo-lhe que olhe para a Europa e me diga quaes os vestigios deixados pelos Barbaros nas linguas romanicas.

A influencia limita-se á introducção de palavras novas que não são muitas, e no italiano se acham reduzidas a um minimo; á precipitação da tendencia analytica, aliás, já existente, e que, segundo opiniões muito autorizadas, teria sem elles dado o mesmo resultado, embora em praso mais largo; ao uso de alguns idiotismos. Nem uma flexão nova; nem um verbo forte; nem uma alteração syntaxica, nem uma ferida profunda na contextura intima da lingua.

Tanto fizeram os Brasis, si tomarmos em consideração dois factos: o primeiro, que elles eram mais atrasados que os Barbaros; o segundo, que a civilização posterior á Renascença e contemporanea da Reforma, era incontestavelmente superior á civilização romana, e, por conseguinte, offerecia maior resistencia á acção externa.

Mas esse ponto será um dia discutido por quem tem aptidões e estudos especiaes para faze-lo: o mestre e amigo dr. Baptista Caetano no *Diccionario dos Brazilsmos* que pretende publicar

Consideremos ainda outra proposição do illustrado critico: os caboclos não deixaram principio civil e social sério e fecundo. Poderia dizer que ainda nada sabemos; que os elementos ainda fervilham na fermentação plasmadora: que nós, os Brasileiros, somos os menos aptos para julgar da questão, quando a vista de outros espectaculos nos não incitou as tendencias e faculdades comparativas.

Prefiro concordar com elle. Direi unicamente que do estudo da historia da Europa e da America parece

brotar uma conclusão: — Só as raças dominadoras deixam principios politicos e sociaes. Assim, os Iberos, Luzitanos, Gaulezes, nem um principio inocularam na vida romana — eram os vencidos; os Barbaros, ao contrario, deixaram germes tão vivazes que, segundo uma autoridade tão competente e tão consideravel como a de William Stubbs, na Espanha, França, Alemanha e Inglaterra — the constitutive elements of new life are barbarian or Germanic — eram os vencedores.

A' consideração de serem os vencidos junte-se o seu atrazo e ter-se-á a explicação da sua pouca influencia, dos poucos vestigios deixados, da falta de tradições, em summa, provindas de tal origem.

Muito mais significantes seriam os vestigios si não houvesse um facto que muito concorreu para diminuir o numero de indigenas. Refiro-me não á retirada que, si não considero phantastica como o dr. Sylvio Romero, acho pelo menos muito exaggerada. Refiro-me ao uso de roupa, uso que, introduzido bruscamente, equivaleu á mudança de clima e de regime.

Equivaleu á mudança de clima porque, difficultando ou diminuindo a irradiação calorifica, elevava, *ipso facto* —, a temperatura. Equivaleu á mudança de regime porque, segundo as palavras tão verdadeiras de Liebig “a vestimenta é em relação á temperatura do corpo simplesmente o equivalente de certa somma de alimentos”

Felizmente os primeiros colonos nem eram, nem podiam ser, muito exigentes. Mesmo os Jesuitas não faziam questão disto. Pelo menos um delles, Fernão

Cardim, que visitou o Brazil de 1584 a 1590, já tinha uma chapa para indicar que os indios aldeados pelos padres da companhia se achavam em estado de nudez, que era: *andam como costumam*.

Empreguei a palavra *felizmente* porque, mesmo restricta como foi, a mudança deve ter tido profundas consequencias; e quem conhece os chronistas, sabe que muitas vezes os indios morreram em massa, flagellados por doenças para que a revolução deve ter corrido.

Para terminar esta parte, recorrerei a um exemplo de chimica, o qual exprime a meu ver a influencia do elemento Indio sobre o Portuguez e do Portuguez sobre o Indio.

Combinados com os metaes e com os metalloides, o chloro produz chloruretos. E esses, quando de origem metallica, si forem postos em contacto com a agua, podem ser solvidos ou soffrer outras alterações physicas, mas nunca são decompostos. Quando de origem metalloidica, decompõem-se pela agua, e resolvem-se em novas substancias.

Os Tupinambás representam aqui os chloruretos de procedencia metalloidica, — foram decompostos radicalmente pelos Portuguezes.

Os Portuguezes representam os chloruretos metallicos: passaram por mudanças muito menos graves, em presença dos Tupinambás.

O elemento aborigene é, si permittem a expressão, o vehiculo em que se dissolveu o elemento portuguez.

E o africano tambem.

### III

Dos dois similes chimicos empregados no ultimo artigo é preferivel, a meu vêr, o primeiro. Por\* isso direi que os Brasis foram decompostos pela acção dos Portuguezes.

A decomposição dos Brasis seria muito mais prompta e completa, si as tendencias de que eram representantes não tivessem encontrado um auxiliar indirecto nos Africanos. Com effeito, os Africanos deviam ser tambem decompostos pela acção dos Europeus, e isso, trazendo uma diffusão de forças no agente portuguez diminuia o *trabalho* que elle poderia produzir.

A esta diffusão accresce que os portuguezes não representavam muito, nem pela qualidade, nem pela quantidade. Não representavam muito pela qualidade, porque, embora fosse impossivel compara-los com os Africanos e Tupinambás, é certo que, aferidos pela craveira da Occidentalidade coeva, a sua cultura não destacava grandemente. O dr. Sylvio Romero reconhece-o quando, á pag. 21, diz que “a historia fala na degradação dos primeiros germes do povo brasileiro”

Mas não farei questão disso; e para não avultar o numero dos desaccordos que nos separam, concederei de boa vontade que nos seculos XVI e XVII os Por-

tuguezes eram o primeiro povo do globo. Direi então: a civilização portugueza adiantada como era, tinha de soffrer um retrocesso fatal sendo transferida para o Brasil, porque toda a civilização é funcção de apparelhos e órgãos muito complexos. Desde que de envolta com as funcções não viessem os órgãos correlativos, as funcções baixariam de actividade, o que implica a atrophia, mais ou menos completa, dos órgãos correspondentes.

Vieram esses órgãos? E' nossa opinião que não vieram. Podiam vir? Continúo a nega-lo. Eis porque, segundo a lei de Spencer, já citada relativamente aos Brasis, as grandes massas exigem uma estrutura complicada; segundo a mesma lei, não menos verdade é que as estruturas complicadas exigem grandes massas. Ora, havia grande massa de procedencia portugueza, que pudesse fundar estabelecimentos industriaes, centros de instrucção, fócios de movimento artistico? Ninguem o affirmará. Sem taes estabelecimentos, centros e fócios, os Portuguezes poderiam conservar-se no mesmo degrao elevado da escala social? Julgo que ninguem o affirmará *a priori*; o *a posteriori* da historia tambem o não affirma.

Disse que ninguem affirmará que a massa de procedencia portugueza era muito numerosa; mas, para evitar a velleidade da affirmacção, é preciso mostrar que os Portuguezes não representavam muito pela quantidade.

O motivo é simples: a massa de procedencia portugueza não foi muito numerosa antes da descoberta das minas, porque não havia incentivos bastantes for-

tes para induzirem a mudança. Não foi posteriormente, porque a metropole, sempre ciosa e receiosa, estorvou o mais possível a onda migratoria.

“A legislação portugueza, — diz João Francisco Lisboa — sempre procurou contrariar e difficultar a emigração e embaraçar o livre transito dos subditos. Citaremos entre outras as cartas regias de 3 de setembro de 1667, 28 de abril de 1674, 14 de fevereiro e 21 de março de 1694, decretos de 26 de novembro de 1709 e 19 de fevereiro de 1711 e provisões de 28 de março e 12 de agosto de 1709, 24 de março de 1713 e 24 de fevereiro de 1744.

“Mas a lei de 20 de março de 1720, por ser mais ampla e explicita, merece ser aqui substanciada. Não tendo bastado, dizia ella, as providencias dos decretos de 26 de novembro de 1709 e 19 de fevereiro de 1711, “para que o Reino passe ao Brazil muita gente que d’elle se ausenta” resolveu o seguinte:

“Nenhuma pessoa de qualquer qualidade poderá passar ás capitancias do Brazil, se não as que forem despachadas com governos, postos, cargos ou officios, os quaes não levarão mais criados do que a cada um competir conforme a sua qualidade e emprego, e sendo os criados em todo o caso portuguezes.

“Das pessoas ecclesiasticas sómente gosarão dessa faculdade as que forem como bispos, missionarios, prelados e religiosos das religiões do mesmo estado professo nas provincias d’elle, como tambem os capellães dos navios que para alli navegarem.

“E das seculares, além das já referidas, só poderão ir as que, além de mostrarem que são portugue-

zas, justificarem com documento que vão fazer negocio consideravel com fazendas suas ou alheias para voltarem, ou as que outrosim justificarem que têm negocios tão urgentes e preciosos que se lhes seguirá muito prejuizo si não forem acudir a elles.

“Só nesses termos e depois de rigorosa averiguação judicial, se lhes poderá dar passaportes na secretaria de estado, etc.”

Além de serem assás numerosos, de encontrarem um auxiliar no preto, de não terem nos portuguezes adversarios em quantidade consideravel e de qualidade extraordinaria, os Tupinambás se achavam em condições que tão favoraveis eram para os indigenas quanto desfavoraveis para os alienigenas.

Eram um povo selvagem, isto é, não tendo elementos para travar contra as forças naturaes essa lucta que, segundo Buckle, constitue a civilização; em vez de terem vencido a natureza, por ella tinham sido subjugados, e a contextura do seu corpo como a conformação do seu espirito archivavam as influencias continuas e subtis filtradas no correr de largos seculos.

Assim representavam o termo da evolução a que os Portuguezes e Africanos tendiam, e cada progresso que fazia a acclimação das raças vindiças, era um passo que os approximava dos caboclos.

E' certo que precisava dar-se *tempo ao tempo* para que o resultado fosse obtido; mas houve duas circumstancias que concorreram para tornar mais rapida a acção mesologica e mais efficaz o contingente caboclo: 1.º O isolamento das capitancias entre si, o seggre-

gamento quasi completo do reino; 2.º Os impecilhos que a metropole oppoz ao desenvolvimento espontaneo.

“As communicações com as minas — diz João Lisboa — e de umas com as outras capitánias eram em certos casos prohibidas, e as viagens para o reino sujeitas a mil embaraços e delongas. Só da cõrte é que se expediam passaportes para esse fim, de modo que um official de officio e um simples caixeiro, que haviam passado ao Brazil na esperança de fazer fortuna. e eram forçados a voltar á Patria, ou uma viuva a quem o desamparo impunha a mesma necessidade, — todos haviam de dirigir sua petição ao Rei, pedindo-lhe licença para isso. Sua Majestade ou lha despachava logo, concedendo ou negando a licença, ou auctorizava o governador respectivo para despachar como fosse justo, ou. mandava-lha a informar primeiro sobre a justiça da pretensão”

“Parece, continúa o mesmo autor, que se vedando ou difficultando reciprocamente as idas e vindas, a mente do legislador era conservar eternamente bloqueado ou prisioneiro o misero vasallo no canto do mundo onde nascera, ou onde acaso fõra ter, escapando á sua vigilancia, ou servindo aos seus interesses”

Não me extenderei sobre os meios com que a Metropole tentou esforçar a germinação sociologica espontanea e o crescimento de orgãos que poderiam elevar a estructura social. Citarei apenas um facto, que servirá ao mesmo tempo para mostrar quão pouca razão teve o dr. Sylvio Romero para enxergar nos fins do seculo passado o *influxo de um regimen mais sabio* (pag. 28). Refiro-me ao alvará de 5 de janeiro de

1785, que mandou fechar as fabricas de tecido que no Rio de Janeiro e em Minas já tinham attingido um desenvolvimento assaz consideravel.

Passemos agora ao Africano.

A circumstancia de serem uma feitura do meio não se applicava aos Africanos: assim ao passo que elles tendiam para os Tupinambás, os Tupinambás não tendiam para eles. Pela quantidade seriam superiores aos indigenas? Póde duvidar-se, mas dê-se que o fossem. Só o foram mais tarde quando o organismo social estava constituido, e não era tão sensivel ás influencias supervenientes.

Os Africanos seriam superiores aos Tupinambás pela qualidade? Não creio que alguém já o tenha affirmado.

Como por consequente podiam influir na civilização luso-brasileira? Só precipitando a decomposição e concorrendo para a differenciação que as circumstancias novas exigiam.

Isto fizeram? Penso que não. Mesmo isto é devido em grande parte á alliança que as circumstancias estabeleciam entre elles e os Tupinambás.

Parece que o povo sempre teve consciencia deste facto. Nos contos populares, de que depois tratarei ligeiramente, o Brasileiro é figurado no caboclo, nunca no negro ou no mulato.

Na literatura tivemos o indianismo, não o negrismo ou mulatismo.

Nos tempos da independencia os nomes de familia, jornaes, e partidos eram tupis e não negros.

#### IV

A antipathia do dr. Sylvio Romero pelos Tupinambás e a persistencia com que lhes nega importancia na formação do povo brasileiro, explicam-se muito facilmente.

Elle achou, quando começou a escrever, o indianismo como escola literaria. Estudando-o nesta qualidade, em breve descobriu o que havia de insufficiente e estreito nos seus principios e condemnou-o. Depois por uma transição insensivel, envolveu na mesma condemnação a theoria literaria e o facto sociologico. Segundo o ditado alemão, quiz despejar a banheira, e deitou fóra tambem quem se banhava.

Não defenderei o indianismo abstracto, mas convidarei o illustrado critico para percorrermos os annaes patrios e vermos si é possivel descobrir a razão de ser do phenomeno.

A principio quem nascia no Brasil era tido por um ente degenerado. Applicava-se-lhe o epitheto de *mazombo* e quem consultar os dictionarios verá que vae na palavra a idéa de injuria. Ao contrario, ter nascido em Portugal era um titulo de nobreza, que bastava para circundar a fronte do feliz de um certo prestigio.

Encontramos do facto dois testemunhos em Cardim; primeiro, quando nos mostra o modo por que os Viannenses predominavam em Pernambuco; segundo,

quando pinta a alacridade da população de S. Vicente para ouvir os sermões do padre reinol.

Quanto durou esta *consciencia de inferioridade* á metropole é difficil determinar com precisão.

E' provavel que os mais de vinte annos que os habitantes de Pernambuco lutaram contra os Hollandezes, a energia e constancia que ahi desenvolveram muito fizeram adelgaça-la.

Tambem não deve ter sido indifferente a sujeição de Portugal á Espanha, durante 60 annos.

As *bandeiras* dos Paulistas, as descobertas de minas que foram ao mesmo tempo causa e effeito das *bandeiras*, deram o ultimo golpe á emoção collectiva.

Seguiu-se então a consciencia mais ou menos clara da *igualdade* á Metropole. Os Brasileiros inspiraram-se nas glorias portuguezas, exultaram de seus triumphos, identificaram-se com os seus annaes. Era preciso alguma coisa que pudesse eleva-los á altura em que pairavam os Portuguezes. Para este fim prestou-se a natureza, cujos esplendores foram exaltados, cujas bellezas foram referidas, sobre cujas maravilhas insistiram largamente.

E' preciso lêr Rocha Pitta para vêr o sentimento em toda a sua força.

“Do novo mundo, diz elle, tantos seculos escondido, e de tantos sabios calumniado, onde não chegaram Hannon com as suas navegações, Hercules Lybico com as suas columnas, nem Hercules Thebam com as suas emprezas, é a melhor porção o Brazil; vastissima região, felicissimo terreno, em cuja superficie, tudo são fructos, em cujo centro tudo são thesouros, em

cujas montanhas e costas tudo são aromas, tributando os seus campos o mais util alimento, as suas minas o mais fino ouro, os seus troncos o mais suave balsamo e os seus mares o ambar mais selecto: admiravel paiz, a todas as luzes rico, onde prodigamente profusa a natureza, se desentranha nas ferteis producções, que em opulencia da monarchia e beneficio do mundo apura a arte, brotando as suas cannas esprimido nectar, e dando as suas fructas sazoad ambrosia, de que forão mentida sombra o licor e vianda, que aos seus falsos deuses attribuiu a culta gentilidade.”

Parece que depois desse epinicio não ha mais a accrescentar. Engano completo: o mesmo motivo é variado indefinidamente.

“Em nem outra região se mostra o céu mais sereno, nem madrugada mais bella a aurora; o sol em nenhum outro hemispherio tem os raios tão dourados, nem os reflexos nocturnos tão brilhantes; as estrellas são as mais benignas, e se mostram sempre alegres; os horizontes, ou nasce o sol, ou se sepulte, estão sempre claros; as aguas, ou se tomem nas fontes pelos campos, ou dentro das povoações nos aqueductos, são as mais puras: é emfim o Brazil terreal paraíso descoberto, onde têm nascimento e curso os maiores rios; domina salutifero clima; influem benignos astros, e respiram auras suavissimas, que o fazem fertil, e povoado de innumeraveis habitantes, posto que por ficar debaixo da torrida zona o desacreditassem e dessem por inhabitavel Aristoteles, Plinio e Cicero, e com gentios os padres da igreja Santo Agostinho e Beda, que a terem experiencia d’este feliz orbe, seria famoso

assumpto das suas enlevadas pennas, onde a minha receia voar, posto que o amor da patria me dê as azas, e a sua grandeza me dilate a esphera.”

Nada mais logico que, sentindo mais vivaz a consciencia das riquezas, querer avoca-las e dellas fazer monopolio.

Foi o que succedeu, e por isso desde o principio do seculo XVIII começou, principalmente em Pernambuco e S. Paulo, uma fermentação que não era claramente separatista, porém tendia muito para isto. Póde definir-se como uma tentativa de *home-rule*, pois o movimento brasileiro decimo-oitavista assemelha-se muito á cruzada que agita a Irlanda contemporanea.

Era natural que os Portuguezes não quizessem sujeitar-se á exclusão mais ou menos completa que os colonos lhes queriam impôr. Por isso a luta era fatal. No tempo em que Rocha Pitta colligia os materiaes para a sua *Historia da America Portuguesa* deram-se duas explosões aticadas pela aspiração do *home-rule*; a guerra dos Mascates, ao norte, a guerra dos Emboabas, ao sul.

Mesmo depois que terminou nos campos, a luta continuou no lar. O dr. Sylvio Romero, que tanto estuda os cantos populares, ha de ter encontrado vestigios della nas historias do caboclo e do marinheiro.

Foi então que appareceu o indianismo, e, si fosse mister provar que elle não sahiu armado do cerebro de Santa Rita Durão ou de Bazilio da Gama, bastaria citar os nomes dos muitos escriptores que nelle se inspiraram desde Cordovil até Penna; os muitos nomes de familia que obedecem ao mesmo espirito; os factos

em summa, que no principio do seculo XIX observa quem estuda a nossa historia.

Si considerarmos a independencia nacional como a *consciencia que a colonia pouco a pouco adquiriu da sua superioridade á metropole*, o indianismo é um facto muito importante nos annaes literarios como nos annaes politicos.

E' facil refuta-lo; mas é excusado. De todos os literatos que se inspiraram no indianismo, não penso que haja algum que tenha querido fazer do indianismo uma escola exclusiva e obrigatoria.

José de Alencar, em um prologo em que, meio diluidas em fino humorismo, boiam muitas idéas dignas de meditação, dá o primeiro logar "ás lendas e mythos da terra selvagem e conquistada; ás tradicções que embalaram a infancia do povo. a essa literatura primitiva cheia de santidade e enlevo para aquelles que vêem na terra da patria a mãe fecunda, *alma mater* e não encherгам nella apenas o chão onde pisam", porém deixa logar para outras fórmãs de arte, mais completas, mais concretas, mais tangiveis, e os seus livros ao mesmo tempo que commentarios são a confirmação de suas palavras.

E, como vem a proposito, direi que o dr. Sylvio Romero não foi justo com José de Alencar.

José de Alencar teve a vantagem de ser c. mais antipathizado dos literatos desta terra. Por infelicidade escreveu desde o principio de sua carreira aquellas cartas de *Ig* sobre a *Confederação dos Tamoyos*. Tanto bastou para a commandita anathematiza-lo para sempre. O conego Fernandes Pinheiro passa-o em si-

lencio nas duas edições de sua historia literaria. F. Wolf fala de seu nome apenas em uma nota. O Instituto Historico não o quiz por socio.

A tal respeito existe uma historia que vale a pena contar. Um poeta foi á guerra do Paraguai, e escreveu um volume de poesias em que são celebrados alguns feitos e heroes da campanha. Considerando que as poesias eram historicas, o Instituto abriu-lhe o seio de Abraham. O dr. Luiz Vieira apresentou uma proposta para que fossem considerados socios José de Alencar e Ferreira Vianna, e a commissão até hoje ainda não teve tempo para dar parecer a respeito!

Mais tarde, José de Alencar poderia ter se reconciliado com certo circulo si fosse lêr os seus escriptos nas palestras imperiaes, ou mandasse os seus livros a literatos portuguezes para estes lhe escreverem cartas encomiasticas. Não fez uma nem outra coisa. Depois do seu malfadado ministerio, os odios politicos despertaram crúa guerra literaria. José de Castilho tentou demoli-lo, peça por peça. O dr. Franklin Tavora empregou um volume na analyse de dois ou tres romances. O dr. Joaquim Nabuco encheu columnas e columnas do *Globo*, não achando sufficiente a quêda do *Jesuita*. A nova geração, principalmente a que se agrupou ao redor daquelle brilhante jornal pernambucano — *A Crença*, dedicou-lhe e dedica-lhe uma antipathia particular.

A morte ainda não apagou, mas apagará em breve os sentimentos hostis; e então todos reconhecerão que José de Alencar é o primeiro vulto da literatura nacional.

## NOTICIAS ATRAZADAS

Publicado na "A Noticia" de 16-17 de Novembro de 1903,  
sob titulo *Noticias Atrazadas*.

## NOTICIAS ATRAZADAS

Interessante e de leitura variada o ultimo numero da *Revista Trimensal* do Instituto Historico, correspondente ao primeiro semestre de 1902.

Reproduz varios trabalhos impressos de 1839 a 1842, sob o titulo de *Memorias*, e, desde muito exgotados. Um delles, escripto por Varnhagen, mostra o papel preponderante aqui representado pelos Francezes logo em seguida ao descobrimento do paiz. Outro, do visconde de S. Leopoldo, contém a biographia de Alexandre de Gusmão, o paulista que tanto se elevou na côrte de Lisboa, e a de seu irmão Bartholomeu, o padre Voador. E' pouco o que diz sobre este. Tambem depois nada se accrescentou de importante: a actualidade emprestada ao assumpto pelas ascensões de Santos Dumont talvez consiga volver algum investigador ao estudo desta figura desconhecida.

A memoria de S. Leopoldo sobre os limites naturaes, pactuados e necessarios do Brasil, provocou um incidente picante. Havia então, em Portugal, o conselheiro Manuel José Maria da Costa e Sá, tido e havido por autoridade unica em questões de limites das colonias portuguezas. Costa e Sá considerou o estudo de S. Leopoldo verdadeira invasão á sua seára e contra elle investiu em annotações irritadas, impertinentes e ás vezes erradas, tambem agora reimpressas. Assim, a proposito do ponto de Mato Grosso em que correm parallelamente os rios Alegre e Aguapehi, procurando

um o Jaurú, isto é, o Paraguai, o outro o Guaporé, isto é, o Amazonas, balisando um varadouro que em certas ocasiões tem sido transposto por pequenas embarcações, o irritado conselheiro lança mão de um trecho de Simão de Vasconcellos, inteiramente estranho ao assumpto. S. Leopoldo responde com dignidade e vantagem ao bilioso especialista unico de além-mar.

Mais de um terço do volume é occupado por diversas peças officiaes que vão de 1757 a 1799.

Chronologicamente o primeiro é uma carta de Pedro Dias Paes Leme enviando a seu correspondente um indio Caiapó, á vista de um padre da Companhia ter affirmado não existir tal gente em terras de Goiaz. Os Caiapós, ao que parece, eram os indios chamados Ibirajara, na lingua geral; enorme a área por elles devassada. No varadouro de Camapuam estorvavam as communicações fluviaes entre S. Paulo e Mato Grosso. De Jundiahi ou Mogi-mirim um dia roubaram os sinos da igreja. Na margem occidental do S. Francisco mais de uma vez fizeram incursões. No Araguaia existem ainda aldeias suas e lá estão se domesticando graças á criação de porcos a que se afeiçoaram. Nas pontas do Tapajós mencionam-nos as tradições dos Bacaeris. Como podia o padre da Companhia ter duvidas sobre a existencia de tal gente? Verdade é, que ha pouco, uma autoridade em ethnographia brasilica, o dr. Paulo Ehrenreich, negou a existencia dos Canoeiros, de que os Goianos contam horrores. Será Goiaz a terra dos indios fantasticos?

Já o segundo documento accusa uma freira da Ajuda chamada Thomazia de ter dado entrada no

convento, para fins que não eram exclusivamente religiosos, a Thomaz Cardoso; grande parte dos que seguem dizem respeito a frades, principalmente a suas propriedades e rendimentos.

A historia colonial é em sua maxima parte uma historia de frades: si quizermos dar uma idéa do papel dos conventos naquelles tempos, logo acode ao espirito um congresso contemporaneo. Como o congressista moderno, o frade não estava sujeito a juiz leigo; as ordens de seus superiores só respeitava quando queria; a opinião publica lhe era indifferente; provocando escandalo, tinha certeza de se fazer popular; o subsidio, isto é, os meios de viver e gozar não perigavam; ás vezes uma Ordem atracava-se com a outra Ordem e o povo rejubilava ainda mais quando eram os filhos da mesma; no meio de tudo um continuava ministro do altar, como o outro se jacta de representante do povo. Accrescente-se que até o começo do seculo passado, a cidade do Rio terminava na Lapa e no Campo de Sant'Anna; a ausencia de elemento estrangeiro dispensava de certo recato; não havia diarios, nem telegrammas, nem liberdade de palavra, nem distracções; a galeria assistia hypnotizada ás exhibições e escandalos, gostosamente esmoendo-os emquanto não sobrevinham outros. No governo de Pombal houve a prohibição de acceitar noviços, e os superiores são os primeiros a approvar a idéa.

Apparecem na correspondencia dos annos seguintes, nomes conhecidos como o de José Custodio Sá e Faria; do poeta Silva Alvarenga, professor de rhetorica, pedindo não fosse permittido ordenar-se alguém

sem ter prestado exame de grego, philosophia e rhetorica; o de Balthasar da Silva Lisboa, empenhado em estudos de historia natural e civil, perseguido, desfeito pelos vice-reis. Existem projectos para a fortificação do Rio de Janeiro, noticia sobre a producção do Rio Grande do Sul, especialmente de trigo, sobre o contrabando que alastrava, começado no governo de Luis de Vasconcellos, continuado sob o governo do Conde de Rezende "inconstante e confuso nas suas determinações, em cujo tempo ha dias em que entram aqui navios inglezes aos pares e si ha alguma semana que falham é novidade que devia ir para a *Gazeta*"

Destaca da papelada uma carta de Joaquim Silverio dos Reis, de 15 de Março de 1791. Lembra seus serviços eminentes á corôa; desde o governo do conde de Rezende, porque este não lhe prestou attenção, deram-lhe um tiro; acutilaram uma pessoa em sua porta, á noite, pensando ser elle, por causa do capote de côr parecida com a do seu; morando em um armazem onde estavam muitos barris de alcatrão, introduziram uma mecha de panno de linho para provocar incendio; vê-se mal quisto; e no dia 7 de Fevereiro casou com uma filha do coronel Luis Alves de Freitas Belio.

Salvo o casamento, provavelmente tudo isto é galibice. Joaquim Silverio foi apenas um entre os muitos delatores; só para não se confundir na chusma, allega estas coisas, e como de todos foi o que mais proveito colheu, a historia o tem salientado de modo injusto. Não será para estranhar que algum joven nortista, intrigado pelas honras prestadas a Tiradentes em de-

trimento dos Mascates e dos republicanos de 17 se proponha a provar que Silverio foi um benemerito, porque a conjuração mineira nunca adquiriu uma arma nem passou de conversas ociosas, queria a desmembração do Brasil e não sua unidade, avançava um movimento destinado a falhar, miseravelmente sem o abalo simultaneo das colonias espanholas, etc., etc.. Já não se fez coisa semelhante com Calabar?

A perola do presente numero é, porém, a *Narrativa epistolar* de Fernão Cardim, impressa a primeira vez em 1847 por Francisco Adolpho de Varnhagen. Pelo menos, aqui, o livrinho é raro; vulgarizando-o, o Instituto augmentará o numero dos admiradores do sympathico jesuita.

Tinha pouco mais ou menos quarenta annos, quando atravessou o Oceano, juntamente com Christovam de Gouvêa, segundo visitador da Companhia nestas alongadas regiões. Occupara antes o cargo de ministro em Evora; era uma natureza simples, optimista, de percepção rapida, apanhando e apreciando a variedade dos espectaculos, sentindo-se bem em toda a parte; escrevia bem, num estilo corrente, como não se encontra muitos semelhantes na época.

Embarcou em Março, e chegou á Bahia em Maio de 1583. A viagem correu prospera, salvo casos de doenças.

“Os nossos tambem participaram desta visitação das mãos de Deus: o primeiro que cahiu foi o padre Visitador, das mesmas febres tão agudas e rijas que nos parecia que não escapava daquella; foi sangrado tres vezes, enxaropado e purgado, provido de todas as

gallinhas, alcaparras, perrexil, chicoreas e alfaces verdes, e coisas doces e outros mimos necessarios que parecia estarmos em o collegio de Coimbra”

Na Bahia, foram recebidos no meio de festas que descreve, visitaram as aldeias onde muitos costumes dos indios lhes causaram especie, desfrutaram largamente a hospitalidade illimitada dos engenhos: como bom ministro, Cardim sabia apreciar iguarias gostosas e vinhos generosos.

Naquelle tempo de navegação a vela, o homem punha e o vento dispunha; o Padre visitador quiz ir logo a Pernambuco, o vento levou-o a Camamú, Ilhéos, Porto Negro; só em Julho do anno seguinte pôde chegar ás terras desbravadas por Duarte Coelho.

A sociedade pernambucana é descripta nos seguintes termos:

“A gente da terra é honrada; ha homens muito grossos de 40, 50 e 80 mil cruzados de seu: alguns devem muito pelas grandes perdas que têm com escravidão de Guiné que lhe morrem muito, e pelas demasias e gastos grandes que têm em seu tratamento. Vestem-se e as mulheres e filhos de toda a sorte de veludos, damascos e outras sedas, e nisto têm grandes excessos; as mulheres são muito senhoras, e não muito devotas, nem frequentam as missas, prégações, confissões, etc.; os homens são tão briosos que compram ginetes de duzentos e trezentos cruzados, e alguns têm tres, quatro cavallos de preço. São mui dados a festas. Casando uma moça honrada com um Vianez, que são os principaes da terra, os parentes e amigos se vestiram uns de veludo carmesim, outros de verde, e outros de damascos e outras sedas de varias côres, e os guiões e sellas dos cavallos eram das mesmas sedas

de que iam vestidos. Aquelle dia correram touros, jogaram canas, pato, argolinha, e vieram dar vista ao Collegio par os ver o Padre visitador; e por esta se póde julgar o que farão nas mais, que são communs e ordinarias. São sobretudo dados a banquetes, em que de ordinario andam comendo um dia, dez e doze senhores de engenho juntos, e revezando-se desta maneira gastam quanto têm, e de ordinario bebem cada anno 50 mil cruzados de vinho de Portugal, e alguns annos beberam 80 mil cruzados dados em rol. Emfim, em Pernambuco se acha mais vaidade que em Lisboa”

Voltando para a Bahia, começaram a viagem para o Sul; estiveram no Espirito Santo e no Rio de Janeiro; visitaram todas as villas e aldeias da capitania de S. Vicente. O seguinte trecho mostra que, apesar de seu estilo galopante, Cardim sabia sentir e exprimir os encantos da natureza:

Esta capitania do Rio “é muito sadia, de muitos bons ares e aguas: no verão tem boas calmas algumas vezes, e no inverno mui bons frios; mas em geral é temperada. O inverno se parece com a primavera de Portugal: tem uns dias formosissimos tão aprasiveis e salutiferos que parece estão os corpos bebendo vida. E’ terra mui fragosa e muito mais que a serra da Estrella; tudo são serrarias e rochedos espantosos, e tem alguns penedos tão altos que com tres tiros de frecha não chega um homem ao chão, e ficam todas as frechas pregadas na pedra por causa da grande altura; destas serras descem muitos rios caudaes que de quatro e sete leguas se veem alvejar por entre matos que se vão ás nuvens e do pé de algumas destas serras até riba ha uma grande jornada. ” “A cidade está situada em um monte de boa vista para o mar, e dentro da

barra tem uma bahia que bem parece que a pintou o Supremo pintor e architecto do mundo, Deus Nosso Senhor, e assim é coisa formosissima, e a mais aprazivel que ha em todo o Brasil. ”

Em summa: através das paginas de Cardim, o Brasil apparece como uma terra de visualidades e magicas. Só a Companhia prepara incançavel sua obra secular.

LIVROS NOVOS

Publicado no “Jornal do Commercio” (*Livros Novos* — “Notas Dominicaes, de Tolenare, traduzidas por Alfredo de Carvalho”) sem assignatura, mas depois reconhecido como trabalho original de Capistrano.

## LIVROS NOVOS

Um Francez, chamado L. F. de Tollenare, esteve em Pernambuco de fins de 1816 a meados de 1817. Tinha o costume de escrever aos domingos o que via ou lhe contavam durante a semana. Dahi uma serie de *Notas dominicaes*, citadas primeiro por Ferdinand Dénis, depois por Varnhagen e conservadas manuscriptas na bibliotheca de Santa Genoveva em Paris. Sabendo de sua existencia, o Sr. Alfredo de Carvalho mandou copia-las, traduziu-as, e agora as publica em um volume de 261 paginas, ornado de estampas.

Não é esta a primeira traducção que devemos ao Sr. Alfredo de Carvalho.

Do alemão já traduziu as *Memorias de um soldado*, historia de um joven aventureiro, soldado da Companhia das Indias Occidentaes, testemunha e actor da invasão de Pernambuco. Na sua posição subalterna, Ambrosio Richshoffer ignora os planos dos chefes; mas o modo de recrutamento no além-mar, os azares da travessia, os castigos empregados a bordo contra os marinheiros empedernidos, os primeiros tempos passados em terra, o viver quotidiano da soldadesca, expostos singelamente, offerecem farta compensação. Escriptos em fórma de diário, completam e rectificam a mais de um respeito o livro de Duarte de Albuquerque Coelho.

*Olinda conquistada* e o *Diario de Mathias Beck* foram traduzidos do hollandez.

*Olinda conquistada* teve por autor um ecclesiastico embarcado no mesmo navio de D. von Waerdenburch. O cabo de guerra apparecia no primeiro plano e bem diverso do que se poderia imaginar: religioso, quasi mystico, entregue a leituras e meditações piedosas, attribulado de escrupulos de consciencia, preparando-se para a empresa como para uma cruzada.

O *Diario* de Mathias Beck narra uma expedição ao Ceará, á procura de minas de prata. O resultado foi negativo; apesar disto, depois da restauração os Portuguezes entregaram-se a novas pesquisas, crentes em historias fantasticas transmittidas pelos indios sobre as riquezas cavadas pelos Flamengos.

Além destas traducções, o Sr. Alfredo de Carvalho dirige agora a velha *Revista do Instituto Archeologico* e está remoçando-a: suas revistas criticas revelam ampla informação e juizo seguro; muito se póde ainda esperar delle para o conhecimento daquella importante zona.

O livro de Tollenare merecia bem ser traduzido. Tomadas ao acaso, conforme se apresentava a occasião, as *Notas dominicaes* apanham a realidade em flagrante.

A vida do Recife é debuchada sómente nas feições exteriores para as classes mais altas, pois os costumes não permittiam contacto com o elemento feminino. Apparece-nos mais completa nas classes baixas, com sua indolencia geral, a subsistencia facil, ambições sem horizonte, festas multiplas e danças lascivas.

Uma excursão permittiu ao autor familiarizar-se com os engenhos: os escravos nivelados quasi com o

gado, valendo apenas pelo capital nelles representado; os moradores sujeitos aos caprichos do proprietario, massa plastica donde saham os capangas e os assassinos; os lavradores possuindo já escravos e terras, mas sujeitos ainda ao senhor de engenho, verdadeiro régulo, occupam os diversos degraus da hierarchia immutavel.

Durante a assistencia de Tollenare rebentou a revolução de 1817 Com alguns dos principaes chefes entretinha relações e agora os ficamos conhecendo mais de perto; João Ribeiro, José Luiz de Mendonça, Domingos José Martins (de quem não gosto nada).

Não póde haver duvida: a revolução veio inesperada, porque mataram a dois officiaes de linha, o Governador fugiu para uma fortaleza sem munições de ordem alguma, o padre João Ribeiro falou de Republica, Martins tendia para jacobino e os revoltosos, espantados ainda com a tragedia, acceitaram a solução inesperada, como acceitariam qualquer outra, a de uma amnistia, por exemplo.

Do padre João Ribeiro consta-nos que conhecia bem as sciencias naturaes, vivia parcamente e superior á fortuna, professava o idealismo impenitente de Condorcet, vibrava a todas as paixões da revolução franceza. Durante a tormenta revolucionaria, Tollenare esteve fóra da França; suspeitando que pertenceria á grei nefasta dos emigrados, só por isso, João Ribeiro começou a trata-lo com uma frieza e só o deixou quando viu que se enganara.

Pensaria João Ribeiro que a scintella de Pernambuco virasse incendio, si não para o Brasil todo, ao

menos para o Brasil alheio ao contagio da Côrte, da Bahia para o Norte? Acreditaria na efficiencia do apostolado do padre Roma e de Alencar? Talvez no primeiro momento. Mais tarde, apenas conheceu a attitude dos Bahianos e do Conde dos Arcos e foram chegando noticias de defecções, e o Recife esteve ameaçado de fome, porque das capitancias vizinhas não deixavam passar gados para Pernambuco, haveria de ter reconhecido sua illusão. Já a este tempo o Governo provisorio se convertera em ditadura, investida em Domingos Theotónio, heroe a força, que não estava á altura da situação, como prova seu triste interrogatorio. Affirma o autor que os elementos existentes em Pernambuco seriam sufficientes para resistir aos *scipiões* da Bahia e aos miseraveis indios arrebanhados de caminho. Não ha duvida: faltava-lhes, porém, o principal: a preparação psychologica, a paixão da liberdade. João Ribeiro acompanhou a retirada das tropas patrioticas para o interior, descalço, para ir se acostumando ás privações; antes do descalabro dissera ao amigo que saberia morrer como homem livre. Suicidou-se como seu mestre Condorcet, mas no engenho do Paulista.

Tollenare assistiu á reacção realista de que nos conta episodios bem interessantes. Esteve presente á execução do padre Tenorio, e descreve os longos preparativos de uma execução.

“Os detalhes que precedem ás execuções opprimem a alma — escreve —. Os condemnados, de corda ao pescoço, esperam por longo tempo, sobre os degraus da prisão, a formação do cortejo. Os soldados marcham

com as armas em funeral e os tambores rufam surda e sinistramente. As irmandades chegam lentamente, umas depois das outras, trazendo bandeiras que vêm successivamente inclinar diante dos pacientes. Deseja-se e crê-se sempre que a ultima vae determinar a partida.

“Ao apparato religioso e militar vem se juntar o da lei inflexivel. Um official superior de justiça, vestido de luto e de manto negro, se apresenta. Está montado em um cavallo preto e vem precedido de um alcaide, tambem a cavallo, vestido de vermelho e trazendo um cirio acceso na mão. O juiz segura um rolo de papel: é a sentença. A sua physionomia é austera e impassivel; as filas se entreabrem com deferencia á sua approximação. Percebe-se que é o ultimo mensageiro, que elle vae ordenar a execução. Irá partir-se?

“Não; novas deputações do clero apparecem em longas filas e vêm recitar as orações das quarenta horas. Do alto do patamar os condemnados assistem a todas estas lugubres ceremonias. Só uma grande elevação da alma ou uma resignação absoluta póde permittir delles ausentar o espirito, porque, si devessem observar todas as intenções, cada minuto seria um medonho supplicio.

“Emfim, começa a marcha. Urge que os desventurados saiam do estado de concentração mental que lhes permittia o repouso; cumpre que marchem. E' o ultimo dia que seus pés tocarão o sólo. Os seus olhares vagam sobre uma multidão agitada, cuja curiosidade é quasi tão indifferente quanto ávida: indifferente para o suppliciado, ávida do espectaculo do supplicio. E' a ultima vez que verão esta movimentação da cidade, de que outróra partilhavam. As janellas estão guarnecidas de senhoras.

“Partiu-se emfim. O cortejo é formado pelos executores; são dois negros criminosos condemnados á

morte, mas poupados afim de servirem de algozes. Vivem sepultos num carcere, de que só saem nos dias em que vão exercer o seu horrivel mistér. Vão carregados de ferros e levam tambem a corda ao pescoço. Não são elles igualmente victimas?

“Mas a longa procissão acaba de parar! Será uma contra-ordem de palacio? Será o perdão? Não, um altar está preparado junto á via dolorosa; os condemnados devem ouvir a missa dos mortos. Cinco pausas semelhantes têm lugar durante o trajecto. Em cada uma os pacientes são exhortados, exorcizados, regados de agua benta e respondem ás litanias.

“Chega-se emfim á praça. De longe avistava-se a forca erguida. Esse instrumento de morte parece animar-se e chamar de longe as suas victimas. A sua terrivel eloquencia se manifesta de longe, pela cabeça de um dos ultimos executados, que nella ficou implantada.

“Os detalhes da agonia dos pacientes; as crueis formalidades que a prolongam; as que a cada degrau lhes renovam as angustias; as verificações humilhantes e irritantes, que faz o executor para se assegurar do ajustamento do laço mortal; a presença dos desgraçados que a sorte condemnou a não subirem em primeiro logar ao cadafalso; a espera do signal; o arremeço irrevocavel que o segue; os movimentos convulsivos da vida nas garras da morte; os esforços impios e necessarios do carrasco para abrevia-los! Tudo isto me faz cahir a penna das mãos”.

Tollenare deixou Pernambuco em Julho de 1817. depois de uma assistencia de oito mezes. “Posso acaso impedir que meu coração se confranja ao lançar um ultimo olhar sobre a cabeça desfigurada do infeliz padre João Ribeiro, que permanece exposta na praça do

Commercio?”, são as ultimas palavras das *Notas dominicaes*.

Fechando o interessante volume, tem-se curiosidade de saber mais alguma coisa sobre quem o escreveu. Da leitura colhe-se apenas que viajara pelos Alpes e pela Noruega, estivera em Portugal, amava e conhecia as sciencias naturaes, interessava-se pelas questões economicas, tinha qualquer negocio commercial e despachava embarcações.

Qual foi sua vida antes e depois da estada em Pernambuco? Quando e como foi parar á bibliotheca de Santa Genoveva o seu manuscripto? São perguntas de resposta facil talvez. A familia ainda existe e foi ella quem forneceu o busto estampado á frente do volume. Já que o Sr. Manoel de Oliveira Lima, encarregado pelo Instituto Archeologico Pernambucano de prefacia-lo, não se preocupou com isto, tome a si o assumpto o Sr. Alfredo de Carvalho e trate delle em um dos proximos numeros da revista entregue á sua competencia.

Satisfaça tambem um desejo manifestado por L. F. de Tollenare: a publicação do itinerario de Caetano Pinto de Miranda Montenegro, desde Mato-Grosso até a Capitania de Pernambuco. Além das noticias sobre Mato-Grosso, Goiaz, Bahia e Pernambuco, limitado então pelo rio da Carinhanha, esclareceria um ponto obscuro e importante da historia pernambucana.

Azeredo Coutinho, entre os serviços prestados durante seu governo interino, cita “uma nova estrada geral de communicação desde os sertões de Pernambuco até aquella praça pela parte do Sul, para por ella

se conduzirem os gados e transportarem os viveres e todos os generos de commercio, que até então estavam estancados por aquellas partes”.

Que estrada seria? a de Taquaretinga pelo brejo da Madre de Deus a Pajehu? O diario de Caetano Pinto resolveria a duvida si, como é provavel, existir ainda em algum archivo ou bibliotheca de Portugal.

PARA A HISTORIA

Artigo publicado na "Gazeta de Noticias" de 21 de Fevereiro de 1895, sobre o *Processo do Conselheiro Augusto de Castilho*, editado em 4 volumes.

## PARA A HISTORIA

### I

Para quem algum dia se animar a escrever a historia da revolta de 6 de Setembro, o processo do conselheiro Augusto de Castilho será fonte de primeira ordem. De quatro volumes consta a obra, mas só o 2.º e o 3.º são indispensaveis, por contarem notas quasi diarias, escriptas ao Almirantado pelo commandante da *Mindello*.

E' triplo o seu valor.

Primeiramente o conselheiro Castilho assistiu a todo o drama, pois chegou aqui a 11 de Agosto e, póde-se dizer, foi o heroe do ultimo episodio.

Além disso, informa-nos de parte da historia diplomatica da revolução, maxime do quanto se passou a bordo das esquadras estrangeiras fundeadas no porto.

Finalmente, entretinha relações de amizade e camaradagem com o contra-almirante Saldanha da Gamma, e graças a elle podemos seguir as fluctuações de espirito deste chefe, até o momento de dar o passo decisivo.

“A frequencia de malas a expedir d'este porto para Lisboa, — escreveu elle algures — occasiona alguns inconvenientes, sobretudo para quem tem que redigir estas notas. A tumultuaria successão dos acontecimentos a narrar, a sua diversa natureza, e a variada

fórma por que elles se apresentam, procedendo de um ou outro dos dois partidos em armas, obrigam-me, ás vezes, a considerações menos exactas, por não terem taes acontecimentos operado a sua evolução completa. Pela necessidade que o dever me impõe de escrever tanto a miudo, nem sempre me é possível avaliar desde o seu principio e de uma maneira completa e exacta esses acontecimentos, podendo mesmo parecer em certas occasiões que mudo de opinião e me contradigo” (*Processo II*, pag. 457).

Não parece só; mais de uma vez o conselheiro Castilho muda de opinião e se contradiz, e exactamente esse é um dos meritos de suas notas, porque vemos a historia como se foi fazendo, em suas linhas irregulares e detalhes minimos que depois se somem na harmonia geral. Accresce que estas contradicções geralmente se podem explicar por influencia de Saldanha da Gama, “que vem frequentes vezes a meu bordo desabafar commigo de suas grandes maguas, duplamente sentidas como brasileiro e como official de marinha”. (*Processo II*, pag. 373).

Sobre a attitude da armada estrangeira não precisamos nos extender muito aqui. Suas grandes preoccupações foram cortar o bombardeio da cidade e o bloqueio do porto. Para consegui-lo eram necessarias concessões da parte do chefe do Governo e da parte do chefe da revolta. Fizeram-nas ambos, nem sempre com muito boa vontade ou perfeita lisura. Nem sempre tambem os intermediarios se distinguiram pela discreção; “mas como, em summa, conseguiu-se o que se queria, e todos lucrámos com isto; é este um dos ca-

sos em que se póde dizer que o fim desculpa as fórmas”.

Desde 7 de Setembro, o Sr. Augusto de Castilho augurou mal da revolta. A rapidez com que o almirante Custodio se apossou dos navios do ancoradouro não o illudiu.

“Devo observar que com excepção dos navios *Republica*, *Trajano*, *Aquidaban* e das torpedeiras, nem um dos demais navios de guerra está em estado de armamento completo, e nem sequer póde trabalhar com suas machinas, tendo sido levado das antigas para as novas posições com o auxilio de pequenos vapores de reboque. Por este motivo, isto é, por estarem todos em concerto ou delle necessitados, quasi todos se achavam com diminutissima guarnição e em estado de não poderem oppor a minima resistencia. Foi por isso que a tomada de toda esta numerosa esquadra pelo contra-almirante Custodio de Mello e seus adeptos se fez em pouco tempo, e sem que um tiro fosse disparado de parte a parte”. (*Processo II*, pags. 20, 21).

Para quem sabe lêr, significam claramente estas palavras que a força de Custodio não estava no mar e só lhe podia vir de terra. Como? — “levantando a bandeira monarchica”, — respondia o escriptor a 7 de Setembro, e repetiu-o até Dezembro, ao vêr que com tal bandeira Saldanha da Gama nem um reforço novo apreciavel trouxe ao movimento.

A illusão sebastianista era muito natural em quem pouco conhecia o paiz; e elle representava um paiz monarchico, de dynastia muito conjuncta á que daqui fôra despedida em Novembro de 89, aprendera com sua familia a ser grato a D. Pedro.

De facto, sabe-se que Antonio Feliciano de Castilho veio passar algum tempo no Brasil a convite do ex-Imperador. Por esta ocasião, sendo condemnado á morte um portuguez residente no Rio Grande do Sul, Antonio de Castilho conseguiu a commutação da pena mediante uma bella epistola á Imperatriz. O Sr. Augusto de Castilho pagou fartamente a divida paterna, dando pelo portuguez de 50 a 500 brasileiros de 93.

Passam por estas paginas muitas figuras e factos conhecidos: o Sr. Custodio de Mello, sympathico, apesar de tudo, conciliador, mas presumçoso, vasio, allegando soberania no porto, mas sem lograr ve-la reconhecida, á espera não se sabe de que, para começar não se sabe como; seu secretario, indiscreto e boateiro, assegurando a existencia da revolução no Ceará e em outros pontos, illaqueado afinal nas noticias forjadas a bordo para produzirem effeito em terra; o Sr. Eliezer, torvo, pendendo a cada instante para a pequena pirataria; no arsenal, o Sr. almirante Coelho Netto, contaminado pelo estado de sitio e usando com os estrangeiros de modos que significavam quasi ameaça de manda-los para a casa da Correção.

Alguns factos veem-se agora narrados de maneira mais completa; por exemplo: os torpedos que o capitão Boyton levou sob bandeira ingleza em uma lanchara que depois provou ser brasileira e chamar-se *D. Joanna* (*Processo II*, pags. 110, 291) e umas celebres boias que appareceram um dia na bahia, sobre as quaes a capitania do porto publicou um aviso de horrorizar, com as quaes o Sr. Custodio declarou nada ter, e que, afinal, se descobriu não passarem de jaque-

tas e manequins empalhados, provavelmente algum gracejo da guarnição de Willegaignon, useira e veseira nestas artes.

A proposito de torpedo, o Sr. Augusto de Castilho recebeu uma denuncia que vamos transcrever aqui, mandada pelo Sr. conde de Paços d'Arcos. No genero torpedos é o que se póde chamar *fin de siècle*, e, ou estamos supinamente enganados, ou a estrondosa descoberta será verdadeira revolução na arte da guerra.

Depois de dizer que os torpedos foram construidos nas officinas da Estrada de Ferro Central do Brasil, em Todos os Santos, e remettidos a 24 de Outubro para Nictheroi, escreve o denunciante perfilhado pelo Sr. Paços d'Arcos:

“Diz-se que cada um delles (torpedos) deverá ser conduzido no mar por um ou mais nadadores, suspendendo o torpedo por meio de boias.

“Os conductores vão vestidos com uma especie de escaphandros, que lhes permittirá a fluctuação e natação quasi perpendiculares, tendo só fóra d'agua a cabeça coberta com um capuz escuro, que não poderá ser distinguido de longe.

“Chegado a distancia de 50 ou 60 metros do navio alvo, o conductor abandona o torpedo, que será como attrahido ao navio pelo poderoso *iman* que encerra, e logo que se choque com o casco, detonará”.

E parece que detonou mesmo, porque a 25 de Outubro foi a terrivel explosão da Lage do Mocanguê.

Veremos, depois, as relações entre Augusto de Castilho e Saldanha da Gama.

## II

Quando começaram as relações de amizade entre os Srs. Saldanha da Gama e Augusto de Castilho, ignoramos. Talvez em 85, da outra vez que o conselheiro Augusto de Castilho esteve aqui, em alguma das muitas viagens a diversas partes do mundo feitas por ambos, porque nenhum delles foi jamais marinho de agua doce nem de portos.

Na pag. 199 do segundo volume, unico que citaremos nesta noticia, o commandante do *Mindello* chama antigas ás relações de amizade que tinha com o almirante; na pag. 421, a 18 de Dezembro, diz que interrompeu o contacto com elle. E' a este periodo, isto é, entre a explosão da revolta a 6 de Setembro e a cessação de neutralidade de Saldanha da Gama a 7 de Dezembro, que limitaremos os extractos.

A 7 de Setembro escreve o Sr. Castilho:

“O contra-almirante Luiz Felipe Saldanha da Gama, director da Escola Naval, situada na ilha das Enxadas, e que é talvez o official de mais prestigio na corporação, mas que desde a queda do Imperio se conserva em uma posição de reserva digna, escreveu ao Ministro da Marinha, affirmando suas idéas ordeiras” (pag. 23).

A 22 de Setembro:

“A attitude do contra-almirante L. F de Saldanha da Gama. continúa a ser neutra!” (pags. 67 e 68)

A 27 de Setembro:

“O Governo, querendo provocar aquelle general a pronunciar-se claramente, mas não ousando faze-lo de uma fórma perfeitamente explicita, pelo grande e justo respeito e consideração que aquelle official a todos inspira, tem, todavia, empregado varios expedientes indirectos para chegar ao seu fim.”

“Ultimamente autorizou-o a licenciar os alumnos da Escola Naval sob suas ordens, e pediu-lhe explicações sobre o abandono da repartição da guarda-moria da alfandega, pelo pessoal respectivo. A estas intimações respondeu o almirante Saldanha digna e firmemente com as notas que vão juntas, em que define de maneira plausivel a convicção de sua attitude reservada, mantida até aqui”

“Não sei o que a isto se seguirá, mas é bem possível que o Governo, querendo levar as coisas demasiadamente longe, converta o almirante Saldanha da Gama em um inimigo terrivel, levantando-se com este todo o pessoal que lhe obedece e as baterias das ilhas das Cobras e de Willegaignon.

“Estes elementos valiosos estão até hoje neutralizados sob a influencia prestigiosa deste brilhante official general, mas não continuarão assim, si este levantar a sua mão.

“Lembremo-nos tambem de que o almirante Saldanha da Gama, caso venha a bandear-se com a revolta, não é *homem para ser dominado por outro chefe*, e não esqueçamos que elle é o mais ordeiro mantenedor dos

principios monarchicos que professa e em que é acompanhado por muita gente” (O grypho é nosso).

“Em vista do que exponho, é licito suppormos que a adhesão do almirante Saldanha á causa da revolta imprimiria a esta um character perfeitamente inesperado. Aguardemos, porém, os acontecimentos e não aventemos juizos temerarios” (pag. 80).

A 29 de Setembro diz:

“O officio do almirante Saldanha da Gama deu logar a uma violenta apreciação que hontem appareceu no *Tempo*, e na qual se encontram argumentos de bastante valor habilmente desenvolvidos por um polemista de primeira ordem, empregados com uma sagaz subtilidade que deixa uma impressão profunda.

“O character governamental que tem aquelle periodico, deixa ver que aquella apreciação vem inspirada de cima, e revela a intenção que o Governo talvez tenha de proceder contra o contra-almirante Saldanha, procurando, porém, antes disso, apoiar-se um pouco na opinião publica. Não sei o que succederá depois disto; mas creio que, em qualquer hypothese, aquelle brilhante official chegou ao termo da sua carreira, o que não será nesta terrivel conjunctura, uma das menos importantes perdas para esta desgraçada marinha” (pagina 97).

Na pag. 111 relata:

“Foram entregues a Saldanha da Gama os brasileiros que iam a bordo da *D. Joanna*, a tal lancha que com bandeira ingleza levava os torpedos do capitão Boyton”.

Dá-se depois disto um facto importante, porque traz consigo a mudança de attitude de Saldanha. A 9

de Outubro a guarnição de Willegaignon declara-se a favor dos revoltosos. Por influencia de Saldanha da Gama? Contra suas ordens e conselhos? E' ponto difficil de apurar. Em todo o caso é certo que, si não foi por influencia do Sr. Saldanha da Gama que Willegaignon se declarou neutra, foi certamente pela mudança de attitude da guarnição que Saldanha se fez revoltoso.

Até Outubro, com certa verosimilhança, pôde dizer-se que o proceder do almirante foi relativamente correcto, por exemplo, como o da Escola Superior de Guerra para com o marechal Floriano, quando este se lembrou de alterar a bandeira de Benjamin Constant. De Outubro em diante sua posição era insustentavel: ou tinha de declarar-se a favor do Governo, ou a favor da revolta.

A favor do Governo, podia declarar-se sem grande contradicção; além disso, o seu concurso produziria desde logo tal effeito, que se fechariam os olhos sobre o passado, porque a revolução ficaria terminada em breves dias, muito antes de 15 de Novembro. A favor da revolução, podia declarar-se igualmente; mas havia uma difficuldade: em Outubro, quando a guarnição de Willegaignon se passou para os revoltosos, os motivos do levante eram os mesmos que o almirante Saldanha da Gama julgara insufficientes a 6 de Setembro, tanto que não adherira ao movimento de seus camaradas. Por que não revelar-se a 6 de Setembro e revelar-se em Outubro ou Dezembro? Para ladear esta difficuldade e não o taxarem de incoherente é que, pa-

rece-nos, elle levantou bandeira mais ou menos monarchica.

Dando este passo decisivo, esqueceu, porém, o almirante que o sebastianismo provocaria resistencia tanto mais forte tanto mais radicaes eram as mudanças por elle acarretadas. E antes não percebera que cada dia que passasse ia alluindo a situação de arbitro que assumira, tornando dispensavel sua collaboração para o Governo que fôra bater a outra parte, e não lhe restava mais recurso do que alliar-se aos revoltosos, quando a causa destes podia considerar-se, sinão perdida, pelo menos muito menos *adiantada* do que a 6 de Setembro.

Da passagem do almirante Saldanha da Gama para os revoltosos começam a apparecer signaes desde 19 de Outubro.

A 22 escreve o Sr. conselheiro Augusto de Castilho:

“Nesta mesma noite, 20 de Outubro, encontrava-me eu com o referido official general na ilha das Cobras, onde conferenciámos junto á muralha do lado sudoeste, presenciando ao mesmo tempo, debaixo da chuva, um novo bombardeamento entre as fortalezas da barra e Willegaignon, á luz torva da lua occulta por grossos nimbus, realçada pelas chispas penetrantes dos sinistros holophotes!.”

“Em seguida, o almirante explicou-me que acabara de assentar na noite passada *um cabo electrico submarino entre as ilhas das Cobras e de Willegaignon*, que funcionava com telephone, como já existia outro entre a mesma ilha das Cobras e a das Enxadas” (o grypho é nosso) “Disse mais o almirante

Saldanha da Gama que a sua situação politica para com o Governo estava cada vez mais difficil” e que, “si as cousas chegassem a um extremo muito agudo, elle se veria na necessidade de optar pela revolta, fortificando-se na ilha das Cobras, removendo o hospital de sangue talvez para a ilha das Enxadas ou para a do Governador, com grave prejuizo do estabelecimento e incommodo dos doentes. Em tal hypothese, porém, elle arvoraria a bandeira monarchica, com a qual certamente se bandeariam o proprio Custodio de Mello, os revoltosos do Rio Grande do Sul e a grande maioria da população da cidade e do paiz do sul ao norte” “Que depois disso elle atravessaria a ilha das Cobras para a cidade do Rio de Janeiro, como nos tempos antigos fizera Duguay Trouin” (pags. 199-201).

A este trecho, que dispensa commentarios de qualquer ordem, juntaremos ainda o seguinte, escripto na mesma data:

“Hontem (21 de Outubro) foi o proprio almirante Stanton visitar o almirante Mello; e de tarde, indo o almirante Saldanha da Gama cumprimentar a seu bordo o almirante americano, e tendo sido saudado com a respectiva salva, correspondeu a esta o cruzador revoltoso *Trajano*, muito embora a tal salva não carecesse de retribuição! Este facto não poderá deixar de ser commentado desagradavelmente para a attitude politica do director da Escola Naval pela gente do Governo de terra” (pag. 202).

Já dissemos que não raro o Sr. conselheiro Augusto de Castilho se contradiz e muda de opinião. Si não, veja-se o que elle escreve oito dias depois do que deixámos transcripto, em 30 de Outubro:

“O contra-almirante Saldanha da Gama continú todos os dias a ser provocado indirectamente pelo Governo a uma resolução desesperada. Não ousa este terminantemente pôr-se em conflicto aberto com o director da Escola Naval, porque, apesar de tudo, reconhece o seu grande prestigio na corporação; mas está constantemente dirigindo-lhe avisos que importam em quasi falta de confiança, e fazendo nomeação de pessoal para as ilhas que estão sob sua influencia, parecendo desconhecer sua auctoridade, hoje effectiva, que alli garante a ordem, mesmo sem indicação superior para isso” (pag. 233).

Nestas linhas sente-se que ha apenas o transumpto de conversa de Saldanha da Gama, e, triste ironia das coisas! — a causa immediata destes desabafos foi a nomeação do Dr. Pereira Guimarães para o hospital de Marinha!

A 14 de Novembro, externa o Sr. Augusto de Castilho, novas queixas do Sr. Saldanha da Gama, sempre provocado, sempre victima do Governo. Delas, só merece transcripção a ultima:

“Ainda mais, escreve o commandante da *Min-dello*: “ha quatro dias (a 10 de Novembro por conseguinte), no principio da noite, dirigiam-se para a ilha das Cobras duas lanchas suspeitas, que pareciam vir ataca-la; mas, sendo logo prevenido o almirante Saldanha da Gama, que appareceu immediatamente, foram ellas repellidas, estabelecendo-se entre ellas e a ilha um vivo fogo de fuzilaria durante perto de meia hora” (pag. 305).

Em 16 de Novembro o Sr. Augusto de Castilho escrevia que o Sr. Saldanha da Gama o procurara dias antes para que um navio portuguez que viera com car-

ga para os revoltosos, a desembarcasse a bordo da esquadra, (pags. 332 e 390) e não na Alfandega, ao que o Sr. Castilho não adheriu.

A 21 de Novembro, escreve o Sr. Castilho que, a 15, ao passo que os navios da esquadra revoltada embandeiravam em arco, o pequeno cruzador *Liberdade*, que pertencera ao serviço de exercícios da Escola Naval e tem estado com a insígnia do contra-almirante Saldanha da Gama, fundeado perto da ilha das Cobras, se conservara sem qualquer demonstração de gala ou regosijo (pag. 342).

Em 28 de Novembro, noticiava a provável substituição do Sr. Custodio pelo Sr. Saldanha (pag. 361)

A 3 de Dezembro, — certamente a nota mais notável do volume que estamos extractando —, diz que o prestígio pessoal de Saldanha ia de dia para dia decahindo; (pag. 371) e refere-se a uma conversa, na qual elle Castilho opinou e Saldanha concordou, que o meio de concluir a revolta já tão demorada e prejudicial ao Brasil era que, sem quebra de dignidade para qualquer dos dois chefes do movimento (Floriano e Custodio), cada um cedesse um pouco, “largando um o poder e o outro as suas pretensões, — achando-se uma terceira solução a que ambos ficassem sendo estranhos e, para a qual, nem um dos dois concorreria com o seu braço ou com o seu conselho” (pag. 373).

Depois da partida do almirante Mello, afinal, o Sr. Saldanha da Gama assumiu o commando da revolta. Desde então, cessando as relações entre o Sr. Augusto de Castilho e Saldanha da Gama, não temos mais as mesmas informações sobre as idéas e planos deste.



III

LINGUISTICA E FOLK-LORE



OS BACAERIS

Estudo publicado na "Revista Brasileira", 1.º Anno, tomos III e IV, 1895.

## OS BACAERIS

Os Bacaeris são índios que habitam as cabeceiras do Tapajoz e do Xingú em Mato Grosso. Seu nome, que primeiro aparece em roteiros dos bandeirantes de principios do seculo XVIII, encontra-se posteriormente repetido em narrativas de viagens, compendios e noticias avulsas de jornaes. Desde 1884/85 voltou-se para elles a curiosidade do mundo scientifico, que bem merecem pela lingua que falam, grupo ethnographico a que se filiam, costumes caracteristicos que conservam dupla face por que se apresentam, já domesticados no Tapajoz, ainda perfeitamente selvagens no Xingú.

Foi o Dr. Carlos von den Steinen, — auxiliado pelo nosso Governo que lhes concedeu uma escola militar entre Cuyabá e baixo Xingú e sustentou a expedição entre estes dois pontos, — quem, estudando-os, abriu o que não é exagero chamar uma nova epoca para nossa ethnographia selvagem. Os resultados desta expedição podem ser resumidos em breves linhas <sup>(1)</sup>

Primeiramente delimitou-se a noção pouco precisa do que é Cariba, denominação que, como muito bem diz o viajante allemão, foi dada pelos europeus a toda especie de índios e pelos índios a toda especie de europeus. Desde D'Orbigny e Martius pendia-se a identi-

---

(1) *Durch Zentral Brasilien*, Leipzig, 1886.

fica-los com os Tupis. Baptista Caetano, sympathico á mesma idéa, insistia para fundamenta-la principalmente sobre o character impuro do idioma falado pelos Caribas, negando contra Hervas que fosse um dos quatro fundamentaes da America do Sul.

“No meu entender, escrevia elle, o Kariba não é nem póde ser lingua matriz. Mediante algum estudo que della tenho feito (e que sinto não ter podido aprofundar), ella se me apresenta como uma mistura extraordinaria de muitos dialectos de varia procedencia; é uma verdadeira giria, amalgamada de diversos dialectos, que ora apresenta muitas phrases de radicaes e vozes differentes, para exprimir a mesma coisa, ora absoluta falta de designação para outras coisas. E’ uma embrulhada tal, que apenas se póde comparar com o que se ouve em certos circulos do Rio de Janeiro, onde ao mesmo tempo, na conversação em portuguez vai uma phrase em inglez, outra em italiano, um pedaço em espanhol ou alemão, e tudo isso mais ou menos alinhavado de gallicismos” (Introducção á 2.<sup>a</sup> edição da *Arte da grammatica da lingua. Kiriri* de Luiz Vincenzo Mamiani, Rio, 1877, pag. XII).

Isto que é exacto quanto aos Caribas insulares, que conhecemos pelos trabalhos de Breton <sup>(2)</sup>, não se applica, porém, á lingua dos Bacaeris, que se apresentou pura, tanto como, por exemplo, a dos Cumanagotas e Chaymas de Venezuela e Colombia, pertencentes ao mesmo grupo, de que desde 1683 correm impressos grammaticas e textos.

---

(2) Cf. *Du parler des hommes et du parler des femmes dans la langue caraïbe*, par Lucien Adam, Paris, 1879.

O segundo resultado foi encontrar-se ao sul do Amazonas tribus caribas, quando as que se conheciam demoravam só ao norte do grande rio, como Crixanás, Macuxis e outras. Em seguida, verificou-se que não eram estas as unicas: entre os rios S. Francisco e o Parnahiba, apanhara Martius um pequeno glossario da lingua dos Pimenteiras que provaram Caribas; Caribas eram tambem os Palmelas, com quem o Dr. Severiano da Fonseca tratou no Guaporé; mais Caribas viram depois o proprio Dr. von den Steinen em um dos confluentes do Xingú, o Culisewi, e o Dr. Paulo Ehrenreich, no baixo Tocantins, onde se chamam Apiacás.

O conhecimento mais preciso de linguas puramente caribas, a existencia de tribus que as falavam ao sul do Amazonas, suscitaram a questão: não seria antes do sul do Amazonas, na direcção do mar das Antilhas, que se arrumaram as migrações destas tribus, — antes do que no sentido contrario, como até então se admitia? Simultaneamente quasi responderam pela affirmativa o Dr. Carlos von den Steinen e o Sr. Lucien Adam que desde 1882 publicara diversos glossarios de Crevaux, entre os quaes havia alguns caribas.

Para estudar melhor o assumpto, veiu segunda vez o Dr. Carlos von den Steinen em 1888, que, ainda auxiliado por nosso Governo, visitou os rios Pakunera e o Culisewi até sua foz no Culuéne, o mais oriental dos formadores do Xingú.

Dois livros são o fruto desta viagem: uma monographia sobre a lingua dos Bacaeris <sup>(3)</sup>, publicada em 92, a narrativa publicada em 94 em volume ricamente illustrado, brilhantemente escripto, vigorosamente pensado, em que se discutem assumptos capitaes de historia primitiva da humanidade: para resumir tudo em uma palavra, a mais opulenta contribuição moderna sobre quanto importa aos nossos selvicolas <sup>(4)</sup>.

Ao mesmo tempo que apparecia o livro do Dr. Steinen sobre a lingua, estava aqui um Bacaeri trazido do Paranatinga pelo Dr. Oscar de Miranda, quando realizou sua tão tormentosa viagem rio abaixo até o Amazonas. Com o mesmo indio poude quem escreve estas linhas estudar o livro do sabio alemão, vocabulo por vocabulo, e não acha palavras bastantes para exprimir a admiração que lhe causam o exacto da transcripção phonetica, a agudeza com que foram penetradas as formas grammaticaes, a intensidade com que foi apurado tudo quanto nos materiaes colhidos havia de aproveitavel. Si, num paiz que blazona de essencialmente agricola, fosse permittida a comparação, poder-se-ia dizer que seu engenho, como uma das moendas gigantescas hoje em uso, esgotou todo o caldo da canna, deixando apenas o bagaço.

Com aquelle indio, chamado Irineu, e que aqui será designado pela inicial I, foram apanhados muitos textos, — lendas, descripções, tradições. O presente

---

(3) *Die Bakairi Sprache*, Leipzig, 1892.

(4) *Unter den Naturvoelkern Zentral-Braziliens*, Berlin, 1894.

trabalho fita um relatorio parcial desta colheita. Assentando sobre o livro do Dr. Steinen, cujo systema de transcripção phonetica adopta com ligeiras variantes, mais que simples resumo é entretanto, pois em muitos pontos variam as opiniões, em outros apparecem pela primeira vez factos ainda não conhecidos. Isto quanto á parte linguistica, objecto deste primeiro capitulo. A independencia ainda é maior quanto aos artigos seguintes, pois funda-se exclusivamente no que disse Irineu.

## I

### *Da Lingua dos Bacaeris*

A lingua dos Bacaeris (*kxura itano, tohi itano*, isto é, lingua de gente, exactamente como *abá ñeē*, a lingua dos Tupis), é falada no rio Novo (Yemeriri), affluente do Arinos; no Paranatinga (Pakunéra) affluente do Tapajoz; no Tamitatoala, um dos formadores do Xingú, chamado Batovi pelos alemães, em honra do Barão do mesmo nome, presidente de Mato-Grosso em 1884, epoca da primeira expedição; no Culisewi, affluente do Culuene, tambem cabeceira, a mais oriental, do Xingú. No Oronuro, cabeceira mais occidental, não existem indios deste falar. Pelo exame dos vocabularios e das formas grammaticaes, ficou provado pertencerem os Bacaeris ao grupo dos Carahibas ou Caribas.

Das letras de nosso alphabeto, F só se encontra numa palavra, talvez onomatopaica, que precede os encantamentos: *aúfá*, talvez imitação da baforada de fumo. V é raro, em todo caso não se pronuncia como geralmente no Rio de Janeiro, e parece antes bilabial. R é sempre brando, isto é, para aproveitar a descripção de Gonçalves Vianna, “o ar é expellido de uma vez sem interrupção, como em *caro*, e não intermittenmente, por contactos successivos, mais ou menos repe-

tidos, resultantes da vibração communicada no órgão activo como em *carro*" G é ligeiramente velar, e para distingui-lo do nosso emprega-se o y grego; é sempre duro, como em gato e guerra. J tem antes o som inglez, *dj*. X é sempre o *ch* francez e nosso, *sch* alemão, *sh* inglez. Ç é preferido a S para evitar confusões. Para o som duro C é substituido, assim como *Qu*, por K. H é sempre aspirado. Y e W são sempre usados como semivogaes. Ñ é o nosso *nh*.

Sons em nada parecidos com os nossos ha os seguintes:

λ, difficilimo de pronunciar, e que talvez só quem o aprendeu de pequeno possa dar satisfactoriamente: "não o posso definir melhor do que dizendo que fica entre *ri*, *ro*, *ru* de um lado e *gl* de outro", escreve Steinen (*Bak. Spr.*, 255). Irineu profere-o levando a lingua dobrada aos dentes superiores e depois, ou ao mesmo tempo, retirando-a, ou elevando-a, para o palato molle: é pois uma supradental velar. Só apparece no fim das palavras precedido de *a* que torna muito longo.

*Kx* é mais velar que o K.

*x* é velar e corresponde ao *j* espanhol.

η, que o Dr. Steinen considera nasal especial, é nosso *m* ou *n* final, precedido de breve *i*, como *tambem* na pronuncia fluminense.

Vogaes têm as nossas, puras ou nasaladas.

Ha mais o *ã*, isto é, a transição entre o A aberto e O como no inglez call, all; *â*, transição entre *á* e *ö*; *õ*, correspondente ao equivalente alemão, ou *eu* fran-

cez; *ü*, equivalente ao alemão e *u* francez, mais aproximado, porém, do *i* que qualquer delles.

As syllabas constam ou de simples vogal, ou de consoantes com vogal.

As palavras só terminam por vogaes, ou por *λ* ou *η*. As vogaes finaes são ás vezes difficeis de apanhar-se por sua impureza, sendo preciso recórrer a certos suffixos como *ye*, *lō*, *mo*, *ba* para defini-las.

Não ha palavras começadas por *b*, excepto *bakaéri*, nem *d*, nem *κ*, nem *γ*, nem *l*, nem *r*: duas palavras dadas por Steinen com *r* inicial escrevem-se mais correctamente: arapadura, Oronuro.

*p*, *m*, *t*, *k*, *kκ* iniciaes, quando pela adjuncção de prefixos e mesmo de palavras independentes, passam para o meio, transformam-se respectivamente em *w*, *d*, *y*. No meio das palavras é frequente a mudança de *p* em *b*, de *t* em *d*, de *m* em *w*, com a vogal precedente nasalada; de *y* em *ñ*, de *l* em *r*, de *r* em *n*, de *ç* em *h*.

O accento colloca-se na penultima, excepto quando a ultima syllaba termina em *λ* ou *η*, por que então para ella passa o accento. Póde este tambem deslocar-se, quando duas palavras se encontram, por elisão: ex. *bakaéri*, accento na penultima, no é; *bakaer'idamu* accento em *káe* como se estivesse escripto: *bakáe-ridámu*.

Diphtongos não os ha propriamente, mas as vogaes podem comprimir-se uma contra a outra, de modo a produzir a impressão de diphtongos.

Agora que o leitor já sabe pouco mais ou menos como se lê *Kκura* itano, exercite-se no seguinte texto,

que vae acompanhado de traducção interlinear; servirá de base a um ligeiro esboço grammatical e é inedito, como aliás todos os que adduziremos.

- 1 Bakaéri, waráiu, k̄araiwa aceyebidúo  
Bakaeri Tapuia brasileiro quando brigaram

arinedili  
se fizeram.

- 2 K̄xiwimári iewirâpadili  
Nosso capitão se zangou

- 3 Āyi amarémo tokedúo tohi  
Bastante vós quando disse gente

ewánu iniyadili.  
sua doença a fez.

- 4 Iniyatúo idanára anayido âyâ k̄wöiyeli  
Quando a fez todos bicho com morremos

- 5 Ilapürĩne emedili wâyâ yamadili.  
Depois amanhecer sobre escureceu.

- 6 Xixi eyacého yamu inenaxúli.  
Sol sua sahida escuro a-fechou.

- 7 Inenaxudúo iyawinu iniyadili.  
Quando a fechou frio o fez.

- 8 Xixi eyacedúo yamadili.  
Sol quando sahiu escureceu.

- 9 Yamatúo xirimúka eyacéli.  
Quando escureceu estrella sahiu.

- 10 Ayö yamu iyawinu iniyadili.  
Bastante escuro frio o fez.
- 11 Aritúo udódo ahepanokeli.  
Depois onça appareceu.
- 12 Péto ayö ayaetiño-modo iniyadili.  
Fogo bastante velhos o-fizeram.
- 13 Taxo ahitokili püreu ahitokili.  
Faca brincou-se flecha se brincou.
- 14 Tāwi-ye iyedāri tunaneŋ  
Sua fome com quem não morreu forte  
niye-pa tohinóhe.  
morre não fica.
- 15 Ilapüriñe iwerâ-pa-itúo xixi eyacéli.  
Depois hoje não sendo sol sahiu.
- 16 Xixi kxurotaλ ayaetiño-modo amiduadili.  
Sol meio dia velhos comeram.
- 17 Ilapüriñe ayi xikidúo péto õro  
Depois muito dormido fogo terra  
odákxa eyaceli.  
dentro sahiu.
- 18 Xixi péto-ára idili.  
Sol fogo como ficou.
- 19 Ce adapikú-ye iyéli.  
Arvore calor com morreu.

20 Páru çavéli.  
 Agua seccou.

21 Páru çavedúo kxãna iyéli.  
 Agua quando seccou peixe morreu.

22 Kxána iyedúo cenena kxana  
 Peixe quando seccou urubú peixe  
 çani.  
 o-comeu.

23 Páru çavedúo anayido iyéli páru  
 Agua quando seccou bicho morreu agua

tinenedili.  
 quieriam beber.

24 Apa anáhi idanára iyéli.  
 Mandioca milho todo morreram.

25 Áritibiñe kxöiyeli.  
 Depois morremos.

26 Kxöiyedúo cenerá-la kxani.  
 Quando morremos urubú nos comeu.

27 Áráyi kxapüráne be-ba awiliye.  
 Alguem nos enterra tem não assim.

28 Idanára anayido iyeli.  
 Todos bichos morreram.

29 Aritibiñe ayi-pa kxitúo  
 Depois muitos não quando ficamos

- kxiwimári parutába inepehenili.  
nosso capitão mar o benzeu (soprou).
- 30 Aritúo parutába ayo-idíli, péto enaxekili.  
Depois mar cresceu fogo o apagou
- 31 Kxaraiwa idamú-do niõretudíli.  
Brasileiro seus avós o-sonharam.
- 32 Mâra núna iwâyâ parutába ivehe  
Aquelle lua sobre mar se inchará
- yamüra keli.  
espírito disse.
- 33 Tonudõ- na keduo miyewadili-la  
Sua gente para quando disse mentes
- iunudo keli.  
sua gente disse.
- 34 Tunudo kedúo pi inanadili.  
Sua gente quando disse machado o apanhou.
- 35 Pepi ima xiyace.  
Canôa grande a fez.
- 36 Ata takxahen pepi.  
Casa alta canôa.
- 37 Ilãe tipiniri inadili pepi odaλ.  
Então sua comida a leva canôa dentro.
- 38 Ilãe kxopáe timeri tiwüdi  
Então de noite seu filho sua mulher

áγâ anela oxedili.  
com só se embarcou.

39 Oxedibi-ñe parutaba çalokxúli.  
Quando se embarcou mar se subiu.

40 Çalokxúli kxopae.  
Subiu de noite.

41 Aritúo idanara anayido ayâ kxöiyéli.  
Depois todas bicho com morremos.

42 Töiwedúo çayuno iniyadili.  
Quando encheu areia a fez.

43 Iwerâ-pa mâra tapiku wâγâ çavelli.  
Hoje não aquelle calor sobre baixou.

44 Çavedúo çayúno tuxêe  
Quando abaixou areia pedra para

atuyudili  
se-virou.

45 Ilapüriñe õro acemakéli.  
Depois a terra se troca.

46 Kxái-na õro idâli.  
Ceú para terra foi.

45 Idâdúo kxáu ayá-na xirimúca idâli.  
Quando foi ceú com estrella foi.

48 Pimiri ara tawöyey atuyudili.  
Formiga como volátil se virou.

- 49 Tawöyen atuyudili kxonopio ara.  
Volatil se virou passarinho como.
- 50 Idanâra anayido ara kxidatuyudili.  
Todos bichos como nos viramos.
- 51 Ilapüriñe ayökxitúo tohi ewanu-ye  
Depois quando crescemos nosso trabalho com  
kxidacenomedadili.  
aprendemos.
- 52 Idu-pe-ba ilapüriñe pohi ara  
Mata havia não depois capim como  
idu yahele.  
mata nasceu.
- 53 Mâra adapiku wâyâ apa  
Aquelle calor sobre mandioca  
ewilí ipüri-büri eyaheli  
sua fruta seu caroço antigo nasceu  
pohi anaλ.  
capim (campo) meio em.

Antes de dar a traducção deste texto, seja permitido, tomando-o por thema, acompanha-lo de ligeiras noções grammaticaes.

Um facto golpeia-nos desde logo: as orações succedem-se, geralmente com um verbo apenas, sem interdependencia ou subordinação. Em outros termos: o Kxura-itano, como syntaxe usa exclusivamente de pa-

rataxe. A maior complicação a que a frase attinge é a da apposição, da enumeração ou parallelismo, que não ultrapassa a alçada paratactica.

Na phrase o sujeito occupa o primeiro lugar, o verbo o ultimo; o objecto, quando exigido, insere-se entre os dois. Pode preceder o sujeito, quando logicamente não existe confusão possivel. Assim, um Bacaeri dirá indifferente: Pohi tayuhe pocéka, ou pocéka tayuhe pohi, ou pocéka pohi tayuhe, porque elle sabe que o porco come capim e capim não come porco.

Difficilmente escapará ao leitor a frequencia com que os substantivos e verbos terminam em *l* ou *r* seguido de uma vogal. E' que o Kxura-itano possui uma particula que Steinen escreve *lö*, propria para indicar a emphase. Na lingua dos Chaymas é tambem empregada: "Y la voz significatiua *tambien* la suelen usar, añadiendo a sus finales la syllaba *re*; v. g.: De *vche*, yo, dizem *vchére*, yo tambien" (Tauste, *Arte y vocabulario* de la lengua de los Indios Chaymas, Madrid, 1680, facsimilada por Platzmann em Leipzig, 1888, pag. 46). O mesmo se nota com ligeiras variantes em todos os idiomas carahibas. *Lö* póde mudar-se em *na*, como no n. 47 e ñe.

Merece igualmente attenção a terminação *di-li*, *wi-li*, *ki-li* dos verbos, formas diversas de auxiliar, umas vezes equivalente ao *do* inglez, outras a *to have*, *to be*, *to become*, outras unicamente emphatico. Os primeiros grammaticos chamaram ao seu equivalente em outras linguas verbo substantivo, denominação que bem merece; note-se, porém, que nada tem de commum

com o verbo *ser*; phrases como: o Capitão é rico, o Bacaeri as exprime pela simples juxtaposição dos termos: Pima tisehikxeneŋ.

Na fórma de exprimir o pensamento é palpavel que a subordinação logica não galga os rudimentos. Deixa-se o indio levar por uma série de idéas e as impelle até certo ponto; volta depois e o mesmo faz ás outras; phrases muito distanciadas representam o mesmo momento chronologico; o que nos parece mais natural collocarmos no fim, desde o começo vão elles frisando; em summa, é parataxe formal, corresponde ao condominio das impressões e á ondulação das idéas.

Do que fica dito pode-se logo concluir que nem ha conjuncções nem conjunctivos no Kxura-itano.

Passando agora ás partes do discurso, observaremos, desde logo, que o substantivo, além da idéa de coisa ou pessoa, consigna a do tempo. Tuxûe, n. 44, é um futuro ou pelo menos um supino: rigorosamente significa — para pedra. O supino dos nomes forma-se juntando-se á palavra o suffixo *rõe*, do qual, porém, se conserva apenas *e*, ficando nasalada a vogal que a precede. O presente é a palavra núa, ou com o simples accrescimo de *e*. O passado forma-se pelo accrescimo de *püri*, ou *büri*, que representa a mesma funcção do *cuer* ou *puer*, na lingua dos Tupis e Guaranis.

Um exemplo patenteará isto melhor: *iwüidi*, mulher casada significa o presente, *iwüdie* o futuro; *iwüdipüri*, significa a mulher que já foi casada, mas não é mais, ou porque o marido morreu, e então é synonymo de viuva, ou porque foi ella quem morreu, e

então pôde traduzir-se a finada esposa, ou simplesmente porque o marido a abandonou.

Do mesmo modo que no aba-ñeẽ a particula *cuer*, pôde *püri* ou *biiri* em bacaeri indicar o plural. E disto desprende-se espontanea e naturalmente uma explicação, tanto que não pôde deixar de ser falsa, e não ha confiar nella: o indio concebe o nome como representando um: imeri, 1 filho: imeobüre, filhos — ex.: 1 filho. Subtilezas destas não são estranhas aos aborigenes americanos. “Aypapa vaca dirá el Indio y no vacaretá, porque si las contó, no pudo ser una” (Restivo, *Arte de la lengua guarany*, pag. 12, ed. Seybold, Stuttgart, 1892).

Que haja plural nos substantivos tem sido contestado; ainda ultimamente assegurava o Sr. Lucien Adam “que le Bakairi est le seul des dialectes (caribes) suffisamment connus dans le quel la distinction du nombre ne soit exprimée par aucun suffixe <sup>(5)</sup>; entretanto existe, e não são menos de tres as terminações indicativas do plural. A primeira é em *modo*: *ayaetiño*, velho, *ayaetiño-modo*, velhos. A segunda é em *mo*: *pekodo*, mulher, *pekodómo*, mulheres; a terceira é em *do*: *idamu*, seu avô; *idamudo*, seus avós. Advirta-se, porém, que os Bacaeris, tendo embora um lindo verbo para contar (imperativo, *çapoyeyá*), não levam suas contas além de 3, e assim o numero para elles quasi nada pesa. Advirta-se ainda que a palavra *idanára* significa ao mesmo tempo todos e inteiro; em

---

(5) *Matériaux pour servir à l'établissement d'une grammaire comparée des dialectes de la famille caribe*, Paris, 1893, livro de extraordinario valor para o estudo de arduos problemas.

outros termos, ainda não se diferenciaram em seu espirito os conceitos de pluralidade e totalidade. donde tantas palavras acabadas em *do* principalmente, em que a noção de plural não subsiste: exemplo *yuuu*, seu sangue, *yuuudo*, sua gente, — isto é, seus sangues.

Pouco ha que dizer quanto ao genero.

Existem palavras que se podem dizer masculinas como *uyurodo*, homem, ou femininas, como *arekxuma*, gallinha. De genero grammatical, porém, o unico vestigio se encontra nos demonstrativos: *mâka*, *miâka*, *mera*, *êra*, *inara*, empregam-se com a gente ou seres animados; *mára*, *ara*, *hira*, *xira*, *awöre*, *ila*, só com seres inanimados.

A relação adjectiva, ou complemento restrictivo, como outros a appellidam, é representada pelo accrescimento do indice possessivo ao objecto possuido: assim *uyurodo eti*, = homem sua casa = a casa do homem; *arekxuma iço*, = gallinha seu marido = marido da gallinha ou o gallo.

Os indices possessivos dividem-se em duas séries: uma é — *ic* para a primeira pessoa, *i*, para a segunda, *e* para a terceira pessoa: assim *âta*, casa em absoluto, sem declarar o dono; *ieti*, minha casa; *iti*, tua casa; *eti*, sua casa; *iewâri*, meu braço; *iwâri*, teu braço; *ewâri*, seu braço. E esta deve ser a fórmula mais antiga, que vae sendo repellida pela outra série: *i* para a primeira e terceira pessoa, *ã*, *a*, *â*, *o* para a segunda. Para a terceira pessoa existem mais: *ç*, como em *çawâri*, seu braço, *n*, como *nyui*, seu pai e *x*. Ha além disso o reciproco: *t*, veja-se ns. 37 e 38.

O accrescimento do possessivo modifica quasi sem-

pre a consoante por que começa a palavra: assim *pepi*, canôa sem dono declarado, tem o *p* transformado em *w*, si quizermos dizer cuja é: *pima iwepiri*, capitão sua canôa = canôa do capitão; *mayaku*, cesta, *iramudo*, menino, fica: *iramúdo iwayakúru*, menino sua cesta; *tunáta*, banheiro, *piahi*, curador (não feiticeiro), *piahi idunatari*, curador seu banheiro = banheiro do curador. Acima, já estão indicadas as principaes transformações phoneticas; a ultima syllaba nos nomes das coisas possuidas é a particula *l* ou *r* seguida de vogal, a que já se fez referencia.

Os pronomes pessoaes mais communs, são: para a primeira pessoa *ura* do singular e *kxura* do plural; para a segunda *ama*; para a terceira os determinativos citados a proposito do genero dos substantivos. *Kxura* e *lina*, póde duvidar-se si significam nós, ou a gente, *ou* francez, *man* alemão, antigo *homem* portuguez, hoje obsoleto. Em todo o caso, a idéa de primeira pessoa do plural inclusiva e exclusiva, familiar no *abañcê*, é alheia ao *Kxura-itano*. *Amaremo*, vós, 2.<sup>a</sup> do plural, é evidentemente de formação secundaria: *mo* é signal de plural, *re* é a particula emphatica, *ama* o pronome da segunda pessoa do singular.

Outra série de pronomes menos usados: *ahe*, *mahe*, *kxidahe*.

O adjectivo, geralmente collocado depois do substantivo, é, como este, susceptivel de tempo e de numero. Repugnam-lhe os comparativos. Idéa approximada do superlativo exprime-se ou mediante a particula emphatica, ou pelo accrescimo de certas palavras como *kxúru* deveras (comp. em francez *bon, tout de*

*bon*, *kkura* em bacaeri tem entre outras a accepção de bom); *ãwakukeba*, não é caçoada, etc.

Os determinativos são susceptiveis de numero e tempo. Os cardinaes não passam de tres: *tokale*, um; *ahaye*, dois; *ahewal* ou *ahewanela*, tres. Steinen deu a Antonio, o indio que lhe serviu de lingua na região do Xingú, a seguinte phrase: primeiro anda (o menino) como bicho, de quatro pés, e só obteve: *çayukõe anayito ara ãhe iwodo adakxobodili*: isto é: anda com os dois braços. A' intelligencia dos Bacaeris afigurou-se mais facil do que formar o numero 4 inventar toda uma historia, segundo a qual Cemimu (Morcego) teve um filho da filha de Pau de Morcego (*Pödiki*), e quando descoberta a paternidade, se zangou com o menino, quebrando-lhe os joelhos com uma flecha: desde então os meninos andam primeiro com os dois braços, antes de andar com os dois pés <sup>(6)</sup>

Quanto ao adverbio basta dizer que segue ou precede o verbo, e póde receber possessivo e tempo.

As preposições, numerosas, vêm sempre pospostas ao substantivo; daremos apenas: *da*, que indica lugar onde; *eina* ou *eira*, lugar para onde, geralmente elidida em *ra* ou *na*, com a nasalização da vogal precedente; *ohe*, *õro*, sobre; *aye*, com, significando companhia, *ye*, com, instrumento. A preposição *de*, no sentido do *from* inglez ou *aus* alemão, é representada por uma fórmula complicada.

(6) A questão dos joelhos parece ter custado muito trabalho ao cerebro dos Bacaeris. Mapinukai, um dos seus avós, tinha os seus como os de gallinha; vencendo, porém, Keri e Came numa corrida, estes quebraram-lhos, e desde então ficaram os joelhos da gente com o geito que hoje têm.

A exposição, siquer superficial, do verbo, levaria muito longe; muitos pontos estão ainda por estudar, e si conhecemos as fórmulas usuas, ainda não se acham devidamente analysadas.

Steinen divide os verbos em duas classes, dos quaes uns fazem o preterito em *raki*, outros em *taki*, e podemos acceitar esta classificação que, no todo, é satisfactoria e se presta perfeitamente ao fim que aqui se tem em vista.

Os verbos têm dois imperativos affirmativos na segunda pessoa do singular e um negativo; têm também ao que se póde chamar um imperativo da primeira pessoa do plural.

No indicativo possuem tres passados que se podem chamar remoto, médio e flagrante, pois este, que é em *raki* ou *taki*, póde também indicar o presente ou o futuro immediatos.

Têm talvez dois presentes: um, com *he* ou *ce* acrescentado ao thema, e seguido do pronome pessoal; outro, incorporando pronomes pessoaes, o thema do verbo e o auxiliar do verbo substantivo, a que já se alludiu. A proposito destes presentes possiveis ha, porém, a ponderar que muitas vezes representam passado e passado remoto, como no trecho que acima fica transcripto. Mais simples seria considera-los fórmulas do infinito, principalmente porque admittem posições e, portanto, funccionam como substantivos; ha, porém, a attender-se ao facto de I. quando se trata de uma acção praticada no proprio momento em que se fala, empregar sempre a fórmula combinada com o auxiliar quando o verbo o admitte.

O futuro é composto de um auxiliar *icc*, que significa gostar, junto ao presente e poucas vezes se o emprega.

Ha participio activo, passivo e supino.

As terminações de qualquer tempo pospõem-se ao thema e não variam com as pessoas, excepto quando recebem *mo*, para indicar plural; os pronomes que precedem o thema variam, porém, muito, apresentando-nos ao que os grammaticos do *abañeē* chamam as transições. Assim si dissermos: eu mato, é preciso declarar a quem no pronome ou pronomes que precedem o thema, e d'ahi duas formas possiveis: eu *te* mato, ou eu *o* mato; na segunda pessoa, tres fórmulas possiveis: tu *me* matas, tu *o* matas, tu *nos* matas; na terceira pessoa, quatro fórmulas possiveis: elle *me* mata, elle *te* mata, elle *o* mata, elle *nos* mata; na primeira pessoa do plural, duas fórmulas possiveis: nós *te* matamos, nós *o* matamos. A segunda pessoa do plural e a terceira não differem das do singular. Temos, por conseguinte, onze fórmulas possiveis de cada tempo, em principio; na realidade já alguns se acham obliterados e confundidos, si é que algum dia existiram e, agora, não passam de sete na melhor hypothese, como veremos adiante. E' claro que isto se dá unicamente nos verbos transitivos.

Os verbos transitivos que menos alterações padecem são os reflexivos, pois a acção só póde exercer-se sobre o agente que é a propria pessoa, e os verbos como: contar, dar, dizer, etc., que geralmente exigem um complemento de pessoa, a quem se conta, diz ou dá qualquer coisa. Como os Bacaeris indicam esta pes-

soa separada do verbo e com posposição clara, e a coisa que se conta, diz ou dá é sempre de terceira pessoa, segue-se que, em taes casos, não ha transições, e as fórmãs são apenas tres para o singular e uma para o plural.

Para os verbos reflexivos e para os transitivos, que só admittem objectivo de terceira pessoa, os pronomes que precedem o thema são *kx*, na primeira pessoa, *m* na segunda, uma vogal, geralmente *i* ou *n* na terceira, *kxi*, ou *kxid* na primeira do plural.

Os verbos intransitivos têm muitas vezes *ie*, ou *i* na primeira pessoa, *e* ou *a* na segunda, *y* ou *i* ou *n* na terceira, como os substantivos acompanhados de possessivos.

Os verbos em *raki* e *taki* têm ambos sua conjugação negativa especial áquelles, em *piiri*, os outros em *pa*.

Na terceira pessoa do singular ha uma fórmula especial, que tem aproximadamente significação passiva: empregam-se o objecto e o verbo sem o sujeito.

Agora os paradigmas dos tempos principaes de dois verbos que, de proposito, foram escolhidos com themas quasi identicos: *iyatu*, correr, *eyatu*, contar, narrar. Aquelle, pertence á conjugação de *taki*; este, á conjugação de *raki*: e dahi procedem as differenças que logo saltam aos olhos nos suffixos temporaes *postos* aos respectivos themas. O primeiro é intransitivo; o segundo é uni-transitivo, isto é, não tem as onze transições pronominaes, e dahi procedem as differenças não menos profundas nos affixos pessoaes que *precedem* os respectivos themas.

		<i>Thema: i-yatu, correr.</i>	<i>E-yatu, narrar.</i>
Imperativo	2 s.	<i>i-yatu-ya, i-yatu-da</i>	<i>e-yatú-ya, e-yatúra.</i>
	1 pl.	<i>kxa-yatúne</i>	<i>kxie-yatú-re.</i>
Neg.	2 s.	<i>t-öyatú-hé-ba</i>	<i>kxoe-yátu.</i>
Pass. remoto	1	<i>yö-yatũ-ma</i>	<i>c-eyatũwa.</i>
	2	<i>i-yatũ-ma</i>	<i>m-eyatũwa.</i>
	3	<i>e-yatũ-ma</i>	<i>n-eyatũ-wa.</i>
	1 pl.	<i>kxö-yatũ-ma</i>	<i>kxi-eyatũ-wa.</i>
P médio	1	<i>ie-yatu-da</i>	<i>c-eyátu.</i>
	2	<i>i-yatu-da</i>	<i>m-eyátu.</i>
	3	<i>ne-yatu-da</i>	<i>n-eyátu.</i>
	1 pl.	<i>kxö-yatu-da</i>	<i>kxi-eyátu.</i>
P flagrante A	1	<i>ie-yatu-dai</i>	<i>c-eyatu-raki.</i>
	2	<i>i-yatu-dai</i>	<i>m-eyatu-raki.</i>
	3	<i>n-eyatu-dai</i>	<i>n-eyatu-raki.</i>
	1 pl.	<i>kxö-yatu-dai</i>	<i>kxi-eyatu-raki.</i>
Pass. flag. B	1	<i>ie-yatu-taki</i>	
	2	<i>i-yatu-taki</i>	
	3	<i>n-eyatu-taki</i>	
	1 pl.	<i>kxö-yatu-taki</i>	
Pres. A		<i>ie-yatu-di-li</i>	<i>kxa-n-eyatú-li.</i>
		<i>i-yatu-di-li</i>	<i>ma-n-eyatu-li.</i>
		<i>e-yatu-di-li</i>	<i>i-n-eyatú-li.</i>
		<i>kxö-yatu-di-li</i>	<i>kxi-n-eyatu-li.</i>
Pres. B		<i>yatú-he (para todas as pessoas)</i>	<i>eyatú-he (para todas as pessoas).</i>
Pres. negativo	1	<i>ie-yatu-büra</i>	<i>kxa-n-eyatu-ba.</i>
	2	<i>i-yatu-büra</i>	<i>ma-n-eyatu-ba.</i>
	3	<i>n-eyatu-büra</i>	<i>n-eyatu-ba.</i>
	1 pl.	<i>kxö-yatu-büra</i>	<i>kxi-n-eyatu-ba.</i>
Part. act.		<i>yatu-heni</i>	<i>eyatu-heni.</i>
Part. pass.		<i>yatu-dibi</i>	<i>eyatu-ribi.</i>
Supino		<i>yatu-dõe</i>	<i>eyatu-hõe.</i>

Por estes dois paradigmas regulam-se os verbos de *raki* e *taki* em quanto se refere aos affixos pospostos ao thema e indicadores do tempo; pelo paradigma de *eyatu* narrar, correm os verbos que se podem chamar *unitransitivos*, ou porque são reflexivos, e a acção communica-se apenas ao sujeito que a exercita, — identidade de sujeito e objecto, — õu porque além do complemento de coisa pedem o de pessoa e, ao passo que exprimem aquelle por incorporação ao thema, este, unico que poderia mudar, os Bacaeris exprimem separado do thema do verbo.

O caso dos verbos *multi-transitivos* é diverso, e exige o estudo dos que os grammaticos jesuitas, — embora o methodo defeituoso que os induzia a applicarem nos idiomas do Novo Mundo a craveira do latim, — espiritos de rara sagacidade e intuição linguistica, chamaram *transições* a proposito do abá-ñeẽ.

Tomando o thema *çatö* (*Bak. Sprache*, 143) temos que *çatö-he* é um dos presentes do indicativo e significa eu corto, tu cortas, elle cortà, nós cortamos, vós cortaes, elles cortam. Tanto basta para demonstrar quanta razão assiste a Steinen, quando considera um mytho grammatical dizer-se que nas linguas caribas ç representa pronome da primeira pessoa. (*B. Sp.*, 281/291).

Si, porém, quizermos dizer: tu *me* cortas, teremos *i-atöhe*, que tambem significa elle *me* corta. Si quizermos dizer eu *te* corto, teremos *a-töhe*, que tambem significa elle *te* corta ou nós *te* cortamos. Si dissermos *kx-atöhe*, tanto póde significar: tu *nos* cortas, como elle *nos* corta: donde se é levado a concluir que

ç de *çatö-he* corresponde ao objectivo da terceira pessoa, e que *çatohe* significa eu, tu, elle, nós, vós ou elles o cortamos. Isto de facto se verifica, o que certamente não milita a favor de Steinen, quando, no seu tentamen admiravel de reconstituir o cariba primitivo (Karaïbische Grundsprache), falado pelas diversas tribus antes de sua separação, leva o ç, com suas multiplas variações phoneticas, a conta do thema dos verbos.

Passando ao outro presente, encontraremos para *eyatu* as seguintes fórmãs: *kxa-n-atö-li*, *ma-n-atöl-i*, *i-n-atö-li*, *Kxi-n-atö-li*. Por *eyatu* já ficamos sabendo que *Kx*, *m*, *i*, *Kxi* significam respectivamente eu, tu, elle, nós; significando porém, *Kxanätöli*, não simplesmente eu corto, mas eu o corto, será precipitado concluirmos que *n* representa em taes fórmãs o objectivo da terceira pessoa? Tanto não é que, si quizermos dizer tu ou elle *me* corta, teremos *iatöli*, em que não se encontra *n*; eu, elle, ou nós *te* cortamos, *atöli*; tu ou elle *nos* cortam *Kxâtöli*, em que não se encontra tambem *n*.

Resumindo agora estes factos chegamos aos seguintes resultados:

1. — Nos verbos multi-transitivos, o presente em *he* ou *ce* é passivel apenas de quatro modificações, pois tantos são os objectivos pessoaes possiveis de se incorporar ao thema dos verbos, precedendo-os;

2.º — No presente em *di-li*, *ki-li*, *wi-li* ou simplesmente *lö*, quando o objectivo é de terceira pessoa, ha quatro modificações possiveis, porque a indole da lingua exige em tal caso que além do pronome *paciente*,

que não varia, se incorporem ao thema, procedendo-o, os pronomes agentes que são em numero de quatro;

3.º — Na primeira e segunda pessoas do singular, na primeira do plural, como se trata da pessoa que fala ou a quem se fala, pessoas presentes, só se attende ao pronome objectivo, e como estes reduzem-se a tres, dois para o singular e um para o plural, não passam de tres as transições.

Por isso, as transições, de que acima falámos como podendo elevar-se a onze, não vão a mais de sete, em um caso, de quatro, em outro; onze ao todo, mas em turmas differentes.

Assim, por um longo desvio, tornamos outra vez ao pronome.

Com grande razão affirmaram os Jesuitas que no *abá-ñeẽ* os pronomes se subordinam a duas classes. “Os pronomes pessoaes, diz o saudoso Baptista Caetano, “dividem-se em duas ordens bem caracterizadas, por serem: a primeira, dos pronomes agentes ou denominativo, e a segunda, dos pronomes pacientes ou de accusativo e dos casos regidos. Ambos elles são prepostos aos verbos, conforme a regra mais geral. E, quando concorrem ambos, o immediato ao verbo é o paciente” (7)

O mesmo se nota no Kxura-itano. E os pronomes pacientes ou objectivos são identicos aos possessivos, o que é mais uma prova de quão pouco differenciados se acham ainda o verbo e o substantivo, o verbo transitivo e o intransitivo neste idioma.

---

(7) *Annaes da Bibliotheca Nacional*, VI. 8, Rio, 1879.

Eis agora uma lista dos pronomes pessoais, divididos pelas duas ordens de

<i>Pronomes Agentes</i>	<i>Pronomes Pacientes</i>
1 <i>u, ura, ahe, kx (a)</i>	<i>ie, i, u</i>
2 <i>m (a), ama, mahe</i>	<i>a, ai, e</i>
3 <i>a, e, i, a</i>	<i>é, i, n, ç</i>
4 <i>kxi (d), kxidahe, kxura, hina, xina</i>	<i>kx.</i>

O reciproco é *t, d, ç, h, x*

Segue-se a traducção livre do trecho dado acima <sup>(8)</sup>, e que é preciso já conhecer bastante *kxura*-itano para entender na traducção interlinear. Seu assumpto é a destruição do mundo pelo fogo e pelo diluvio.

Eis o que succedeu aos *bacaeris*, aos brasileiros, aos *tapuias* depois que brigaram. — Nosso capitão se zangou; — basta, disse, e fez a doença da gente, e todos com os outros bichos morremos. — Depois ao amanhecer escureceu; — as trevas fecharam a *sahida* do sol, — quando o fecharam fizeram o frio; — depois do sol *sahir* continuaram as trevas; — com as trevas *sahiram* as estrellas; — muito frio fizeram as trevas.

---

(8) De *ewâri*, braço, que é o mesmo que *çawöli*, *asa*, vem o verbo *apari* (*Bakairi Sprache* p. 82 e 108), que significa nadar. *ikiwâru*, significa o rio está nadando — corredeira: *kxudupi paru ohe yuwaru*, (*B. Sp.* p. 82), a cuiá está nadando no rio. Parece que além da *paru*, muito commum, e *tuna*, conservada apenas em *tunata*, os *bacaeris* possuíam também para água *i*, ou *ik*, que encontramos na proposição *ikale*, dentro, só applicada á água. Segundo Irineu, quando querem perguntar si um animal vive em rio ou em terra, é commum a phrase: *adik, ôro par-ikano menor*. Si um animal é terrestre, responde-se: *par-ikano keba menor*. (Cf. *B. S.* p. 31)

Depois appareceram as onças; os antigos fizeram muito fogo; as facas lutaram contra as facas, as flechas lutaram contra as flechas; — quem não morreu de fome, os fortes, não morre mais, fica. — Depois, passados tempos, surgiu o sol; os antigos comeram ao meio dia. — Depois, muitas noites dormidas, o fogo sahiu de dentro da terra; — o fogo era como o sol; as arvores morreram com o calor; seccaram os rios; — quando seccaram, morreram os peixes, — e o urubú comeu os peixes. — Quando os rios seccaram morreram os bichos á sede; — A mandioca, o milho, morreram totalmente. — Depois morremos nós, — e o urubú nos comeu porque não havia quem nos enterresse. — Todos os bichos morreram. — Depois de nós reduzidos a poucos, nosso capitão benzeu o mar; — depois o mar cresceu e apagou o fogo.

Os avós dos brasileiros sonharam; — na outra lua vae inchar o mar, disseram-lhes os espiritos. Quando contou-o á sua gente: estás mentindo, disse-lhe sua gente. — Então tomou o machado, — fez uma canôa grande, — alta como uma casa; para dentro da canôa levou sua comida; de noite, só com a mulher e filhos, se embarcou. — Quando embarcou o mar subiu, subiu de noite. Depois com todos os bichos morremos.

Quando o mar subiu fez a areia. — Passado um anno abaixou — e a areia fez-se pedra. — Depois ceu e terra trocaram-se; a terra foi para o ceu, o ceu veio para a terra com as estrellas.

Nasceram em fórma de formiga os volateis; — depois os volateis viraram passarinhos; — todos nós viramos bichos. — Depois, quando crescemos, aprendemos a trabalhar; — não havia mata; — depois a mata nasceu como capim. — No outro anno rebentou a fruta da mandioca no meio do campo.

Antes de terminar, algumas indicações sobre a formação das palavras.

O adjectivo derivado forma-se muitas vezes acrescentando *t* ao substantivo, e a terminação *nen* ou *nen* para indicar presença e *neni*, ou *neri* ou *neni* para indicar ausencia; exemplo *isehike*, fato, trem, *tisehikenen*, rico, *tisehikeneri*, pobre; *odo* ou *çodo*, senhor, *todonen*, alheio (ao pé da letra, tem dono); *çawöri*, asa, *tawönen*, volátil <sup>(9)</sup>.

*ye* serve também para formar adjectivo, mas seu principal papel é nos verbos, aos quaes dá sempre a idéa de destruição ou desmancho: assim de *itubi*, casca, faz-se *knanituyeli*, descasquei; *acemakeya*, escapar-se (sahir das mãos), *ixuru*, pé, *ixuyeli*, cahir

Os verbos reflexivos formam-se juntando-se ao thema o pronome paciente representado por *h*, exemplo *Kxahinaraki*, fiquei (me deixei), ao passo que *xinoraki* é activo e significa o-deixei; *âhipanâkeli*, (se) appareceu, *inepanâkeli*, fez apparecer, ou representado por *x* ou *ç*, exemplo: *axodili*, se encontra, *iniodili*, o encontra; ou por *d* ou *t*, *adâile*, se acaba, *inâili*, o acaba.

A idéa de iteração obtem-se introduzindo *nono* entre o thema verbal e o indice temporal: *eyatuhe*, conto, *eyatunono-he*, torno a contar.

Estas ligeiras linhas indicam o muito que se pôde fazer neste terreno ainda por explorar.

---

(9) Não consta da publicação o trecho citado.

E agora, que está vencido este passo da lingua e o leitor já tem uma idéa ligeira dos sons e das formas do K̄ura-itano, interroguemos os bacaeris, sobre a sua concepção do mundo, a familia e a sociedade, as suas acquisições culturaes, as suas migrações, etc.

Quatro, quando muito cinco artigos, serão o sufficiente para isto.

## II

### *A Concepção do Mundo*

Acreditam os Bacaeris que o homem consta de dois elementos: *kxayatoþüri*, nossa sombra, andadura ou corrida, e *kxati*, nossa camisa, ou *kxutubi*, nossa pelle. Póde-se traduzi-los: corpo e alma, mas a traducção é inadequada.

A sombra veste e despe a sua camisa com facilidade e muitas vezes, sahindo e entrando, ora normal, ora anormalmente, ora provisoria, ora definitivamente.

A sahida é normal quando se grita, pois a sombra com a mesma rapidez com que vae ao lugar onde o echo reboia torna á sua pelle; ou quando se dorme e sonha. O somno tornando-se agitado denuncia a subida de morros, a passagem de rios ou maus encontros. Não se acorda quem está dormindo, porque a sombra póde ainda não ter revestido sua camisa <sup>(10)</sup>

Quando dormimos sonhamos, diz o piahi; — quando dormimos nossa sombra conversa com os espi-

---

(10) Matias Ruiz Blanco na sua *Conversión de Piritú*, publicada em 1690, dá uma variante da mesma idéa entre os indios daquela região, que, como os Bacaeris, eram também Caribas: “El estilo de saludar-se, es decirse uno a otro: Eres tu ? has venido ? llegaste ? estás bueno ?” y a los huéspedes en llegando nadie les habla, ni hablan hasta que ha pasado un rato, porque dicen están aguardando a que llegue su alma, disparate de marca mayor. (*Conv. en Piritú*, 62, reimp. Madrid, 1892). A saudação entre os Bacaeris é: *ama*, tu, a que se responde: *ura*, eu; ou *mawili*, vieste, a que se responde: *êê kxawili*, sim vim.

ritos (yamüra); — nossa sombra passeia longe, — quando nossa sombra vem acordamos; — quando nossa sombra tem medo, á noite, na hora de dormir, falamos; — no tempo que nossa sombra dorme sonhamos; — trepamos arvores, trepamos morros; — nós passeiamos com os yamüras, — bebemos mingáu, comemos, etc.

A sahida é anormal, porém temporaria, quando uma pessoa cae desfallecida de susto, porque com muitos gritos e abanando-a com folhas de *ipenakóro*, consegue-se que a sombra volte; ou quando se offende aos piahis e yamüra porque, sendo devidamente propiciados, perdoam o crime, e permitem que a sombra torne, como veremos, adiante.

E' anormal e definitiva por morte.

Os Bacaeris em phrase de grande energia affirmam que não adoecem de molestia propria (*to-ewanü-ye Bakaéri töwane-pa*); a doença é sempre inoculada por feiticeiros (*ome-odo*, senhor do veneno), e os venenos, todos de origem vegetal, são em primeira linha jatobá, depois copahiba, peúva de flôres brancas ou amarellas, vinhático, pindahiba, etc. Sabedor disso, o primeiro cuidado do curador (*piahi*), chamado para tratar de doente, consiste em extrahir a lasca de pau que produz o incommodo, o que consegue chupando o paciente.

A s vezes, apesar da medicação, este succumbe. Pinta-se então o morto de urucú (*anoto*): põem-se nas orelhas e narinas as pennas que as ornaram em vida; reúnem-se os objectos de propriedade (*icehiko*) como arco, flechas, etc., que juntamente com o dono

são depositadas no buraco que lhe servirá de sepultura, bem coberto de terra, socada a pés. A' tarde, a sombra levanta-se sob a figura de Curiangu (*Pokuráu*, Caprimulgus), e vem beber mingáu, que vão levar á cova, no lugar correspondente á cabeça. Passados tempos não volta mais.

Falam tambem os Bacaeris em *kxadopa*, que equivale aos nossos duendes ou almas penadas, e, segundo parece, são as sombras dos que succumbem de morte violenta. O seguinte trecho descreve o que de mais claro se diz a respeito destes entes:

*Kxadopa* anda passeiando á tarde, diz o piahi: é só osso; tem buraco nos olhos; passeia na mata; minhoca é sua comida; passeia na vargem; lagarta, bicho de pau, cascudo, é sua comida; vem á casa beber mingáu (*poγu*); leva tu para fóra a comida de *kxadopa*, leva beijú e pirão (*pakxa*); de noite, para dormir, queima borracha, esfrega na porta, na tranca (*anaxu*, nariz); *kxadopa* não entra, a borracha fede, e elle não gosta do cheiro. Leva sua comida para a sepultura; quando não entoas o canto (*erému*) de *kxadopa*, elle não vae para o céu. Por isso, muitos dias dormidos, põe mingáu em duas cuias pequenas; põe o mingáu no meio da sepultura; duas pessoas armadas de porretes entoam o canto; terminado o canto quebram-se as duas cuias e foge-se. Chegando de longe, benze dizendo: *Kxukxukú* (ora sus?). Quando se pára, benze-se, dizendo: Aúfá! vae para dentro do céu, para a nossa gente, para nossa mãe, para nosso pae, aqui não tem ninguem, dentro do céu é bom, vae, nós tambem vamos morrer, se diz, — ensina o piahi.

Outro trecho representa *kxadopa* em fórmula de tatú (*Mugaru*, *Dasytus*) no meio da tapéra, e aconselha que não se passe pelo lugar onde houve briga.

Algum tempo vagam corpos e espiritos pelo mundo, e nas palavras do piahi voltam descrições de cabeças de defuntos que passeiam de noite, figados que se sentam á entrada das portas ou tripas em que se póde pisar no escuro. Afinal a sombra se liberta, e por uma escada de algodão fiado, que passa por baixo da estrella *Toxoren*, sóbe ao céu. Á entrada do céu está o Urubú com o seu fojo; aquelle que não tem orelhas e narinas furadas, e não leva as pennas, o Urubú o benze, isto é, sopra-lhe, e cae dentro do fojo; nem um perigo soffre o que está assignalado e vae avistar-se com Nakoeri.

Nakoéri é palavra cuja etymologia não se póde explicar pelo *kxura*-itano; felizmente a lingua dos Acawoyos, indios da Guiana Ingleza, Caribas como os Bacaeris, offerece-nos a tal respeito uma indicação preciosa. Na traducção da primeira parte do Genesis, e do evangelho de S. Matheus, recentemente publicado em Londres <sup>(11)</sup> pela "Society for promoting Christian Knowledge" lê-se a celebre phrase: o espirito de Deus andava sobre as aguas (Genesis, I, 2): *Makonàima* "Yakwarri" *otoupu tona poropohru*, em que "Yakwarri" significa espirito. Nakoeri e Yakwarri são palavras identicas, semantica e até phoneticamente, pois o *n* da primeira como o *y* da segunda são indices

---

(11) Devo a aquisição deste livro á bondade do amigo Dr. Eduardo Prado, a quem reitero os meus agradecimentos.

possessivos da 3.<sup>a</sup> pessoa; o *r* duplo na transcrição ingleza deve representar o mesmo som que o *r* singelo em nossa escripta <sup>(12)</sup> e a transformação de *a* em *o*, de *o* em *w* é factó trivial nas linguas mais diversas. Podemos, pois, traduzir Nakoeri do mesmo modo que Yakwarri por espirito.

O Akawoio ainda permite dar um passo adiante. Fiat lux diz-se em Akawoio: *Akwa weijima*. Não será *akwa*, luz, o radical de *Nakoeri* e *Yakwarri*, e não significariam estes nomes primitivamente o luminoso? Aos grammaticos fica reservada a resposta; que das tradições bacaeris conclue-se a affirmativa, quiçá a continuação deste estudo consiga demonstra-lo.

O proprio Bacaeri explicará melhor o que sabe de Nakoeri.

Quando não havia gente aqui na terra, antigamente, nasceu Nakoeri, quando não havia sol, não havia lua, etc.; só existia Urubú, só existia Onça antigamente; então Nakoeri fez primeiro só o Tamanduá, a Onça, e o Porco, fez os bichos porque era o Senhor da reza (*urenvi*); — depois fez o barro para avô dos Bacaeris; — como gente Nakoeri fez o barro (*orina*); quando acabou de fazer, po-lo ao pé de uma arvore. — Naquelle tempo antigamente Nakoeri não tinha casa. Quando acabou de po-lo ao pé de uma arvore, Nakoeri benzeu-o, — quando o benzeu nasceu o avô dos Bacaeris, — pequeno como os bichos nasceu o avô

---

(12) Sobre o R inglez qualquer affirmação é temeraria. "The consonant R, escreve Miss Laura Soames, is the most perplexing element in our language. Dr. Ellis wrote in 1875, that after more than thirty years study, he was not certain whether he had yet mastered its protean intricacies (*An introduction to Phonetics*, 56, Londres, 1891).

dos Bacaeris; quando cresceram, comeram pau secco e pau podre os antigos; sem flecha e sem porrete nasceram os avós dos Bacaeris; — quando augmentaram, os avós dos Bacaeris appareceram cada um para sua gente; homem só, mulher só, etc., andavam os Bacaeris; — quando cresceram, quando fez os bichos, Nakoeri fez uma escada de algodão, — de algodão fiado fe-la Nakoeri; — debaixo da estrella de braza *toxoren* é a porta de Nakoeri; — quando fez sua escada, Nakoeri foi para o céu; — por isso as almas dos Bacaeris vão para seu capitão Nakoeri; — quando chegou ao céu, Nakoeri fez sua casa; — depois que fez sua casa, Nakoeri fez uma lagoa; fria é a lagoa de Nakoeri; no céu Nakoeri não morre; — ao amanhecer Nakoeri vae se banhar dentro de sua agua; quando vae Nakoeri se pella; — ao amanhecer Nakoeri vira-se em menino; — de tarde Nakoeri vira-se em velho; — naquelle dia só não (isto é, todos os dias) Nakoeri se pella; — não secca a lagoa de Nakoeri, muitissimas (*avi knuru*) almas de Bacaeris ha na aldeia de Nakoeri; — tem maribondos, tem urubús, tem gavião grande, tem gavião branco.

*Wara bakaéri una ineyatuli*, concluiu I.; “assim conta o Bacaeri esta história”. Deixemo-la, porém, de parte, que adiante voltará mais a proposito.

No céu a sombra, que antes já se transformara em Kxadopa ou Caprimulgo, attinge sua evolução final, transubstanciando-se em *Yamüra*. Para obter a explicação desta palavra, não temos de sair do bacaeri: *Yamüra* vem naturalmente de *Yamu*, escuro, e significa o principio tenebroso, lobrego.

E’ natural inquerir se o *icekiko*, isto é, as alfaias, o trem, como traduz I., que se deposita com o defunto,

passa por transformação analoga á do dono. Os textos não respondem categoricamente, mas dão a entender que assim é, porque os *yamiüra* possuem canôas, cestas, porretes, mas em nada se assemelham aos que se usam na terra: são animaes. Julgue-o o leitor pelo trecho seguinte:

Anta é cesta de *Yamiüra*; Anta passeia nas costas de *Yamiüra*, — *Yamiüra* vae comer mandioca, comer abobora, comer cuia, comer feijão; não é a Anta que come: — dentro da cesta *Yamiüra* apanha abobora, apanha feijão, apanha cuia, etc.; quando apanha *Yamiüra* leva.

Tambem o Queixada — o Queixada vem á roça comer mandioca, — tambem o Queixada vem nas costas de *Yamiüra*, — arranca mandioca, arranca cará, arranca batata, — quando arranca, *Yamiüra* a leva, á Queixada, — por isso Queixada não se encontra — Queixada não apparece porque *Yamiüra* a escondeu.

Tambem a Anta, etc.; ao meio dia a Anta dorme, passeia de noite, etc.

Caitetú é tambem cesta de *Yamiüra*. Caitetú só anda aos tres: cava raiz de arvore, cava raiz de mandioca, cava raiz de cará, cava raiz de batata.

No seu pouso *Yamiüra* faz mingáu, rala mandioca, cozinha cará, cozinha batata, assa beijú.

Tracajá é a cuia de *Yamiüra*; — dentro da Tracajá mistura e tempera sua bebida, bebe sua bebida; — Tracajá é o maracá de *Yamiüra*, etc. Jahú é a canôa de *Yamiüra*, — dentro de Jahú rala a mandioca, extrae o polvilho, aproveita a manipueira, etc.; por isso quando se pesca Jahú paga-se, — paga-se com mingáu, paga-se com pirão. *Yamiüra* vem beber mingáu em casa, — por isso põe-se mingáu no caminho, põe-se pirão, etc.

Tambem o Jacaré: ralo de *Yamüra* é Jacaré, — rala mandioca, rala cará, rala batata, etc.

Tambem a Sucuri é a rede com que *Yamüra* pesca — *Yamüra* pega veado, pega paca, pega cotia, etc.; por isso quando se mata Sucuri, faz trovoada, faz chuva, etc.

O peixe pintado é o porrete de *Yamüra*; — Arraia é o assador de *Yamüra*; em cima da Arraia, *Yamüra* assa seu beijú, assa a sua mandioca puba, assa seu polvilho, torra mudubim.

Um naturalista neste trecho poderia reparar que a Cotia (*Dasyprocta aguti*) “leva a maior parte do dia escondida em algum tronco ôco ou em buraco debaixo das raizes e ao anoitecer sae á procura de comida”; que a Paca (*Coelogenys paca*) “leva existencia principalmente nocturna, dorme de dia num buraco que ella propria escava, de preferencia sob a raiz de uma arvore e sae ao escurecer”; que o Veado galheiro, pelo menos, “á tardinha, depois de posto o sol, durante a noite e depois de madrugada sae á procura de alimentação”; que Queixada e Caitetú (*Dycotyles*) saem “ora de dia ora de noite a procura de comida, fossando o chão a cata de raizes”; que a Anta “em regiões habitadas leva vida principalmente nocturna; em trechos tranquillos, onde não ha gente, de manhã e á tarde está sempre em movimento, excepto ás horas quentes do meio-dia que passa dormindo”; em outros termos, todas estas phrases entre aspas extrahidas do livro do Dr. Goeldi sobre os Mammiferos da nossa terra (pags. 92, 99, 103. e 106) confirmam o que fica dito sobre o character lobrego dos Yamüras.

Outras considerações parecem-nos, porém, de maior alcance.

Primeiramente na enumeração de trem dos *Yamüras* temos uma base para a seriação das aquisições culturaes dos *Bacaeris*. Ficamos sabendo que possuíam a rede de pescar antes da rede de dormir, que já navegavam quando ainda não tinham pilão, que provavelmente possuíam o maracá antes das mascararas com que apparecem em suas festas.

Depois vemos que si theoreticamente a morada do *Yamüra* é no céu, grande parte de sua existencia se passa na terra donde lhe vem o sustento. Não é, porém, o sustento sua preocupação unica; livre das contingencias do espaço e do tempo, anda rapido como o vento, é ente cioso, que espia todos os actos e pesa com esmagadora pressão sobre os vivos. Quasi não ha acio sobre que não influa: gestação, nascimento, alimentação, festas, horas de passear, tudo cae sob sua alçada inexoravel, como veremos mais tarde. Parece que os *Bacaeris* poderiam pintar o corpo a seu talante. Puro engano.

*Yamüra* não gosta de urucú, — por isso não percas a semente de urucú, diz o *piahi*; — *Yamüra* entra em casa das pessoas que têm filhos, — por isso queima-se leite de seringueira — quando se queima esfrega-se na porta; — pae de menino quando vae para o rio pinta-se com genipapo, — pinta-se com urucú, — por isso *Yamüra* pensa que é sangue; quando o pae do menino não se pinta e vae para o rio, *Yamüra* atira-se dentro d'agua; — gosta da resina de guanandi; — com caroço de algodão queimado *Yamüra* foge para

longe; — de tabatinga e barro *Yamiüra* gosta muito; — de resina de copahiba não gosta; — quando se queima de jatobá *Yamiüra* não gosta, diz o piahi.

Finalmente, havendo certos animaes que são para elle um meio de ganhar a vida, sua ferramenta, si é permittida a expressão em povos que não attingiram a idade metálica, é natural que *Yamiüra* os defenda com o mesmo cuidado e a energia com que Bacaeri defenderia sua canôa ou seu arco. Animaes existem cuja violação é castigada immediatamente: por exemplo, o Sucuri em um dos trechos acima adduzidos, ou o Topiéhi, passarinho de que adiante tratar-se-ha mais a proposito. Estes são os verdadeiramente *tabú* ou *tapú*, expressão usada na Australia, e que, por muito conhecida, não exige explicação. A respeito de outros a transigencia é possível, e fez-se de modo mui razoavel, dando já preparada ao *Yamiüra* a comida que teria de preparar no campo. E', porém, indispensavel que o animal morto seja aproveitado, aliás antas, pacas, porcos atacam roças, estragando-as; e para propiciar os *Yamiüra* é preciso dar uma festa, naturalmente mascarada, a que elles vêm assistir incognitos. Depois de ter comido bem, dão-se por satisfeitos e cessa a praga.

O seguinte trecho frisa melhor a idéa de pagamento e, comquanto contenha algumas repetições, não é redundante.

Morta a Guariba (*Mycetes*) paga-a, diz o piahi; morto o macaco Coatá (*Ateles*), morta a Preguiça (*Bradypus*), paga-os com mingáu; — quando não se paga, *Yamiüra* agarra nossa sombra; Imiga (*Cebus* ?)

é o animal domestico criação (*eyi*) de *Yamüra*; — quando derribares matta em que mora *Yamüra*, paga-a; — procura um lugar para fazer festa; — makanari é a paga da matta <sup>(13)</sup>; — depois quando *Yamüra* bebeu mingáu vae para longe <sup>(14)</sup>.

Makanari é o nome de uma de suas festas, e seria o lugar proprio para tratar dellas, si infelizmente as ligeiras informações que a tal respeito existem não fossem deficientes, encobrando de todo o lado ritual e cultural que constitue a sua essencia. Voltaremos a ellas em outra occasião, chamando por agora apenas a attenção para este ponto: as danças e festas mascaradas são verdadeiras ceremonias religiosas.

Vejamos agora os Piahis, cujo papel importante já nos tem apparecido vagamente.

Uma palavra basta para defini-los: o piahi é um *Yamüra*.

*Piahi* é palavra que, com ligeiras variantes, apparece em diversas linguas sul-americanas e, como Carahiba, póde ser explicada de muitos modos. Em *ba-caeri* liga-se talvez a *epiwado*, pagamento, idéa cujo alcance já tivemos occasião de mencionar. Propria-

(13) Posteriormente ao ditado deste trecho, teve I. duvida si a dança é makanari ou outra qualquer.

(14) Uma variante da mesma ideia aponta Matias Ruiz Blanco entre os Indios de Peritú (Colombia): “cuando el indio trae algun venado ó jabali del monte, sale la mujer con una tutuma de la bebida que hacen del maiz y le abre la boca al animal y le da de beber por agasajo para que el alma de aquel refiera a los otros el buen trato que le han hecho” (*Conversión de Piritú*, 64, reimp. de Madrid).

mente significa o curador, o medico. Não se confunda, pois, com feiticeiro: *ome-odo*, o senhor de veneno, póde tirar a saude e a vida a uma pessoa; *amapöçodo*, o senhor da mão do defunto, póde fazer estourar o senhor do veneno; mas ambos são mortaes, ao passo que o curador é immortal e domina as forças da natureza.

Alguns exemplos apanhados ao acaso mostrarão como o Piahi apparece á intelligencia dos Bacaeris.

O filho de um curador passeava com o pae, quando de subito foi acommettido por uma onça. Defendeu-se como poudes, e chegando á casa contou: surrei uma onça. — Estás mentindo, disse o curador, surraste a mim. Isto prova que o curador póde entrar no corpo dos animaes, ou, para usar a expressão indigena, fazer de um animal 'sua camisa.

Parutamido matou um tatú á beira de uma lagoa, abriu-o, lavou-o, e não quiz entrega-lo ao Yamüra que dentro d'agua o reclamou, como animal de sua criação (*iγi*). Para castiga-lo, o Yamüra afogou-o. Passado tempo sem delle haver noticias, um curador seu cunhado, sonhou com o que lhe tinha succedido. Penetrou na lagoa, onde o Yamüra explicou o motivo por que afogara Parutamido, tratou-o muito bem, presenteou-o com mingáu, com beijús e lhe ensinou a dança do *Kxaritówo*. Isto mostra quão differentes são as atencões que os yamüras têm para os piahis e para a gente atôa (*wanololo*, de *waono*, primeiro; cf. al. *der erste der beste*).

No salto do Paranatinga, lugar terrivel em que Keri e Came atiraram a *Mama*, pedra vermelha e en-

cantada, com que mataram Mero e Arimoto, está por baixo da Mama o sonho (*Vèdu*) que elles arrancavam dos olhos do lagarto. Lá assiste o pae das bexigas (*turi*); quem se aproxima adoece; quando chega o tempo do salto dos matrinxans, quem perto fala ou ri é atirado á agua. O curador não corre perigo aproximando-se; si fica zangado, póde benzer o somno e este levanta-se e passeia.

Como attinge o curador a esta plenitude de poderes, que em seus discursos tantas vezes atira aos que desdenhosamente chama gente atôa? Por uma aprendizagem muito longa e penosa, que poucas pessoas têm a coragem de seguir até o fim e á risca.

Primeiramente, o candidato a curador (*piahi-heini*) precisa de encontrar um curador consummado, que lhe indique o que deve fazer, e o proteja contra os inimigos que nunca deixa de encontrar. O curador futuro precisa, além disso, de por sua parte não deixar uma só brecha por onde possa introduzir-se o inimigo, o Karówi, os yamüras tão ciosos e tão malvados, cuja occupação principal dir-se-ia andarem á cata dos minimos descuidos para castiga-los inexoravelmente.

E' este o objecto do regime rigoroso a que tem de submitter-se si quer elevar-se ás alturas em que paira o verdadeiro curador.

Começa o noviço bebendo diversas drogas como timbó, pindoba, vaimbé e outros cipós para aprender a lingua dos animaes, e de Karowi, especie de Curupira; não póde comer pirão, nem mingáu, nem gordura, nem carne, nem lambari, nem volátil, nem ta-

manduá, nem mel; sua alimentação é exclusivamente beijú e caldo de polvilho.

Não póde morar na aldeia, mas numa casa retirada, a casa de dança, (*Kxadóeti*), onde se fazem as festas, se acolhem os hospedes e as mulheres não têm entrada: é preciso que com estas não fale, e para maior segurança não só o curador mestre amedronta o noviço dizendo que as vozes que ouve não são de mulheres mas de Karówi, como arma sua rede encostada á porta para que não possa sahir seu discipulo em qualquer momento de descuido.

Passados tempos, saem a passeio mestre e discipulo, e este, que facilmente aprendera a lingua de Karówi, começa a falar a lingua de onça. E' o signal de que a iniciação está quasi terminada; o curador dá-lhe o cipó de cobra (*ayukur-iokxu*), o candidato a piahi morre, torna-se yamüra e vae para o céu apresentar-se a Nakoeri.

Nakoeri, que já conhecemos, possui muitos animaes domesticos: araras, pombas, rolas, jacús, jacuca, mutum, maracanã, periquito, papagaio, tucano, araçari, anuns, gallinha, tamanduá, etc. Que ha de commum nesta bicharia é o que só um naturalista acostumado á ideação dos Indios, poderia dizer com alguma segurança. Alguns parecem escolhidos pelo brilho da plumagem, outros por seus habitos matinaes, outros finalmente pela circumstancia de como que sumirem-se por algum tempo, reaparecendo mais gordos, qual se tivessem passado em pastos mais pingues.

Depois da morte começam as distincções entre o curador e o yamüra commum: este, como se viu, sobe

por uma escada de algodão; o discípulo e o mestre sobem juntos, não se declarando, porém de que modo.

Quando o piahi-he-ini vae vêr o céu, os moradores do céu avistam-no de longe que vem; quem vem ahi? dizem os yamüras para Nakoeri; então Nakoeri apparece na porta; o piahi e o seu discípulo aproximam-se: ah! és tu, vieste? diz Nakoeri; — sim, sou eu, vim para ti, responde o discípulo; — sim, não gostaste de tua bebida, de teu beijú, de tua comida, é bom, por isso vieste, gente atôa não vem para minha aldeia, diz Nakoeri.

Depois Nakoeri bota para fóra bancos e lá fóra conversa com o discípulo do curador; primeiro, põe um banco vermelho; põe depois dois bancos brancos; o discípulo não se senta no banco vermelho; põe para fóra tres bancos vermelhos (ao todo cinco, dos quaes os vermelhos mais proximos do candidato, para tenta-lo); o candidato passa pelos tres bancos vermelhos sem se sentar (si se sentasse commetteria um crime e não subiria a piahi) e senta-se no banco branco: és homem ás direitas (*uyurodo-lo*), tu sim, és valente, diz-lhe Nakoeri.

Depois Nakoeri vae buscar massa de mandioca; a cauda de arara vermelha amarra-a com algodão na ponta do cabo de maracá, e entoa seu canto e toca o maracá; então move-se o banco do candidato, e em cima do banco vae elle para dentro da casa; ao entrar, Nakoeri interrompe seu canto: vaes para dentro do céu, diz Nakoeri. — Sim, capitão, vou, diz o candidato. — Leva-o para dentro do céu, diz Nakoeri para seu companheiro, e novamente entoa seu canto.

O banco vae para o céu, rodando; o companheiro do Nakoeri vae segurando o banco e instruindo o candidato, que não vê ninguem: aqui, vae dizendo o companheiro de Nakoeri, é a praça da noite velha; ali a

praça das cabeças velhas, acolá a praça das costellas velhas, vae lhe dizendo <sup>(15)</sup> O candidato nada vê, apenas ouve a lingua do companheiro de Nakoeri; no céu reina só o escuro, por isso não vê ninguém.

Depois de muito andar, o céu vae esfriando: estamos proximos da aldeia, diz o companheiro de Nakoeri. Depois chegam á aldeia dos maribondos, só lingua de maribondos ouve o candidato: vieste meu irmão? vieste, meu pai? vieste, meu tio? vieste meu filho? ouve o candidato, mas nada vê, porque o escuro de céu não se póde enxergar.

O banco põe-se novamente em movimento, e depois, como que acordando, chegam á casa de Nakoeri e entram por ella: andaste muito, diz Nakoeri. — Sim, andei, capitão, responde o candidato.

Passado pouco tempo, o candidato diz a Nakoeri: Capitão, vou-me embora. — Sim, responde Nakoeri; podés ir agora; qualquer dia virás outra vez.

Interrompamos agora este trecho, para sobre elle fazer algumas observações.

O Dr. Carlos von den Steinen ouviu de Antonio alguma coisa que provavelmente se referia a Nakoeri: pensou, porém, que na historia, — naturalmente pouco desenvolvida, porque Antonio falava em portuguez, de que não sabia muito, e um Indio só conta com gosto e clareza no idioma natal—se tinha insinuado a influencia do christianismo. E assim, quando Antonio não se lembrando de prompto do nome do personagem que habitava o céu, procurava rehave-lo da memoria perra, perguntou-lhe o viajante alemão si não seria Jesus

---

(15) A palavra *velha* neste trecho corresponde ao suffixo *pürí* ou *bürí*, que, já vimos, indica o passado dos substantivos.

Christo. — *Crito mesmo*, repetiu Antonio, acceitando talvez a insinuação <sup>(16)</sup>

Nakoeri será effectivamente uma adumbração de Christo, sedimento de catechese catholica? Repugnamos acredita-lo, porque nos animaes que Nakoeri cria, no papel que desempenha quanto á adopção das sombras em seu reino, na investidura que dá aos curadores, na distribuição dos diversos dominios do céu, no modo original por que lá se viaja, em tudo se nota uma construcção de accordo com a concepção do mundo vigente entre os Bacaeris. Ou a idéa christan é inteiramente alheia á concepção bacaeri, ou foi totalmente suffocada pelo ervanço indigena em que a semearam.

Admittido que Nakoeri é concepção espontanea e não alienigena, convém investigar si de facto elle é divindade luminosa, como acima ficou dito.

A escuridão do céu inclinaria a colloca-lo de preferencia entre os poderes lobregos; mas a sua distincção clara dos yamüras — que, estes sim são forças lobregas como o proprio nome está indicando —, reprime este primeiro impulso. E novos argumentos nos fornecem os bancos brancos em que o candidato deve sentar-se si quizer subir a piahi; o emprego do algodão, materia pouco agradavel ao yamüra, tanto que a semente queimada os enxota para longe das casas que perseguem; e finalmente a cauda de arara que elle amarra ao maracá. De facto em bacaeri *kxavida tapabileç ixu torokxo* significa duas coisas muito diversas: a cauda do lindo Psittacide que conhecemos, e a hora

---

(16) *Unter den Naturvölkern Zentral Braziliens*, 346.

que precede immediatamente o nascer do sol. “Primeiro apparece *maekudani* (provavelmente engana anta, porque o animal acorda, pensando que o dia está próximo); depois a cauda amarella da arara *kxalokua*; depois nasce a cauda da arara vermelha; ainda não acaba a cauda da arara vermelha e já nasce o sol (*kxavida tapabileç ixutaroxo nadãepala xixi eyaceli*)” diz um texto que temos á vista. Assim, quer como objecto zoologico, quer como momento astronomico, a cauda de arara é prova de que Nakoeri representa um poder luminoso.

O que resta da historia do candidato a piahi resume-se em poucas linhas.

Depois de ter falado com Nakoeri, o candidato vae embora; na porta do céu, a sombra reveste a camisa antiga e quando nesta, se deita e dorme; ninguem póde ir onde elle está, excepto o curador que o iniciou. A tarde acorda: — queres mingáu, estás com fome? pergunta o curador; e quando o candidato responde que sim, vae fazer-lhe mingáu de massa azeda. Tres dias dormidos come beijú fresco, depois polvilho e *puhereyo*. O curador não o deixa ainda sahir da casa da dança; na outra lua come pirão; passadas duas luas póde sahir um pouco, e então come caça, matrinxã, pacú branco. Tres mezes mais tarde, é piahi, passeia, entra em onça, entra em anta, entra em queixada, etc.

Consagrado piahi, já vimos algumas das coisas que é capaz de fazer. Daremos, porém, ainda uma historia, para que se veja a distincção entre piahi e *yamüra*.

Ambos elles morreram, e exactamente da morte vem a força que os torna tão temidos de seus conterraneos; mas depois de morto, o piahi torna á vida por concessão de Nakoeri e então nunca mais morre. ao passo que o yamüra póde apparecer na terra, entrar no corpo de animaes, vestir mesmo a camisa de homem como nas festas mascaradas, mas na realidade nunca mais vive cá em baixo.

Ambos têm poder quasi illimitado sobre a natureza, mas na realidade o piahi é o mais poderoso, porque o yamüra o respeita, trata-o por cunhado, e elle tem meios de abrandar o yamüra e até de espanta-lo, como queimando caroço de algodão ou pintando de urucú as pessoas contra quem yamüra está irritado.

Ambos representam potencias lobregas, mas o piahi representa alguma coisa de luminoso que apanhou de sua convivencia com Nakoeri.

Ficou dito que, em certos casos, tanto piahi como yamüra podem retirar a sombra de pessoa que os offendeu; mas só o piahi póde restituir o que elle tirou: e, ao contrario, póde restituir a sombra roubada pelo yamüra.

Leva-nos isto a tratar de Topiehe, ave mato-grossense que não foi possível identificar, e em cujo nome está provavelmente o mesmo radical que se encontra em *phiahi* e *epiwado*.

Topiehe, quando se mata, rouba a sombra da gente; por isso não se mata Topiehe; leva a sombra da gente para longe; depois a gente morre. Dentro do céu é a casa de Topiehe; o Topiehe não fica morto

realmente, diz o piahi. Quem matou (apparentemente) o Topiehe fica com frio; quando chega em casa adoece; depois se chama o piahi, e quando elle chega, lava-se bem limpo o banco; depois se amarra com algodão a cauda da arara, no maracá. Emquanto isto faz o curador, a gente não fala, apaga-se o fogo: bota-se o banco na porta, e o curador segura-o, toca o maracá e depois grita. Quando não está perto, *yamiira* não vem depressa: quando chega, o banco se move e si o curador o não segura foge, por isso o curador não larga o banco, no qual se senta *yamiira*, com quem o piahi conversa: Não vês, parente, estou chamando, estou falando, estou cantando, estou gritando, diz o curador. Fiz isto, porque commetteu este crime (*inutudohe*), responde Topiehe — E' gente, não sabe o que faz, por isso te matou, responde o curador. Quando o piahi falou: toma-o, diz Topiehe. Quando se agarrou ao algodão nossa sombra fica em cima e então o assassino fica bom. Depois da entrega: vou-me embora, ouvi teu grito e por isso vim, diz Topiehe. Quando *Yamiira* sae, a gente conversa, o curador vae para o doente: adoeceu porque matou Topiehe; Topiehe não se mata, diz o curador.

Por sua parte póde tambem o curador roubar a sombra de qualquer pessoa.

Aproveita o somno daquelle contra quem está zangado (*piahi iewirocenibüri*) e agarrando a sombra que passeia, leva-a a diversos lugares, perguntando-lhe implacavel se sabe por onde anda. Logo o piahi iewiroceni-büri sente frio e febre, e adoece. O avô e a mãe imploram a protecção do curador: Vem ver meu filho, diz a mãe: vem ver de que aquelle meu filho está doente. Si não dizem isto, o piahi faz morrer a pessoa.

Si dizem, o piahi responde: Teu filho é um medroso, por isso é que está doente; mas está mentindo, é só para que não se saiba que foi elle. De tarde sae gritando pelo caminho; á noite volta para casa gritando, manda apagar o fogo, e a cerimonia é quasi a mesma que com o Topiehe, e o pagamento do curador é uma rêde de algodão.

No fim desta historia, que resumimos, insiste-se mais uma vez sobre o poder do curador.

Piahi passeia com yamüra, passeia com onça (*udo-do*, o mesmo radical do *udo*, *udoréri*, inimigo). vae para o céu, vae para a agua, entra em cobra, entra em sucuri, entra em passarinho, entra em qualquer volatil; por isso nos faz medo; dentro de cobra nos morde, dentro de onça; sabe quem morre; passeia feito vento, passeia dentro da aldeia, passeia perto, derruba casas com gancho, tudo isto faz quando está zangado.

Assim, o Bacaeri vê no mundo tres grandes forças: Nakoeri, inerte, bondoso e afastado, que não precisa de culto, porque não faz mal; yamüras, almas dos paes, que foram para o céu, e podendo fazer o bem, podem igualmente fazer o mal e devem ser propiciados continuamente; os piahi, yamüras de ordem superior, porque ressuscitam depois de mortos e vêm novamente viver entre os homens.

Ao lado destes tres principios, encontramos figuras e noções pouco claras, provavelmente restos de idéas mais antigas.

O Dr. C. v. d. Steinen fala de *Kilaino oroiko*, que traduz por diabo. I. não conhece tal entidade, mas sim-

plesmente Kilâino, entes maleficos, que moram no mato ou no morro, assumem fôrmas diferentes, alimentam-se de ratos e passarinhos, não passam agua, escondem a caça morta e as setas atiradas, as coisas que caem das mãos da gente; respondem aos gritos de uma pessoa, e gritam para transviar quem anda no mato.

Do mesmo genero são: Kxarowi, que anda á noite, trazendo por machado um sapo, animado sempre do desejo de fazer mal ao Bacaeri, mas geralmente ludibriado por este, em summa semelhante aos Curupiras do Amazonas, quaes nos apparecem nos contos colhidos por Barbosa Rodrigues; e Ywanaguroro, o senhor da caça, facil de conhecer-se, porque tem um peito maior que o outro, contra o qual mata as pessoas que o offendem, figura semelhante ao Caipora dos Tupis.

Trata-se tambem de uma lagoa, onde assistem o avô do peixe cachorro, o avô da piranha, o avô da cobra, o avô da lontra, o avô do peixe agulha, o avô do tambor, etc. No meio da agua apparecem phantasmas. Lá não vae anta nem capivara, nem queixada, nem volatil a atravessa. Antigos Bacaeris levaram para lá uma canôa, mas um redomoinho virou-a, o Kxurixio (especie de lontra encantada) comeu-os, só apparecendo dos mortos as barrigas.

Existem lá tambem a onça-assú, o cavallo-assú, o queixada-assú, o cágado-assú, o carangueijo-assú d'agua doce, etc. A borda d'agua tudo está balançando. O *Kxurixio* e os *Kxuxobe* agitam suas cabeças que soam como trovões, e quem ouve tal som adocece e morre, e quem vê os avós dos animaes tambem morre.

À borda da lagoa existe um brejo, e a lagoa é de semen de animaes.

A idéa de Senhor apparece repetidas vezes, sem que seja possivel compreender bem o que significa. Quando Bacaeri affirma que o homem branco é o senhor do espelho, naturalmente quer com isto dizer que foi em mãos dos Carahibas que primeiro viu este objecto. Que diz, porém, realmente quando affirma que o senhor da chuva é o periquito ?

Tambem parece natural que, desde que certas coisas têm senhores, se pague a estes ou se lhes preste qualquer prova de respeito ou homenagem. Entretanto, só um caso deste genero se menciona; quem faz rêde, antes de usa-la, arma-a fóra de casa em homenagem ao Coandú, senhor da rêde, para não ficar de cabellos brancos. Conta-se tambem a historia de um grande cataclismo produzido pela morte da lagartixa, senhora do vento.

Nestas condições, pouco interesse apresenta a seguinte lista de senhores, que só poderá ser aproveitada si apparecerem novos elementos comparaveis:

O lagarto é senhor do somno; a raposa senhor do fogo; o periquito da chuva; a lagartixa do vento; o curiango do anzol; o urubú é senhor do banco; caramujo, do sol; o sucuri, da rede de pescar; o socó, do boquité (especie de cesta); a uga (especie de lagarto) do ralo; o ouriço, é senhor do espinho; o martim pescador, senhor do peixe; o coandú, senhor do fumo e tambem da rede de buriti; o veado, é senhor da mandioca, etc.

Por aqui póde ver-se que Bacaeri não faz distincção muito profunda entre homens e animaes. Para *desejar* estes usam de duas palavras: *ieyi* primeira pessoa, que se applica ao animal que uma pessoa criou, e *anayido*, termo generico, simples plural de *anayi* que significa quem e alguem. E nada ha a estranhar desde que do mesmo modo os homens e os animaes têm sombra e falam.

Tambem as arvores têm sombra e falam.

Os capitães das arvores falaram primeiramente, conta o piahi; a peúva de flores amarellas, a peúva de flores vermelhas, o jatobá, a copahiba, o pau de morcego, falaram, conta o piahi; — aufa! vamos todos, amadureçamos nossas folhas, disse o jatobá, conta o piahi; sim façamo-lo, capitão, disseram suas gentes, conta o piahi; quando disseram, as folhas das arvores amadureceram de todo, conta o piahi; quando as folhas acabaram de amadurecer, falaram de novo, conta o piahi; aufa! derribemos nossas folhas, minha gente, disse a peúva de flores amarellas, disse o jatobá, conta o piahi; quando os capitães falaram, todos responderam, conta o piahi; quando falaram outra vez, todas as folhas das arvores cahiram, conta o piahi; quando acabaram de cahir, seus capitães falaram, conta o piahi; aufa! vamo-nos, floresçamos, minha gente, disseram peúva amarella e copahiba, conta o piahi; a copahiba e a peúva quando falaram suas gentes responderam: todos nós sim o faremos, capitão, disse sua gente, conta o piahi; quando disseram todas as arvores floresceram, conta o piahi; quando todos floresceram a peúva de flores vermelhas, a peúva de flores amarellas falaram, conta o piahi; agora todos derribemos nossas flores, minha gente, disseram seus capitães, conta o piahi; sim fazemos, capitão, disseram suas gentes, conta o

phiahi; quando disseram, todas as flores das arvores cahiram, conta o piahi; vamos, frutifiquemos, minha gente, disse a peúva de flores amarellas, disse a peúva de flores vermelhas, conta o piahi; quando falaram, brotaram ramos, brotaram frutos, conta o piahi; a seringueira, a peúva de flores vermelhas, a peúva de flores amarellas, o paratudo, a tarumarana da mata criaram caroço, conta o piahi; quando seu caroço se quebrou, a peúva de flores vermelhas, a peúva de flores amarellas falaram, conta o piahi; vamos, agora quebre-mos nossos caroços, minha gente, disseram seus capitães, conta o piahi; sim, assim fazemos, capitão, disseram suas gentes, conta o piahi; quando disseram, no tempo da bebida beberam, conta o piahi; quando falaram, todos os caroços das arvores se quebraram, conta o piahi; quando os caroços se quebraram, falaram outra vez, conta o piahi; vamos todos, agora cresçamos! disseram seus capitães, conta o piahi.

Não foi só aquella vez que as arvores falaram. diz o piahi: (*Mâra-ume nelö-ba cé areyeli, tokehe piahi*).

## OS CAXINAUÁS

Estudo publicado no "Jornal do Commercio" de 25 de  
Dezembro de 1911 e de 7 e 14 de Janeiro de 1912 sob titulo  
*Dois Depoimentos.*

## OS CAXINAUÁS

Dois Indios do rio Iboacú, affluente do Murú, tributario de Tarauacá, trazidos para esta cidade, em milhares de phrases dictadas na lingua materna, logo transcriptas e traduzidas, deram noticias dos costumes, tradições e mythos de seu povo. Somradas as idades de ambos pouco passavam de trinta annos. Ha bastante tempo deixaram sua terra. Quantas coisas não aprenderam! Quantas não terão calado ou esquecido! Considera-los representativos do conjuncto, sobre seus dizeres construir generalizações amplas ou proferir sentença definitiva, destoaria das boas normas da critica. Póde-se, porém, acceitar seus depoimentos, para começo do inquerito; alguém mais feliz ou mais competente da Prefeitura do Juruá fará conclusos os autos.

Chamam-lhes Caxinauás, ou, com o accentto na penultima syllaba, Caxináuas. Assim pronuncia de preferencia a gente mais apurada da Prefeitura, porque, respondeu um seringueiro do Humaitá, Náuas foram os primeiros Indios encontrados na região, hoje extinctos ou dispersos. A explicação é, porém, outra: os Indios aparentados destes no Perú e na Bolivia, usam geralmente graves, ao contrario dos naturaes do Iboa-

çú, que só empregam agudos; daquelles os puristas dos seringaes tomaram a pronuncia.

Digamos, pois, como estes Caxinauás, isto é, gente do morcego.

Tal denominação não lhes é desconhecida; mas a si proprios chamam *huni kuin*, isto é, homens verdadeiros. A coexistencia dos dois nomes gentilicos, um usado pelos proprios, outro por estranhos, é facto muito commum: os Tupinambás do Rio de Janeiro eram chamados Tamoios em S. Vicente.

Linguisticamente pertencem ao grupo dos Panos, que apparece no Madeira, Madre de Dios e Beni; avulta no Tarauacá e Juruá; vivem nos rios que seguem até o Ucaiale, e parece estenderem-se tambem ao Hulla-ga. Em terras do Equador existiu em outro tempo, esse grupo, talvez mesmo na Colombia; faltam, porém, noticias mais recentes para affirma-lo com segurança, quanto á actualidade.

Raoul de la Grasserie foi quem primeiro reconheceu o grupo dos Panaos, comparando oito glossarios, a maior parte impressos na obra de Martius, ao todo novecentos e trinta vocabulos. O seu trabalho, apresentado ao Congresso dos Americanistas de Berlim, em 1898, passou em revista os nomes das partes do corpo, de parentesco, de animaes, de vegetaes, de seres inanimados, verbos, adjectivos, nomes de numeros, etc. As semelhanças tornaram-se logo patentes, nem se comprehende como houvessem escapado a tantos especialistas. Não contente com isso elle quiz logo formular as correspondencias phoneticas e mostrar o que desde Grimm denominam *Lautverschiebung*. O mate-

rial escasso não permittia edificio tão ponderoso, mas incontestavelmente acertou em mais de um caso.

Um vocabulario feito por algum missionario anonymo, encontrado no rio Palpazú, adquirido e publicado em 1904 por Carlos von den Steinen, augmentou consideravelmente o cabedal linguistico: consta de uma parte castelhana-chipiba com duas mil seiscentas e setenta e tres palavras, outra chipiba-castelhana com duas mil quatrocentas e noventa e tres; tem, além disso, poucas phrases e algumas noções grammaticaes. O valor destas é pequeno: a preocupação de encontrar casos e verbo substantivo, como os do latim, viciam-nas profundamente; o paradigma dos verbos deixa muitas duvidas que só poderiam ser arredadas si o acompanhasse qualquer texto; nada diz sobre a pronuncia. O dr. Carlos von den Steinen poderia, si quizesse, penetrar na Lautverschiebung com mais vantagem que R. de la Grasserie; preferiu abster-se; fez uma observação de longo alcance — as partes do corpo já representam compostos, em que um elemento de uma ou duas syllabas representa a idéa, e o final é um suffixo —; consagrou-se de preferencia á historia do grupo, apurando com muita erudição as differentes denominações locaes, á distribuição geographica e ás missões de Jesuitas e Franciscanos entre os infieis.

Antes, em 1898, fôra publicado no *Boletin de la Sociedad de Geografia* de la Paz um diccionario só mais tarde conhecido na Europa. Intitula-se “Idioma Schipibo. Vocabulario del idioma Schipibo, del Ucayali, que es el mismo que el Pacaguara del Beni y Madre de Dios. Esto es un dialecto de la lengua Pana, que

es la lengua del Hullaga, del Ucayali y de sus afluentes". Seu autor, Fr. N. de Armentia, missionario entre os indios e explorador de rios, um similar de Livingstone boliviano, revelou no livro largos conhecimentos. Não juntou ao vocabulario indicações grammaticaes, e o texto sahiu inçado de erros: a cada instante trocam *c* e *e*, *n* e *u*. A mesma palavra apparece escripta de mais de um modo; agora, faltam letras, outras vezes os vocabulos faltam em uma outra lingua; é uma pena. Si o original ainda se conserva, urge fazer uma edição expiatoria e completa-la si possivel, com outros escriptos do autor, para que Armentia occupe o lugar que lhe compete.

*Vocabulario quichua-pano con sus respectivas grammaticas*, intitula-se o livro de Fr. Manoel Navarro, missionario apostolico do Ucaiali, publicado em Lima, em 1903. Reunir as duas linguas na mesma pagina foi excellente idéa, não por serem afins, como o autor pretende, mas porque muitas palavras quéchuas foram recentemente introduzidas no pano pelos missionarios, e não se precisa quebrar a cabeça á cata de explicação. A grammatica, além da declinação e da conjugação calcadas sobre o latim, trata de pronomes, das partes invariaveis do discurso, de certas formações de vocabulos, entra mesmo na syntaxe. Umas cento e cinquenta phrases dadas em appendice ainda mais valeriam si Navarro não as houvesse obtido indirectamente, através do quechua. A mesma impressão de conhecimento mediato deixa o vocabulario, onde muitas palavras parecem retraduzidas e, por assim dizer, estilizadas; neste particular, apesar de inçado de pasteis

typographicos, o de Armentia guarda superioridade incontestavel.

O formato exiguo e exquisito do opusculo sobre a lingua shipiba, publicado em 1906, em Lima, por Fr. Agustin Alemany, inspira pouca confiança á primeira vista. "Vocabulario de bolsillo" é feito para os missionarios levarem no bolso. O uso abona seu prestimo, infelizmente diminuido pela defeituosa composição typographica. Quatorze paginas empregam-se quasi exclusivamente nas declinações e conjugações alatinadas; merecem apreço ligeiras observações sobre a pronuncia: quanto ao accento tónico, nem elle nem qualquer de seus predecessores dá a minima indicação.

Curioso é que, apesar de não se metter grande distancia entre La Paz e Lima, Navarro não conhecesse o vocabulario de Armentia; ao publicar o seu ainda mais curioso é que Alemany, pertencendo á mesma ordem que Navarro, imprimindo seu opusculo na mesma cidade, com a differença de tres annos apenas, escreva: "hasta la hecha nada se ha impreso sobre la lengua shipiba".

Si a estes e a vocabularios maiores juntarmos alguns glossarios pequenos divulgados por Cardús e Nordenskjold, fica exgotada a lista do que se conhece, no Rio, quanto ao grupo dos Panos. O cabedal avultou muitas vezes depois que Raoul de la Grasserie abriu a primeira picada; e o grupo destaca-se com maior nitidez e seu papel vae-se desenhando mais claramente no enredo ethnographico cisandino.

E' não só bem possivel, mas até desejavel, que venha a perder-se em um grupo maior, como sustentou

o dr. Rudolf R. Schuller em dois eruditos artigos da “Revista Americana”. Os especialistas decidirão: o estudo mais intensivo da lingua, agora trazida á luz, não póde senão ser util a qualquer tentativa neste sentido.

## I

Os Caxinauás, de que tratam estas linhas, moram em cinco aldeias espalhadas pelo rio Iboacú, cujos nomes trazidos, são: Bananeira se assentou, Caxoeira Assada, Coatipurú (Caxinguelê) trepou, Aldeia do Sol, Aldeia Gorda. Os nomes dos chefes são: Bonito de uma banda, Papo de anta, Ovo de gente; os outros foram esquecidos.

Mandam-nos tuxauas hereditarios, cuja autoridade se manifesta na mudança das aldeias, na expulsão dos dyscolos, na distribuição de certos trabalhos, nas guerras, nas festas, etc.

Dentre as festas pode-se logo mencionar a dança da paxiuba. Um tronco desta palmeira é cortado, lascado, escavado, transportado solememente da mata para o povoado. As mulheres, que já têm preparado muito mingau, forram o cocho com folhas de bananeira, nelle despejam o conteúdo das panellas e, cobrem tudo com palha de jarina, palmeira muito utilizada porque o tronco é baixo e com a maior facilidade se tiram as palmas. A' roda do madeiro começa a dança, em que tomam parte homens, mulheres, meninos, formando roda, sapateando, abraçando-se. Dança-se a noite inteira, dorme-se de dia, quasi uma semana. Na sexta noite chegam os convidados e as danças, as comezainas sobem ao auge. Na manhã seguinte bebem o mingau fermentado do cocho, vomitam. Os convidados

fungam tabaco moido e despedem-se. Os moradores da aldeia jogam fóra o tronco da paxiúba.

A festa termina neste dormitorio colectivo. “Para limpar a barriga, para a gente ter saúde”, explicou um dos Índios.

Em geral conservam o fogo acceso, mas um dia o tuxaua manda preparar igniarios para renova-lo pela fricção; é a festa do fogo novo.

“Amanhã, em amanhecendo vamos todos banhar-nos. Para fazer fogo, fazei igniarios novos. Igniarios novos fazei para fazermos fogo. Fazei muitos igniarios para os esfregarmos. Matai, moqueai a caça. Ajuntai caças grandes. Ajuntai os rapazes, ajuntai as raparigas, ajuntai os meninos para brincarmos. Tirai sapopemas de sumaúma, fazei bancos para os meninos assentarem-se. Nosso fogo velho não presta; si não fizermos novo nos mata. Nossos velhos me disseram; nossos velhos todos os dias faziam fogo novo, muitas vezes ouvi. Nossos velhos muito intelligentes, espalharam-se, largaram-nos, uns foram para dentro dagua, outros morreram, outros foram para o céu. Nós, meninos pequeninos, não somos intelligentes; quando nossas gentes se espalharam, nós não ficamos intelligentes”.

Na pescaria usam de barbasco de diversas qualidades, aproveitando de um a raiz, de outro a folha, de outro o cipó, de outro a fructa. Por ordem do tuxaua as mulheres tiram estas differentes especies de timbó; os homens pilham-nas, partem de manhã, dissolvem a massa na agua, apanham o peixe embarbasgado, voltam á noite carregados. Além desta pescaria

ordinaria, ha outra mais solemne — a da lagôa grande. Nella entra mais de uma aldeia. A beira da lagôa levantam ranchos provisorios, fazem jiraus pelo meio, batem a agua para espantar os jacarés, as sucuris, os puraquês, o diabo “de cabeça grande e cabello comprido”. Depois de pescar muitos dias, vão caçar e voltam para casa trazendo tudo moqueado.

A caçada individual é a mais commum, porém, ha as que o tuxaua ordena, além de caçadas collectivas, de cabeças. Fazem então quantas armas podem, tomam emprestadas as dos vizinhos, as mulheres preparam mantimentos para um mez. Chegados ao lugar que lhes parece apropriado, levantam palhoças, arranjam moquens. As caças que matam, depois de abrir-lhes as barrigas, pellam ou depennam e moqueam; como não usam de sal, moqueiar é o unico meio de conservar carne e peixe. Quando já faltam mantimentos, põem os animaes em jacás ou serapilheiras e um vae adiante avisar as mulheres que os homens estão de volta. As mulheres varrem as casas, pintam-se de urucú, vão buscar macaxeiras e bananas, cozinham e esperam os homens, que chegam apitando, gritando.

No dia seguinte, fazem no terreiro casas pequenas, enfeitam-se, vão solemnemente restituir as flexas emprestadas e convidar os donos para virem comer cabeças. Estes acordam, banham-se, pintam-se a urucú, mastigam nixpô para os dentes ficarem pretos, enfeitam-se com pulseiras nos braços, contas no pescoço e vêm gritando, apitando. Dançam, comem. Um offerece em prato grande um coatá moqueado inteiro, de macaxeira na mão, de banana na bocca. O outro corre

espantado gritando. — Que tens? perguntam. — Aquelle homem matou um caxinauá, moqueou, queria que eu comesse.

Um encontro hostil com os Contanauás, gente do Coco, mostra o papel dos tuxauas na guerra.

— “Vamos matar áquelles, apregoa o tuxaua. Nossas gentes mataram, vamos mata-los tambem. Mata-ram-nos sem provocação, matemo-los tambem; mata-ram muitos nossos, eu tambem vou mata-los para soffrerem, Ajuntemos nossa gente para pelejarmos. Ajuntae os homens ligeiros, para com elles matarmos. Ide avisar aquelles para fazerem flexas, para fazerem cacetes, ide ensina-los; depois de acabar as flexas, venham. Nós tambem flexas façamos; depois de acabadas, vinde dizer-me para sahirmos. O inimigo deixou-nos sem parentes, vamos tambem extermina-los. Flexas muitas fazei, vinde chamar-me.

— Eu já acabei, vamos.

— Nossas gentes ajuntai primeiro para irmos com ellas; si nós formos sós, nos matarão; si formos com a nossa gente, não nos matarão; si formos muitos, não nos matarão.

— Nós sós os mataremos; elles não nos matarão; sós, nós os mataremos.

— Ajuntae os outros para irmos de pressa. Já se ajuntaram, agora vamos amanhã de manhã. Esta noite não dormais; si dormirdes e tiverdes máos sonhos, se-reis mortos; si não dormirdes e vos banhardes de manhã, não vos matarão. Amanhã ao clarear, juntae-vos todos, formae-vos no terreiro; si perder-se algum de vós não vos levarei; si nem um faltar, vos levarei.

Já clareou, ajuntae-vos de pressa, formae-vos neste terreiro: quantos sois? falta alguém?

— Ninguem de nós se perdeu.

— Agora ide; ao vos acercardes da casa dos inimigos, não vos espalheis; si vos espalhardes, perdei-vos e não podeis voltar.

Já nos acercamos; agora não vos espalheis: vão uns pela direita, vão outros pela esquerda, vão outròs pelo meio; eu vou no meio. Approximae-vos da aldeia; si parardes longe com medo, correi; si não correrdes, o inimigo vos avista e corre. Eu já ensinei, agora ide; cercada a casa, assobiae, para eu ir falar ao inimigo. Assobiaram, agora vamos.

— Inimigo, eu não te atirei, não me atires: eu venho te avisar bem, não me atires; eu venho te avisar: vae-te embora daqui.

Dispararam as flexas, feriram os inimigos, gritaram; atiraram-lhes muitas flexas; os inimigos cahiram; tomaram-lhe as mulheres, voltaram. Depois de pelejar, diluíram pimenta, beberam, para não morrer; jejuaram, não comeram caça, alimentaram-se só de mingáu e banana cozida; si não se privassem de caças, o corpo ficava amarello e morriam”

O tuxaua pôde mandar quem quizer para fóra da commuidade, principalmente os preguiçosos e os ladrões; nem um delles pôde casar.

“Quem casa deve trabalhar, diz Burú, o mais velho dos dois Indios; quem casa e não é trabalhador e é preguiçoso, não pôde casar; preguiçosos, quando casarmos nossa mulher passa fome; trabalhadores quando casarmos, nossa mulher não passa fome; nós preguiçosos, temos filhos, nosso filho passa fome, chora. nós não roubamos; alguém roubou, mandamos embora, vae morar longe; roubar é ruim; quem não roubou é bom; ladrão não tem mulher”

Às vezes não se contentam de enxotar o ladrão, como se vê do facto narrado pelo outro Indio, que esteve presente á execução:

“Uma mulher de minha gente roubava todos os dias; minhas gentes disseram vamos matar a mulher. Os homens chegaram á casa da mulher e disseram:

— Irikin, eu vim te matar.

Irikin respondeu:

— Vós por que viestes me matar?

— Viemos porque tu és muito ladra. Irikin disse: esta noite sonhei que vinheis me matar. Eu sonhei assim; eu estava dormindo, muitos maribondos me mordiam, acordei. Minhas gentes disseram: cala a boca; vae lá para fóra, para te matarmos. Irikin não se amedrontou, disse aos homens: — vós me mataes? quando morrerdes ninguem vos enterra, urubú vos come, formiga preta vos come, depois ficaes apodrecendo, tresandando. — Agora matai-me, não tenho medo.

“Irikin sahiu, tapou os ouvidos, soluçando baixo, caminhou, os homens foram flexando-a por todo o caminho. Irikin não gritou, caminhou com as mãos nos ouvidos, soluçando; os homens iam atirando-lhe por todo o caminho; encheram-na de flexas; as flexas ficaram de pé em seu corpo. Irikin assentou-se com as mãos nos ouvidos, soluçando; os homens flexavam, flexavam; morreu; ficou deitada. Depois de mata-la gritaram, gritaram. Um homem disse: — Irikin está morta, deitada; deixae-a aguentar os buracos das flexas”.

A condemnação do roubo implica o sentimento da propriedade. Dos textos recolhidos apuram-se as seguintes indicações:

Ha a idéa de territorio nacional. Os Caxinauás moravam no rio da Capivara; os Binanauás invadiram o rio Bari, o actual Envira, que aquelles consideravam seu, embora não o occupassem effectivamente. Dahi um assalto nocturno; os invasores foram vencidos; na refrega morreu Yôbo, caxinauá, cuja cabeça se transformou em lua. A luta com os Peruanos começou, tambem no Envira, onde os Indios não ousaram entrar em guerra aberta, mas roubaram as tijelas dos seringueiros.

Os roçados pertencem naturalmente a quem os faz; mas ainda antes de abri-lo, si já escolheu o logar e marcou-o, proclamou-o logo como seu. Dizem:

“Vou fazer roçado novo, para o verão; para fazer o roçado já vi um morro bom; no morro já quebrei os galhos; em meu morro ninguem bula; o morro bom é meu; não façais roçado; si o fizerdes, eu tomarei tambem o vosso”

Com maioria de razão, o sentimento de propriedade se affirma quanto aos moveis, como se verá a proposito dos enterros, e tambem quanto aos xerimbabos, aves e pequenos animaes que domesticam.

A historia do cachorro de Tuxiní, o mais moço dos dois Indios, é bem instructiva a este respeito: o cachorro era bom caçador, *marupiara*, como dizem na Amazonia. Isto explica o empenho em possui-lo.

“Meu cachorro era muito marupiara, caçava muitas caças, caçava antas, caçava porcos, caçava veados, caçava onças, caçava cutias, caçava pacas, caçava cutia-

ras; chamava-se Cima Meutio, muito valente matador de gente, pediu o cachorro a meu pae. Meu pae disse: só tenho um cachorro, é de meu filho; não te dou. Aquelle disse: dou-te muitas ferramentas, dá-me o cachorro. Meu pae disse: o cachorro não te dou, é de meu filho. Aquelle disse: dou-te dois machados, tres terçados, dois arcos, muitas saias para dares á tua mulher

Meu pae queria dar o cachorro, eu segurei-o, chorei; meu pae me disse: eu dou o cachorro. Meu tio me disse: si deres o cachorro quando tiver filhos, trarei para ti. Eu chorava; meu pae disse: meu filho, dá o cachorro, dou-te duas facas. Eu larguei o cachorro com saudade. Meu cachorro muito marupiara meu tio levou-o.

O cachorro não queria ir: meu pae chamou-o, amarrou-o com uma corda; o cachorro cortou a corda, veio para o meu lado, segurei-o. Meu pae entregou o cachorro muito intelligente, muito valente; recebeu dois machados, tres terçados, duas facas, cinco redes, muitas flexas, dois arcos e muitas saias. Meu tio levou o cachorro; eu chorava com saudade do cachorro; meu pae não chorava, porém minha mãe chorava; meu pae me deu duas facas para eu não chorar”.

“Homens, aborreço-me nesta casa velha. Meus filhos, nossa casa velha já me aborrece. Ide descobrir; ide procurando por todo o caminho; quando descobrires, vinde dizer-me”.

Com estas palavras o tuxaua decreta a transferencia da gente para outra aldeia.

Os exploradores, achando lugar apropriado, vêm dizer e o tuxaua vae examina-lo e mandar desbravar o terreno, brocar, isto é, cortar o mato fino e depois derrubar o mato grosso. Para brocar usam hoje de terçados; o instrumento de que usavam antigamente

não sabem os dois Índios; na derrubada o machado de ferro tomou o lugar do machado de pedra; si o tronco é muito grosso, fazem giraus para corta-lo mais em cima. Depois de secca a derrubada tocam-lhe fogo, e plantam..

A plantação regula-se por uma especie de calendario agricola: plantam milho quando a sumaúma está florando; macaxeira, quando flora o páu d'arco; mudubim, quando flora o páu mulato; feijão, quando flora o mulungú; algodão, girimun, batata, cará, inhame, quando flora a cajazeira; legumes, quando plantam, diz Burú, plantam em tempo da floração do mato; caxinauás quando plantam legumes, fazem em tempo de floração; si plantam atôa qualquer legume, o legume morre, acaba-se.

Na plantação trabalham principalmente os homens; as mulheres plantam apenas algodão, feijão e urucú. Antes de confiar o milho á terra põem de molho as sementes para nascerem mais depressa.

Quando o milho está crescido, começa a construção da casa ou aldeia. Uns cavam buracos no chão, outros tiram madeira, outros tiram cipós; enfiam depois estacas, põem no meio o páu da cumieira, nelle amarram os caibros, e cobrem-nos de folhas de jarina, dobradas e presas por cipós, quasi cosidas.

Casa e aldeia são a mesma coisa: um grande galpão sem divisões internas, em que todos se accommodam: a habitação do tuxaua no centro é assobradada. No commodo de cada familia ha armadores para as rêdes, giraus para louça, para as cestas e peças moqueadas, varas de que penduram espigas de milho ou

raizes de mudubim, potes com agua, pratos, panellas e cozinha.

As mulheres fabricam a louça, panellas de diferentes tamanhos, pratos fundos e rasos, potes; são ellas que vão buscar agua na fonte e os legumes no roçado: os homens carregam a lenha.

Antigamente comiam só assados; a maria ou João de Barro ensinou a fazer panellas e casas. Comem peixe ou carne cozida, condimentada de varias hervas, sopa, que é caldo engrossado com banana, macaxeira, jurimun; mingau de milho verde ou secco, pamonhas de milho misturado com mudubim; bolos de mudubim; pouco de pimenta. Não usam farinha de mandioca; segundo informações, a mandioca se transforma lá em macaxeira. Além de batata, cará e inhame, cozidos ou assados, comem crua uma raiz que parece o jacatupé (*Pacchyrhisus*) As mulheres são as cozinheiras.

Não usam communmente de bebidas; entretanto, possuem a palavra bebedo, e Borô conta um caso passado com um tio, irmão da mãe, muito característico. Sani bari tirou casca de sumaúma, palmitos e gommos de paxiubinha, de paxiúba, de urucuri, de jarina, misturou-os, pillou-os, despejou a mistura em uma panella, levou-a ao fogo, fez uma beberagem chamada *xuma*, e depois de fria ingeriu-a. Deitou-se na rêde, no mesmo instante veio a bebedeira; ficou tonto, levantou-se, poz-se a rodar, sahiu para fóra cantando, trepou até os galhos de uma sumauma pequena, aonde as almas o acolheram e trataram bem e deram muitos presentes. Chegado á casa deitou-se, deram-lhe um banho quente e nunca mais bebeu.

As mulheres fiam e tecem. Seu fuso é de haste de pupunha; a roda de barro fazem rodar na canella; quando julgam a quantidade sufficiente extendem o fio entre dois paus e assim preparam o urdume; depois introduzem atravessando uma especie de lançadeira e acompanham-na de fios para tramar. Fazem saias brancas, rêdes; si querem tingir estes objectos préviamente maceram os fios em infusão de urucú, mucá\*ou anil, e seccam ao sol.

As mulheres andam sempre de saias inconsuteis; os homens em geral têm apenas uma cinta estreita, esta mesma cortam quando saem á guerra e combatem; trajes compridos, cosidos, enfeitados, só usam em certas occasiões. O cubito do macaco-prego, espontado e furado, serve de agulha.

As mulheres compete pintar os corpos dos maridos; ha pinturas de genipapo, e urucú; umas se fazem com capim, outras com sabugo; a pintura de cobra consta de linhas quebradas, a de onça, de borrões redondos, a de olhos de maracanã, de parallelas com pingos pelo meio; na do coatá e do veado borra-se o corpo inteiro; no do tamanduá, apenas um lado. Ha ainda outras, como a de coati ou jaboti.

Os homens fabricam cacetes ou tacapes, lanças ou zagaias, arcos, tudo de pupunha; os arcos têm cordas, feitas de embira de embaúba; as flechas têm hastes de canna brava, preacas de taquara ou pupunha; ha uma qualidade não empennada para matar passarinho; as outras são ornadas de pennas de urubú, mutum, jacamim, gavião, jacú, nambú, etc.; não conhecem zarabatana, nem flechas hervadas. Trazem na cabeça

uma faca de taquara. As pinturas das armas são feitas pelo homem.

O casamento, segundo as informações de Tuxinĩ, celebra-se summariamente. O homem encommenda uma rêde; depois namora; si foi bem acolhido, a rêde nova, garbosamente armada pela rapariga, prova que o casamento se effectuou na vespera.

As informações de Burú entram em mais particularidades, ou por ter tido mais occasiões de observar ou por dizerem respeito a tempos mais antigos, quando os Caxinauás sem contacto, ainda livres dos contactos dos seringueiros, eram mais numerosos.

O tuxaua dá mulher ao homem trabalhador para morar com ella, diz Burú. Si a mulher tem pae ou mãe, depois de casada, móra com os paes. Si é orphan, móra com os paes do marido. Si ambos não têm paes, móram sós. Si não ha tuxaua, communicam aos paes, e seu assentimento equivale ao casamento.

“Caxinauá quando casa, não casa com irmã. Caxinauá quando casa, casa com a filha da irmã do pae, quando casa, casa com uma filha de sua tia. A mulher quando se marida, não acceita qualquer marido; a mulher quando se marida, marida-se com o filho do irmão de sua mãe; a mulher quando se marida, escolhe o filho do seu tio”

Si o caxinauá é trabalhador, o tuxaua dá-lhe duas mulheres, e com ellas móra. O caxinauá com duas mulheres faz dois roçados; uma faz rêdes, outra faz panellas. Quando o homem faz roçados, a mulher faz panellas. Si trabalha pouco, só terá uma mulher

O tempo da gestação é de privação para ambos.

“A mulher grávida não come qualquer caça, o varão não come qualquer caça. A mulher grávida jejua: não come tatú, não come anta, não come veado, não come macaco prego, não come coatá, não come mutum, não come jacú, não come paca; come cutia, come kujubim. De aquáticos não come pirahiba, não come tartaruga, não come arraia, não come puraquê, não come jacaré: come piaba, cascudinho e jundiá”

O homem é obrigado á mesma abstinencia.

O motivo de taes privações consiste na crença commum aos povos naturaes de que a alimentação communica ao feto as qualidades dos animaes vivos. Burú dá a razão de alguns destes tabús.

“A mulher grávida não come tatú: o tatú tem casco, tem casa; não come anta, a anta é muito grande, comendo anta, o menino cresce muito, não póde nascer, morre no ventre da mãe, a mãe morre; não come veado, o veado tem pescoço fino, os olhos grandes; não come coatá, o coatá tem o corpo negro e a cabeça pequena; não come jacú, jacú tem barbella; não come paca, paca não dorme de noite; não come arraia, arraia tem ferrão. Come nambú, a nambú é bôa, põe os ovos e cria os filhos; come cutia, a cutia é bôa, cria os filhos”

Quando a parturiente sente dôres, levam-na para fóra de casa, a um tapume de esteiras e as outras mulheres ajudam-na. O marido está presente; si qualquer outro homem assistir, fica panemo, isto é, infeliz na caça e na pesca. Depois a mãe e o recém-nascido são

trazidos para casa, lavados, e deitados cada um na sua rêde. A mulher alimenta-se de mingau, mudubim crú e bananas cozidas. O marido obedece ao mesmo regime e não suspende o trabalho. Depois de cinco dias, a mulher levanta-se e pintam-se de genipapo, a mãe, o pae e o filho para não adoecerem. Os conjuges só tornam a reunir-se quando a criança começa a andar

Desde tenra idade, furam o septo nasal e as orelhas da criança; mais tarde, porém, o labio e, finalmente, as narinas.

A perfuração do labio é descripta minuciosamente por Tuxiní.

“Reunem os meninos, lavam-lhes os dentes com pedrinhas chatas.

No terreiro, depois de todos reunidos, os homens se ajuntam, dão as mãos aos meninos, fazem-nos correr; quem tem de morrer para o anno, cae; quem não cae, não morre para o anno; homens e meninos correm de um lado para outro, até cançar

“Assim fizeram, acabaram; armam rêdes para os meninos, cercam-nos de esteiras, dizem-lhes que não falem. O tuxaua chega e ensina-os: meninos, ides comer *nixpô*; estae deitados sem falar; si falardes, ficades calvos; não olheis para nada, olhae só para os pés; não abaixeis as cabeças, não mexaes com a cabeça; conservae-vos deitados.

Os meninos respondem: sim. Deitam-se, dão-lhes muito *nixpô*, um pratinho para cuspir; depois de comerem *nixpô*, os dentes ennegrecem; comido *nixpô* a primeira vez, não se alimentam; si se alimentarem, morrem. Passados cinco dias os meninos descem das rêdes pela manhã e vão tomar banho; si não se banha-

rem e comerem, morrem; si acabado o banho comerem, não morrem”

Os homens vão buscar espinhos compridos de pupunha e com elles fazem a operação; os espinhos ficam no buraco, amarrados com fios, até a cicatrização.

“Meninos, si comerdes qualquer coisa, vossos beiços apodrecem; comei só banana cozida, banana crúa, mingau; não comais milho, nem macaxeira cozida, nem peixe, nem feijão, nem inhame, nem cará.

“Quando acaba, o tuxauá amarra busios nas canellas, sapateia, anda de costas pela casa grande, alguns pegam nas mãos do tuxaua que sapateia, e cantam. Si os meninos comem coisas prohibidas, morrem; si não comem, não morrem. A dança repete-se por alguns dias; depois o tuxauá examina as feridas e si estão cicatrizadas, manda os meninos ao banho, e então podem comer o que quizerem”

A perfuração dá-se mais tarde, talvez á entrada da puberdade. Burú, que soffreu a operação, nada informa de particular; Tuxiní pouco diz.

“Juntam os rapazes, furam-lhes as narinas com espinhos de pupunha. Os rapazes que têm de morrer cedo, amedrontam-se, choram; os que não têm de morrer não choram. Depois armam-se rêdes, para curtirem a dôr. Nada comem, bebem apenas mingau. Dormidas cinco noites, mandam os rapazes tomar banho para comer Si se banharem, comem e não morrem”

Ao contrario do septo nasal, perfurado logo depois do nascimento em ambos os sexos, as narinas só mais tarde se perfuram, em geral só as dos homens.

Os buracos, um de cada lado, são pequenos e facilmente escapam a quem não observar com atenção; para não se fecharem usam mechas de urucú.

Esta cerimonia differe pouco da outra já descrita; ambas se realizam em tempo de verão, quando abunda o milho verde. Os convidados chegam dia claro, quando já ardem no terreiro numerosas fogueiras, á roda das quaes dançam e comem: é a festa de Omã.

Pelo que fica dito, a perfuração é uma especie de Horoscopo; deve servir além disso como distinctivo nacional.

A vida de familia parece bastante tranquilla. A mulher não trabalha tanto como entre outras tribus do Brasil. Excepto o transporte de agua e de legumes, e a lavagem de roupa, suas occupações são todas em casa. Diversas historias mostram os maridos communicando-lhes suas resoluções e aconselhando-se com ellas.

A sociedade parece firmar-se em assento pouco igualitario. As pessoas que têm familia maior, gozam de mais importancia. Ha parias, orphãos de que ninguem faz conta. Ha os filhos illegitimos, filhos de lagartos, como lhes chamam. Ha tambem prostitutas. Si têm escravos, não é certo: *tçoma*, criado, dá a ideia de captura; emprega-se, porém, só para meninos, e com a idade o criado deixa de o ser. Como suas guerras consistem em meros assaltos e não fazem prisioneiros, falta a principal fonte de escravidão.

Os Caxinauás são muito hospitaleiros.

“Quando vamos em casa delles, pegam-nos a mão, assentam-nos em bancos, dão mingau, macaxeira cozida, banana madura, mudubim torrado, pipocas de milho para comermos; quando acabamos, embrulham um pouco de comida para levarmos”

Casos característicos offerecem as historias de animaes.

Uma viuva de grande cabelleira, carregada de filhos, foi para o mato, tirou a roupa, abriu as pernas, improvisou um rabo postiço, chorou, e o cabelo transformou-se em fios compridos, nasceram-lhe pellos por todo o corpo e virou tamanduá. Um tamanduá aproximou-se e perguntou: tu és mesmo tamanduá? — Eu sou viuva, meu marido morreu ha tempo, ninguem mata caça para meus filhos, para mim; senti fome; estava muito comprido meu cabelo e o de meus filhos, tive a idéa de virar tamanduá.

— Vae buscar teus filhos para os fazermos tamanduás e vivermos com elles.

Um rato muito velho que não podia mais trabalhar, lembrou-se de encantar-se em outro bicho que só andasse de noite, sem ser sentido. Que havia de ser? Barata não servia, porque é facil matar quando está roubando comida; cobra tampouco, porque não anda no escuro; seria morcego que come mamão maduro e banana madura. Pendurou-se pelos pés num páu, balançou-se, soluçou.

Um morcego ouviu os soluços, aproximou-se, perguntou: Estás nos arremedando? — Não, estou forcejando para virar morcego.

Atirou o rabo ao solo, estirou a pelle para fazer azas para voar. Outros morcegos avisados vieram e encontraram completa transformação. — Já te encantaste, rato? — Já me encantei; agora quero voar, mas estou com medo.

— Experimenta, vôar é bom. O rato quiz vôar, mas amedrontou-se, poz-se a tremer, pendurou-se de novo. — Vou-te ensinar; para vôar é preciso não ser medroso: abana, abana com as duas azas. O rato assim fez; é o morcego que anda de noite, come as bananas maduras, os mamões maduros, os frutos do mato, quando amadurecem, e nos morde a nós.

Um Caxinauá chamado Maná (espera) e sua mulher Pairã (pisadeira) andavam amofinados com uma gia que por traz do roçado não parava de cantar. Maná cortou palmas para accender no buraco em que ella estava escondida, para suffoca-la, escavou com um terçado, mas quando cavava ou queimava aqui, o animal passava para diante, e assim voltou para casa ainda mais aborrecido.

A gia e a mulher encantaram-se dentro do buraco: o homem virou um rapaz bonitinho, comeu nixpô e ficou com os dentes pretos, pintou-se de genipapo e de urucú, sobraçou flexas, a mulher tambem comeu nixpô, pintou-se de genipapo e urucú, poz uma cesta ás costas, e vieram.

Maná avistou os dois, sahiu-lhes ao encontro, tomou-lhes as mãos, trouxe-os para casa, sentou-os, deu-lhes comida. Beberam mingau, com as outras comidas a mulher encheu a cesta, e iam sahindo sem mais formalidades, quando Maná perguntou: quem és tu? —

Eu sou a gia que tu foste queimar com palha secca; encantei-me; vim te fazer uma visita.

Para terminar: a historia do sapo, Ixtinkã, o pulador

Os homens foram trabalhar, as mulheres tirar legume; duas, apenas, ficaram em casa, fazendo mingau. O sapo estava cantando dentro do ôco de um pau d'arco, uma mulher xingou-o. Ixtinkã ouviu, sahiu do ôco, virou um velhinho muito barrigudo, e foi entrando pela casa. — Dize: para cá vem, fez, — vem para cá, retorquiu-lhe a mulher; quem és? — Sou Ixtinkã. — Não te xinguei.

A mulher deu-lhe um prato de mingau, o sapo enguliu o prato; deu outro, o sapo fez o mesmo: enguliu os pratos, a panella, o pote, a louça inteira, e voltou para seu esconderijo.

As mulheres se esconderam; quando elle sahiu foram chamar sua gente. Os homens vieram, accenderam lenha secca debaixo da arvore, a arvore cahiu. Ixtinkã veio para fóra; toda a louça quebrou-se dentro de sua barriga, os homens mataram-no e queimaram-no.

## II

Os caxinauás distinguem entre a morte natural e a que é devida á maldade dos feiticeiros. Estas obedecem á marcha rapida. A mãe de Tuxinĩ succumbiu em poucos minutos. O homicida conhece-se por conjectura ou a sombra da victima o denuncia; si lhe deitam a mão, é morto e queimado. A cremação, commum outr'ora entre os outros Panos, onde os mortos depois de queimados eram comidos, parece limitar-se a este caso excepcional nos indigenas do rio Murú.

Quem enferma naturalmente recolhe-se á rêde. Si tem de morrer, não come; si come, escapa. Dão-lhe remedio, aquecem agua, banham-no; caso o incommodo continue, mandam chamar os vizinhos e applicam os remedios indicados por estes. Quando a agonia começa, reúnem-se em torno do moribundo homens, mulheres e meninos. O doente deitado agoniza; depois da agonia, os olhos fecham-se vagarosamente, o coração bate e cae: está morto.

Ao pôr do sol fazem uma cova do tamanho do cadaver, envolvem-no em sacco de palha, enterram-no na manhã seguinte com a rêde, as vestimentas, arco e flexa, lança, cacete, faca de cabeça, caixas de pennas, todos os seus trastes, em summa. Por que fazem isto ?

“Enterram todas as coisas com o morto, responde Burú, para a alma não as vir procurar Si não enter-

rarem as coisas com elle, sua alma vem procura-las e nos mette medo”

Socam bem a cova, fazem por cima uma roça pequena, redonda, plantam para o finado banana, mamão, batata, cannas proprias para flechas.

Coisa semelhante fazem ás mulheres; enterram as rêdes, as saias, as pulseiras, os braceletes, as arrecadas, as contas do nariz, toda a contaria em summa, os novellos de fio; queimam seus balaios e suas cestras, seus abanos, seu algodão; quebram suas panellas, seus potes, seus pratos rasos e alguidares, suas coités; por cima da sepultura fazem tambem uma rocinha. Algumas das almas ficam no mundo. Tuxiní, em sua aldeia, viu uma que vinha sentar-se perto delle; gritou, sua gente acudiu, perseguiu-a e o fantasma desapareceu. Vista de perto, a alma parece cabelluda, ao luar branca, no escuro preta; o rasto é pequeno, torto. As almas perseguem os caçadores á noite, pescam e comem o peixe crú; moram em bananeiras; choram, e seu pranto é o vento; desaparecem quando os homens as perseguem, gritando.

Um caxinauá, trepado num uricuri, tirava frutas, quando a alma de sua namorada que estava pescando, o reconheceu e lhe disse que descesse. Com medo quiz correr, mas a alma agarrou-o, não o deixou e elle teve de leva-la para a aldeia. Communicou á sua gente a vinda da nova companheira, para não terem medo: a alma, assegurou, passa o dia dormindo, de noite vae passear. Com o tempo ella teve um filho e começou a andar toda a noite dentro de casa, de modo que nin-

guem podia mais dormir. — Leva tua alma para o mato e deixa-a perdida por lá, disse uma das mulheres.

O homem levou a mãe e o filho ao mato e disse para engana-la: ali está deitada uma cobra, vae ver. A alma foi, o homem fugiu, mas a alma no mesmo instante estava ao pé delle. Não foi mais bem succedido quando lhe mostrou uma casa de maribondo: a alma com a criança no quarto andava por toda a parte sem se perder. Um dia pararam no barranco de um rio; o caxinauá atirou a mãe e o filho no abysmo: desta vez a alma não voltou mais.

Com almas que andam pelo mundo familiarizam-se os feiticeiros. As primeiras relações são difficeis; têm de se sujeitar a surras applicadas por ellas até largar o medo, aprender sua lingua e saber conversar; deixam os seus para exclusivamente passearem pelos caminhos, solitarios, ou trepam-se ás arvores para melhor entreterem-se. Por convite delles, as almas visitam as aldeias. O feiticeiro ajunta almas para suas gentes verem. Os caxinauás fecham então as portas, deitam-se nas rêdes, quedam-se immoveis. Não accendem luzes para as almas não irem embora. “No escuro as almas dançam, contam historias; sua lingua é igual á nossa; a alma é muito faladeira”

Tuxiní entra em maiores particularidades sobre as visitas das almas. Quando o sol se vae pôr, os homens aquecem agua, lavam o feiticeiro, deitam-no na rêde. Depois accorda com o corpo molle, a mulher dá-lhe remedio e então, já bom, diz á mulher: “fui encantar uma alma, ahi vem, não tenhas medo; accende uma luz e cobre-a com uma panella; accende outra, senta-te

perto; quando a alma vier, apaga-a: antes de chegar, a alma assobiará; dize então á nossa gente para apagar todas as luzes”

Apagam as luzes, a alma assobia, o feiticeiro responde e a conversa prolonga-se por muito tempo, até elle cutucar a mulher para descobrir a panella: então a alma espanta-se, os homens põem-se de pé, vão atrás e ella some-se.

O feiticeiro para se iniciar deve tomar uma bêberagem de sumaúma, talvez a mesma que embebedou o tio do Burú; a alma dá-lhe o *muká*, palavra que entre outras coisas significa veneno; *muka-ua*, nome de feiticeiro na lingua, quer dizer literalmente, o que tem veneno.

Burú ainda menino conheceu um feiticeiro. Yawabiti, isto é, pelle de porco. Este enviudara, mas a alma da esposa vinha fazer-lhe companhia todas as noites. Uma vez sahindo com ella as almas atacaram-no; a mulher defendeu-o, conciliou-lhes a benevolencia e ellas deram-lhe *muká*. B. viu este talisman, pareceu-lhe um pedaço de faca, uma lasca de pau: era uma conta. As almas introduzem-no na pelle, á maneira de vaccina; quando o feiticeiro quer agir encosta os dedos no lugar fechados, como quem vae tirar uma pitada, depois abre-os na direcção desejada, dir-se-ia para emittir um fluido. A virtude do *muká* depende de uma dieta muito severa: á menor infracção evapora-se. As almas reunidas por Yawabiti mostraram-se muito communicativas e benevolas: morrerei para o anno? perguntou um. — Ao contrario, passará muito bem. — Brigaremos? — Ao contrario. Sereis muito felizes.

As historias não esclarecem os papeis destas personagens: uma só dellas trata. Os caxinauás sentiam falta de carne; o feiticeiro sahiu á caça, encontrou uma vara de porcos, disse-lhes fossem á aldeia onde havia muitas bananas maduras; os animaes seguiram o conselho e foram todos mortos.

São muito deficientes as informações quanto á alma dos vivos: distinguem a sombra, *baká*, da alma, *yoxin*; a sombra nunca deixa a terra; quando dormimos, está nos olhando; embora não a vejamos, assiste a todos os nossos actos, não nos deixa. O éco, tão importante entre outros povos americanos, nada parece valer para este; a alma desencarna-se nos sonhos, e reencarna-se facilmente; quando desmaiamos e voltamos a nós, é porque a alma vae ao céu escorar bananeiras e torna; os sonhos representam perigrinações nocturnas, quando são bons; o pesadelo, ao contrario, provem da impossibilidade de locomoção.

“Quando dormimos deitados, nossa alma larga o corpo e vae passear longe, vae passear em casa de nossas gentes que já morreram. Quando entramos em suas casas, agradam-nos muito, dão-nos macaxeira cozida, mudubim torrado, bananas maduras; com elles brincamos, com elles pescamos, matamos caça, fazemos roçado, plantamos bananeiras, batata, feijão, mamão, jirimun, cará, canna; fazemos casas novas, cortamos paus, cortamos jarinas, festejamos oman e tirin e katuauá (o mesmo que a dança de paxiúba). Vemos o que elles fazem, quando brigam, quando se flecham, quando se lanceam, quando se afogam no rio, quando trepam em paus, quando caem, quando satisfazem as necessidades naturaes, quando choram, quando mor-

rem, tudo vemos; depois a alma volta ao corpo, acordamos, contamos o que vemos.

Quando falamos dormindo, outra alma quer nos matar; agarra-nos o pescoço, não nos deixa falar, nos açoita, nos fura, nos flecha. Quando nosso sonho é bom, não falamos; si nosso sonho foi ruim e falamos, ao acordar não vamos longe, não trabalhamos, não caçamos, não pescamos; vamos longe, caçamos, trabalhamos, pescamos, só quando o sonho é bom. Quando alguém fala em sonho accendemos uma luz, chamando para acorda-lo; accesa a luz a alma foge e elle acorda; quando tem sonho bom não o chamamos, deixamos que desperte por si”.

Ha varias historias de subida ao céu.

O urubú estava comendo uma cobra. Um caxinauá quiz mata-lo; o urubú disse: Por que me atiras? Nunca te atirei: levo-te ao céu si quizeres. O homem seguiu-se ás azas do urubú e subiu, chegou ao céu, viu suas gentes. O urubú levou carne podre, moqueou, ficou bôa.

O urubú deu-lhe sopa de carne podre, bebeu, gostou. Os japús estavam dançando: o urubú foi para seu lado, pediu-lhes a capa de penna (tónó), os japús com nojo largaram-se e se espalharam. E’ sempre assim: quando os japús se ajuntam, o céu fica escuro; quando vem o urubú, esparramam-se e o céu alimpa-se. Depois de ter visto tudo, o homem montou de novo no urubú, desceu, chegando á casa contou a aventura aos parentes.

Esta narrativa é singular: o caxinauá vae ao céu em vida e de lá volta vivo; o importante não é a viagem, mas a correlação entre a presença do japú ou

urubú e o bom ou mau tempo; o motivo é astral. Pouco importa também o menino que brincava no terreiro e, agarrado pela cambaxirra, foi para o céu, ahí brincou com os meninos do passarinho, acostumou-se e virou também cambaxirra.

O motivo eschatológico aparece já claramente na historia do menino e da andorinha, que no fundo é a mesma da cambaxirra: a primeira foi contada pelo mais moço, a segunda pelo mais velho dos dois Indios. Destes e de outros casos encontrados, pode-se bem tirar a conclusão de que contos e mythos variam conforme á idade do individuo: aos pequenos, que não podem entender ainda, contam os casos, mas sem mostrar sua significação intrinseca, sujeitando-os a uma transposição. Entre conto e mytho não existe a differença essencial affirmada por alguns especialistas, e póde-se concluir: ao contrario dos nossos civilizados, o catecismo não é para meninos, sim para taludos.

Tinham feito e queimado o roçado; o menino pôz-se a correr atrás das andorinhas até agarrar uma. — Por que me persegues? Não me persigas; levo-te para o céu; lá é muito bonito; vaes ver tua gente, reprochou o passaro. Fez o menino segurar-lhes as pennas, fechar os olhos: voou, subiu, chegou e disse: pódes olhar agora. O menino olhou, julgou-se na sua aldeia. Reconheceu um tio que lhe deu comida e mostrou-lhe tudo. No meio havia um grande buraco tomado por uma porta; si alguém morria, sua alma subia, abria a porta, entrava e tornava a fechar.

Todos os actos bons ou maus commettidos na terra são vistos lá de cima; avistados daquella distancia, os

Caxinauás parecem pequenos; os celícolas são também pequenos. Em sonho assistimos a tudo que estes fazem; acordados, vedam-nos a visão a altura da nossa testa, o tamanho excessivo do nariz, das orelhas e das bochechas. Os celícolas têm testa baixa.

O céu é muito limpo, tem praia, mata, caça, pesca; por elle corre um rio caudaloso; em grande lagôa de fundo furado vive uma garça branca; si tapa o buraco com o pé, não chove; para chover é preciso que a garça branca saia do logar; em summa, o céu é uma reproducção melhorada da terra, pelo melhor dos mundos: o céu já foi terra, como a terra já foi céu.

No antigo céu morava muita gente; fizeram giráus, derrubaram o arvoredo; com o choque o céu veio abaixo e a terra foi para seu logar. Todos os entes vivos morreram, acabaram-se as matas, os rios, tudo, afogado no diluvio.

Um dos textos descreve a catastrophe do seguinte modo: nelle verifica-se uma observação de A. Thimme: as tradições populares, a seu fundo antiquissimo reunem sempre os accessorios mais modernos, o anachronismo é-lhes, por assim dizer, congenito: estes não datam de mais de cincoenta annos.

“Choveu muito, choveu comprido, narra Burú; os leitos dos rios todos se encheram, os rios cobriram a terra, as matas, as caças, os Caxinauás. Destes, os que sabiam trepar, atiraram-se aos paus; os que não sabiam trepar, o rio cobriu-os logo e morreram; os trepadores agarraram-se ás arvores, o rio cobriu-os, viraram cupim (termitas). Uma casa acanoada, cheia dos Caxinauás, o rio arrancou, levou e lá se foi apitan-

do com a gente. O rio pegou as caças, pegou tambem a anta do rio (boi), tornou-a estúpida, e por isso ella só come capim; pegou o veado grande (o bode) e o veado grande ficou estúpido; pegou o porco grande (domestico) e o porco ficou estúpido”

O diluvio teve uma vantagem: o céu não póde cair de novo, os derrubadores continuam sua obra, as trovoadas o provam; mas os pontos cortados pelo machado, são desde logo cobertos pelo cupim; as arvores resistem e o trabalho fica perdido.

A continuação da historia complica-se, porque apparecem duas versões: *si parva licet*, um elohista e um yahista.

Segundo a versão neptunina, um homem, Macari (já foi tambem) trepou em um pau d'arco, uma mulher, Maticiani (esfriou) num uricuri, aonde a agua não alcançou. Depois da vasante partiram a procurar sua gente; ninguem encontraram, casaram, tiveram um filho chamado Murú (fragil) e uma filha chamada Batã (doce); delles descenderam os Caxinauás. Até então ninguem adoecia, mas cahiram folhas venenosas no chão; a chuva molhou-as, apodreceram; o vento levou-as e espalhou doença por onde soprou.

A versão plutonica principia por uma mulher grávida que o relampago matou e atirou por terra. Os filhos não morreram: eram um casal de gemeos. O carangueijo salvou-lhes a vida: criou-os, depois casou-os. O varão chamou-se Xaka, carangueijo, a mulher Maxi, praia; destes nasceu *Pokã* (é bom) que esposou Iriki (foi tambem), e de ambos Manã (espera), marido de Maticiani (esfriou)

Esta narrativa de Burú foi obtida a largos intervallos, aos pedaços, faltando-lhe talvez incidentes capitães.

Aqui parece ocorrer uma lacuna, até certo ponto reparavel. Os filhos do relampago subiram para o céu, lá ficaram morando. Elles mesmos ou descendentes seus, vieram para a terra mais tarde: estes chamavam-se Xaka e Maxi.

Naquelle tempo não se morria de verdade; a alma tornava de novo ao corpo. Os velhos morriam para ficar rapazes; as velhas viravam raparigas. Pium, carapanã, mosca, maribondo, escuridão, havia só num rio caudaloso. Manã foi busca-los: a sucuri deu-lhe a borboleta, a alma deu-lhe a mosca, a lagartixa deu-lhe o maribondo e o carapanã, a aranha deu-lhe a escuridão num frasquinho. Abriu-o, poudese então dormir no escuro; antes só se dormia com o sol de fóra.

Pokã, pae de Manã, estava muito encanecido; o filho perguntou-lhe quando elle morreria. — Queres me matar? queres que morra? dá-me um veneno. O filho trouxe um sapo; o pai sem lava-lo assou-o e comeu-o, comeu de uma só vez, vomitou muito. Ao pôr do sol chamou o filho e disse: tu me mataste, vou morrer; vou para o céu. No caminho irei gritando: muda a pelle! muda a pelle! Si ouvires, si mudares a pelle, quando envelheceres, tua pelle nascerá de novo: si não morrerás.

Pokã morreu; ao amanhecer começou a trovejar; trovejava a cada instante; elle foi subindo sempre gritando: muda, muda a pelle (xukũ-xukit-wó). Ouviram mal, ouviram: acaba! acaba! (koyô-koyô-wó):

não mudaram a pelle, morreram. A cobra, o tijuaçú, a mulateira mudaram: esta a casca, aquelles a pelle.

A versão de Tuxinĩ mais simples, foi escripta de uma ou duas assentadas.

Cheveu sem parar, narra este; trovejou o dia inteiro; escureceu no terreiro, e uma mulher gritou: Muda a pelle, muda a pelle; a lagarta, a cobra, o tijuaçú, a lacraia ouviram, mudaram a pelle: os caxinauás ouviram mal, não mudaram.

O céo inverteu-se, os rios encheram, mataram as caças, cortaram as matas; o cupim subiu para uma goiabeira, não pôde chegar ao topo, tão pouco descer pôde; o rio quiz pegar o paraduacú, o macaco correu, a agua molhou-lhe apenas as mãos e os pés; um casal de caxinauás refugiou-se em um cumarú e salvou-se.

Quando as aguas baixaram, ambos desceram, casaram, tiveram um filho, logo uma filha, depois, alternadamente, outros descendentes: em uma só noite o menino ficava rapaz, a menina rapariga, e casavam logo. Provavelmente a gestação corria tão rapida como o crescimento.

Abundavam os caxinauás, quando uma faisca cahiu do céo, matou os homens, queimou as arvores, reduziu tudo a carvão, seccou os rios. Appareceu morta pelo relampago uma mulher gravida; os homens salvaram os gemeos: delles procede a gente do relampago, muito zangada, muito vermelha, que subiu para o céo; os outros são a gente do rio.

A gente do céo desceu á terra, não viu mais nada: voltaram, trouxeram mata, plantaram; trouxeram agua, derramaram na terra, os rios se ajuntaram;

trouxeram peixes, jacarés e soltaram nos rios; trouxeram caças e as caças todas se criaram.

Estas divergencias, ao lado das concordancias, não differem essencialmente do que se observa no campo scientifico, onde circulam varias hypotheses antes de se encontrar uma que satisfaça a todos os espiritos. Outras circumstancias talvez tenham influido para ellas: por força da dissolução ethnica, posterior ao descobrimento da America, uma só aldeia póde reunir agora restos de outras, em cada uma das quaes as historias se narravam de modo tendencioso, para justificar quaesquer pretensões ou titulos: outr'ora separados, coexistem hoje.

Imaginemos a historia de Abrahão contada pelos filhos de Agar; o papel do patriarcha seria approximadamente o mesmo; Isaac e Ismael mudavam de categoria.

Pokã, pai de Manã, depois de comer o sapo e morrer, foi para o céu e lá domina. Seu titulo, pae velho, ao pé da letra, Burú quando chegou do Acre traduzia por *presidente*; a maior autoridade da nossa terra.

Quando um caxinauá adoce e morre, o *presidente* avisado vem buscar a alma e leva-a ás costas. De passagem, note-se: a alma é pesada; o urubú recebendo ordem de conduzir a de Harukun, o avô dos caxinauás munuiu-se de uma cesta para o carroto.

Póde succeder á alma uma desgraça que o texto indica muito vagamente: “morremos: si outras gentes nos carregaram nas costas, si nos levaram por outro

caminho, nós não morremos, acordamos” Que gentes outras são estas, não houve meio de apurar.

A alma alcança finalmente o céu; ha muitas casas, muito legume, muita caça, não se adocece, não se morre, o cabelo só branqueia; não existem preocupações. Brinca-se, celebra-se o *omã*, o *tirin*, o *Katçauá*; quando troveja é porque o pae velho e a mãe velha lembram-se dos filhos e choram. “O pae velho morreu, não levou os filhos, deixou os filhos sós; tem saudades delles, chora, e o céu troveja; quando o pae velho e a mãe velha não choram e estão alegres, o céu não se quebra”

O *presidente* móra numa cidade muito limpa, muito direita, muito bonita, chamada “Conta se assentou” (Mano tçauni); este nome significa a abundancia de tão pesadas contas feitas outr’ora dos caroços, já por natureza furados, de um capim, hoje fornecidos pelos seringueiros. Mora no meio da cidade; ao lado ficam as outras casas.

E’ rico e generoso o *presidente*; dá os gumes, isto é, as ferramentas, e os legumes, tomada a palavra na accepção antiga, conhecida ainda lá para o Norte, comprehensiva da alimentação vegetal. Dá machado, faca, roupa, terçado, rêde, sapato de borracha, contas, igniaras, panellas, pote, pratos, alguidares, frascos — um cylindro de barro muito utilizado; dá milho, mudubim, macaxeira, batata, cará, inhame, jirimun, mamão, feijão, jacutupé, urucú, algodão. Dá-lhes as diversas qualidades de frutas, arcos, cordas e faz a gente trabalhar

Dá-lhes conselho:

“Fazei legume, fazei roçado, pescai, fazei flexas, sêde sempre bons, não brigueis uns com outros, não maltrateis vossas mulheres, não tomeis as mulheres alheias, não vos zangueis; si fôrdes sempre bons, serei bom para vós; si brigardes, não serei bom para vós, vos largarei, mandar-vos-ei para longe”

Quando escurece, o *presidente* vae dormir, e dorme a noite inteira. Ao clarear, acorda e acorda os outros.

“Acordai, meus filhos, já clareou; si tivestes maus sonhos, dizei-me; si os sonhos foram bons, dizei-me. Já clareou; acordai agora; si dormirdes ainda, tereis maus sonhos; está clareando, si tivestes maus sonhos, contai-mos; não os esqueçais, senão, quando fordes trabalhar, brigareis; si os contardes, não brigareis”

O pae velho, acordado antes de todos, diz:

“Meus filhos, agora acordai: uns vão fazer roçado, outros legume; outros pesquem, outros cacem”

A mãe velha, sua mulher, que manda as mulheres, dá-lhes conselhos:

“Minhas filhas, quando vossos maridos estão fazendo roçado, fazendo legume, matando caça, pescando, trabalhando para vós, fazei panellas, potes, pratos rasos, pratos fundos. Si não fizerdes panellas, potes, pratos, vossos maridos depois de fazer legumes, não têm em que comer. Fazei roupa, rêdes, saias. Vossos maridos trabalham, trabalham para vós; trabalhai tambem para elles”

Poucas vezes, duas ou tres, se encontra mencionando *yoribô*, o diabo. A palavra é idêntica a *yoxin*, alma, mais o suffixo *bô*, que indica plural de numero ou de dignidade. O texto relativo ao diabo, diz o seguinte, integralmente e literalmente traduzido; forneceu-o Burú:

“Do diabo minhas gentes têm medo, pensam que póde come-las. Não o vêem; si o vêem, pensam que póde pega-las o diabo e fazem grandes rodeios. Quando vão longe de casa, si as pega, come-as o diabo. Na lagôa grande mora o diabo, dizem, ali o diabo mora; a lagôa é muito limpa, muito, dizem, ali o diabo mora. Na lagôa grande abundam legumes, dizem, os legumes do diabo. Os legumes do diabo, a banana abunda, a macaxeira abunda, o mamão abunda, o cará abunda, o mudubim abunda, o feijão abunda, a canna abunda, o urucú abunda, o algodão abunda, só isto abunda.

O diabo ali mora. Quando avistam os legumes do diabo, minhas gentes não os tiram; si tirassem, elle comia nossas gentes, dizem; si o legume avistaram, não o tiram.

Minhas gentes á casa do diabo não vão, para o lado da casa do diabo não andam, pensam que póde come-las, minhas gentes.

Uma unica vez só foram pescar para os lados da casa do diabo. Minhas gentes sommaram muitas aldeias: uma aldeia, outra aldeia, outra aldeia, duas aldeias, duas aldeias, duas, duas, duas só (treze, os Caxinauás só têm nome para um, dois e cinco, esta mão).

Minhas gentes, homens muitos reuniram-se para os lados de uma das cabeceiras da lagôa: vamos pescar, fizeram, e foram muitos. Ali, na casa do diabo, na lagôa grandissima os legumes abundam. Foram beirando a lagôa; de dentro da lagôa, sahiram jacarés

grandes, sahiram filhotes de arara, sahiram filhos de cachorro, sahiram filhos de onça, sahiram filhos de macaco prego, sahiram sucuris grandes, sahiram as criações todas do diabo, os filhos de gallinha sahiram, criações muitas sahiram.

Cantaram, a gallinha gritou, o cachorro gritou, muitas criações gritaram, a arara grande gritou, o macaco prego assobiou.

Muitas criações estavam cantando, minhas gentes ficaram paradas, espiando. As criações do diabo estavam cantando, de dentro da agua, o diabo de cabeça grande e cabellos compridos, sahiu, minhas gentes viram. Dentro da agua mergulhou, suas gentes foi chamar, buscar; muitos, muitos diabos trouxeram, este cacete, esta zagaia, este faca de cabeça, estas flechas, este arco, só isto trouxeram os diabos.

Os diabos de dentro da agua, gritando, vieram, sahiram. Minhas gentes com medo delles vieram, não pescaram mais, sahiram dizem. Tiveram medo, pensaram que o diabo podia come-las, minhas gentes fugiram, dizem, com medo do diabo.

Assim fizeram minhas gentes. O diabo mora dentro do rio, dizem; minhas gentes para lá não foram mais, com medo do diabo. Minhas gentes fizeram assim, dizem. Viram o diabo, porém, não caçaram mais para suas bandas, não pescaram, não passaram. Minhas gentes assim fizeram, as que viram o diabo. Até aqui me lembro do diabo”.

Que concluir de tudo isto?

Parece plausivel admittir dois principios: um, tenebroso, representado pela agua, pelo diluvio, pelos pesadelos, pela sombra, pelos feiticeiros, pelas almas peregrinantes e duendes: outro, luminoso, pelos bons sonhos, pelo céu, pelo cataclysmo igneo, pelas almas

que o povoam, pelo *presidente* que as commanda e produz trovões, quando se lembra dos filhos ausentes, e quem sabe? principalmente pelo relampago, progenitor do *presidente*.

“Os meninos pequenos zangados (filhos da mulher morta pelo relampago) foram parar ao céu para lá se tornarem gente do céu; porém nós aqui ficamos gente do rio”, affirma Tuxiní.

O testemunho seria decisivo si na idade em que sahiu do Murú já andasse enfronhado nos arcanos da theologia e da metaphysica.

Só no Tarauacá se póde tirar isto a limpo, com muita paciencia, não a paciencia que imperturbavel arrosta as inconstancias do genio do Indio, seu mutismo acintoso, seus eclipses intellectuaes e moraes; esta é elementar; a paciencia consiste em nada suggerir, pois adhere á minima suggestão, mas colher dados, impregnar-se de seu espirito e só fazer perguntas quando de antemão se conhecer a resposta.

### III

Por analogia das expressões biológicas fauna e flora, para as plantas e animais de determinados territorios geographicos, propoz Husing o termo fauna para o conjunto de mythos de uma tal área, informa Paulo Ehrenreich em seu livro sobre a mythologia geral. Lancemos os olhos por este dominio dos Caxinauás.

Considerando mythos as narrativas destinadas a fornecer uma explicação ou fundamentar um preceito, sagas as historias que enumeram os feitos de dada personagem, simples contos, em tudo o mais, encontraremos poucos mythos quer normativos quer explanativos, poucas sagas e bastantes contos. Tirar disto conclusões definitivas importaria desarraçar; aos dois indios, já ficou dito, não se póde reconhecer o titulo de representantes cabaes de seu povo.

Uma das poucas sagas é a do valente Domo Kuin tononi, cujo nome traduzido significa “aguenta fumaça de tabaco” Cada um dos indios deu sua versão. Além disso, não se julgando ainda capaz de reproduzi-la em sua lingua, Tuxinĩ contou-a na nossa pela maneira seguinte:

“Era um homem muito valente que casou com uma moça. Todo o dia fazia flecha, arco e cacete. A mulher todos os dias ia arrancar macaxeira. Tinha

um namorado que todos os dias matava um macaco para ella, punha debaixo da cesta e por cima cobria de macaxeira para ninguem vêr. A mulher quando chegava em casa botava a cesta no chão e ia dormir para sonhar. Quando acordava chamava a mãe. Mãe, dizia, sonhei que tinha um macaco dentro da cesta. Todo o dia era assim.

Foi buscar agua, tocou flauta para o namorado ir para o rio. O namorado sahiu, ella foi atrás. O marido ficou com raiva, pegou um cacete e sahiu para mata-lo. Foi escondido e lá adiante encontrou a mulher e o namorado, sentados ao lado um do outro. De vagarinho chegou por trás, soltou o cacete na cabeça do homem, o namorado cahiu morto. Atirou flecha no namorado, que passou o corpo e pregou no chão. Atirou na mulher, a flecha passou o corpo e pregou no chão. Puzeram-se ambos a gritar; acabou de mata-los a cacete.

Chegou á casa, arrumou-se para ir para a terra dos irmãos. Tinha cinco irmãos. Chegou á casa e arrumou-se. Disse na despedida: Titia, não sei por que casei com sua filha. Quando eu ia para a rêde, punha-se a gemer que estava doente, só queria namorar com outro homem: está espetada no rio.

Sahiu. A sogra gritou para os outros homens: acudam, o valente matou minha filha. Os homens vieram gritando. O valente se escondeu no caminho para mata-los quando viessem. Ninguem veio; sahiu, foi embora, chegou á casa de um irmão.

O irmão disse: nesta terra tem um bicho que mata gente. Tem dois tócos de lenha ali: quando a gente vae tirar lenha, o bicho sae do buraco, e faz tó, tó, té e mata a gente. O valente respondeu: não faz mal, não tenha medo, eu mato o bicho.

Ahi o irmão e a mulher pegaram a chorar. Elle pegou o machado, sahiu e poz-se a cortar lenha. A

gente toda sahiu para o terreiro, para ver o bicho. Partiu uma acha de lenha bem comprida e botou junto. O irmão, a mulher, a gente toda espiava chorando. Quando estava partindo lenha o bicho sahiu do buraco: quando sahiu fez *tó, tó, tuk*. O bicho tinha um facão, passava no pescoço dos homens, matava. Junto do valente armou o facão; o valente saltou de banda, agarrou a acha de lenha, matou o bicho. O povo ficou alegre e foram todos para vêr o bicho morto.

Dormidos dois dias, o valente foi para casa de outro irmão. Quando chegou perguntou: o que ha de novo por aqui, meu irmão?

— Ah! meu irmão, aqui mora um homem que só come figado, mata a gente para comer. Vae matar capivaras, manda a mulher cozinhar, depois convida a gente para comer capivara. A gente vae, elle manda a mulher pôr a mesa, convida para o banho. Leva um machado. Na beira do rio tem um buraco, elle manda metter a mão no buraco, a gente mette, elle corta a cabeça com um machado.

No outro dia veiu o homem, convidou elle para comer capivara. O valente foi, levou um filho do irmão já rapaz. O irmão e a mulher ficaram chorando, passaram o dia chorando.

Chegaram á casa do homem, que disse: preparem a mesa, vamos tomar banho, já venho. Quando sahiram, disse: levo este machado para tirar uns pauzinhos de lenha. Sahiram; quando chegaram á beira do rio, o homem pediu ao valente que mettesse a mão no buraco. O valente metteu, olhando de banda; quando viu levantar o machado, pulou de banda, matou o homem com o cacete. Gritou, A mulher do morto ficou alegre. Bello! vou comer figado. Quando chegaram á casa, matou tambem a mulher. Sahiram. O rapazinho foi avisar o pae que o tio tinha matado o homem. Quando che-

gou encontrou todos chorando: pensavam que o homem tinha matado o valente.

Passados dois dias, o valente foi para a casa do outro irmão.

— Que ha de novo por aqui, meu irmão? — Meu irmão, tem um gavião grande com um ninho naquelle pau; ás 5 horas da tarde, quando os meninos estão no terreiro, pega um para levar para os filhos. — Não faz mal eu mato elle.

No terreiro tinha um toco. O valente pintou, fez cabello, os olhos, a venta, a boca. Ás 5 horas da tarde veiu o gavião; do ninho estava espiando para ver si via menino. Viu o tôco, pensou que era menino, atirou-se em cima, pegou para levar. O valente soltou a flecha, matou o gavião. Os gaviões eram dois, macho e femea. Chegou o outro gavião, sentou-se no tôco, pensando que era menino. O valente atirou com a flecha, matou. Depois queimou os gaviões. O valente subiu no pau, matou os filhos, queimou tambem.

Passados dois dias, o valente foi para casa de outro irmão. Chegou, perguntou: que ha de novo aqui? — Meu irmão, aqui, naquele pau tem um ninho de pinicapaus. Quando são quatro horas, vêm pinicar os meninos no terreiro. O valente respondeu: não faz mal, eu mato elles.

A's 4 horas o pinicapau assentou-se no pau. O sobrinho ficou de baixo com uma folha secca na mão para espantar o passarinho, que se voltou para a banda do valente. O valente matou-o. Chegou depois outro pinicapau, o menino bateu com a folha secca, elle voltou-se, o valente matou-o. No outro dia casou-se com uma moça muito bonita.

Depois sahiu com a mulher para a casa de outro irmão. — Que ha de novo por aqui, meu irmão? — Ah! meu irmão, tem um macaco coatá que vem dormir aqui. Chega ás 5 horas da tarde, só sae ás 6 da

manhã. Quando a gente vae atrás d'elle, o coatá faz a gente se perder no mato.

Á 6 horas da manhã o macaco sahiu, o valente foi atrás. O macaco foi longe, andou duzentas e cincoenta leguas, passou muitos rios, o valente sempre atrás. O irmão passou todo o dia chorando, pensando que elle se perdesse. Ás 5 horas o macaco chegou á dormida no pau grande. O valente atirou a flecha. pegou na barriga do coatá. O macaco arrancou a flecha. O valente não fez mais nada: ás 3 horas da madrugada o macaco coatá cahia morto. De manhã viram o macaco morto, queimaram.

Passados dois dias, foi para a casa de outro irmão.

— Que ha de novo por aqui, meu irmão? — Ah! meu irmão, aqui tem um bicho que engole gente viva. Mora em cima do pau grande; por baixo tem uma casinha; quando a gente está dormindo, elle desce, engole a gente. O bicho chama-se *nibú*, lacraia. Tem cada braço! Pega a gente para engulir. — Não faz mal; arranje um candieiro, que vou matar elle.

Pegaram um candieiro, levaram uma panella para tapar, chegaram na casinha de baixo do pau grande, accenderam o candieiro, taparam. O marido disse á mulher: quando vier o bicho, eu cutuco você e você descubra logo a panella para alumiar.

O bicho desceu, o valente cutucou, a mulher tirou a panella mais que depressa, ficou tudo claro. O valente atirou com a flecha no peito, o bicho subiu o pau grande. Chegou em cima, pegou a gemer e a vomitar, morreu. Quando morreu, um bando de lacraias novas começaram a gritar: morreu nosso pae, mataram nosso pae. Quando a lacraia grande cahiu, ficou claro, tudo de dia.

O valente e a mulher vieram embora. Ficaram todos alegres.

Os outros disseram: este homem é muito valente, precisamos matar elle, é damnado, mata todo bicho feroz. Vamos matar urubú, dizemos que é mutum, elle come, fica amarello, morre.

Um foi caçar urubú, matou, cozinhou, chamou o valente para comer. Quando chegou, perguntou: — o que é isto? — E' mutum, é bom. Comeu, no fim de tres dias, pegou a ficar doente, amarello, magro, morreu”.

Desta narrativa salta, que o lacrau representa a escuridão, tanto que apenas foi morto logo ficou dia: isto vê-se melhor na versão de Burú, em que o nome do bicho é *nibú baka pianã*, lacraia-sombra, comedora de gente. Também os outros representam seres tenebrosos: do picapau diz explicitamente Burú que era um grande diabo; que os outros deviam também se-lo, prova-o a cremação, supplicio dos feiticeiros: na versão de Burú foram todos queimados.

Outras narrativas podem talvez considerar-se sagas; decidi-lo, cabe aos entendidos e julga-las á vista dos textos.

Os contos narrados pelos dois Caxinauás serão uns quarenta; de alguns cada qual deu sua versão, e isto é sempre interessante, já pelas variantes, já pelos novos factos linguisticos.

Sirva de exemplo a historia do sovina, Yauxikunauá. A versão do Tuxinĩ, a primeira tomada, começa assim:

“As criações de Yauxikunauá eram cobra, maribondo, jacaré, sucuri, arara, onça, porco, anta e veado. Tinha muitos legumes; os Caxinauás não tinham; era

muito sovina. Os Caxinauás com fome foram pedir macaxeira. Um entrou em sua casa e disse-lhe: Yau-xikunauá, me dá macaxeira, estou com muita fome. O sovina assou uma macaxeira pequena, deu-lhe. O Caxinauá foi embora, chegou á casa e disse á mulher: o sovina é muito sovina; pedi-lhe macaxeira, assou uma pequena, deu-me; de noite vou roubar-lhe talo de macaxeira”.

Agora a versão de Burú:

“ Y. é muito sovina, mora só, tem muitos legumes, tem muitas criações para guarda-los. Suas criações eram muitas cobras, muitos maribondos, aranhas, formigas, jacarés, arraias, lacraias, baratas. Das bananeiras pendurou maribondos, nas macaxeiras deitou jacarés; pendurou maribondos, cobras dos mamoeiros, deitou aranhas nas batatas, lacraias nos inhames, formigas vermelhas nos milhos, formigas pretas nos mudubins, maribondos de algodão pendurou dos algodoeiros, cobras de urucú dos urucuseiros. Cercou seus legumes, morava com a mulher.

Os Caxinauás foram passear em sua casa, chegaram, assentaram-se; deu-lhes comida. Não tinham legumes, vieram buscar milho para plantar, pediram-lhe. Y. assou uma espiga, deu-lhes: vão plantar esta, disse. Levaram, plantaram; não nasceu; pediram outra vez, elle assou o milho, deu, não nasceu”

Por aqui se vê que os episodios nem sempre são contados na mesma ordem.

O episodio do milho é contado por Tuxinî do seguinte modo:

“O Tijuaçú entrou em casa do sovina: vem debulhar meu milho, Tijuaçú? disse aquelle. O Tijuaçú co-

meçou a debulha, o sovina sentou-se perto, **cahiu um caroço**, apanhou-o, botou na vasilha. O sovina virou o rosto um instante, o Tijuaçú metteu um caroço na boca. O sovina viu, perguntou: Tijuaçú, onde cahiu o milho debulhado? — Eu não vi, não cahiu. — Cahiu, vi eu, disse, e tirou a faca, **rasgando-lhe a guela, as mãos, a barriga, os pés: não descobriu caroço algum.** O sovina mandou joga-lo ao sol, o Tijuaçú estava secando ao sol, um maribondo mordeu, elle, acordou, correu, foi para casa, **contou a historia”.**

A finura da intelligencia indigena consiste em que o sovina buliu em tanta coisa sem tocar na boca, aonde estava o milho. O caroço comprado tão caro foi plantado, nasceu, frutificou e prosperou.

Na massa de contos ha alguns que se podem dizer Moraes. Dois irmãos pequeninos foram caçar, avistaram uma onça, um teve medo, o outro matou-a. Orgulho do pae, alvoroço na aldeia, o proprio tuxáua fez armas novas para o joven heróe. — Um menino foi pescar com o pae não quiz pegar peixe, olhando para o rio, sem dizer palavra. O mesmo fez com o tio, que foi embora, deixando-o entregue ao seu embezerramento. Quando o menino se viu só, gritou *Kuka*, tio, mas a lingua se atrapalhou; disse *doxa*, nome do peruinho do campo, e nesta ave se transformou.

Ha historias jocosas. Acuruá, depois de longa caçada, foi repellido pela amante, que o arranhou com o bico de tucano-anta. Furioso, recolheu-se á rêde, não falou mais, não comeu, não bebeu, não cuspiu, não satisfez uma só das necessidades naturaes. Acabou tudo em uma enorme descarga de encher rios e abarrotar

sapopemas. — A mulher do marido preguiçoso foi pescar, encontrou no rio um urubú despennado por seus parentes para fazer flechas. Tomou-o por mutum, levou-o para casa, cozinhou-o, convidou o marido para jantar, chasqueando que elle não era capaz de tanto. O marido desconfiado, pediu a cabeça do passaro, e quando a examinou perguntou: aonde já viste urubú de cabeça cinzenta? — Um maribondo belliscou um pedaço de carne, subiu ao céo, vomitou-o publicamente e disse ao Urubú-rei que havia grande carniça. O monarca mandou baixar um dos seus subditos que nada encontrou e taxado de desidioso e ameaçado de castigo, zangou-se com o maribondo. Este, colerico, atirou-se ao adversario, mordeu-lhe a cabeça e disse: tu és muito valente? vem-me matar, si és capaz: tua cabeça só tem pelle, não tem cabello. Vou dar-te outra ferroadada.

Ha muitas historias de bichos, em que bichos podem virar homens, homens podem virar bichos; ha o caso de um homem que fez uma anta de barro e deu-lhe vida; ha o de uma aldeia inteira que se poz a fazer no rosto focinho e orelhas de porcos, a pregar bolas de barro na cabeça e no trazeiro e transformou-se em porcada. A raça ficaria extincta si não sobrevivesse um casal que se reproduziu com a mesma rapidez já notada a proposito do cataclysmo.

Contam os Caxinauás que muitas aquisições devem aos bichos; a cobra pintada deu-lhes agua, a maracanã, fogo; o tijuacú, milho; a lagartixa, machado; o sapo, barbasco; o camarão, nassa; o peixe-cachorro, anzol; o beija-flor, algodão; o jacaré, macaxeira; a arraia, flecha; cacete, o puraquê; mudubin, a paca;

batata, o tatú; banana, a cotia; rêde, a aranha; panela, a maria de barro; pilão, o pica-pau, etc.

Algumas destas aquisições devem ao sovina. Sua avareza chegou ao ponto de torna-lo um inimigo do bem publico. Os animaes ligaram-se para mata-lo. Tatus menores começaram, os maiores concluíram um buraco que ia sahir dentro de casa; por elle passou toda a bicharada que se locupletou com seus despojos. O canindé com outras aves banhó-se no fel e ficou azul, a arara banhó-se no sangue e ficou encarnada, o jacamim esfregou o bico na cinza, etc.

Em regra, a narrativa é rápida. A viagem de "Aguenta fumaça de tabaco" computada por Tuxinĩ em duzentas e cincoenta leguas, cabe em poucas phrases na versão de Burú, e é uma das descrições mais longas:

"O coatá sahiu, o valente foi atraz, não o espantou, foi devagar, foi muito longe. Os Caxinauás que tinham ido antes, morreram, apodreceram, havia muitos ossos, os ossos estavam deitados. O valente foi vendo tudo, amedrontou-se, foi de vagar, não espantou o coatá, foi atrás, foi muito longe. O coatá avistou um pau podre, grande, rodeou-o; não ia pelos paus altos; avistou uma fruteira, foi atrás dos frutos; o valente ia atrás do coatá. Agora o coatá veiu para a banda da casa, o valente não se perdeu, vinha atrás; muitos rios atravessaram sem parar; agora acercou-se da casa"

A grande batalha que trouxe a separação das gentes de Harukun e Apô depois do fratricidio ainda é narrada com maior brevidade:

"As gentes de Harukun, muitos homens destemidos armavam flechas e foram atirando.

As gentes de Harukun pelearam com aquelles, gritaram, gritaram muito, flechas atiraram, atiraram, flechas atiraram, mas feriram, outros foram feridos, fugiram, outros morreram, outros não feridos fugiram”

Uma excepção a esta narrativa directa e secca é a do menino levado ao céu pela cambaxirra:

“O menino estava brincando só no terreiro. Sua mãe chamou-o: meu filho vem comer. O menino respondeu: mãe, eu não quero comer. A mãe disse: meu filho, não estás com fome? — Não estou com fome. A mãe sorriu; meu filho está brincando, por isso não come: filho, vem comer para brincar. O menino veio, estava comendo, a mãe perguntou: meu filho, com quem brincavas? O filho disse: mãe, eu brincava sozinho. A mãe disse: meu filho, não brinques só, a cambaxirra te pega.

O menino teve medo, chorou: sua mãe abraçou-o, enganou-o: meu filho não chores, a cambaxirra não te pega. O menino perdeu o medo, levantou-se, pediu á mãe para ir brincar só. — Meu filhinho, brinca só no terreiro. O menino disse que sim e perguntou ao cachorro: cachorro, estás com fome? O cachorro moveu a cauda, o menino deu-lhe comida, encheu a barriga, o menino levou-o.

O cachorro avistou um passarinho, fez *τ'ô-τ'ô*, o passarinho fugiu, o menino ficou brincando com o cachorro.

A mãe veio, viu o menino brincando com o cachorro, assentou-se perto do menino. A cambaxirra cantou, o menino arremedou. A cambaxirra veio, parou perto do menino, cantou. O cachorro viu a cambaxirra, correu, quiz pega-la, a avezinha correu. O

menino riu-se e disse á sua mãe : mãezinha, meu cachorrinho está zangadinho. A mãe riu-se, o filhinho riu-se.

Depois o cachorro com preguiça deitou-se, o menino chamou-o, não veio. Ao menino que estava chorando a mãe perguntou : por que choras, meu filhinho? — Porque meu cachorro está com preguiça. A mãe mandou, o cachorro veio, o menino brincou com elle, mas o cachorro com preguiça foi se deitar, dormiu. Chegou a cambaxirra, o cachorro estava dormindo, o menino não viu mais a mãe, teve medo, a cambaxirra tomou-o ás costas. O menino gritou, o cachorro latiu, a mãe olhou e chorou. A cambaxirra disse : não chores, filhinho, vaes para o céo brincar com meus filhos. A mãe chorava, o cachorro chorava, o menino foi para o céo, brincar com os filhos da cambaxirra, brincou com os meninos, acostumou-se, virou cambaxirra”

Si os mythos surgiram só em um ponto privilegiado de onde irradiaram para o resto do mundo, si espontaneamente nasceram em outras zonas e as convergencias decorrem da unidade da natureza humana, si os motivos astraes são seus exclusivos inspiradores ou outros existem ao lado delles não menos fecundos, pouco importa para a fama dos Caxinauás. O mytho prescreve ou explana : os textos colhidos apresentam poucos exemplos : a rigor, só o da lua.

Deste, ha uma primeira versão de Burú, muito imperfeita, quando a larga ausencia do Murú lhe entorpecera a memoria ; outra, de Tuxinĩ, outra de Burú completa, outra ainda de Tuxinĩ, quando já dictara a primeira, e ouvira a ultima de Burú. Antes, porém, não se julgando capaz ainda de reconstitui-la na propria lingua, elle dictara em portuguez a seguinte nar-

rativa, que vae tão literalmente como o permittiu a falta de conhecimentos stenographicos.

“O homem cortou o pescoço delle, deixou lá, outros foram buscar. Quando chegaram lá botaram a cabeça dentro de um sacco. Adiante a cabeça cahiu no chão; botaram outra vez a cabeça no sacco; chegou **adiante**, tornou a cahir. Forraram o sacco com outro mais grosso, adiante a cabeça tornou a cahir. Levavam a cabeça para mostrar aos outros.

Não puzeram mais a cabeça no sacco: deixaram no meio do caminho, foram embora. A cabeça veiu rolando atrás delles. Chegaram a um rio, nadaram, a cabeça cortada veiu atrás.

Depois treparam a um bacuparizeiro carregado de bacuparis, para ver si a cabeça passava adiante. A cabeça ficou de baixo e pediu tambem bacuparis. O homem sacudiu os bacuparis, a cabeça foi busca-los. Pediu mais. O homem sacudiu os bacuparis dentro d’agua, a cabeça disse que lá não ia buscar. Então os homens atiraram os bacuparis para bem longe, para a cabeça ir buscar e elles irem embora. Emquanto a cabeça ia, os homens desceram o pau e foram embora.

A cabeça voltou, olhou para o bacuparizeiro, não viu ninguem, continuou a rolar pelo caminho. Os homens tinham ficado esperando, para vêr si a cabeça vinha atrás. Viram a cabeça vir rolando, correram, chegaram á casa, disseram aos outros que a cabeça vinha rolando; fecharam as portas.

Fecharam as casas todas. A cabeça chegou, mandou abrir as portas. Os donos não abriram de medo. Então a cabeça pensou no que ia ser.

Si fosse ser agua bebiam. Si fosse ser terra andavam por cima. Si fosse ser casa, os homens moravam nella. Pensou o que ia ser Si fosse boi, matavam e comiam. Si fosse vacca, tiravam leite. Si fosse fari-

nha, comiam. Si fosse feijão, cozinhavam. Si fosse sol, quando os homens estivessem com frio, esquentava os homens. Si fosse chuva, nascia capim, os bichos comiam.

Pensou e disse: vou ser lua.

Gritou: abram as portas, quero tirar minhas coisas. Não abriram, ella chorou. Gritou: dêem-me ao menos meus dois carreteis de linha. Sacudiram os dois carreteis por um buraco, ella apanhou-os, atirou-os para o céu. Pediu, — aqui não sei bem, parece que foi a São Pedro, — pediu que atirasse uma varinha para ir enrolando a linha e ella poder subir. Então disse: adeus, meu povo, vou para o céu.

Foi subindo. Os homens abriram as portas de pressa. Ia subindo. Os homens gritaram: vaes para o céu, cabeça? Não respondeu. Assim que ia chegando ao céu ia logo virando lua. A' tardinha, ás 7 horas, a lua estava clara, bonita. Os homens ficaram assustados: é a cabeça que foi virar lua”.

Tuxinĩ acrescentou á guisa de commentarios:

“O homem teve palavra, não queria ser bom para ninguém, foi ser lua. A lua não presta para nada. Só quando vamos á guerra é que andamos de noite”

A historia de Burú permite outra conclusão, e é um dos motivos de se ter escripto que entre os Caxinauás, o ensino oral se gradua pelas idades: só homens feitos, aprendem a significação exoterica. Segundo ella: Yôbo antes de subir para o céu estabeleceu a correlação entre a lua em certas funcções periodicas e a geração, e formulou certos preceitos. Puchou-o para o céu o urubú. Yôbo ao penetrar, arrancou os olhos e fez as estrellas, do sangue fez o arco-iris, *nawabái*,

o caminho dos estrangeiros, talvez aquelles que ás vezes roubam as almas dos mortos antes de chegar o *presidente*.

A lua parece representar o principio tenebroso. Sobre o sol quasi nada informam os dois Indios. Em uma adivinhação pergunta-se: „que é que o urubú tirou? e responde-se: o sol. Nada mais consta além da conformidade entre o brilho do sol e a presença do urubú: os japús, já se viu, ao contrario, annunciam mau tempo.

Pouco adiante outro trecho de Burú:

“A aranha (yôtã) mora na raiz do céu, mora em um grande buraco, guarda o frio, guarda o sol; si cobre o buraco do sol, não ha sol; si abre o frasco do frio, esfria; no frasco do frio, guarda a noite; si faz uma tapagem para o lado do sol, escurece”.

A versão de Tuxinĩ dispensa a aranha, porém menciona os tres buracos da noite do sol e do frio:

“Si ficares perto do frio, o frio te mata; si parares perto do sol, o sol te queima; o buraco do sol, parece um fogo grande”

Certa vez, um feiticeiro abriu o buraco da noite; a escuridão invadiu a terra, provocando os incidentes mais comicos.

Sobre a origem do homem tudo é vago: geram-se, — dizem seccamente; destes primeiros descenderam os outros. No final da historia do sovina, accrescenta Burú que os Caxinauás tomaram seus legumes e não passaram mais fome. Geraram-se por encantamento do

côco de jaci, sem intelligencia, sem boca, sem pé, sem mãos, sem olhos, sem orelha, etc. O macaco prego habilitou-os para a reproducção; o guariba deu-lhes as mãos contra a vontade do coatá; si este houvesse prevalecido, as mãos sahiriam muito menores.

“Ensinou-os a comer, o coatá; nós não comiamos; ensinou a comer o coatá, deu dentes, deu nariz, deu olhos. o coatá ensinou-os, o guariba ensinou-os, o macaco prego ensinou-os; acabado isso, foram para suas casas. Agora fizeram casas, nellas moraram, dizem, minhas gentes; acabados de encantar, ali moram; ali moraram; legumes plantaram, acabaram, ali moram; agora têm mãos, têm pés, têm dentes, têm olhos, têm cabellos, agora com os corpos bons, moraram, dizem minhas gentes; minhas gentes que se encantaram assim fizeram, dizem: até aqui”

#### IV

Quando começámos a trabalhar, Burú dictava uma phrase e dizia o sentido; si procurava decompo-la e traduzir *verbum ad verbum*, encontrava de sua parte o maior embaraço; nunca lhe occorrefa a possibilidade de divisão no que sentira sempre uno e inteiriço. Ás palavras brasileiras encontrava logo equivalente, e seu vocabulario era bastante extenso; as da sua lingua custavam-lhe, ás vezes, bastante. Lendo uma nota de C. von den Steinen sobre o *sipibo bachi*, perguntei-lhe que significava em caxinauá: *Baxi*. Respondeu: é quando duas pessoas vão á cãsa de um conhecido; um fica lá, o outro vem embora; na realidade *baxi* quer dizer deixar, como *baxikua* quer dizer deixar-se, isto é, ficar. *Bubué* é mergulhar, encher a boca d'agua e deita-la fóra com força; *Kox'* é engulir com força, de modo que a comida desce pela guela, estalando como si fosse agua.

A phrase é a realidade: a unidade no *rã-txa hu-ni ku-ĩ*, a lingua dos Caxinauás; a palavra é, por assim dizer, mera abstracção.

Seu discurso compõe-se, em geral, de sentenças coordenadas, seguidas indefinidamente: em outros termos, a construcção é essencialmente paratactica, umas vezes simples, outras ligeiramente complicada por conjuncções correspondentes a *si* e *porém*, ou mudanças de tempo dos verbos.

Ao lado da parataxe nota-se outro phenomeno que, em falta de melhor nome, se poderia chamar dytaxe: consiste em começar a oração principal, e intercalar uma ou mais, antes de dar o fim da primeira.

Dois exemplos tirados da narrativa da caçada das cabeças darão uma idéa mais clara da parataxe e da dytaxe.

“Varão outro o coatá matou, inteiro moqueou, alguidar com o coatá despejou, macaxeira outra fez-lhe segurar na mão, banana madura fez-lhe metter na boca, o varão outro o coatá inteiro deu, — é caso de parataxe.

“Varão outro, (do coatá o varão viu a cara, estava sentado, o varão o coatá olhou, macaxeira segurava na mão, banana madura tinha na boca, estava sentado, o varão outro homem pensou fosse) o varão teve medo, gritou, correu” — é caso de dytaxe: o parenthese foi empregado só para tornar mais patente o facto.

A parataxe e a dytaxe dominam a lingua: encontram-se todavia algumas raras orações incidentes, e, portanto, primordios de hypotaxe.

A construcção mais commum é directa: sujeito, verbo, objecto; ha porém, e não são raras, construcções indirectas: esta mobilidade explica-se pela existencia de casos.

Os grammaticos citados supra encontram, nas linguas panas que estudaram, toda a declinação latina; o caxinauá, menos rico, possui dois casos, quando muito, tres: um, corresponde ao nominativo, genitivo e vocati-

vo — chamemo-lhe A; outro, ao accusativo — chamemo-lhe B; será o locativo C, o ultimo.

Nos textos nota-se que o caso A apparece, ás vezes, sem indice casual, isto é, em fórma igual a B; que B recebe tambem os indices casuaes de A; que ha nos indices de A variedade notavel, em vez da constancia conhecida das linguas flexionaes. O outro caso, a rigor admissivel, seria um locativo, ás vezes encontrado sem flexão ou proposição alguma e igual a B; outras, com uma nazalização que o aproxima de A; outras, com um alongamento antes de receber as posposições. Nesta hypothese é duvidoso que se trate de prothese do substantivo ou epenthese da posposição. A primeira conclusão é certa em muitas phrases.

Desta variedade no emprego e inconstancia nas desinencias pôde-se concluir que: os casos nos apparecem em estado de transição; não pertencem ainda á morphologia, pertencem antes á syntaxe, e tambem ao rythmo.

O mesmo se nota quanto ao verbo substantivo: os grammaticos missionarios equipararam *i* a *sum, es, fui*.

Tal comparação não permite o caxinauá: *i* significa ser, fazer ou fazer-se; umas vezes, é um pro-verbo como *do, did*, em inglez, para evitar repetição ou dar emphase; outras, é um pro-verbo, que antecede e prepara o verdadeiro verbo: outras, finalmente, parece perdido talvez só pelo rythmo. Si a isto juntarmos que o nome e o adjectivo podem dispensar copula para formar a oração; que a copula se apresenta sob fórmas variadas, e estas podem exercitar funcções differentes da copulativa, sobram motivos para affirmar que o

verbo substantivo pertence menos á morphologia que á syntaxe.

O adjectivo, em regra, pospõe-se ao nome; em nomes compostos o determinativo occupa o primeiro lugar; as preposições, em mui pequeno numero, são antes posposições; em regra o adverbio vem depois do verbo; signaes de plural são os mesmos para o nome, para o adjectivo e para o verbo; a concordancia entre elles, umas vezes se observa outras não; numero, não pôde valer muito numa lingua que dispõe de nomes simples para um, dois, talvez quatro e cinco, apenas.

O caxinauá distingue-se de outras linguas do Brasil em não ser prepositivo. Ao passo que o tupí, o carirí, o bacaerí de tal modo fundem o nome e o possessivo, que desligado este, aquelle não faz mais sentido, no caxinauá, ambos gozam de existencia independente. Diz-se, como nós, cabeça, sem se importar com o dono, ao contrario do bacaerí, que só sabe minha cabeça, tua, etc., ignorando a cabeça em absoluto.

Ao contrario destas linguas, em que as fórmulas verbaes variam nos transitivos com o pronome sujeito e com o pronome objecto, o caxinauá, com mais constancia ainda que o inglez, tem a mesma voz para as tres pessoas e ambos os numeros: só por emphase se junta, querendo, *bô* para indicar plural.

Carlos von den Steinen reparou que as palavras designativas de partes do corpo, com duas syllabas apenas, já são compostas: pôde-se ir adiante e afirmar que todas as palavras caxinauás constam de monosyllabos juxtapostos: não os descobri; sempre prova atrazo dos estudos.

Muitos vocabulos começam por um prefixo que precisa o valor do radical, juntando-lhe a idéa de exterioridade, de intimidade, de superposição, etc. Estes prefixos, em numero de dez, mais ou menos, são muitas vezes tirados de partes do corpo, principalmente da mão, do pé, do pescoço. Segue-se logo o radical significativo; vêm depois suffixos de valores diversos. segundo os quaes as palavras se arrolam nesta ou naquella parte do discurso. As separações são muito habéis: um nome passa a verbo com igual facilidade do verbo passar para o nome; *Katci* é uma posposição e significa para; junte-se-lhe o *i*, de que já falámos, e teremos o verbo querer.

No verbo, depois do prefixo, quando o ha, e do radical significativo, segue-se o indice da voz transitiva, reflexa ou intransitiva e dativa: esta, muito característica, póde ver-se no seguinte exemplo: *a-ti-a*, significa peguei, pegaste, etc., sem dizer para quem, implicitamente para o sujeito: *a-ti-xu-na* significa peguei para ti, para elle, para qualquer pessoa, menos o sujeito.

Como quarto elemento podem entrar particulas factitivas, negativas, accelerativas, durativas, iterativas, locomotivas: vem por fim o indice do tempo, muito vagamente indicado, porque a mesma desinencia servirá para o passado e para o presente. Ao verbo assim architectado podem addir-se novas particulas e até verbos para precisar a noção de tempo e outras. Não faltam verbos compostos.

Póde-se, comparando os diversos vocabularios panos, apurar os haveres de que dispunham as tribus

antes da sua separação; mas as conclusões saem precarias. Assim, para as tão apreciadas contas, depara-se uma designação commum nos livros dos missionarios: — *muru*. Em caxinauá, *muru* significa secco, fragil, e conta é *mano*. Por sua vez, *mano*, junto a qualquer nome, exprime procedencia estrangeira: *mano-ti*, fogo do estrangeiro, é phosphoro; *mano-xôbô*, é a casa coberta de zinco; *manobin*, é o candieiro de metal. Concluir-se que o uso das contas se introduziu só depois da dispersão, por obra dos seringueiros, seria excessivo e tropeçaria em todos os documentos conhecidos.

O cotejo dos vocabularios mostra que os Panos conheciam e utilizavam as mesmas plantas, excepto o algodoeiro e a bananeira. Para a banana os Culinos servem-se de palavra portugueza; os Sipibos e Cuni-bos, de palavra castelhana, platano ou planta; os Maïorunas, de palavra que em caxinauá indica um palmito parecido; os Caripunás, da palavra em que entra relampago ou camindé; os Caxinauás, de vocabulo correspondente a folha em culino. A explicação de algodoeiro é mais difficil. O nome de rêde tambem varia; algumas linguas tomaram-no do quéchua.

As expressões agricolas são communs: roçado, capoeira, plantar, brocar, derrubar: o machado tem mais de um nome, pois havia mais de uma especie, entre ellas uma feita de casca de tartaruga, mencionada por C. d'Acuña; *matxatô*, nome dado ao terçado ou facão pelos Caxinauás, é evidentemente de origem portugueza.

O barbasco, utilizado na pesca, era conhecido por todos; as armas tinham denominações communs; entretanto, os Caxinauás não usam zarabatana, e o termo designativo desta em outras línguas, na sua traduz-se por gaita.

Entre os xerimbabos têm nomes differentes o cachorro e a gallinha.

Os nomes de parentesco parecem-se bastante; os de casa variam pouco; as partes do corpo são identicas ou quasi, do mesmo modo os affectos elementares. A comparação não póde ser completa: ao lado de glossarios com milhares de vocabulos, ha outros com pouco mais de duas duzias e, até menos. A's vezes a palavra é a mesma, porém, a significação mudou.

Onde moravam primitivamente os Caxinauás?

Segundo Burú, á beira mar. Do mar do Brasil ou do Perú ? perguntei-lhe, mostrando o mappa. — Do mar do Brasil" —, affirmou sem titubear e manteve sempre. Para chegar ao Juruá, deviam andar muito. Teriam partido da Guaiana ou da parte meridional do Amazonas? E' o que não soube dizer. Segundo os missionarios castelhanos as tribus do Ucaiale vieram do Ecuador, e nada se oppõe a isto para a generalidade do grupo.

As migrações deviam ter sido por via terrestre, pois os Panos não possuem expressões communs para canôa: em Caxinauá o mesmo termo designa canôa e pilão; no cunibo é uma fórmula verbal relacionada com boiar e nadar e talvez com cabaça, objecto essencialmente fluctuante.

A falta de canôas, explicaria uma historia de Burú. O *inka* é um grande diabo, diz. Os Caxinauás moraram perto d'elle, foram á sua casa, elle enganou-os; convidou-os a brincar no balanço; não sabiam; cortou-lhes as cabeças. Os Caxinauás, com medo, foram morar longe. Depois veiu morar com elle a aranha (yotã) e o *inka* deu-lhes os dois frascos do frio e da noite.

Que o *inka* mencionado seja o do Perú, tudo está indicando; os missionarios jesuitas encontraram noticias semelhantes entre outras tribus; os frascos do frio, e da noite, indicariam o poente e as serranias andinas; e, por que não ? o balanço poderá bem symbolizar os mortiferos terremotos.

Afirma Burú que sua gente subiu um rio ou seu affluente até ás cabeceiras, depois passou para o outro lado ou para outro affluente.

Por onde andaram até alcançar o Juruá, nada consta: é possivel chegassem ao Madeira e seus tributarios onde ainda hoje são muitas as tribus, panas; de lá, por caminhos mysteriosos refluíram ao Juruá. No Juruá, abaixo da confluencia do Tarauacá, deu-se a grande dispersão.

A historia podada das repetições próprias de seu modo de narrar, é exactamente a seguinte: antes, porém, cumpre observar que as linguas panas não possuem termo geral, nem mesmo termo proprio para o mar; umas, chamam-lhe a lagôa grande; os Caxinauás chamam-lhe o rio zangado.

“O primeiro (Harucun) gerou-se á beira do rio zangado, atrás d'elle gerou-se o zangado (Apõ) e mo-

rou com o primeiro. Do primeiro o nome é Tiwá, exprimido, do zangado o nome é Xano, secco. Harucun morava com Apõ, era casado; elle nos gerou. Apõ gerou outros caxinauás. Harucun encantou caroços de jaci e gerou os Caxinauás. Apõ encantou caroços de uricuri.

Harucun morava com suas gentes, fez roçados grandes, plantou-os de legumes, fundou aldeias capazes. Apõ fez o mesmo, teve grandes roçados, plantou-os de legumes, fez aldeias capazes, morava com suas gentes.

Harucun fez aldeias capazes á beira do rio zangado e morava feliz. Sua mulher era muito bonita. Apõ cobichou-a, tomou-a: Harucun quiz mata-lo; elle largou-a e armado de azagaia, de flechas, de cacete, veiu á casa do irmão, entrou e disse:

— Tiwá, tua mulher é muito bonita, cobicei-a, tomei-a; por que me queres matar ?

Tu não és casado, respondeu o irmão: tuas gentes têm muitas mulheres, por que não casaste com uma dellas? Tuas gentes têm muitas mulheres, por que tomaste a minha? Vou tomar todas as mulheres de tuas gentes.

Apõ zangou-se; eu te matô, fez.

Flechou Harucun; acertou no coração. Harucun gritou, cahiu; o irmão acabou de mata-lo a cacetadas.

A mulher de Harucun gritou; as gentes tinham ido trabalhar; vieram; encontraram o cadaver.

— Quem matou, e onde está?

— Apõ me tomou, disse a mulher; Harucun quiz mata-lo; Apõ foi buscar as flechas, matou-o e foi embora.

As gentes de Harucun penalizaram-se; choravam as mulheres; choravam os meninos. Os varões juntaram-se e disseram:

— Vamos matar Apõ; matou sem motivo nosso chefe grande; vamos mata-lo tambem.

Todos juntos foram; as mulheres ficaram guardando as casas.

Apõ juntou suas gentes; armaram as flechas; ficaram esperando as gentes de Harucun. Estas eram muitas, as de Apõ pouco menos. Os muitos de Harucun, corajosos, armaram as flechas, atiraram, pelejaram; gritaram, gritaram muito, flechas atiraram; uns acertaram, outros foram acertados e fugiram, outros morreram, outros não feridos fugiram.

Depois da peleja as gentes de Harucun ajuntaram-se em casa, brincaram, celebraram o omã. As gentes de Apõ fizeram a mesma coisa.

As gentes de Harucun deitaram o seu cadaver num oitão da casa. O maribondo tomou o seu sangue, levou-o para o céu, mostrou-o á alma, (o *presidente*); a alma mandou o urubú, o urubú desceu á terra com uma cesta, e, na cesta ás costas, levou a alma de Harucun. Ao ve-lo, suas gentes alegraram-se; quando sua alma entrou no céu, trovejou; trovejava a cada instante. Foi-lhe dada uma casa muito bonita e outra mulher.

Suas gentes enterraram o cadaver; quando apodreceu, ajuntaram-se e começaram a subir os rjos; uns, subiram o rio do Cujubim, Juruá; outros, o rio Grande, Tarauacá; outros, o rio do Sol, Envira; outros, o rio do Capim, Murú; outros, o rio da Capivara, Moronal (?); outros, o rio da Canabrava; outros, o rio da Cachoeira, Iboaçú; outros, o rio da Arara, Humaitá; outros, subiram o rio de Contas, Colombo.

Pelos rios do Cujubim, Grande e Capim, subiram os Caxinauás; pelo rio Grande, os Cuntanauás; pelo Cujubim, os Bitanauás; pelo rio do Sol, os Marinauás; pelo da Cachoeira, os Tucunauás; pelo rio de Contas, os Picinauás; pelo da Capivara, os Marinauás; pelo da Arara, os Xauãnuás.

As gentes de Apõ subiram para o Purús e Acre”

Entre as tribus panas citadas, os Picinauás, isto é, as gentes fedorentas, são mais conhecidas pelo nome de Curinas ou Culinós: destes ha um vocabulario colhido por Spix e impresso no glossario de Martius, seu companheiro de viagem na gloriosa exploração do Brasil que começou no Rio, e pelo interior foi ao Maranhão e dahi ao Pará e Amazonas.

São ariscos, quasi nomades, e parecem profundamente atrasados. Affirma Chandless que não possuem ainda canoas, e só se approximam dos rios na época das tartarugas. Burú pinta-os com côres desfavoráveis:

“Os fedorentos são preguiçosos; fazem roçados redondos, pequenos, plantam só bananas, macaxeira e milho; depois de plantar vão para a mata com suas mulheres; dormidas muitas noites, voltam, quando o milho está amadurecendo; quando acabam o milho verde, tornam outra vez para a mata. Si vêm passear em nossas casas, botamo-los para fóra; quando nossos legumes estão amadurecendo, approximam-se e de noite nos roubam; si os encontramos, brigamos”

Sobre os Bitinauás, a gente de couro, informa Tuxinĩ que matam uma anta, esfolam, penduram o cou-

ro para seccar, tiram cipós com que amarram o couro cortado, fazem nelle olhos, e ensinam a matar Caxinauá. Eu te atiro, dizem, vae atrás do caxinauá, pega-o para eu mata-lo. O bitinauá atira, o couro vae rolando, bate na canella do caxinauá, derruba-o, cobre-o, e o bitinauá mata-o.

Parece evidente que o couro, assim enfeitado, representa uma funda, e bitinauá significa na realidade fundibulario, o que os afastaria bastante da bacia do Amazonas, onde não existem pedras. A explicação exposta ao narrador, não mereceu a approvação d'elle, que a impugnou convictamente.

Em summa, os Panos constituem um grupo bastante numeroso, distribuido pelos affluentes do Amazonas que desembocam entre o Madeira e o Ucaiale e talvez, o Huallaga.

Têm contra si dois inimigos: os seringueiros e caucheiros, brasileiros e peruanos. Burú acha os peruanos ruins (*txakabô*) e os brasileiros bons (*popa*). As historias contadas pelos conhecedores da região justificam pouco a preferencia: ambos os povos porfiam com igual empenho na obra de anniquilamento, e os defumadores de borracha não pedem meças aos derrubadores de cáucho.

\*

\* \*

As paginas anteriores faziam parte de uma collecção de textos caxinauás perdidos no incendio da Im-

prensa Nacional em Setembro ultimo. Por este motivo, sahiram mais prolixas do que foram planejadas.

A obra está sendo reimpressa graças á gentil iniciativa amistosa do Dr. Custodio Coelho. Que depois de purgada pelo fogo não pareça indigna do sacrificio desinteressado é o desejo, não a esperança do autor

Prefacio ao livro *rã-tra hu-ni-ku-ĩ* — A lingua dos Caxi-  
nauás do Rio Ibuagú, affluente do Murú (Prefeitura de Ta-  
raucá) — por J. Capistrano de Abreu, 1914, Typ. Leuzinger.

## A LINGUA DOS CAXINAUÁS

Bem alheio a linguas brasilicas andava em fins do anno passado, quando chegou do territorio do Acre meu patricio capitão Luiz Sombra, com um indio anteriormente promettido. Da outra vez tivera de deixa-lo no Ceará, temendo que não resistisse á inanição e ao enjoo, aggravados ainda mais pelo panico da “briga do vapor com o mar” D’ali levou-o depois ao Purús. Trazia-o agora bem disposto, lendo mal, escrevinhando gostosamente, comprehendendo qualquer conversa; entende-lo era mais difficil, devido ao emperro da pronuncia.

Orçaria por 20 annos; haveria tres estava fóra de sua terra, no rio Ibuacú, tributario do Murú, affluente do Tarauacá, bacia do Juruá. Assignava-se, e fazia-o varias vezes por dia, Vicente Penna Sombra: Penna, nome do Presidente da Republica, que de passagem por Manaus o conduzira á pia baptismal; Sombra, de seu protector querido. Alguns annos estivera antes, meio separado dos seus, trabalhando em seringaes. Seu nome indigena Sombra não conseguiu arrancar-lhe: a força de instancias respondeu-me talvez Mô-rô, isto é, partido, quebradiço. Na realidade, chama-se Bô-rô, tôco, ou antes, este é um de seus nomes. Pertence ao ramo caxinauá, da familia pana, cuja existencia só me

deram a conhecer dois estudos do eminente ethnologo Dr. Paulo Ehrenreich <sup>(1)</sup>

Começámos logo o trabalho, duplamente espinhoso, de preparar glossario. Espinhoso, porque a cada passo brotam erros e equívocos: assim *ra-nãĩ* arrolou-se successivamente como “dançar, arremedar, imitar, arremessar, vomitar, lançar”, tudo isto porque Bôrô, incapaz de emittir o *l*, (*lamber* pronunciava arambê, *lodo* pronunciava doro); disse “dançar”, em vez de “lançar”, synonymo de arremessar e vomitar

Mais espinhoso achar uma transcripção adequada dos sons. Ha quasi tres seculos, o celebre jesuita Antonio Vieira, prégava no Maranhão, á partida de missionarios da Companhia destinados ao rio das Amazonas, as seguintes palavras artisticamente exageradas e tendenciosas, pois queria applicar um passo biblico, mas de fundo muito verdadeiro:

“Por vezes — prégava — me aconteceu estar com o ouvido applicado á boca do barbaro, e ainda do interprete, sem poder distinguir as syllabas nem perceber as

---

(1) *Über die Einteilung und Verbreitung der Völkerstämme Brasiliens*, *Petermanns Mittheilung*, 37, Gotha 1891; *Die Ethnographie Süd-Amerikas im Beginn des XX. Jahrhunderts*, *Archiv für Anthropologie*, 3. Braunschweig 1904; ambas as monographias foram traduzidas pelo autor deste livro, publicadas no *Jornal do Commercio*, depois reproduzidas: a primeira, integralmente na *Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*; a segunda, parcialmente, na *Revista do Instituto Historico de S. Paulo*, no *Almanack Garnier*, no *Brasil Antigo, Atlântide e Antiquidades americanas*, S. Paulo 1910, do patricio e amigo Dr. Domingos Jaguaribe. Antes da versão das monographias de Ehrenreich as questões ethnographicas eram geralmente desconhecidas no Brasil.

vogaes ou consoantes de que se formavam, equivocando-se a mesma letra com duas ou tres semelhantes, ou compondo-se (o que é mais certo) com mistura de todas ellas: umas tão delgadas e subtis, outras tão duras e escabrosas, outras tão interiores e escuras, e mais afogadas na garganta que pronunciadas na lingua; outras tão curtas e subidas, outras tão estendidas e multiplicadas que não percebem os ouvidos mais que a confusão: sendo certo em todo rigor, que as taes linguas não se ouvem, pois se não ouve dellas mais que o somido e não palavras articuladas e humanas, como diz o Profeta: "*Quorum non possis audire sermones*"<sup>(2)</sup>

A phonetica do *rã-txa hu-ni-ku-ĩ*, falar de gente verdadeira, de gente fina, como se poderia traduzir, offerece difficuldades singulares, dignas de um Jespersen, um Rousselot ou um Gonçalves Vianna. Não me gabo de te-las resolvido; não me animei sequer a enfrenta-las: a pronuncia figurada aqui é apenas uma média, digamos uma pronuncia de seringueiro, que os indios compreendam sem grande esforço.

A vocabulos avulsos preferiria phrases, mas não manifestei tal desejo, não lhe dei uma só a traduzir; do proprio indio partiu a idéa. Quando, porém, tratá-mos de verte-las, Vicente apenas dava o sentido approximado; a traducção, mesmo vagamente literal, parecia-lhe uma enormidade, e desanimava, e ficava triste, e dizia que não sabia mais nada, etc. A phrase sahia-lhe do cerebro como as barras de um linotypo. Correram

---

(2) Vieira, *Sermões*, 3, 410, Lisboa, 1683.

alguns dias, antes de ir paulatinamente distinguindo as partes do todo. Mais tarde, a difficuldade reapareceu sob outra fórma.

Esperava de phrases solteiras passar a descripção de plantas e animaes, meu verdadeiro escopo. Elle não tinha geito ou gosto para taes exercicios e iniciou umas historias, que eu só desejava para mais tarde, quando estivesse mais adiantado, porque sei como é difficil traduzi-las e entende-las. Durou cerca de um mez esta primeira campanha, que me deixou uma impressão de canção e desacoroçoamento. Depois fomos ao rio S. Francisco, e na viagem á Bahia pude ver como o enjoo o aniquilava. O estudo ficou suspenso durante mezes.

Pude recommençar em Julho, longe da Capital, disposto a ultima-la ou abrir mão da empresa por uma vez. Agora possuia um dictionario dos Sipibos pertencentes tambem á familia dos Panos, organizado por algum missionario castelhano do Ucaiale e publicado com traducção alemã e importantissimas notas historicas pelo Dr. Carlos von den Steinen, o benemerito explorador do Xingú, o verdadeiro formador da ethnographia brasilica. Tomei-o como base, e não podia achar melhor <sup>(3)</sup>

O dictionario tinha desde logo a vantagem de nascer da convivencia continuada com Indios, e ser, não simples congerie, mas selecção adaptada a seu ambiente; podia ser expandido, mas representava já um minimo maduramente apurado. Outra vantagem appare-

---

(3) *Diccionario Sipibo, Castellano-Deutsch-Sipibo*, Berlin, 1904.

ceu depois: o parentesco entre a lingua dos Sipibos e a dos Caxinauás, mais estreito ainda do que se poderia esperar do mero facto de esgalharem do mesmo tronco, despertou com violencia a memoria latente do indio.

Começava traduzindo a palavra castelhana e escrevendo a resposta de Vicente. Lia-lhe depois o correspondente sipibo: si era identico, ficavam liquidadas a orthographia e a pronuncia; si significava coisa diversa, era desde logo inscripto; si não era conhecido, omittia-se. O ultimo caso succedia raramente. Em tudo Bôrô deu mostras de grande capacidade linguistica e trabalhou com prazer; instinctivamente percebeu as relações phoneticas dos dois idiomas.

Ao mesmo tempo que, a intervallos, apanhava novos textos, tratava de verter os que tinha colhido. E então revestiu nova fórma a difficuldade primitiva. Em geral a phrase é simples: sujeito, objecto, verbo; domina a parataxe (a dytaxe só reconheci mais tarde) e a pontuação não exigirá mais signaes do que? , Mas como dividir a trama em certos casos? como saber si a oração está completa, ou não passa de apposto? Na conversa as entonações e pausas indicam-no sufficientemente, mas em dictados? Consultar o mestre não aproveita nas questões mais simples: ou quéda-se calado, muito absorto, pensando quiçá em coisas bem diversas, tempo sem tempo, ou á primeira suggestão, por mais absurda, acóde logo alliviado e satisfeito: *é mesmo*. E' mesmo! Keller Leuzinger no Parapanema, Carlos von den Steinen no Paranatinga, caracterizaram dois tuxáuas por esta alcunha... Bôrô merecia-o por igual, principalmente no começo. Nas divisões

de phrases, adiante seguidas, não me poupei para acertar; falta-me a confiança de have-lo sempre logrado <sup>(4)</sup>

Em Setembro, Luiz Sombra, que de novo fôra ao Ceará, trouxe outro indio, Tux-i-nĩ, (Amarello), primo de Bôrô.

Conta uns treze annos de idade, os ultimos quatro passados em Manaus e em Maranguape. Fala sem o minimo sotaque um cearense perfeito. Saberla ainda alguma coisa do rã-txa hu-ni-ku-ĩ? Jurou que não e bem parecia: *mabõx*, mingau, traduzia sem hesitar por café; era de vêr sua indifferença ao ouvir qualquer palavra da lingua materna. Veiu para junto de Bôrô e em não poucos dias, a poder de paciencia, o palimpsesto revelava-se: então communicou um pouco de azougue ao parente. Vão adiante sob a sigla T os textos por elle fornecidos, como sob a de B vão os do Vicente. Dois delles, Tux-i-nĩ dictou-os primeiro em nossa lingua, antes de faze-lo na sua; as duas redacções independentes mostram um caso de dualidade psychica, que não deve ser commum. Seus serviços ainda seriam mais efficazes se conseguisse fixar-lhe o espirito voluvel.

---

(4) A desconfiança era fundada: um exame perfunctorio das primeiras paginas mostra que devem ligar-se 116/117, 198/199, 212/213, 384/385, 623/624, 627/628, 629/630, 642/643, 707/709, (dytaxe), 761/762, 843, 1456/1457, 1074/1075, 1475/1476, 2222/2223 (do livro citado). Ao contrario: em 880 as tres ultimas palavras devem passar para 881; 4331 acaba na segunda linha em *põ-ô-bi-ra-ni*: o resto passa ao numero seguinte. Com a continuacão estes factos vão rareando, comquanto não falem de todo. Bem certo é o proverbio: "estar na aldeia e não ver as casas"

Na revisão do vocabulário pegava alegremente, pois ao contrario do parente é desassombrado, communicativo e dá gargalhadas cordiaes; com pouco amiudavam-se os “*não sei*”; si a sessão continuava, ferrava no somno. Seu grande empenho era andar pelo mato, rasgando-se, enlameando-se, apanhando frutas, caçando, a pé ou a cavallo, sempre de botinas. Com poucos dias já estava conhecendo todos os paus e todos os bichos, cantos, uivos e zumbidos das cercanias. Dos companheiros de excursões dizia um: “Tux-i-nĩ tem olhos de aguia”; outro: “tem faro de cachorro”

Paus e bichos exerceram influencia muito benefica. Serra acima, duzentos e sessenta kilometros do Rio, ás margens do Parahiba, em meio mais semelhante ao de sua infancia, Bôrô e Tux-i-nĩ sentiram-se menos desenraizados e a planta silvestre, mirrada a meio, refloriu. Devo isto a outro patricio, Dr. Virgilio Brigido, cuja fazenda, onde são escriptas estas linhas preambulares, me acolheu e aos meus companheiros de trabalho durante o maior tempo de sua confecção. O Juruá foi devassado e devastado por filhos do Ceará. Neste esboço imperfeito, em que ao menos ficará alguma coisa do pensamento indigena prestes a fenecer, concorrem pois, com elementos diversos, tres retirantes. E como o livro será mandado para Tarauacá, ali podem surgir novos collaboradores.

Em conclusão: ao entrar para o prélo estas paginas representam o labor ininterrupto de pouco mais de seis mezes. Ininterrupto, por minha parte. Já em Abril de 1500 escrevia o bom Pero Vaz de Caminha: “ loguo de huuma mãoõ pera ha outra se esquiua-

nam, coma pardaes de cevadouro; e homeem nom lhes  
ousa de falar rijo, por se mais nom esquivarem: e todo  
se pasa como eles querem, polos beem amansar ”

Paraiso, Dezembro de 1909.

\*  
\*   \*

Quatro annos depois.

Quando as linhas acima, ligeiramente modifica-  
das, sahiram no *Jornal do Commercio*, de Janeiro de  
1910, antevia um volume de, no maximo, cento e cin-  
coenta paginas, impresso a tempo de figurar em Maio  
no Congresso dos Americanistas de Buenos Aires. O  
tempo correu, o material affluiu, o livro engrossou, e  
remanchou, até consumir-se no incendio da Imprensa  
Nacional em Setembro seguinte, salvando-se apenas  
cinco a seis collecções incompletas.

Contra a sentença justa e justiceira do fogo desis-  
tiria de embargos si a gentil iniciativa amistosa do Dr.  
Custodio Coelho não interviesse, levando-me a reco-  
meçar. O conforto moral, influido no momento psy-  
chologico, foi de bom agouro, porque da impressão se  
incumbiu a typographia dos Senhores Leuzinger &  
Cia., a velha casa amiga, que já editara a traducção  
da geographia de Wappäus, dirigida por mim e A. do  
Valle Cabral, de saudosa memoria.

A gratidão devida á longanimidade, á intelligen-  
cia, á sagacidade do corpo typographico do estabeleci-  
mento durante dois annos só pode medir-se pelo desa-  
fogo que vae sentir quando esconjurar de vez este

incubo. Que nunca mais lhe desabe em cima semelhante praga!

Ao concluir, não posso omittir o nome do meu collega M. Said Ali Ida, lente da alemão do Collegio Pedro 2.º; a cuja intuição luminosa e opulento cabedal recorri sempre com proveito, nem os artistas da Imprensa Nacional que tanto e tanto mourejaram em pura perda. Como esquecer o ministro da Fazenda de então, agora senador por Goiaz, Leopoldo de Bulhões, que autorizou a edição purgada pelo fogo, o cabeça vermelha, *bux'ka tax-i* de meus Indios?

A meu patricio, Dr. Henrique Samico, agradeço a copia manuscripta com que me mimoseou do *Vocabulario Cunibo* de fray Boaventura Marquez, existente no British Museum, obtida por intermedio do Dr. Regis de Oliveira, antigo ministro do Brasil em Londres, hoje sub-secretario dos negocios exteriores.

No *Jornal do Commercio*, de 25 de Dezembro de 1911, de 7, 14 e 21 de Janeiro immediato, foi publicada a apuração dos dados ethnographicos fornecidos pelos dois Caxinauás, que não vae em appenso para não carregar ainda mais o volume. Não é impossivel que seja impressa á parte: daria umas cincoenta paginas, calculo, deste formato.

Rio, Dezembro de 1913.



**SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU**  
Fundada em 11 de Setembro de 1927  
Rua Capistrano de Abreu, 45  
RIO DE JANEIRO  
BRASIL

## **ESTATUTOS DA SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU**

Art. 1.º — Sob a denominação de SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU, fica constituída, nesta Cidade, uma sociedade formada pelos abaixo assignados, amigos e discipulos de João Capistrano de Abreu, no proposito de prestarem homenagem á sua memoria.

Art. 2.º — A Sociedade receberá, devidamente relacionados, dos herdeiros de João Capistrano de Abreu, a Bibliotheca e Archivo deste, que ella se obriga a guardar e conservar, sem nenhuma remuneração por esse serviço, bem como a entregal-os e restituil-os aos mesmos herdeiros, ou a quem os represente legalmente, no caso de dissolução da sociedade.

Art. 3.º — A Sociedade promoverá:

- a) a edição de trabalhos ineditos e cartas-missivas, e a reedição de obras já publicadas de João Capistrano de Abreu;
- b) a tradução e publicação das obras dos viajantes e sabios estrangeiros, que percorreram o Brasil.

Art. 4.º — A Sociedade publicará quaesquer trabalhos e documentos de valor, relativos a assumptos brasileiros, annotados e commentados.

Art. 5.º — A Sociedade criará premios para as investigações, contribuições e obras consideradas de merito, referentes á Historia, Ethnographia, Ethnologia e Linguistica Brasileira, com o fim de incentivar os respectivos estudos.

Art. 6.º — Cada um dos socios effectivos e fundadores contribuirá para as despesas sociaes com a mensalidade de 10\$000, paga adiantadamente por trimestre, semestre ou anno,

á vontade do contribuinte, constituindo-se o fundo da sociedade com o saldo das contribuições, rendas e donativos eventuaes.

Paragrapho unico. — O atraso de um anno no pagamento das contribuições, importará em renuncia ao logar de socio, abrindo-se vaga.

Art. 7.º — O numero de socios será limitado — não podendo exceder de 110 effectivos e 30 honorarios ou correspondentes — e as vagas serão preenchidas por eleição da assembléa da Sociedade e proposta da Commissão Executiva, havendo preferencia para os premiados pela propria Sociedade.

Art. 8.º — Os membros da Sociedade não respondem subsidiariamente pelas obrigações contrahidas, expressa ou tacitamente, em nome della.

Art. 9.º — A Sociedade será administrada por uma Commissão Executiva, composta de 12 socios, que será designada em assembléa geral e exercerá suas funcções durante tres annos.

Art. 10.º — Os membros da Commissão Executiva serão escolhidos entre os socios versados em estudos historicos, geographicos, ethnographicos ou linguisticos, além de um representante masculino da familia de Capistrano de Abreu, que deverá ser um dos membros da Sociedade.

Art. 11.º — A Commissão Executiva distribuirá entre seus membros, de accordo com os conhecimentos especiaes de cada um, os respectivos trabalhos, como tambem os encargos de administração, e escolherá um de seus membros para a direcção geral dos serviços.

Art. 12.º — O membro da Commissão Executiva encarregado geral dos serviços representará a Sociedade em juizo ou fóra d'elle, em suas relações com terceiros e poderá escolher entre os socios um, para exercer as funcções de thesoureiro, e outro, para os serviços de Secretaria.

Art. 13.º — Uma Assembléa Geral terá lugar no dia 23 de Outubro de cada anno, anniversario do nascimento de Capistrano de Abreu, e as demais assembléas sociaes se realizarão por livre convocação da Commissão Executiva.

Art. 14.º — No caso da dissolução da Sociedade, o patrimonio desta, com excepção da bibliotheca e archivo a que se refere o artigo 2.º destes Estatutos, passará a instituição congenere, que se destine aos mesmos fins.

Art. 15.º — Para o caso previsto no artigo anterior, bem como para reforma destes Estatutos, será preciso o voto expresso da maioria absoluta dos membros da Sociedade.

# COMISSÃO EXECUTIVA DA SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU

1936 - 1939

PAULO PRADO

31, avenida Hygienopolis — S. Paulo — Est. de S. Paulo

RODOLPHO GARCIA

46, rua Dias da Rocha — Rio de Janeiro

JAYME COELHO

Instituto de Educação — Rio de Janeiro

ADRIANO DE ABREU

50, rua Corcovado — Rio de Janeiro

M. SAID ALI

215, estrada da Saudade — Petropolis — Est. do Rio

AFRANIO PEIXOTO

149, rua Paysandú — Rio de Janeiro

AFFONSO DE E. TAUNAY

Museu Paulista — S. Paulo — Est. de S. Paulo

EDGARD DE ROQUETTE PINTO

Museu Nacional — Rio de Janeiro

TOBIAS MONTEIRO

204, rua Bella Vista — Petropolis — Est. do Rio

TASSO FRAGOSO

67, rua David Campista — Rio de Janeiro

EUGENIO DE CASTRO

98, rua Pereira da Silva — Rio de Janeiro

MARIA JOSÉ DE PROENÇA SOMBEA  
Thesoureira

---

Bibliotheca e Secretaria — 45, rua Capistrano de Abreu — Botafogo  
— Rio de Janeiro.

Thesouraria — 20, rua das Magnolias — Gavea — Rio de Janeiro  
— Tel. 27-3409.

A Bibliotheca está franqueada aos Socios das 12 ás 16 horas.



**RELAÇÃO NOMINAL  
DOS  
MEMBROS  
DA  
SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU  
EM 1938**

**ADALBERTO RECHSTEINER**  
52, rua Eduardo Guinle — Rio de Janeiro

**ADRIANO DE ABREU (Fundador)**  
50, rua Corcovado — Rio de Janeiro

**AFFONSO DE E. TAUNAY (Fundador)**  
Museu Paulista — S. Paulo — Est. de S. Paulo

**AFRANIO PEIXOTO (Fundador)**  
149, rua Paysandú — Rio de Janeiro

**ALARICO SILVEIRA**  
152, rua Brasílio Machado — S. Paulo — Est. de S. Paulo

**ALBERTO RANGEL (Correspondente)**  
16-bis, rua M. Foch — Sceaux — França

**ALCEU AMOROSO LIMA (Correspondente)**  
149, rua D. Marianna — Rio de Janeiro

**ALCINDO SODRÉ**  
Rua Sá Earp — Petropolis — Est. do Rio

**ALEXANDRE JOSÉ BARBOSA LIMA SOBRINHO (Correspondente)**  
Redacção do "Jornal do Brasil" — Rio de Janeiro

**ALFREDO ELLIS JUNIOR (Correspondente)**  
3, rua Epitacio Pessoa — S. Paulo — Est. de S. Paulo

**ALTINO ARANTES**  
268, rua Frei Caneca — S. Paulo — Est. de S. Paulo

**AMERICO FACÓ**  
50, avenida Rio Branco — Rio de Janeiro

**AMERICO JACOBINA LACOMBE**  
30, rua Smith de Vasconcellos — Rio de Janeiro

364 MEMBROS DA SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU

AMÉRICO LUDOLF  
47, rua S. Salvador — Rio de Janeiro

ANTÔNIO BAPTISTA PEREIRA (Correspondente)  
Edifício Mesbla — Rio de Janeiro

ANTÔNIO FELIX DE BULHÕES  
139, rua 24 de Maio — Rio de Janeiro

ANTONIO SERRANO (Correspondente)  
Museo de Entre Rios — Paraná — Rep. Argentina

APRIGIO NOGUEIRA  
Machado — E. F. Sul Mineira — Minas Geraes

ARISTIDES DE ALMEIDA BELTRÃO  
Hotel Avenida — Av. Rio Branco — Rio de Janeiro

ARNALDO GUINLE  
137, avenida Rio Branco, 3.º — Rio de Janeiro

ASSIS BRASIL  
Pedras Altas — Pelotas — Rio Grande do Sul

AURELIO PORTO  
Palacio Itamaraty — Rio de Janeiro

BARÃO DE STUDAERT (Honorario)  
710, rua Barão do Rio Branco — Fortaleza — Ceará

BRUNO BARBOSA  
145, av. Rodrigues Alves — S. Paulo — Est. de S. Paulo

CANDIDO MARIANNO DA SILVA RONDON  
187, rua Domingos Ferreira — Rio de Janeiro

CARLOS LEONI WERNECK  
165, rua S. Christina — Rio de Janeiro

CARLOS MALHEIRO DIAS (Correspondente)  
Lisbôa — Portugal

CARLOS PONTES (Correspondente)  
182, rua Marquez de S. Vicente — Rio de Janeiro

CEZAR RABELLO  
185, rua Cosme Velho — Rio de Janeiro

CLADO RIBEIRO LESSA  
85, rua André Cavalcanti — Rio de Janeiro

CLAUDIO GANNS  
466, avenida Atlantica — Rio de Janeiro

**MEMBROS DA SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU 365**

CLEMENTE BRANDENBURGER (Correspondente)  
Estação de Vassouras — Est. do Rio

CLOVIS BEVILAQUA  
506, rua Barão de Mesquita — Rio de Janeiro

CYPRIANO AMOROSO COSTA  
802, av. Atlantica — Rio de Janeiro

DJALMA FORJAZ  
**2, rua Rodrigo Claudio (Aclimação) — S. Paulo — Est. de S. Paulo**

DJALMA GUIMARÃES (Correspondente)  
Ministerio da Agricultura — Rio de Janeiro

E. DE ROQUETTE PINTO (Fundador)  
13, rua Villa Rica — Rio de Janeiro

EDGARDO DE CASTRO REBELLO  
6, rua 1.º de Março — Rio de Janeiro

ELOY PONTES (Correspondente)  
Redacção d'“O Globo” — Rio de Janeiro

ELOY DE SOUZA  
Natal — Rio Grande do Norte

EMILIO FERNANDES DE SOUZA DOCCA  
122, rua Viveiros de Castro — Rio de Janeiro

EMMANUEL EDUARDO GAUDIE LEY (Correspondente)  
Bibliotheca Nacional — Rio de Janeiro

FREMILDO VIANNA  
Universidade do Districto Federal — Rio de Janeiro

ESTEVAM DE MENDONÇA  
Cuyabá — Matto Grosso

EUGENIO DE CASTRO (Fundador)  
98, rua Pereira da Silva — Rio de Janeiro

EUSEBIO NERY DE SOUZA (Correspondente)  
Archivo Publico — Fortaleza — Ceará

EVARISTO BIANCHINI  
127, rua Joaquim Murтинho — Rio de Janeiro

FELISBERTO DE AZEVEDO  
**1.487, rua Duque de Caxias — Porto Alegre — Rio G. do Sul**

FERDINAND BRIGUIET  
109, rua do Ouvidor — Rio de Janeiro

**366 MEMBROS DA SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU**

**FERNANDO AUGUSTO PIRES**  
Hotel Avenida — av. Rio Branco — Rio de Janeiro

**FERNANDO RAJA GABAGLIA**  
425, rua das Laranjeiras — Rio de Janeiro

**FRANCISCO DE ASSIS CARVALHO FRANCO (Correspondente)**  
33-A, rua Ministro Godoy — S. Paulo — Est. de S. Paulo

**FRANCISCO JAGUARIBE GOMES DE MATTOS**  
173, rua 12 de Maio — Rio de Janeiro

**FRANCISCO SÁ FILHO**  
32, rua Esteves Junior — Rio de Janeiro

**GALENO REVOREDO**  
106, rua Libero Badaró — S. Paulo — Est. de S. Paulo

**GASTÃO CRULS**  
Rua das Laranjeiras, 577 — Rio de Janeiro

**GUILHERME GUINLE**  
Edifício Docas de Santos — av. Rio Branco — Rio de Janeiro

**GUSTAVO BARROSO**  
83, rua Sá Ferreira — Rio de Janeiro

**GUSTAVO DE SÁ LESSA**  
Associação Brasileira de Educação — Rio de Janeiro

**HAHNEMANN GUIMARÃES**  
Edifício São Pedro — 3.º — Rio de Janeiro

**HELIO LOBO**  
58, rua Senador Correia — Rio de Janeiro

**HELIO VIANNA**  
Edifício Standart Oil — 1.ª — Rio de Janeiro

**HELOISA DE ALPERTO TORRES**  
Museu Nacional — Rio de Janeiro

**HENRIQUE CASTRICIANO DE SOUZA**  
Natal — Rio Grande do Norte

**HENRIQUE DE MORAES**  
283, rua Paysandú — Rio de Janeiro

**ILDEFONSO ALBANO (Correspondente)**  
6, rua Visconde de Caravellas — Rio de Janeiro

**ISEU DE ALMEIDA E SILVA**  
350, rua S. Clemente — Rio de Janeiro

**MEMBROS DA SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU 367**

**JAYME COELHO (Fundador)**  
Instituto de Educação — Rio de Janeiro

**JERONYMO FIGUEIRA DE MELLO**  
Palacio Itamaraty — Rio de Janeiro

**JOAQUIM LICINIO DE ALMEIDA**  
7, rua Barão de Teffé — Rio de Janeiro

**J. ANGYONE COSTA (Correspondente)**  
106-A, rua Arnaldo Quintella — Rio de Janeiro

**JONATHAS DO REGO MONTEIRO**  
339, rua Professor Gabizo — Rio de Janeiro

**JONATHAS SERRANO**  
15, rua Pires de Almeida — 4.º — Rio de Janeiro

**JOSÉ DE ALCANTARA MACHADO**  
S. Paulo — Est. de S. Paulo

**JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES**  
Palacio Itamaraty — Rio de Janeiro

**JOSÉ DE MENDONÇA**  
80, rua do Curvello — Rio de Janeiro

**JOSÉ SABOIA VIRIATO DE MEDEIROS**  
Edifício Profissional — Espl. do Castello — Rio de Janeiro

**JUAREZ DO NASCIMENTO FERNANDES TAVORA**  
165, rua Marquez de Abrantes — Rio de Janeiro

**JULIO CONCEIÇÃO**  
844, rua Conselheiro Nebias — Santos — Est. de S. Paulo

**JULIO MESQUITA FILHO (Correspondente)**  
Redacção do "Estado de S. Paulo" — S. Paulo

**LEHMANN NITSCHÉ (Correspondente)**  
7, Innsbrucker Str. — Schöneberg — Berlim — Alemanha

**LUIZ DA CAMARA CASCUDO (Correspondente)**  
393, rua Junqueira Ayres — Natal — Rio Grande do Norte

**LUIZ CAMILLO DE OLIVEIRA NETTO**  
104, rua Domingos Ferreira — Rio de Janeiro

**LUIZ FLÓRES DE MORAES REGO**  
Escola Polytechnica — S. Paulo — Est. de S. Paulo

**LUIZ VIANNA**  
24, rua Dias da Rocha — Rio de Janeiro

**368 MEMBROS DA SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU**

**MANOEL BERNARDEZ (Correspondente)**  
Rio de Janeiro

**MANOEL CÍCERO PEREGRINO DA SILVA**  
54, rua das Palmeiras — Rio de Janeiro

**M. PAULO FILHO**  
Redacção do "Correio da Manhã" — Rio de Janeiro

**MARCOS CARNEIRO DE MENDONÇA**  
189, rua Marquez de Abrantes — Rio de Janeiro

**MARIA JOSÉ DE PROENÇA SOMBRA (Honoraria)**  
20, rua das Magnolias — Rio de Janeiro

**MARIA LUIZA DA MOTTA CUNHA FREIRE**  
111, rua Candido Mendes, app. 8 — Rio de Janeiro

**MARIO DE ANDRADE**  
Universidade do Districto Federal — Rio de Janeiro

**MIGUEL CALOGERAS**  
16, Alameda Glette — S. Paulo — Est. de S. Paulo

**NARCÉLIO DE QUEIROZ**  
279, rua Barão de Jaguaribe — Rio de Janeiro

**OCTAVIO GOUVÊA DE BULHÕES**  
138, rua Raul Pompeia — Rio de Janeiro

**PAUL RIVET (Correspondente)**  
61, rue Buffon — Paris — França

**PAULO PRADO (Fundador)**  
31, avenida Hygienopolis — S. Paulo — Est. de S. Paulo

**PHILIP VON LUETZELBURG (Correspondente)**  
Alemanha

**PRIMITIVO MOACYR (Correspondente)**  
110, rua Bella Vista — Petropolis — Est. do Rio

**PRUDENTE DE MORAES NETTO**  
50, estrada da Gavea — Rio de Janeiro

**RENÉ DE CASTRO THIOLLIER**  
40, rua 15 de Novembro — S. Paulo — Est. de S. Paulo

**ROBERTO MOREIRA**  
88, rua Piahy — S. Paulo — Est. de S. Paulo

**ROBERTO DA MOTTA CUNHA FREIRE**  
111, rua Candido Mendes, app. 8 — Rio de Janeiro

MEMBROS DA SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU 369

ROBERTO SIMONSEN

3, rua Bôa Vista, 1.º — S. Paulo — Est. de S. Paulo

ROBERTO VICTOR DE LAMARE

26, rua Pereira da Silva — Rio de Janeiro

RODOLPHO GARCIA (Fundador)

46, rua Dias da Rocha — Rio de Janeiro

RODRIGO MELLO FRANCO DE ANDRADE

Edifício Nilomex — 7.º — app. 710 — av. Wilson — Rio de Janeiro

RODRIGO OCTAVIO

38, rua das Palmeiras — Rio de Janeiro •

RODRIGO OCTAVIO FILHO

421, rua S. Clemente — Rio de Janeiro

SAID ALI (Fundador)

215, estrada da Saudade — Petropolis — Est. do Rio

SEVERINO SOMBEA DE ALBUQUERQUE

59, rua Real Grandeza, c. I — Rio de Janeiro

SYLVIO FRÓES ABREU

129, rua Dr. Sattamini — Rio de Janeiro

TANCREDO PAIVA (Correspondente)

33, Largo do Machado — Rio de Janeiro

TASSO FRAGOSO

67, rua David Campista — Rio de Janeiro

TOBIAS MONTEIRO

204, rua Bella Vista — Petropolis — Est. do Rio

URBINO VIANNA (Correspondente)

49, rua Tenente França — Rio de Janeiro

VIRGILIO BARBOSA

41, rua da Alfandega, 5.º, sala 504 — Rio de Janeiro

VIVALDO COARACY

102, rua Barão de Petropolis — Rio de Janeiro

WALDEMAR FALCÃO

377, avenida Pasteur — Rio de Janeiro

WASHINGTON LUIS PEREIRA DE SOUZA (Honorario)  
Hotel Vernet — Rue Vernet — Paris — França

WELLS (H. G.) (Correspondente)  
Inglaterra



**PREMIOS DA SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU**

**PREMIO “CAPISTRANO DE ABREU” DE 1928**

*Anchieta na Capitania de S. Vicente*, de António de Alcântara Machado — (Separata do Tomo 105, Vol. 159 da “Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro”).

*Os companheiros de d. Francisco de Sousa*, de Francisco de Assis Carvalho Franco — (Separata do Tomo 105, Vol. 159 da “Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro”).

**PREMIO “CAPISTRANO DE ABREU” DE 1935**

*O Valle do São Francisco*, ensaio de monographia geographica, de Luiz Flores de Moraes Rego.



HOMENAGEM  
DA  
SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU  
AOS  
SOCIOS FALLECIDOS  
(de Janeiro de 1936 a 13 de Agosto de 1938)

ALCIDES BEZERRA

BARÃO DE RAMIZ GALVÃO

CASSIUS BERLINK

CESAR LOPES

CONDE DE AFFONSO CELSO

FELIX PACHECO

FRANCISCO SÁ

JOSÉ RODRIGUES DE CARVALHO

LUIZ SOMBRA

MARIO GUEDES NAYLOR

THEODORO SAMPAIO



EDIÇÃO DA  
SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU  
MANDADA IMPRIMIR POR  
F. BRIGUIET & CIA.  
NA GRAPHICA SAUER  
EM 1937-1938





## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).